WALDEN

A VIDA NOS BOSQUES

Não me proponho escrever uma ode ao desânimo, mas gargantear com o vigor de um galo matutino empertigado no poleiro, nem que seja apenas para acordar os vizinhos.

ECONOMIA

Quando escrevi as páginas que se seguem, ou melhor, a maioria delas, vivia sozinho, a mais de quilômetro e meio de qualquer vizinho, numa casa que eu mesmo construíra à margem do lago Walden, em Concord, Massachusetts, e ganhava a vida apenas com o trabalho de minhas mãos. Aí vivi dois anos e dois meses. Atualmente estou de volta à civilização.

Não imporia tanto meus assuntos à atenção dos leitores se investigações muito pessoais não tivessem sido feitas por meus concidadãos quanto ao meu modo de vida, e que alguns chamariam de impertinentes, embora a mim não pareçam de modo algum impertinentes, mas, considerando as circunstâncias, bastante naturais e pertinentes. Uns perguntaram o que eu comia, se não me sentia solitário, se não tinha medo e coisas parecidas. Outros mostraram-se curiosos de saber que porção de minha renda eu destinava a finalidades caridosas; e ainda alguns com famílias grandes, quantas crianças pobres eu sustentava. Pedirei portanto aos leitores que não têm por mim nenhum interesse particular, que me perdoem se me disponho a responder neste livro a algumas de tais perguntas. Na maioria dos livros omite-se o eu, ou primeira pessoa; neste será mantido, o que, quanto ao egotismo, é a principal diferença. Em geral não nos lembramos de que, no final das contas, é sempre a primeira pessoa que está falando. Não falaria tanto de mim mesmo se houvesse outra pessoa que eu conhecesse tão bem. Lamentavelmente, a escassez de minha experiência restringe-me a esse tema. De mais a mais, eu, de minha parte, exijo de todo escritor, cedo ou tarde, um relato simples e sincero da própria vida, e não apenas o que ouviu da dos outros; algo assim como um relato que de um país distante enviaria aos parentes, porque se viveu com autenticidade deve ter sido num lugar bem distante daqui. Talvez estas páginas se enderecem em particular a estudantes pobres. Quanto ao restante dos leitores, tomarão as passagens que lhes concernem. Confio em que ninguém romperá as costuras de um casaco que estiver experimentando e que pode vir a servir muito bem a outra pessoa.

É um prazer falar de algo que diz respeito mais a quem lê estas páginas e vive na Nova Inglaterra, do que aos chineses ou habitantes das ilhas Sandwich; algo sobre a vossa situação, em especial o vosso ambiente ou circunstâncias neste mundo, nesta cidade, o que está aí, se é necessário que seja tão ruim quanto é, se pode ou não ser melhorado. Tenho andado muito por Concord, e em toda a parte, lojas, escritórios e campos, os habitantes me pareceram fazer penitência de mil maneiras extraordinárias. O que ouvi dizer dos brâmanes sentados entre quatro fogos a encarar o sol, ou suspensos de cabeças para baixo sobre as chamas, ou fitando os céus por cima dos ombros *"até que se tornasse impossível retomarem suas posturas normais, enquanto devido à torção do pescoço só líquidos podiam entrar no estômago";* ou morando ao pé de uma árvore algemados para sempre; ou feito lagartas, medindo com seus corpos a extensão de vastos impérios; ou ainda erguendo-se sobre uma perna no alto de pilares — mesmo essas formas de penitência intencional a custo são mais inacreditáveis e estarrecedoras do que as cenas que presencio diariamente. Os doze trabalhos de Hércules eram ninharias comparados com os que vizinhos meus têm empreendido, porque aqueles eram apenas doze e tiveram um fim, ao passo que eu nunca pude ver esses homens matarem ou capturarem monstro algum, nem

sequer acabarem qualquer trabalho. Além disso não têm um amigo como Iolas para queimar com ferro em brasa a raiz da cabeça da Hydra; pelo contrário, mal uma cabeça é esmagada, duas brotam.

Vejo rapazes, concidadãos meus, cuja má sorte foi terem herdado fazendas, casas, celeiro, gado e instrumentos agrícolas, porque essas coisas são mais fáceis de adquirir do que descartar-se delas. Melhor seria se tivessem nascido em pasto aberto e sido amamentados por uma loba a fim de que pudessem enxergar melhor a terra a que foram chamados a cultivar. Quem os fez servos do solo? Por que comeriam de seus vinte e quatro hectares quando o homem está condenado a comer apenas a porção de seu barro? Por que começariam a cavar seus túmulos logo que nascem? Têm é que viver a vida, deixando todas essas coisas para trás e continuando o melhor que puderem. Quantas pobres almas imortais já não encontrei esmagadas e sufocadas sob suas cargas, rastejando e empurrando pela estrada da vida afora celeiros de vinte e cinco metros por quinze, com seus estábulos de Augias nunca limpos, mais de quarenta hectares de terra para amanho, sega, pastagem, sem falar nos bosques! Quem nada possui não luta com encargos desnecessários herdados e já considera bastante a tarefa de sujeitar e cultivar seu quinhão de carne.

Contudo os homens trabalham à sombra de um erro, lançando ao solo para adubo o que têm de melhor. Por uma sina ilusória, vulgarmente chamada necessidade, desgastam-se a amontoar tesouros que a traça e a ferrugem estragarão e que surgem ladrões para roubar. É uma vida de imbecis, como perceberão ao fim dela, se não antes. Diz-se que Deucalião e Pirra geraram homens atirando pedras para trás, por cima de suas cabeças:

---

lnde genus durum sumus, experiensque laborum,
Et documenta damus quâ simus origine nati.

Ou, como verseja Raleigh a seu jeito sonoro:

"Daí sermos raça de coração encouraçado
suportando sofrimentos e cuidados
comprovando a natureza de pedra
em que nossos corpos foram talhados."

Tanto transtorno por causa da obediência cega a um desatinado oráculo, ao atirar as pedras para trás, por cima das cabeças, sem prestar atenção aonde caíam.

Por simples ignorância e equívoco, muita gente, mesmo neste país relativamente livre, se deixa absorver de tal modo por preocupações artificiais e tarefas superfluamente ásperas, que não pode colher os frutos mais saborosos da vida. A excessiva lida torna-lhe os dedos demasiado trêmulos e desajeitados para isso. Na realidade, o trabalhador não dispõe de lazer para uma genuína integridade dia a dia, nem se pode permitir a manutenção de relações mais humanas com outros homens, pois seu trabalho seria depreciado no mercado. Não há condições para que seja outra coisa senão uma máquina. Como pode ele ter em mente a sua ignorância — atitude indispensável ao crescimento interior — quando tem de usar seus conhecimentos com tanta freqüência? Às vezes, antes de julgá-lo, deveríamos dar-lhe roupa e comida, além de chamá-lo para beber conosco. As qualidades mais requintadas de nossa natureza, feito a pelúcia de certos frutos, só podem ser preservadas pelo manuseio delicado. E contudo, não nos tratamos assim ternamente, nem a nós mesmos, nem aos outros.

Alguns dentre vós são pobres, acham duro viver, e estão, por assim dizer, esforçando-se por respirar. Não me resta dúvida de que alguns leitores deste livro não têm meios de pagar todos os jantares que comeram ou os casacos e sapatos que estão depressa se gastando ou já se encontram gastos, e defrontam-se com esta página por conta de uma horinha emprestada ou roubada, passando para trás os credores. É bem evidente a vida mesquinha e vil que muitos levam, digo porque a experiência tem-me aguçado a visão para os que vivem na corda bamba, tentando negócios para escaparem às dívidas — esse antiqüíssimo atoleiro que os latinos chamavam de *aes alienum,* o cobre alheio, pois algumas de suas moedas eram cunhadas nesse metal — ainda assim vivendo e morrendo, enterrados pelo dinheiro alheio, sempre prometendo pagar, jurando pagar amanhã e morrendo hoje insolventes; bajulando por favores, angariando fregueses de mil e um modos desde que não redundem em prisão, mentindo, chaleirando, votando, enredando-se em meia dúzia de palavras corteses ou expandindo-se numa atmosfera de melíflua e vaporosa generosidade a fim de persuadirem o vizinho a deixá-los engraxarem seus sapatos, escovarem seu chapéu e casaco, limparem sua carruagem, ou ainda carregarem para ele compras da mercearia; fazendo-se de doentes de modo a economizarem algo para o dia em que estejam de fato doentes, algo a ser guardado numa velha cômoda ou armazenado atrás do reboco, melhor ainda, na bancada de tijolos, não importa onde, não importa se muito ou pouco.

Às vezes me espanto de que possamos ser tão frívolos, ouso até dizer, a ponto de atentarmos para a grosseira e algo adventícia forma de cativeiro conhecida por escravidão negra, quando há tantos senhores sutis e astutos que escravizam quer no norte, quer no sul. É ruim ter um capataz sulista, pior ter um nortista. Mas a situação pior de todas é quando se é o feitor de si mesmo. Falar da natureza divina do homem! Olhai o carroceiro na estrada real, dia e noite a caminho do mercado. Move-o algo de divino? Seu dever mais elevado consiste em dar forragem e água aos cavalos. Que representa para ele o próprio destino comparado aos lucros com o carreto? Não trabalha para um Senhor Importantão? Que história é essa de ser divino, imortal? Basta ver como se agacha e se esgueira, como teme vagamente ao longo do dia, não sendo imortal nem divino, porém escravo, prisioneiro da opinião que tem de si mesmo, da reputação ganha à custa de seus atos. Comparada com a opinião que temos de nós mesmos, a opinião pública é uma débil tirana. O que um homem pensa de si, eis o que determina, ou pelo menos indica, o seu destino. Haja auto-emancipação também nas Antilhas da fantasia e da imaginação. Que Wilberforce[1] será capaz de desencadeá-la? Pensem, igualmente, nas senhoras do país que tecem almofadas de toalete até a hora da morte para não deixarem transparecer um interesse muito vivo em seus destinos! Como se se pudesse matar o tempo sem lesar a eternidade.

Os homens, em sua maioria, levam vidas de sereno desespero. O que se chama resignação é desespero crônico. Vão das cidades sem perspectiva para o campo sem futuro, e terminam por se consolar com a valentia das martas e dos ratos almiscareiros. Uma desesperança estereotipada mas inconsciente esconde-se mesmo sob os chamados jogos e diversões da humanidade. Não há graça neles já que sucedem ao trabalho. Entretanto, manda a sabedoria não se desesperar com as coisas.

Quando consideramos aquilo que, para usar as palavras do catecismo, é a principal finalidade do homem, e em que consistem as verdadeiras necessidades e recursos da vida, tem-se a impressão de que os homens elegeram deliberadamente seu habitual modo de viver porque o preferiram a qualquer outro. No entanto, pensam honestamente que não há opção, se bem que espíritos altivos e saudáveis dêem-se conta de que o sol nasce todas as manhãs e de que nunca é tarde demais para abrir mão de preconceitos. Afinal, nenhum modo de pensar ou agir, por mais consagrado que seja, pode merecer cega confiança. O que, hoje todos aceitam, louvando ou em silêncio, pode revelar-se amanhã como um equívoco, mera fumaça de opinião que alguns tomaram por nuvem que espargiria chuva fecundando os campos. O que as pessoas mais velhas dizem que não podeis fazer, tentam e acabam por conseguir. Fiquem os velhos com as velharias e os novos com as novidades. Tempo houve em que as pessoas de idade eram incapazes de arranjar combustível para manter o

[1] William Wilberforce (1759-1833), parlamentar inglês que lutou pela libertação dos escravos nas Antilhas Inglesas.

fogo aceso. Hoje, a turma jovem põe lenha na caldeira e dá a volta ao globo com a velocidade de pássaros, quase matando os velhos de susto. Idade não é documento e os jovens podem ser tão qualificados quanto os velhos, já que estes perderam mais do que ganharam. Pode-se inclusive duvidar que o mais sábio dos homens tenha aprendido com a vida algo de real valor. Na prática, os velhos não têm conselhos muito importantes a dar aos jovens, a experiência deles sendo parcial e suas vidas míseros fracassos que procuram justificar, além da possibilidade de que lhes reste alguma fé que contradiga toda a experiência, e que, somando tudo, sejam apenas um pouco menos jovens do que já foram um dia. Há mais de trinta anos que vivo neste planeta e ainda estou por ouvir uma palavrinha que seja, de valor, ou um conselho razoável vindo de meus superiores. Nunca me disseram nada e provavelmente não podem me dizer nada que valha a pena. Eis a vida, experiência em grande parte desconhecida para mim, mas nada me beneficia o fato de que outros a conheçam. Se possuo qualquer experiência válida, tenho certeza de que meus mentores nunca a comentaram.

Certo agricultor me diz: *"Não se pode viver só à base de alimentos vegetais porque não fornecem matéria-prima para os ossos"*, e de acordo com isso dedica religiosamente parte do dia a suprir essa deficiência em seu sistema e enquanto fala, vai caminhando o tempo todo atrás de bois que, com ossos feitos de vegetais, arrastam às sacudidelas, ele e o arado pesadão, vencendo todos os obstáculos. Há coisas verdadeiramente necessárias à vida em algumas classes sociais mais desassistidas e enfermas, enquanto que em outras são supérfluas e em terceiras, desconhecidas.

Para algumas pessoas é como se o chão da vida humana, das montanhas aos vales e o que aí se encontra, tivesse sido percorrido inteirinho por seus antepassados. Segundo Evelyn, "o *sábio Salomão ditou regras até para a distância entre as árvores, e os pretores romanos haviam estabelecido quantas vezes um cidadão podia legalmente colher as bolotas dos carvalhos que lhe pertenciam, entrando no terreno do vizinho onde caíam, bem como a percentagem de frutos que cabia ao dono da terra."* Hipócrates chegou a deixar instruções sobre a maneira como devíamos cortar as unhas, isto é, acompanhando o contorno dos dedos, nem maiores nem menores. Sem sombra de dúvida, o tédio e os aborrecimentos, que suponho terem exaurido a variedade e a alegria de viver, são velhos como Adão. O potencial do homem, porém, nunca foi medido, nem podemos avaliá-lo baseados em precedentes, pois tem-se tentado muito pouco. Quaisquer que tenham sido os fracassos até agora, *"não te aflijas, meu filho, pois quem te responsabilizaria pelo que deixaste de fazer?"*

Pondo-nos a provas simplíssimas, poderíamos examinar nossas vidas. Suponhamos que o mesmo sol que madura meus feijões, ilumina ao mesmo tempo sistemas planetários semelhantes ao nosso. Se tivesse me lembrado disso, teria evitado alguns erros. Não foi a essa luz que cultivei os feijões. As estrelas são ápices de maravilhosos triângulos! Que seres distantes e distintos não estarão nas várias mansões do universo, neste exato instante, contemplando a mesma estrela! A natureza e a vida humana são tão variadas como nossas numerosas constituições. Quem dirá o que a vida reserva a cada um? Haveria milagre maior do que sermos capazes de enxergar com os olhos de outrem, por um segundo que fosse? Numa hora, viveríamos em todas as idades do mundo, em todos os mundos das idades. História, Poesia, Mitologia! — Nenhuma leitura baseada em experiência alheia seria tão surpreendente e esclarecedora como essa.

A maior parte das coisas que meus semelhantes consideram boas, creio no fundo da alma que são más, e se de alguma coisa me arrependo é provável que seja do meu bom comportamento. Que diabo se apossou de mim para que me comportasse tão bem? Ó velho, tu que já viveste setenta anos, com toda espécie de honraria, podes dizer o que consideras mais sábio, e uma irresistível voz me convida a dar as costas à tua opinião. Uma geração abandona as conquistas da outra como se estas fossem barcos encalhados.

Penso que podemos, sem correr risco, ser bem mais confiantes, abrindo mão de tanta atenção conosco e aplicando-a alhures. A natureza está bem ajustada, quer à nossa fraqueza, quer à nossa força. A incessante ansiedade e tensão de alguns é quase uma forma incurável de doença. Temos a tendência de exagerar a importância de qualquer trabalho, contudo quanto deixamos de fazer, ou o que aconteceria se adoecêssemos?

Como nos fiscalizamos, determinados a não viver pela fé sempre que podemos evitá-la! O dia inteirinho de prontidão, quando chega a noite rezamos as orações sem ânimo e nos entregamos a dúvidas. Somos completa e sinceramente forçados a viver reverenciando nossa vida e negando a possibilidade de modificação. Dizemos ser esta a única maneira, mas há tantas quantos os raios que podem ser desenhados a partir de um centro. Toda modificação é um milagre a contemplar, mas um milagre que ocorre a cada instante. Confúcio disse: *"Saber que sabemos o que não sabemos e que não sabemos o que não sabemos, eis o verdadeiro saber."* Quando um homem conseguir com que um fato da imaginação se torne um fato do seu entendimento, prevejo que todos os homens terminarão por estabelecer suas vidas sobre essa base.

Consideremos por um momento em que consiste a maior parte da preocupação e ansiedade a que me referi, e o quanto é preciso que sejamos preocupados ou pelo menos cuidadosos. Seria vantajoso, mesmo em plena civilização materialista, viver uma vida primitiva no meio do mato, nem que fosse para aprender quais são nossas necessidades básicas e que métodos foram empregados para obtê-las, ou quem sabe dar uma olhada nos livros antigos de contabilidade mercantil, para ver o que é que as pessoas costumavam comprar nas mercearias, o que era armazenado, enfim, quais os artigos mais elementares, visto que o progresso pouco influenciou as leis essenciais que regem a existência do homem, pois nossos esqueletos, provavelmente, não se distinguem dos de nossos antecessores.

Com a expressão *"coisas necessárias à vida"* designo o que quer que seja que o homem obtém por esforço próprio, e que desde o início, ou pelo uso contínuo tornou-se tão importante para a vida humana que nenhum ou poucos até hoje tentaram viver sem elas, seja por selvageria, pobreza, ou filosofia. Neste sentido, para muitas criaturas, não há senão uma coisa indispensável: comida. Para o bisão da pradaria bastam pequenos trechos de pasto apetecível, mais água para beber, a menos que ele procure o abrigo da floresta e a sombra da montanha. Nenhum ser bruto requer mais que comida e abrigo. Quanto ao homem e em se tratando deste clima, as coisas necessárias à vida podem ser criteriosamente agrupadas sob os itens: alimento, abrigo, roupa e combustível, porque só depois de termos assegurado todos eles estaremos em condições de enfrentar, com liberdade e perspectiva de sucesso, os verdadeiros problemas da vida. O homem inventou não apenas casas, mas roupas, alimentos elaborados e possivelmente, da descoberta casual do calor do fogo e seu conseqüente uso, no começo um luxo, nasceu a atual necessidade de aquecer-se. Observamos que gatos e cães estão adquirindo essa segunda natureza. Abrigados e vestidos de modo adequado, mantemos naturalmente o calor interno; contudo o excesso desses elementos ou de combustível, aumentando o calor externo sobre o interno, não terá ocasionado o surgimento da arte culinária? O naturalista Darwin conta que em sua equipe os homens bem vestidos sentiam frio sentados junto a uma fogueira, enquanto os selvagens da Terra do Fogo que se encontravam nus à distância, para surpresa geral, *"suavam em bica padecendo tal churrasco".* Fala-se também que o nativo da Austrália anda nu sem maiores problemas, ao passo que o europeu tirita em suas roupas. Será impossível combinar a resistência física dos selvagens com a intelectualidade dos civilizados? Segundo Liebig, o corpo humano é uma estufa; sendo o alimento o combustível que mantém a combustão interna nos pulmões. Comemos mais quando faz frio e menos quando faz calor. O calor animal resulta da combustão lenta, a doença e a morte ocorrem quando a combustão é muito rápida, quando falta combustível, ou o fogo se extingue por defeito na corrente de ar. Claro que não se deve confundir o calor vital com o fogo, aqui empregado por analogia. Do que foi enumerado, deduz-se portanto que as expressões *vida animal* e *calor animal* são quase sinônimas, pois se o alimento pode ser visto como o combustível que mantém o fogo dentro de nós — e o combustível serve unicamente para preparar aquele alimento ou aumentar o calor corporal como aditivo externo — o abrigo e a roupa também servem apenas para reter o *calor* assim gerado e absorvido.

A grande necessidade para nosso corpo consiste, pois, em se conservar aquecido a fim de manter o calor vital interno. A que trabalheira não nos entregamos, não só por conta de alimentação, vestuário e moradia, mas também com as camas, que são nossas roupas noturnas, pilhando ninhos e assaltando pássaros para com suas penas preparar esse abrigo dentro de outro abrigo, tal qual a toupeira que faz a caminha de capim e folhas no

fim da toca! O pobre costuma queixar-se do frio que anda pelo mundo, e ao frio físico e ao social atribuímos grande parte de nossos males. Em alguns climas o sol proporciona ao homem uma espécie de vida bem-aventurada. O combustível, exceto para cozinhar comida, é desnecessário. O sol é o próprio fogo, abundância de frutos amadurecendo sob seus raios, o alimento em geral variado e acessível, o vestuário e a moradia totalmente ou quase dispensáveis. Nos dias de hoje neste país, conforme julgo por experiência pessoal, uns poucos utensílios, uma faca, uma enxada, uma pá, um carrinho de mão, etc., e para o estudioso, lâmpada, artigos de papelaria e acesso a alguns livros, bastam como coisas necessárias e podem ser comprados por uma ninharia. Contudo, alguns insensatos mudam-se para o outro lado do globo, para regiões bárbaras e insalubres onde passam de dez a vinte anos dedicando-se aos negócios, com o objetivo de poderem viver — isto é, manterem-se confortavelmente aquecidos — e um belo dia morrer de volta à Nova Inglaterra. Os ricos, que vivem no luxo, não se mantêm confortavelmente aquecidos mas desnaturadamente superaquecidos, e como sugeri antes, são assados, *à la mode, é* claro.

A maioria dos luxos e muitos dos chamados confortos da vida, não só são dispensáveis como constituem até obstáculos à elevação da humanidade. No que diz respeito a luxos e confortos, os mais sábios sempre viveram de modo mais simples e despojado que os pobres. Os antigos filósofos chineses, indianos, persas e gregos eram uma classe que se notabilizava pela extrema pobreza de bens exteriores, em contraste com a riqueza interior. Não sabemos muito sobre eles, admira porém que *saibamos* tanto quanto sabemos. O mesmo acontece com reformadores e benfeitores mais recentes da nacionalidade deles. Ninguém pode ser um observador imparcial e sábio da raça humana, a não ser da posição vantajosa que chamaríamos de pobreza voluntária. O fruto de uma vida de luxo é também luxo, seja em agricultura, comércio, literatura ou arte. Hoje em dia há professores de filosofia, mas não há filósofos. Contudo é admirável ensinar filosofia porque um dia foi admirável vivê-la. Ser um filósofo não é apenas ter pensamentos sutis, nem sequer fundar uma escola, mas amar a sabedoria a ponto de viver segundo seus ditames uma vida de simplicidade, independência, magnanimidade e confiança. É solucionar alguns problemas da vida não só na teoria mas também na prática. O sucesso dos grandes eruditos e pensadores assemelha-se ao dos cortesãos, não é um sucesso de soberano ou de homem. Arranjam meios de viver sempre em conformidade, da mesma forma que o fizeram seus pais, e de modo algum são os progenitores de uma raça de homens mais nobres. Entretanto por que será que os homens degeneram sempre? O que levará as famílias a se acabarem? Qual é a natureza do luxo que enerva e destrói as nações? Estamos certos de que essa natureza não existe em nossas próprias vidas? O filósofo está sempre à dianteira do seu tempo, mesmo no que se relaciona com as formas exteriores da sua vida. Ele não se alimenta, nem mora, nem se veste e se aquece como seus contemporâneos. Como um homem pode ser filósofo sem manter o seu calor vital por métodos melhores que os de outros?

Quando um homem se mantém aquecido das diversas maneiras que descrevi, o que é que ele quer mais? Certamente não há de ser maior quantidade do mesmo calor, comidas abundantes e sofisticadas, casas imensas e esplêndidas, roupas numerosas e finas, coisas desse tipo. Quando já se conquistou o necessário à vida, surge uma alternativa que não a de obter os supérfluos, ou seja, a de aventurar-se na vida agora, as férias do trabalho bruto tendo começado. Parece que o solo é adequado à semente e uma vez que ela se lançou raízes adentro, pode em seguida erguer a haste para o alto cheia de confiança. Por que o homem se enraizou tanto assim na terra, senão para que pudesse alçar-se com o mesmo ímpeto em direção aos céus? — pois as plantas mais nobres se valorizam em função dos frutos que por fim desabrocham à luz do dia, bem longe do chão, não sendo tratadas como os comestíveis mais humildes que, embora possam durar dois anos, só são cultivados até o momento de perfazerem as raízes e com este objetivo podados amiúde, a ponto de não serem conhecidos no tempo da floração.

Não é meu intento prescrever regras às naturezas fortes e valorosas, que tomarão conta de seus negócios seja no céu ou seja no inferno, e que talvez construam com mais magnificência e gastem com mais prodigalidade que os ricaços, sem nunca empobrecerem e não sabendo como vivem — se é que de fato existem tais pessoas

imaginadas; nem àquelas que acham ânimo e inspiração exatamente em como as coisas se apresentam no momento, valorizando-as com a loucura e o entusiasmo dos amantes — grupo em que de certo modo me incluo; não me dirijo àqueles que estão bem empregados, quaisquer que sejam as circunstâncias, e eles bem sabem se estão bem ou não; dirijo-me antes de tudo à massa de descontentes que se lamentam em vão da dureza da sorte ou dos tempos, quando poderiam melhorá-los. Alguns há que se queixam mais enérgica e inconsolavelmente que outros, porque, segundo alegam, cumprem com as suas obrigações. Também tenho em mente a classe dos que sendo poderosos na aparência empobreceram mais que todos, acumulando trastes que não sabem como usar nem jogar fora, e assim forjaram suas próprias algemas de ouro ou de prata.

Se eu tentasse contar como, anos atrás, desejava passar minha vida, provavelmente surpreenderia os leitores que estão um pouco por dentro de minha verdadeira história, e certamente espantaria os que não sabem de nada. Vou apenas dar uma idéia de alguns empreendimentos em que me empenhei.

Fizesse sol ou chuva, a qualquer hora do dia ou da noite, sempre estive ansioso por aproveitar a hora H, encaixando-a ao golpe de meu taco, por deter-me no ponto de encontro de duas eternidades, passado e futuro, e que é sem dúvida o momento presente, vivendo-o ao máximo. Espero que me perdoem algumas obscuridades, porque no meu ofício há mais segredos que no da maioria dos homens, e ainda por cima não são segredos que se guardem deliberadamente, mas inseparáveis por natureza. Bem que gostaria de contar tudo que sei a propósito e nunca me ver obrigado a pintar em meu portão: *Entrada Proibida*.

Há muito tempo atrás perdi um cão de caça, um cavalo baio e uma pomba, e até hoje estou na pista deles. Falei com muitos viajantes descrevendo os rastros e dando os nomes por que costumavam atender. Uma ou duas pessoas tinham ouvido o cão de caça e a pisada do cavalo, tinham até visto a pomba desaparecer atrás de uma nuvem, e pareciam tão ansiosos por reavê-los como se eles mesmos os tivessem perdido.

Quantas manhãs, inverno ou verão, antes que qualquer vizinho se mexesse por conta de seus afazeres; eu já me punha a antecipar não apenas o nascer do sol e a aurora, mas se possível, a própria natureza! Certamente cruzaram comigo, quando eu voltava dessa aventura, muitos de meus concidadãos, agricultores que partiam para Boston à meia luz, lenhadores saindo para o trabalho. É verdade que nunca ajudei materialmente o sol a nascer, mas não duvideis de que não teria tido a mínima importância assistir ao evento apenas de corpo presente.

Quantos dias de outono e inverno não passei fora da cidade, tentando ouvir e traduzir o que o vento dizia! Quase enterrei todo o meu capital nisso e perdi o fôlego correndo atrás desse negócio. Se estivesse vinculado a algum partido político, a notícia logo teria aparecido na *Gazette*. Outras vezes, do observatório de um penhasco ou árvore, ficava olhando para anunciar alguma chegada, ou ao entardecer no topo das colinas, esperava que o céu despencasse a fim de que eu pudesse agarrar algo, embora nunca tenha conseguido muito e que, como o maná, não tenha se dissolvido com a volta do sol.

Durante muito tempo fui repórter de um jornal de pequena circulação e cujo editor nunca julgou conveniente publicar a maior parte das minhas colaborações, e como é comum aos escritores, só arranjei sofrimento com meus esforços. Neste caso, entretanto, meus esforços foram a própria recompensa. Fui durante anos, por deliberação minha, inspetor de tempestades de chuva e neve, e fielmente cumpri meu dever; fui também fiscal, não de estradas reais, mas das sendas na floresta e de todos os atalhos, mantendo-os abertos, cuidando que houvesse pontes sobre os barrancos a qualquer época do ano, e que o povo sempre pudesse passar onde fosse necessário.

Tomava conta do gado selvagem que havia na cidade, e que por saltar as cercas era uma trabalheira para um pastor consciencioso; e dava uma espiada pelos cantos da fazenda e pelos recantos desertos, embora nem sempre soubesse se era fulano ou sicrano quem trabalhava por lá aquele dia. Eu não tinha nada a ver com

isso! Molhava os rubros mirtilos, as cerejas silvestres, as urtigas, os pinheiros e os freixos, a uva branca e a violeta amarela, que poderiam ter murchado ainda mais nas estações secas.

Em resumo, posso dizer sem me gabar, vivi assim por longo tempo, desempenhando minha função fielmente, até que se tornou cada vez mais claro que meus concidadãos, no final das contas, não iriam me admitir na lista de funcionários municipais nem tampouco me arranjar uma sinecura de modesta retribuição. Minha conta de serviços prestados, que juro haver mantido sempre em ordem, nunca foi examinada, nem sequer aceita e muito menos paga e quitada. Não obstante, eu não aspirava a isso.

Não faz muito tempo, um índio errante foi vender cestas na casa de um advogado muito conhecido na minha vizinhança. *"Quer comprar alguma cesta?"* perguntou. *"Não, não queremos nenhuma",* foi a resposta. *"O quê?",* reclamou o índio enquanto se dirigia ao portão, *"está querendo matar a gente de fome?"* Tendo visto que seus industriosos vizinhos brancos estavam tão bem de vida — já que cabia ao advogado apenas tecer argumentos e num passe de mágica seguiam-lhe riqueza e prestígio — dissera a si mesmo: Vou abrir um negócio. Vou tecer cestas, eis uma coisa que posso muito bem fazer. Pensava que ao aprontar as cestas teria cumprido a sua parte e que então caberia aos brancos comprá-las. Não se havia dado conta de que precisava torná-las valiosas para o outro, ou pelo menos convencê-lo de que valia a pena adquiri-las, levando-o a isso. Eu também já teci cestos de delicada trama, mas não os tornei atraentes a ponto de as pessoas se interessarem por eles. No meu caso, porém, acho que valeu a pena tecê-los, e em vez de procurar um meio de conseguir negociá-los, procurei evitar a necessidade de ter que vendê-los. A vida que os homens tanto prezam e consideram como bem sucedida é apenas uma entre outras. Por que lhe exageraríamos o valor em detrimento das outras?

Concluindo que meus concidadãos não estavam propensos a me oferecer um lugar no tribunal, nem na igreja, ou um emprego qualquer que fosse, e que eu tinha de me virar por mim mesmo, passei a encarar de modo mais exclusivo a possibilidade dos bosques, onde eu era mais conhecido. Resolvi entrar em ação imediatamente, sem esperar sequer reunir um capital como é costume, antes lançando mão dos parcos recursos de que já dispunha. Meu objetivo indo para o lago Walden não tinha nada a ver com a possibilidade de ter ali vida mais barata ou mais dispendiosa, e sim com a de levar adiante uma série de assuntos meus sem grandes obstáculos, pois ser impedido de realizá-los por falta de um pouco de bom senso, espírito empresarial ou pendor para negócios, parecia-me não só lamentável como ridículo.

Sempre me empenhei em adquirir hábitos comerciais sólidos, pois são indispensáveis a todo homem. Se negociais com o Celeste Império, bastará um pequeno escritório no litoral, em um porto de Salem. Exportareis artigos nacionais, produtos puramente nativos, muito gelo, madeira de pinho, um pouco de granito, sempre nos porões de cargueiros do país. Serão empreendimentos arriscados. Há que supervisionar todos os pormenores pessoalmente, ser ao mesmo tempo piloto e capitão, proprietário e segurador, comprar, vender, cuidar da escrituração, ler as cartas recebidas, escrever ou ler aquelas a serem expedidas, superintender dia e noite o desembarque das mercadorias importadas, estar quase ao mesmo tempo em vários pontos do litoral — já que muitas vezes a carga mais valiosa será descarregada na costa de Jersey —; há que ser o próprio telégrafo, vasculhando incansavelmente o horizonte, entrando em contato com os navios costeiros que passam, despachar sem demora mercadorias para o abastecimento de um mercado longínquo e exorbitante, manter-se a par da situação dos mercados, das possibilidades de guerra e paz em toda parte, e antecipar as tendências de comércio e civilização — valendo-se dos resultados das expedições de pesquisa, recorrendo a novas travessias e progressos técnicos de navegação, sendo conveniente examinar as cartas marítimas, certificar-se da posição de recifes, novos faróis e bóias, corrigindo incessantemente as tábuas logarítmicas, já que por erro de cálculo muitos navios se estraçalham de encontro a rochedos em vez de aportarem em aprazível cais, — seja lembrado o misterioso destino do *La Perouse —;* como se vê, há que estar atualizado com a ciência universal, estudando as vidas de todos os grandes descobridores, navegadores, aventureiros e comerciantes, desde Hanno e os fenícios até os dias de hoje; em suma, proceder de tempo em tempo a um balanço de estoque para verificar como as coisas andam. É um trabalho que desafia as faculdades humanas, pois esses problemas de lucro e prejuízo, interesses, pesos e contrapesos, bem como todo tipo de aferição, requerem conhecimento universal.

Pensei que o lago Walden seria um local adequado para negócios, porque além da estrada de ferro e do comércio de gelo oferecia vantagens que a boa política manda não divulgar. Trata-se de um ponto bom, uma boa base. Não há brejos a serem aterrados como na região do Neva, embora em qualquer parte tenha-se que construir estacas por iniciativa própria. Consta que uma inundação do rio Neva, acompanhada de vento oeste e gelo, seria capaz de varrer São Petersburgo da face da terra.

Como devesse entrar neste negócio sem o costumeiro capital, torna-se difícil conjeturar onde obter os meios, ainda indispensáveis em tais empreendimentos. Quanto ao vestuário, para entrar logo na parte prática da questão, a maioria das vezes talvez sejamos levados mais pelo gosto da novidade e respeito à opinião alheia do que pela verdadeira utilidade. Quem vai trabalhar deve ter em mente que o objetivo da roupa é, em primeiro lugar, manter o calor vital, e secundariamente, no atual estágio da sociedade, cobrir a nudez, a fim de que possa julgar quanto de qualquer trabalho necessário ou importante poderá ser desempenhado sem acréscimo para seu guarda-roupa. Reis e rainhas que usam um traje apenas uma vez, feito sob medida pelo alfaiate ou costureiro de Sua Majestade, desconhecem o conforto de continuar vestindo uma roupa que assenta bem, e nessa condição se equiparam a cabides de madeira em que se penduram roupas limpas. Cada dia que passa mais nossas roupas se assimilam a nós, recebendo a marca da personalidade de quem as veste, de tal modo que hesitamos ao abandoná-las, ainda que não ocorram a demora, os recursos médicos e a solenidade com que abandonamos nossos corpos. Homem nenhum caiu no meu conceito por ter um remendo na roupa, mesmo assim tenho certeza de que comumente há maior preocupação em estar na moda, com roupas limpas e sem remendos do que em ter a consciência tranqüila. Entretanto, mesmo que o rasgado não seja cerzido, o vício que se revela pior é o da imprevidência. Às vezes testo conhecidos meus assim: "Quem usaria remendo ou costuras duplas sobressalentes sobre o joelho?" Muitos reagem na crença de que suas perspectivas de vida seriam, arruinadas se procedessem assim. Para eles seria mais fácil mancar, de perna quebrada até a cidade do que de calça rasgada. Vê-se com freqüência que, se ocorre um acidente com as pernas de um cavalheiro, estas podem ser consertadas, mas se o mesmo acontece com as pernas de suas calças, não há remédio, tudo porque ele se deixa levar não pelo que é respeitável, mas pelo que é respeitado. Eis porque conhecemos poucos homens e uma infinidade de paletós e calças. Vesti um espantalho com o vosso último traje e ficai nu a seu lado: quem não saudaria primeiro o espantalho? Outro dia, passando por um milharal, perto de um chapéu e um paletó pendurados numa estaca, reconheci neles o dono da fazenda, que estava apenas um pouco mais castigado pelo mau tempo do que quando o vi pela última vez. Ouvi falar de um cachorro que latia a qualquer estranho que, vestido, se aproximasse da propriedade de seu dono, mas que logo se aquietava diante de um ladrão nu. Até que ponto os homens manteriam a sua posição social caso fossem despidos, eis uma questão interessante. Acaso poderíeis, numa situação dessas, apontar com segurança num grupo de pessoas civilizadas, quais as que pertencem à classe privilegiada? Diz Madame Pfeiffer, narrando suas viagens aventurescas ao redor do mundo, que indo do Oriente para o Ocidente, ao chegar à Rússia asiática perto de sua terra natal, sentiu necessidade de trocar as roupas de viagem por outras mais adequadas ao contatar autoridades, pois *"se encontrava agora num país civilizado, onde as pessoas eram julgadas por suas roupas".* Mesmo nas cidades democráticas da Nova Inglaterra, a posse acidental de riquezas e a correspondente manifestação na maneira de trajar-se e equipar-se angariam respeito universal para o possuidor. Os que geram tal respeito, porém, ainda que numerosos, não passam de pagãos carecendo dos serviços de um missionário. Além disso, as roupas acarretaram a costura, o tipo de trabalho que não tem fim, pelo menos quanto aos vestidos de mulher, os quais nunca estão definitivamente prontos.

O homem que afinal encontrou algo para fazer não precisará de um traje novo para executá-lo. Aquele empoeirado, esquecido no sótão por tempo indeterminado, lhe servirá bem. Sapatos velhos servirão ao herói mais tempo do que serviram ao seu criado — caso o herói tenha um criado — e pés descalços são mais velhos do que sapatos e podem servi-lo também. Só aqueles que freqüentam *soirés* e ambientes oficiais carecem de casacas novas para trocá-las amiúde consoante a natureza de vira-casacas. Porém se tenho paletó e calças,

chapéus e sapatos apropriados para assistir ao culto na igreja, eles me bastam. Por que não? Quem nunca viu suas roupas velhas — seu antigo casaco já gasto e reduzido aos primitivos elementos, a tal ponto que nem seria caridade dá-lo a algum menino pobre, que por sua vez o daria a outro ainda mais pobre ou, quem sabe, mais rico, pois poderia passar com menos? Por isso vos digo, cuidado com os empreendimentos que exigem roupas novas em vez de novos usuários. Se não há um homem novo, como roupas novas poderiam ajustar-se a ele? Se tendes em vista algum empreendimento, tentai-o com vossas roupas usadas. Todos os homens desejam não um trabalho como meio de vida, mas como finalidade, algo como realização. Talvez não devêssemos nunca procurar um traje novo, por mais esfarrapado e sujo que estivesse o velho, a não ser quando, tendo gerido, batalhado ou viajado de algum modo, nos sentíssemos como homens novos dentro das roupas velhas, a tal ponto que mantê-las seria como guardar vinho novo em odres velhos. Nossa época de muda, como a das aves, implica uma crise existencial. O mergulhão se retira para os lagos solitários durante essa fase. Da mesma forma, por um trabalho interno de expansão, a serpente abandona a pele e a lagarta o invólucro de verme; as roupas portanto não passam da mais superficial epiderme e são puro incômodo. Se assim não pensarmos, estaremos navegando sob falsas bandeiras e no final seremos inevitavelmente rejeitados quer diante de nós, quer da opinião pública.

Envergamos peça após peça, feito plantas exógenas que crescem por adição externa. As roupas exteriores, em geral finas e extravagantes, são a epiderme ou falsa pele que não participa da nossa vida, podendo ser arrancada aqui e ali sem prejuízo fatal; as peças mais encorpadas, constantemente em uso, são o tegumento celular ou córtex; já as camisas são nosso *liber,* a verdadeira casca que não pode ser removida sem se recortar e destruir o homem. Acredito que todas as raças, em alguma temporada, usam algo equivalente a uma camisa. É conveniente que a pessoa se vista com tamanha simplicidade que possa se apalpar no escuro e viva de maneira tão sumária e organizada que se o inimigo sitiar a cidade, possa, como o velho filósofo, ir-se embora de mãos vazias na maior serenidade. Visto que uma peça de roupa grossa é, em geral, tão boa quanto três finas e que roupa barata pode ser obtida a preços acessíveis; um casaco grosso pode ser comprado a cinco dólares e durar cinco anos, bem como calças grossas a dois dólares, um par de botas de couro por dólar e meio, um chapéu de palha por um quarto de dólar e um boné de inverno por sessenta e dois centavos e meio, caso não saiam mais baratos feitos em casa, quem será tão pobre que, assim vestido *à sua própria custa,* não seja cumprimentado pelos homens sensatos que encontrar?

Quando encomendo à costureira uma roupa de certo modelo, ela me diz com a maior seriedade: *"Já não se usa mais assim",* sem dar o menor destaque ao *se,* aludindo a uma entidade tão impessoal quanto as Parcas, e me vejo em dificuldade para conseguir o que quero, simplesmente porque ela não pode imaginar que eu fale a sério, que seja tão descuidado. Ao ouvir esse oráculo, ponho-me a pensar, analisando cada palavra de perto a fim de captar-lhe o sentido, e de descobrir por que grau de consangüinidade relaciona-se comigo, e que autoridade pode ter num assunto que me diz respeito de perto, até que por fim, inclino-me a entrar no jogo da costureira, e sem enfatizar o sujeito indeterminado: *"De fato, ainda há pouco não se usava, mas acaba de voltar à moda."* De que adianta esse aparato de tomar medidas se ela não avalia a minha personalidade e apenas me anota a largura dos ombros como se fossem cabide de pendurar paletó? Não veneramos as Graças nem as Parcas, mas a deusa Moda, que fia, tece e corta como ditadora. Em Paris, a macaca-mor põe um gorro de viajante, e na América, todas as macacas copiam. Muitas vezes perco a esperança de conseguir neste mundo algo de simples e honesto com ajuda dos homens. Estes deveriam passar por uma poderosa prensa que lhes extraísse das cabeças os conceitos caducos, de tal modo que custassem a se reerguer. E mesmo assim teria sido trabalho vão, porque depois disso ainda haveria algum com uma larva incubada na cachola, de um ovo que ninguém sabe quando foi depositado, pois nem o fogo extermina esse tipo de coisa. Não esqueçamos, no entanto, que grãos de trigo egípcio chegaram até nós por intermédio de uma múmia.

De um modo geral, sou de opinião que não se pode afirmar ter a costura se alçado à dignidade de uma arte, quer neste país ou em qualquer outro. Os homens, hoje em dia, arranjam-se com o que têm a seu alcance.

Como marujos náufragos, vestem-se com o que encontram na praia, e a pouca distância de espaço ou tempo, um leva em troca a fantasia do outro. Cada geração faz pouco das modas ultrapassadas, mas segue religiosamente as novas. Achamos a maior graça ao olhar as roupas de Henrique VIII ou da Rainha Elisabete, tanto como se fossem as do Rei e da Rainha das Ilhas Canibais. Toda roupa isolada do homem é lamentável e grotesca. Só o olhar cheio de seriedade, vislumbrando a vida que ali esteve, é capaz de conter o riso e reverenciar a roupa de qualquer pessoa. Se o Arlequim for surpreendido por um acesso de eólica, os efeitos de sua fantasia não devem estorvá-lo. No soldado atingido por uma bala, os farrapos caem tão bem como um manto de púrpura.

O gosto, infantil e bárbaro de certos homens e mulheres, pela última moda leva muitos à constante roda viva e a queimarem pestanas no caleidoscópio de formas e cores para descobrir qual é a crista da onda na geração atual. Os fabricantes, por sua vez, já sabem que esse gosto é puro capricho. De dois modelos que diferem apenas no tom de alguns fios de tecido, um será vendido a jato enquanto o outro vai mofar na prateleira, embora também aconteça com freqüência que este último se torne a coqueluche da estação seguinte. Comparando-se, a tatuagem não é um costume tão horrível como o consideram e não é bárbaro simplesmente porque o desenho é profundo e definitivo.

Não posso de modo algum acreditar que nosso sistema de produção para vestir os homens seja o melhor. A situação dos operários entre nós torna-se cada dia mais parecida com a dos ingleses, o que não é de admirar, pois pelo que tenho observado, o objetivo primordial do sistema não é o de vestir bem e de modo honesto a humanidade, mas, sem a menor dúvida, o de enriquecer as empresas. A longo prazo os homens alcançam apenas o que ambicionam. Portanto, embora a curto prazo possam fracassar, agiriam melhor se ambicionassem algo elevado.

Quanto ao abrigo, não negarei que seja uma necessidade vital hoje em dia, embora haja exemplos de homens que o dispensaram por longas temporadas e em países de clima mais frio que este. Segundo Samuel Laing: *"Vestido de peles e cobrindo a cabeça e os ombros com um saco do mesmo material, o lapônio dorme na neve noite após noite — numa temperatura tão baixa que acabaria com a vida de qualquer outro, mesmo vestido de lã."* Ele viu os lapônios dormirem assim e não obstante acrescenta: "não são mais fortes que os demais." Porém, ao que tudo indica, o homem não viveu muito tempo sobre a terra sem descobrir a conveniência que há numa casa, nos confortos domésticos, expressão que na origem deve se relacionar mais com as satisfações proporcionadas pela casa do que pela família, se bem que tais satisfações sejam extremamente parciais e ocasionais nos climas em que a casa se associa em nosso pensamento sobretudo ao inverno e à estação chuvosa, passando a desnecessária por dois terços do ano, a não ser como um guarda-sol. Em nosso clima, durante o verão, a princípio não passou de um teto para a noite. Num meio de comunicação usado pelos índios, uma cabana era símbolo de um dia de marcha, e uma fileira delas, entalhadas ou pintadas na casca de uma árvore, significava quantas vezes haviam acampado no local. O homem não foi dotado de membros tão largos e robustos à toa e sim para que pudesse reduzir o mundo e erguer paredes em torno de um espaço em que coubesse. De início, o homem viveu nu e ao ar livre. Mas embora isso fosse bastante aprazível no bom tempo durante o dia, a estação chuvosa e o inverno, para não falar do sol tórrido, talvez houvessem cortado pela raiz sua raça, se mais que depressa não tivesse se vestido com o abrigo de uma casa. Diz a lenda que Adão e Eva usaram o parreiral antes de qualquer outra roupa. O homem precisava de um lar, um lugar aquecido e confortável, primeiro o calor físico, depois o calor das afeições.

Podemos imaginar o momento em que, na infância da raça humana, algum mortal audaz rastejou cavidade adentro de uma rocha à procura de abrigo. De certo modo toda criança reinaugura o mundo e adora permanecer ao ar livre, chova ou faça frio. Brinca instintivamente de casinha e cavalo de pau. Quem não se lembra do interesse com que, quando jovem, explorava os declives rochosos em busca de alguma caverna? Sobrevive em nós o pendor natural por essa vivência de nossos ancestrais mais primitivos. Das grutas evoluímos para os tetos feitos de folhas de palmeiras, cascas e galhos de árvores, tecidos de linho estendido, capim e palha, pranchas de madeira e lascas de ardósia, pedras e telhas. Por fim, desconhecemos o que é viver

ao ar livre, e nossas vidas são domésticas em mais aspectos do que supomos. Uma grande distância medeia entre a casa e o campo. Seria ótimo, quem sabe, se pudéssemos passar um pouco mais dos dias e das noites sem nenhum obstáculo entre nós e os corpos celestes, se o poeta não falasse tanto à sombra de um telhado ou o santo não morasse entre quatro paredes por tanto tempo. As aves não cantam dentro das grutas, nem as pombas cuidam de sua inocência nos pombais.

Entretanto, se alguém pretende construir uma casa, compete-lhe pôr em prática um pouco da engenhosidade ianque, para que depois de pronta a obra não se encontre em vez disso numa oficina, num labirinto, num museu, num asilo, numa prisão ou mesmo num mausoléu de luxo. Ter em mente em primeiro lugar o espaço mínimo capaz de atender ao absolutamente necessário. Vi aqui na cidade, os índios Penobscot morando em tendas de algodãozinho enquanto ao redor a neve se amontoava à altura de dois palmos e penso até que se alegrariam de vê-la subir ainda mais para resguardá-los do vento. Em tempos idos, quando ganhar a vida de um modo honesto, com disponibilidade para cumprir projetos meus, era assunto que me atormentava ainda mais que agora, porque lamentavelmente tornei-me um tanto insensível, costumava reparar numa grande caixa de madeira, cerca de dois metros de comprimento por um de largura, que ficava perto da estrada de ferro e servia como depósito para as ferramentas dos operários durante a noite; veio-me então a idéia de que qualquer homem em dificuldade financeira poderia obtê-la por um dólar e depois de aí perfurar alguns orifícios para ventilação, instalar-se nela quando chovesse ou viesse a noite, e uma vez a tampa trancada, gozar enfim de liberdade para amar ou espairecer o espírito. Tal solução não me pareceu a pior, nem de modo algum uma alternativa desprezível. A pessoa poderia deitar-se e levantar-se a hora que bem entendesse, sair de casa sem proprietário no seu encalço exigindo-lhe o aluguel. Muitos homens que não morreriam de frio numa caixa dessas se atormentam até a hora da morte para pagar o aluguel de outra apenas maior e mais luxuosa. Não estou brincando. Economia é um assunto que pode até ser tratado com leviandade, mas não posto de lado. Já se construiu aqui neste local, com matéria-prima fornecida, pela natureza, ao alcance da mão, uma casa confortável para uma raça rude e resistente que vivia de preferência ao ar livre. Gookin, que foi superintendente dos índios da Colônia de Massachusetts, escreveu em 1674: *"Suas melhores casas são cobertas de modo eficiente, aconchegado e cálido, com cascas arrancadas das árvores nas estações de mais seiva e reduzidas a lâminas quando colocadas ainda verdes sob o peso de maciças toras... As mais precárias são cobertas com esteiras fabricadas de uma espécie de junco e igualmente aconchegantes e quentes, embora não tão boas quanto as primeiras... Conheci algumas de vinte a trinta metros de comprimento por dez de largura... Alojei-me vezes sem conta nessas cabanas, e achei-as tão acolhedoras quanto as melhores casas inglesas."* Também esclarece que, em geral, eram atapetadas e forradas por dentro com passadeiras finamente trabalhadas e bordadas, além de guarnecidas de utensílios diversos. Os índios chegaram inclusive a controlar o efeito do vento nas cabanas, utilizando uma esteira manipulável por um cordão, suspensa sobre um orifício no telhado. Uma tenda desse tipo levava no máximo um ou dois dias para se construir pela primeira vez, e podia ser montada e desmontada em poucas horas. Cada família possuía uma, ou pelo menos parte de uma.

Entre os selvagens toda família possui um abrigo da melhor qualidade, suficiente para as necessidades mais ordinárias e simples. Contudo suponho ser razoável ao afirmar que, embora os pássaros tenham seus ninhos, as raposas suas tocas e os selvagens suas cabanas, na sociedade civilizada moderna, não mais que metade das famílias dispõe de moradia própria. Nas grandes cidades e nas capitais, onde predomina a civilização, a percentagem dos que possuem casa própria é mínima. A esmagadora maioria paga por esse agasalho exterior, indispensável durante o verão e o inverno, uma taxa anual que daria para comprar um povoado de cabanas indígenas e que apenas serve para manter pobres seus moradores a vida inteira. Não insistirei sobre a desvantagem que consiste em alugar em vez de adquirir, mas é evidente que o índio tem casa própria porque lhe custa pouco, enquanto que o civilizado geralmente aluga porque não tem condições financeiras seja para comprá-la, seja para a longo prazo alugar coisa melhor. Alguém pode retrucar que, com o simples pagamento de uma taxa, o homem civilizado pobre garante uma moradia que é um palácio comparada à dos índios. Um aluguel anual de vinte e cinco a cem dólares (são estes os preços no país) confere ao inquilino o direito de beneficiar-se do progresso de séculos: cômodos espaçosos, paredes pintadas ou revestidas de papel, lareira Rumford, estuque, persianas, encanamento de cobre, fechadura com mola, adega ampla e muitas outras novidades. Entretanto como se explica que o homem civilizado usufruindo todas essas coisas seja tido por

pobre, enquanto que o selvagem, à falta de todas elas, seja rico em sua condição? Se se afirma que a civilização constitui de fato um progresso na condição humana — e eu em particular não discordo disso, embora somente o sábio aproveite-lhe as vantagens — deve-se demonstrar que a civilização produziu moradias melhores sem torná-las mais dispendiosas. Afinal, o preço de uma coisa é a quantia, à vista ou a prazo, do que chamarei de vida e que é exigida em troca. Uma casa comum nestas imediações deve custar em torno de oitocentos dólares e um trabalhador, mesmo sem encargos de família, levará de dez a quinze anos para reunir essa soma; — estimando-se o trabalho de um homem ao valor pecuniário de um dólar por dia, já que se alguns recebem mais, outros recebem menos — ele só terá condições de adquirir uma casa passada a primeira metade da vida. Supondo-se que ele opte por pagar um aluguel, isso não deixará de ser uma decisão duvidosa entre dois males. Nessas condições, seria sábio da parte do selvagem trocar sua cabana por um palácio?

Pode-se presumir que eu reduzo quase todas as vantagens da posse de tal propriedade supérflua à condição de fundo de reserva para o futuro, no que diz respeito ao indivíduo, sobretudo para ressarcir suas despesas funerárias. Mas talvez não se exija de um homem que ele enterre a si mesmo. No entanto, tudo isso aponta para uma importante diferença entre o homem civilizado e o selvagem. Não resta dúvida que se pretendeu nos favorecer ao se institucionalizar a vida do homem civilizado, fazendo com que a do indivíduo seja em grande medida absorvida, tendo em vista a preservação e o aperfeiçoamento da raça. Desejo, porém, mostrar o sacrifício que atualmente essa orientação acarreta e sugerir a possibilidade de uma vida que reúna todas as vantagens sem a contrapartida das desvantagens. O que quereis dizer ao falar do pobre que há em vós, ou dos filhos que sofreram nos dentes a conseqüência de os pais haverem comido as uvas verdes?

> *"Por minha vida, oráculo do Senhor Javé, não repetireis jamais este provérbio em Israel."*
>
> *"Todas as vidas me pertencem, tanto a vida do pai, como a do filho. Pois bem, aquele que pecar, esse morrerá."*

Quando observo meus vizinhos, os agricultores de Concord, cuja situação econômica se compara à de outras classes favorecidas, vejo que na maioria vêm labutando há vinte, trinta ou, quarenta anos, para poderem se tornar os verdadeiros proprietários de suas terras, que comumente herdaram com encargos financeiros, ou compraram por meio de empréstimos — e podemos atribuir um terço dessa labuta ao custo das casas — e regra geral, ainda não acabaram de pagar. Por incrível que pareça, em muitos casos os gravames ultrapassam o valor da propriedade a ponto desta vir a representar um verdadeiro estorvo, e contudo não falta quem as herde, mesmo consciente do que ocorre. Recorrendo aos fiscais do imposto, surpreendi-me ao saber que não podiam de imediato citar uma dúzia de pessoas em toda a cidade que já houvessem quitado em definitivo suas propriedades. Se quiserdes saber a história dessas fazendas, perguntai ao banco onde foram hipotecadas. O sujeito que de fato conseguiu pagar a sua com seu trabalho na terra, é tão raro que qualquer vizinho pode apontá-lo. Duvido que haja pelo menos três em Concord. O que se tem dito dos comerciantes, que na grande maioria de noventa e sete por cento vão à falência, é igualmente aplicável aos agricultores. No que concerne aos comerciantes, entretanto, diz um deles com muita propriedade que grande parte de seus fracassos não constituem a rigor falências monetárias mas a inadimplência de compromissos inconvenientes, ou seja, a quebra é de caráter moral. Mas isso piora infinitamente o aspecto da coisa e sugere por outro lado, que, com toda probabilidade, nem mesmo aqueles três lograram êxito ao escapar, mas talvez tenham quebrado de maneira mais grave do que os que faliram honestamente. A bancarrota e o repúdio são o trampolim de onde grande parte de nossa civilização se lança e retorna em seus saltos mortais, enquanto que o selvagem se apóia

na prancha estável da fome. Contudo a Feira de Gado de Middlesex realiza-se aqui, ano após ano com o maior brilho, como se todas as juntas da máquina agrícola estivessem lubrificadas.

O agricultor tenta resolver o problema da subsistência através de uma fórmula mais complicada que o próprio problema. Com habilidade consumada armou o laço para alcançar conforto e independência, mas ao voltar-se viu-se de pés atados na própria armadilha. Eis a razão por que é pobre; e por motivos semelhantes é que todos nós, embora cercados de luxo, somos pobres em relação a mil confortos contraditórios. Como canta Chapman[2]:

Em troca da grandeza terrena
a falsa sociedade dos homens
os bens celestiais evapora.

E quando afinal o agricultor consegue sua casa, pode por causa dela estar mais pobre em vez de mais rico, e a casa ter se tornado a dona dele. A objeção levantada por Momo quanto à casa construída por Minerva, é a meu entender válida *"pois não sendo móvel, não oferecia meios de se evitar* ***a*** *má vizinhança",* e pode-se ainda alegar que nossas casas são tão trabalhosas que em vez de nos sentirmos abrigados nelas, nos sentimos prisioneiros delas, e a má vizinhança a ser evitada não é outra senão a de nossas mesquinhas pessoas. Conheço pelo menos uma ou duas famílias aqui na cidade que, há quase uma geração, vêm desejando vender suas casas nos arredores e mudarem-se para o centro sem o conseguir, de maneira que só a morte as livrará desse intento.

Concedo que a *maioria* das pessoas é capaz de comprar ou alugar uma casa moderna dotada de todo conforto. Ao passo que a civilização vem melhorando nossas casas, não vem aperfeiçoando na mesma medida os homens que vão habitá-las. Tem criado palácios, mas criar nobres e reis não tem sido fácil. *E dado que os objetivos do homem civilizado não valem mais que os do selvagem, e que emprega a maior parte da sua vida na simples obtenção de necessidades grosseiras e confortos, por que há de ter moradia melhor que a do selvagem?*

Mas como se comporta a *minoria* pobre? Talvez venha a ser descoberto que, na exata proporção em que alguns, graças a circunstâncias exteriores, se colocaram acima do selvagem, outros foram degradados a nível inferior. O luxo de uma classe é contrabalançado pela indigência de outra. De um lado temos o palácio, do outro os asilos para mendigos. Os numerosíssimos operários que construíram as pirâmides, destinadas a túmulos dos faraós, alimentavam-se de alhos, e é bem provável que não tenham sido devidamente enterrados. O pedreiro que arremata a cornija do palácio, à noite talvez regresse a uma choça inferior às cabanas dos índios. É um engano se pensar que, num país onde existem as evidências costumeiras de civilização, as condições de vida de uma grande massa de habitantes não podem ser tão baixas quanto as dos selvagens. Refiro-me agora aos pobres degradados e não aos ricos que o são. Para aperceber-me disto, não preciso ir longe, basta contemplar as favelas que por toda parte bordejam as estradas de ferro, o mais recente progresso da civilização; e onde em minhas caminhadas diárias vejo seres humanos vivendo em chiqueiros, o inverno inteirinho de porta aberta por falta de luz e deixando entrever a ausência de uma pilha de lenha sequer para queimar, e velhos e jovens de formas contraídas pelo hábito de encolher-se do frio e da miséria, e cujo desenvolvimento de todos os membros e faculdades vê-se bloqueado. É mais que justo dar-se atenção a essa classe cujo trabalho contribuiu para as obras que distinguem esta geração. O mesmo ocorre, em maior ou menor grau, com os operários da Inglaterra, a grande oficina do mundo. Poderia lembrar-vos a Irlanda, assinalada nos mapas como um local de brancos esclarecidos. Comparai o físico do irlandês com o do índio norte-americano ou com o do ilhéu dos Mares do Sul, ou ainda com o do indivíduo de qualquer raça

[2] George Chapman (1559-1634), dramaturgo e poeta inglês. Destacou-se por suas peças de tradição shakespeareana e como tradutor de Homero.

selvagem antes de entrar em decadência pelo contato com o civilizado. Contudo, não tenho a menor dúvida de que os governantes desses povos são tão sábios quanto a média dos governantes civilizados. A condição deles apenas comprova quanta sordidez pode coexistir com a civilização. Nem preciso me referir agora aos trabalhadores de nossos Estados Sulistas que produzem os artigos de exportação deste país, e que são eles também um artigo básico de produção do Sul. Limito-me portanto àqueles cujas circunstâncias são tidas por *moderadas.*

Muitas pessoas parece que nunca pensaram o que é uma casa, e sem necessidade vivem pobremente a vida inteira, supondo que se obrigam a ter uma casa como a de seus vizinhos. Como se uma pessoa tivesse que vestir qualquer tipo de paletó que o alfaiate lhe cortasse, ou, despojando-se gradativamente do chapéu de palha ou do boné de pele se queixasse de tempos difíceis por não estar em condições de comprar uma coroa! É possível inventar-se uma casa ainda mais cômoda e luxuosa do que a que temos, mesmo que todos admitam que ninguém pode se permitir pagá-la. Temos de procurar sempre obter mais conforto material, em vez de em algumas ocasiões contentar-nos com menos? O cidadão respeitável há de, solenemente, com doutrinas e exemplos, ensinar ao jovem a necessidade de prover-se de sapatos de verniz e guarda-chuvas supérfluos, bem como de possuir antes que morra quartos vazios para hóspedes também vazios? Por que não usaríamos móveis simples como os dos árabes e indianos? Quando penso nos benfeitores da raça, que temos homenageado como mensageiros celestes, portadores de dádivas divinas para os homens, não consigo imaginá-los com nenhum séquito a seus calcanhares, nenhuma carroça carregando-lhes móveis de estilo. E se eu tivesse que admitir — não seria um tanto singular? — que nosso mobiliário deveria ser mais complexo que o árabe na mesma proporção em que lhe somos moral e intelectualmente superiores? Nos dias de hoje nossas casas se apresentam atravancadas e desfiguradas pelos móveis e uma boa dona-de-casa bem que lançaria grande parte deles no lixo, em vez de deixar a faxina matinal inacabada. Faxina matinal! Pelas madrugadas, qual deveria ser a ocupação matinal do homem neste mundo? Tive três peças de calcário em cima da minha escrivaninha, mas fiquei apavorado ao descobrir que precisavam ser espanadas todos os dias, quando o mobiliário da minha mente ainda estava por ser espanado, e aborrecido joguei-as pela janela. Como, então, iria eu ter uma casa mobiliada? Muito melhor seria sentar ao ar livre, pois a poeira não se acumula sobre a grama, a não ser nos trechos em que o homem arrancou-a do solo.

São as pessoas dadas ao luxo e à dissipação que lançam as modas que o rebanho tão documente segue. O viajante que se hospeda nas estalagens tidas por melhores, logo se dá conta disso pois os donos tomam-no por um sardanápalo e se este se entrega aos gentis favores deles logo se vê totalmente castrado. Sou de opinião que nos trens de estrada de ferro há uma tendência para se investir mais em luxo do que em segurança e conforto, requisitos sem os quais os trens quase se tornam um salão moderno, cheio de divas, pufes, sanefas e uma centena de objetos orientais, invenções para damas de harém ou para efeminados do Celeste Império e cujos nomes envergonhariam o homem comum. Mil vezes sentar-me à vontade em cima de uma abóbora do que comprimir-me entre outras pessoas numa almofada de veludo. Mil vezes dirigir um carro de boi, circulando livremente pela terra, do que dirigir-me ao céu no carro de luxo de um trem de excursão respirando malária todo o trajeto.

A absoluta simplicidade e o despojamento da vida que o homem levava nos tempos primitivos tinham pelo menos a vantagem de deixá-lo ser hóspede da natureza. Quando se sentia retemperado pelo alimento ou pelo sono, tinha a estrada novamente diante de si. Morava neste mundo como se fosse numa tenda e estava sempre palmilhando vales, cruzando planícies, galgando cumes de montanhas. Mas vejam só! Os homens se transformaram nos instrumentos de seus instrumentos. Aquele que na maior liberdade apanhava os frutos nas árvores quando sentia fome, tornou-se agricultor; o que se deixava ficar debaixo de uma árvore por abrigo, virou caseiro. Não mais acampamos por uma noite, mas nos instalamos na terra esquecidos do céu. Adotamos o Cristianismo como se se tratasse simplesmente de um método de agricultura aperfeiçoado. Construímos para este mundo uma mansão familiar e para depois da morte um jazigo de família. As melhores

obras de arte do homem exprimem a luta para libertar-se desta condição, porém o que resulta de nossa arte é tão só tornar confortável este estado inferior e nos fazer esquecer do outro mais elevado. Nesta cidade não há realmente lugar para uma obra de arte, se tivéssemos que herdar alguma para permanecer, porque nossas vidas, casas e ruas não lhe oferecem um pedestal condigno. Não há um prego em que se pendure um quadro, nem uma estante onde se coloque o busto de um herói ou de um santo. Quando reflito sobre a maneira pela qual nossas casas são construídas e pagas, ou deixam de ser pagas, e sua economia interna administrada e mantida, admiro-me que, enquanto uma visita se entretém vendo bugigangas sobre a lareira, o assoalho não ceda sob seu peso, deixando-a cair em pleno porão de encontro afinal com alicerces grosseiros mas sólidos e honestos. Não posso deixar de perceber que a vida considerada refinada e rica não passa de algo a que se ascendeu por um salto, e não consigo me deixar envolver no gozo das belas artes que a enfeitam, a atenção totalmente atraída para o salto, porque não me sai da mente que o maior pulo genuíno, isto é, graças exclusivamente a músculos humanos, de que se tem notícia até hoje, é o de certos árabes nômades que segundo consta atinge cerca de oito metros. Não resta dúvida de que, sem um apoio artificial, além dessa distância o homem dá com os costados no chão. A primeira pergunta que sou tentado a colocar ao proprietário dessa grande impropriedade é: "Quem te sustenta? Estás no rol dos noventa e sete que fracassaram ou dos três que tiveram êxito?" Responde-me primeiro a essas questões e então talvez eu possa dar uma olhada nas tuas quinquilharias e achá-las ornamentais. O carro adiante dos bois não é bonito nem útil. Antes de podermos adornar nossas casas com belos objetos as paredes devem estar nuas, nossas vidas devem estar despojadas, deve haver a base de uma boa administração doméstica e de uma vida harmoniosa. Todavia, o gosto pelo belo cultiva-se mais ao ar livre, onde não há casa nem caseiro.

O velho Johnson, no seu livro *"Wonder-Working Providence",* falando dos primeiros colonos desta cidade, contemporâneos seus, conta que *"eles se enterravam no chão, usando as encostas das montanhas como seu primeiro abrigo e jogando terra sobre madeiras faziam uma fogueira fumacenta no ponto mais alto da vertente."* Não *"providenciaram casas"*, diz ele, *"até que o solo, pela bênção do Senhor, produziu pão para alimentá-los"*, e a colheita do primeiro ano foi tão exígua que *"foram obrigados a cortar o pão em fatias muito finas por uma longa temporada"*. O Secretário da Província de Nova Holanda, escrevendo em holandês, pelo ano de 1650, para informação dos que desejavam obter ali uma concessão de terras, declara expressamente que *"em sua província e sobretudo na Nova Inglaterra, aqueles que não têm recursos para de entrada construírem sua casa de fazenda conforme gostariam, cavam um buraco quadrado no chão, tipo adega, de uns dois metros de profundidade e do comprimento e largura que acham conveniente, revestem de madeira a terra por dentro ao redor das paredes, forram a madeira com cascas de árvore ou algo que impeça a penetração de terra, assoalham esse porão com pranchas e cobrem-no com um teto feito de lambris, erguem um telhado de paus espaçados deitando sobre ele casca de árvore ou torrões de grama, de tal maneira que possam viver aí enxutos e aquecidos, em companhia da família inteira, por dois, três e até quatro anos, utilizando tabiques divisórios conforme o tamanho de cada família. Os homens abastados e importantes da Nova Inglaterra, nos primórdios da colônia, começaram morando em casas desse tipo por dois motivos: primeiro, para não perder com construções o tempo que deveria ser empregado no cultivo de alimentos para a estação seguinte; segundo, para não desencorajar os trabalhadores pobres que tinham trazido da Europa em grande número. Ao cabo de três ou quatro anos, quando o país se adaptou à agricultura, construíram então lindas casas, gastando nelas muitos milhões"*.

Agindo assim nossos ancestrais demonstraram pelo menos prudência, como se o princípio que os norteasse fosse o de satisfazer em primeiro lugar as necessidades mais prementes. E agora, estarão satisfeitas tais necessidades? Quando penso em adquirir uma moradia de luxo, detenho-me, porque, a bem dizer, o país ainda não se adaptou à cultura humana, e ainda nos vemos obrigados a cortar nosso pão espiritual em fatias mais finas do que nossos antepassados fizeram com o de trigo. Não quero dizer que todo ornamento arquitetônico deva ser. negligenciado mesmo nos períodos mais rudes, porém vamos em primeiro lugar revestir nossas casas de beleza que não sobrecarregue e esteja em contato com nossas vidas como a concha de um molusco. Mas, ai de mim! Já entrei em uma ou duas delas, e sei muito bem de que estão revestidas.

Embora não sejamos tão degenerados a ponto de não podermos mais viver em gruta ou cabana, ou vestir-nos de peles hoje em dia, é certamente bem melhor aceitarmos as vantagens, se bem que compradas a preço escorchante, oferecidas pela invenção e indústria humanas. Em nossas imediações, tábuas e cascalhos, cal e tijolos são mais baratos e acessíveis que grutas convenientes ou troncos inteiriços, cascas de árvore em quantidade suficiente, ou mesmo argila de boa qualidade e pedras lisas. Falo de cátedra sobre o assunto; pois me familiarizei com ele na teoria e na prática. Com um pouco mais de tino, podemos usar esses materiais de modo a nos tornarmos mais ricos do que os que agora são os mais ricos, e fazer da civilização uma bênção. O homem civilizado é um selvagem mais experiente e mais sábio. Mas vamos sem demora ao relato da minha experiência.

Lá pelos fins de março de 1845, tomei emprestado um machado e parti para os bosques próximos ao lago Walden, perto de onde eu pretendia construir minha casa, e precisando de madeira comecei a abater alguns pinheiros ainda novos, mas altos e pontiagudos. É difícil começar sem pedir emprestado, no entanto talvez isso seja uma maneira generosa de permitir que os companheiros participem de um empreendimento. O proprietário do machado, ao entregá-lo, disse que era a menina de seus olhos, e eu fiz questão de devolvê-lo mais afiado do que quando o recebi. Meu lugar de trabalho era uma encosta agradável, coberta de pinheiros atrás dos quais se via o lago e um pequeno campo em meio aos bosques onde brotavam pinheiros e nogueiras. O gelo no lago ainda não se dissolvera, embora houvesse aqui e ali espaços vazios e estivesse todo de cor escura e cheio de água. Houve algumas rajadas leves de vento e neve nos dias em que trabalhei lá; mas a maior parte do tempo quando regressava a casa seguindo o caminho da estrada de ferro, seus montes de areia amarela se estendiam cintilando na atmosfera enevoada, os trilhos brilhavam ao sol da primavera, e eu escutava a cotovia, o tirano e outros pássaros regressarem para dar início a mais um ano conosco. Eram agradáveis dias de primavera, o inverno do descontentamento humano derretendo-se junto com a terra, e a vida que tinha jazido letárgica começava a se espreguiçar. Um dia em que a lâmina de meu machado se desprendera do cabo enquanto cortava uma nogueira ainda verde para usá-la de cunha, e empurrando-a com uma pedra a mergulhara inteirinha numa reentrância do lago para que a madeira inchasse, vi uma cobra rajada entrar na água e jazer lá no fundo, sem deixar transparecer o menor desconforto o tempo todo que permaneci por lá, mais de um quarto de hora; talvez porque ela ainda não despertara por completo do seu estado de letargia. Tive a impressão de que por motivo semelhante os homens permanecem até hoje nesta condição baixa e primitiva, porém se eles sentissem o ímpeto da primavera despertando-os, necessariamente se levantariam para uma vida mais elevada e espiritual. Já havia visto anteriormente, ao caminhar por manhãs geladas, cobras no chão com partes do corpo ainda dormentes e imóveis, à espera de que o sol as descongelasse. No dia 1º de abril choveu, o gelo se fundiu e no começo do dia que foi muito nevoento, ouvi um ganso extraviado tateando às cegas por sobre o lago, cacarejando como se estivesse perdido, ou como se fosse o espírito da névoa.

Assim fui vivendo por alguns dias, cortando e rachando madeira, vigas e caibros, sempre com meu machado, sem muitos pensamentos eruditos a transmitir, cantarolando baixinho:

Os homens tanto conquistaram;
Vejam! Até asas tomaram -
Artes, ciências,
mil exigências.
E apenas do sopro do vento
o corpo tem conhecimento.

Desbastei as principais madeiras que tinham seis polegadas quadradas, a maioria das vigas apenas dos dois lados, e os caibros e tábuas para o chão de um lado só, deixando o restante com casca, de modo que ficassem retos e mais fortes do que se tivessem sido serrados. Cada estaca era cuidadosamente aparelhada para o encaixe, pois a essa altura eu já havia tomado por empréstimo outras ferramentas. Meus dias em pleno

bosque não eram longos, mesmo assim costumava levar a refeição de pão com manteiga e ler o jornal em que a embrulhara, sentando-me ao meio-dia nas verdes ramas de pinheiro que havia cortado e passando para o pão um pouco de seu aroma, já que minhas mãos estavam bastante impregnadas de resina. Antes de acabar a tarefa já era mais amigo que inimigo dos pinheiros, pois embora houvesse cortado alguns, agora os conhecia melhor. Às vezes, atraído pelo som do machado, alguém a passear pelos bosques vinha a meu encontro para um agradável dedo de prosa junto às lascas de madeira.

Lá pelos meados de abril, porque eu não corria com o trabalho, mas o degustava ao máximo, o esboço da casa estava pronto, podendo ela ser erguida. Por causa das tábuas, eu já comprara até a cabana de James Collins, um irlandês que trabalhava na estrada de ferro de Fitchburg. A cabana era considerada fora do comum de tão boa. Quando fui vê-la, o dono não estava em casa. Dei uma olhada por fora sem que ninguém me notasse, pois a janela era alta e recuada. Tratava-se de uma cabana pequena, com o telhado pontiagudo dos chalés e sem mais nada para se ver, o lixo de quase dois metros de altura amontoado ao redor. O telhado era o que havia de mais sólido embora um tanto ou quanto empenado e ressequido pelo sol. Debaixo da porta nenhuma soleira, só uma passagem livre por onde transitavam as galinhas. A senhora Collins chegou até a porta e convidou-me a ver a cabana por dentro. As galinhas se alvoroçaram quando me aproximei. Estava escuro e o chão, na maior parte de terra batida, era úmido, pegajoso e frio, com uma ou outra tábua imprestável para remoção. A mulher acendeu uma lâmpada para mostrar-me a parte interna do telhado e das paredes, assim como o soalho de tábuas que havia sob a cama, advertindo-me para não cair no porão, um buraco na terra com pouco mais de meio metro. Segundo suas próprias palavras havia *"tábuas boas em cima, tábuas boas em volta e uma boa janela",* originalmente de duas esquadrias, só que de uns tempos pra cá tinha virado passagem de gato. Havia um fogão, uma cama, um lugar para se sentar, uma criancinha nascida ali, uma sombrinha de seda, um espelho com moldura dourada, um moinho de café novo em folha pregado num toco de carvalho em broto, e era tudo. Logo fechamos negócio porque nesse meio tempo James Collins voltara. Cabia a mim pagar-lhe quatro dólares e vinte e cinco centavos aquela noite mesmo, enquanto ele desocuparia a cabana às cinco da manhã seguinte, sem vender até lá mais nada para ninguém. Às seis, eu tomaria posse da cabana. Seria bom, ele me preveniu, que eu estivesse lá cedinho, a fim de antecipar-me a certas reclamações vagas, mas totalmente injustas, a propósito de aluguel de terreno e combustível. Esse, ele me asseverou, era o único embaraço. Às seis, cruzei na estrada com ele e a família. Uma grande trouxa reunia todos os seus pertences — cama, moinho de café, espelho, galinhas — tudo menos o gato, que enveredou pelos bosques tornando-se selvagem, e, segundo soube mais tarde, caiu numa armadilha destinada às marmotas, passando por fim a gato morto.

Naquela mesma manhã desmontei a cabana, arrancando os pregos, e a removi para junto do lago com auxílio de um carrinho de mão que eu carregava e descarregava com as tábuas, espalhando-as ali sobre a grama para alvejarem e desempenarem sob ação do sol. Enquanto seguia pelas veredas dos bosques um tordo madrugador presenteou-me com um par de trinados. Um rapaz de nome Patrick informou-me traiçoeiramente que Seeley, um vizinho irlandês, mal eu dava as costas ocupado com o carreto, apoderava-se dos pregos que, bastante retos, ainda serviam, bem como dos grampos e cavilhas. Seeley lá permaneceu até à minha volta para me cumprimentar e presenciar a devastação como se tivesse chegado ali naquela hora, na maior tranqüilidade, com pensamentos primaveris, dizendo-me inclusive que lá se encontrava por não ter o que fazer. Estava ali como representante da platéia tornando aquele acontecimento, aparentemente insignificante, comparável à retirada dos deuses de Tróia.

Na encosta sul de uma colina cavei o porão, no local onde outrora uma marmota escavara a sua toca, bem fundo entre as raízes de sumagra e amora e de vegetais mais humildes, com dois metros quadrados e um pouco mais de profundidade, até atingir uma areia fina onde as batatas nunca se congelariam no inverno. Deixei as paredes em prateleiras recortadas no barro, sem me dar o trabalho de empedrá-las, pois sempre cobertas, sua areia se mantém inalterável. Gastei apenas duas horas de trabalho. Deleitei-me a violar o solo porque em todas as latitudes os homens cavam a terra em busca de uma temperatura estável. Sob a casa mais esplêndida da cidade, há. de se encontrar sempre um porão onde se armazenam as raízes como outrora, e

muito tempo depois que a superestrutura desapareceu a posteridade nota seu sinal na terra. A casa não passa de um pórtico erguido à entrada de uma toca.

Finalmente, no princípio de maio, com o auxílio de conhecidos, mais por aproveitar a oportunidade de estabelecer boa vizinhança do que por necessidade mesmo, levantei a estrutura da minha casa. Homem algum jamais se sentiu tão honrado quanto eu pelo caráter de seus ajudantes, que, confio, estão destinados a erguer algum dia estruturas mais altas. A 4 de julho instalei-me na casa, tão logo foram colocados o soalho e o telhado, as tábuas todas bem chanfradas e sobrepostas de modo a ficarem impermeáveis à chuva. Antes de assoalhar, porém, assentei num recanto os alicerces para uma lareira e com esse intuito subi a colina levando nos braços pedras que apanhava no lago e dariam para encher duas carretas. Depois de trabalhar com a enxada durante o outono, construí a lareira, e antes que o fogo se tornasse necessário para o aquecimento, cozinhava ao ar livre no chão, de manhã cedo — costume que me parece até hoje, sob alguns aspectos, bem mais conveniente e agradável. Se chovia antes que o pão estivesse pronto, resguardava o fogo com algumas tábuas, sentava-me debaixo delas a vigiar o pão, e ali passava horas amenas. Naqueles dias em que minhas mãos estavam sempre ocupadas, lia pouco, quando muito uns fragmentos de papel que jaziam pelo chão, pois o cabo de uma ferramenta ou uma toalha de mesa eram capazes de, cumprindo o mesmo propósito, proporcionar-me tanta diversão quanto a Ilíada.

Valia a pena construir de modo ainda mais deliberado, considerando, por exemplo, o fundamento que têm na natureza humana uma porta, uma janela, um porão e um sótão, abstendo-nos talvez de erigir qualquer superestrutura até justificá-la com um motivo mais forte mesmo que as necessidades temporais. A aptidão que leva os homens a construírem suas casas é semelhante a que leva os pássaros a construírem seus ninhos. Se os homens construíssem suas residências com as próprias mãos, e arranjassem alimento para si e a família de maneira bastante simples e honesta, quem sabe não desenvolveriam universalmente a faculdade poética, cantando como fazem todos os pássaros quando assumem um compromisso dessa natureza? Mas ai de nós! Agimos como os chopins e os cucos, que põem ovos em ninhos feitos por outros pássaros e cujos chilros sem melodia não animam o viajante. Abdicaremos sempre do prazer de construir, em favor do carpinteiro? Que representa a arquitetura na experiência da maioria dos homens? Em meus passeios nunca encontrei um sujeito empenhado na ocupação simples e natural de construir sua casa. Pertencemos à comunidade. Não é só o alfaiate que representa a nona parte do homem; pode-se dizer isso do pregador, do comerciante e do agricultor. Onde acabará a divisão do trabalho? E a serviço de que objetivo está, afinal? Não resta dúvida de que outra pessoa *pode* também pensar por mim, mas nem por isso é desejável que o faça, impedindo-me de pensar por mim mesmo.

É certo que há neste país os que se denominam arquitetos. Ouvi até falar de um dominado pela idéia de fazer com que os ornamentos arquitetônicos tenham um âmago de verdade, de necessidade e conseqüentemente de beleza, como se se tratasse de uma revelação para ele. Tudo de acordo talvez com seu ponto de vista, mas apenas um pouquinho acima do diletantismo comum. Reformador sentimental em matéria de arquitetura, começou pela cornija em vez dos alicerces. A questão era simplesmente a de colocar uma substância de verdade nos ornamentos, como os bons confeitos que devem levar uma amêndoa ou cariz — embora eu seja de opinião que as amêndoas sem açúcar são mais saudáveis — e não de como o habitante ou morador deva verdadeiramente construir por dentro e por fora, deixando os ornamentos à vontade. Que pessoa de bom senso terá pensado algum dia que os ornamentos não passam de algo externo e à flor da pele que o casco rajado da tartaruga, ou o madreperolado do molusco se deva a um contrato como o dos moradores da Broadway com a sua Igreja da Trindade? Não cabe ao homem fazer algo com o estilo arquitetônico de sua casa, como não cabe à tartaruga com o de sua carapaça, nem o soldado precisa ser tão desocupado a ponto de pintar na bandeira a *cor* exata de sua virtude. O inimigo há de descobri-la. Na hora do julgamento pode até empalidecer. Para mim esse arquiteto apóia-se na cornija e sussurra timidamente suas meias verdades para os rudes moradores que na realidade sabem muito mais que ele. O que vejo hoje em dia de beleza arquitetônica,

sei que se desenvolveu gradualmente de dentro para fora, brotando das necessidades e do caráter do ocupante, o único construtor — como fruto de nobreza e verdade inconscientes, sem a menor preocupação com a aparência; e qualquer beleza adicional desse tipo que venha a ser produzida, decorrerá igualmente de uma beleza de vida espontânea. Neste país, como bem sabe o pintor, as moradias mais interessantes são as mais despretensiosas: em geral as humildes cabanas de troncos e os chalés dos pobres; é a vida de quem as habita que torna as casas, como as conchas, tão pitorescas, e não alguma peculiaridade de superfície. A moradia do cidadão suburbano será igualmente interessante quando sua vida se tornar tão simples quanto agradável à imaginação, e for mínimo o esforço para causar efeito em seu estilo.

Grande parte dos elementos arquitetônicos são literalmente vazios, e as ventanias de setembro poderiam varrer-lhes as plumas emprestadas sem afetar o essencial. Quem não tem azeitonas nem vinho na adega pode se arranjar sem *arquitetura.* Que ocorreria se igual barulho fosse feito em torno das figuras de estilo na literatura, se os arquitetos de nossas bíblias gastassem com suas cornijas o mesmo tempo que os arquitetos de nossas igrejas? É assim que surgem as *belles lettres,* as *beaux arts* e respectivos professores. Até parece que preocupa muito ao homem como pedaços de madeira se inclinam em cima ou debaixo dele, e de que cores rebocam sua casa. Significaria algo, se a rigor, tivesse sido *ele* quem os houvesse disposto e pintado; mas tendo o espírito abandonado o morador, é como se se tratasse da construção do seu ataúde — a arquitetura funerária — e *"carpinteiro"* é sinônimo de *"fabricante de caixão".* Alguém tomado de desespero ou indiferença pela vida diz: apanha um punhado de terra a teus pés e pinta tua casa dessa cor. Pensará por acaso na estreita e última morada? Apostai que sim. Que excesso de ócio não terá essa pessoa! Para que apanhar um punhado de barro? Melhor pintar a casa na cor da vossa tez e que empalideça e enrubesça por vós. Que audácia aperfeiçoar o estilo arquitetônico dos chalés! Quando houverdes criado ornamentos para mim, hei de usá-los.

Antes que o inverno chegasse construí a chaminé e recobri as laterais da casa, já impermeáveis à chuva, com lascas desiguais e cheias de seiva, feitas do primeiro corte das toras e cujas arestas tive que acertar com a plaina.

Assim sendo, possuo uma casa bem revestida e rebocada, de três metros de largura por três e meio de comprimento, com dois e meio de altura, sótão, vestiário, ampla janela de cada lado, mais de um alçapão, porta numa extremidade e lareira de tijolos na outra, O preço exato da casa, desembolsando o custo habitual dos materiais que empreguei, sem contar com o trabalho todo feito por mim, foi como se segue; e dou pormenores já que pouquíssimos são capazes de dizer exatamente o que suas casas custaram, e muito menos de discriminar a despesa com os vários materiais que integraram a obra:

Tábuas	$8.03	1/2 Na maioria ripas.
Lascas de refugo para		
telhado e laterais	4.00	
Sarrafos	1.25	
Duas janelas de segunda		
mão envidraçadas	2.43	
Um milheiro de tijolos velhos	4.00	
Dois barris de cal	2.40	Saiu caro.
Corda	0.31	Mais do que precisava.

Suporte de ferro para lareira	0.15	
Pregos	3.90	
Dobradiças e parafusos	0.14	
Ferrolho	0.10	
Gesso	0.01	
Transporte	1.40	Carreguei boa porção nas costas.
	$28.12	1/2

Eis aí todos os materiais sem falar na madeira, pedras e areia de que me apropriei a título de colono. Disponho também de um pequeno depósito de madeira anexo, constituído sobretudo de sobras da construção.

Pretendo, tão logo me dê na veneta, construir para mim uma casa que supere em imponência e luxo qualquer das situadas na rua principal de Concord, e ela não há de me custar mais que a atual.

Descobri pois que o estudante que quiser abrigo pode obtê-lo para a vida inteira com a despesa equivalente ao aluguel que paga por ano. Se pareço me gabar mais do que convém, a justificativa é de que me orgulho mais pela humanidade do que por mim, minhas deficiências e contradições não afetando a verdade do que afirmo. Não obstante ambigüidades e hipocrisias — farelo que acho difícil separar do meu trigo e que lamento como qualquer um — quero respirar livremente e estender-me sobre o assunto, pois é um alívio para o corpo e para a alma, e decidi que por humildade não me tornarei o advogado do diabo. Falarei em nome da verdade, custe o que custar. Na faculdade de Cambridge, o simples aluguel de um quarto de estudante, um pouquinho só maior que o meu, é trinta dólares por ano, embora a instituição leve a vantagem de construir trinta e dois contíguos sob o mesmo teto, e o morador padeça os inconvenientes de vizinhos numerosos e barulhentos, além da eventualidade de morar no quarto andar. Não posso deixar de pensar que se fôssemos mais sábios nesses assuntos, não só precisaríamos de menos educação, porque certamente já a teríamos adquirido, como as despesas com fins educacionais desapareceriam em grande parte. As acomodações de que carece o estudante em Cambridge ou em qualquer lugar, custam a ele ou a outro dez vezes mais do que valeriam se houvesse uma administração adequada de parte a parte. As coisas pelas quais se pede mais dinheiro nunca são as que o estudante mais necessita. O ensino, por exemplo, é um item importante na conta da anuidade, enquanto não se cobra nada pela muitíssimo mais valiosa educação que o aluno adquire associando-se aos contemporâneos mais cultos. Em geral, a maneira de se fundar uma faculdade é abrir subscrição em dólares e centavos e, seguindo às cegas e com exagero os princípios da divisão do trabalho, que só com restrições deveriam ser seguidos, chamar um empreiteiro que faz disso matéria de especulações e por sua vez emprega irlandeses e outros operários para lançarem as fundações de fato, enquanto dos futuros estudantes se diz que estão se preparando para fazer isso; e por tais equívocos pagam sucessivas gerações. Acho que seria muito melhor para os estudantes, bem como para os que desejam se beneficiar com isso, lançarem eles mesmos as fundações. O estudante que usufrui cobiçado lazer e refúgio evadindo-se sistematicamente de qualquer trabalho necessário ao homem, obtém apenas um ócio ignóbil e sem proveito, privando-se da única experiência que pode tornar o ócio produtivo. *"Mas,"* objeta alguém, "o *senhor não quer dizer que os estudantes devam trabalhar com as mãos em vez de fazê-lo com as cabeças?"* Não digo exatamente isso, mas algo que pode achar bem parecido. Digo que os estudantes não deveriam *encenar* a vida, ou simplesmente *estudá-la,* enquanto a comunidade os sustenta nessa dispendiosa brincadeira, mas seriamente *vivê-la* do começo ao fim. Como poderiam os jovens aprender melhor a viver senão tentando a experiência da vida de uma vez por todas? Parece-me que isso lhes exercitaria a mente tanto quanto a matemática. Se eu

quisesse, por exemplo, ensinar a um garoto arte e ciências, não faria o que costumam fazer, isto é, mandá-lo à escola, onde se professa e se pratica tudo menos a arte de viver, onde o garoto vai observar o mundo através de telescópio ou microscópio e nunca a olho nu; onde vai estudar química e não aprender como é feito o pão, ou mecânica e não saber como é obtida; onde vai descobrir novos satélites de Desuno e não vai ver os cargueiros nos próprios olhos, ou de que vagabundo ele mesmo é um satélite; onde vai ser devorado por monstros que enlameiam a seu redor enquanto contempla monstros numa gota de vinagre. Quem, ao fim de um mês, teria aprendido mais, o garoto que fez sua própria faca de bolso do minério que escavou e fundiu, lendo apenas o necessário para isso, ou o que freqüentou aulas de metalurgia no instituto e nesse meio tempo ganhou do pai um canivete Foges? Qual dos dois correria mais risco de cortar os dedos? Para perplexidade minha fui informado ao deixar a faculdade que havia estudado navegação! Ora, se eu tivesse dado uma bolinha pelo porto, conheceria melhor o assunto. Mesmo o aluno *pobre* estuda e lhe é ensinado apenas economia política, enquanto aquela economia de viver, sinônima da filosofia, nem sequer é professada em nossas faculdades. O resultado disso é que o aluno ao mesmo tempo em que lê Adam Smith, Ricardo e Sai, faz com que seu pai se endivide irremediavelmente.

O que ocorre com nossas faculdades, ocorre com uma centena dos *"progressos de hoje em dia";* há a ilusão a respeito deles; nem sempre há um avanço positivo. O diabo prossegue até o fim extorqui-lo juros por sua participação inicial e sobre os numerosos investimentos posteriores. Nossos inventos costumam ser belos brinquedos que distraem a atenção das coisas sérias. Não passam de meios aperfeiçoados para atingir um fim que não se aperfeiçoou, um fim que já se encontrava lá e ao qual se chegava com facilidade, como estradas de ferro que levam a Boston ou a Nova York. Apressamo-nos a construir um telégrafo magnético entre Amaine e Texas, mas pode acontecer que Amaine e Texas não tenham nada de importante a se comunicar. Ambos podem se achar na situação daquele homem que, ansioso por ser apresentado a uma ilustre dama surda, quando a ocasião se lhe apresentou, o amplia dor sendo colocado em sua mão, não teve nada a dizer. Como se o objetivo principal fosse falar depressa e não com bom senso. Desejamos construir um túnel sob o Atlântico e trazer o velho mundo para perto de nós com algumas semanas de antecipação, mas pode muito bem acontecer que a primeira notícia a chegar aos ouvidos americanos seja a de que a princesa Adelaide está com coqueluche. No final das contas, o homem cujo cavalo corre um quilômetro e meio por minuto não leva as mensagens mais importantes, não é nenhum evangelista nem logra alimentar-se de gafanhotos e mel silvestre. Duvido que Laing Childers algum dia tenha carregado para o moinho uma porção de milho.

Alguém me diz: *"Estranho que não economizes dinheiro. Gostas de viajar, deves tomar o trem para Fitchburg hoje e visitar o campo."* Mas sou muito mais sabido. Aprendi que o viajante mais rápido é o que anda a pé. Replico a meu amigo: vamos apostar para ver quem chega primeiro. É uma distância de quarenta e oito quilômetros e a passagem custa noventa centavos, o que representa quase um dia de salário. Lembro-me de quando os trabalhadores da estrada de ferro ganhavam sessenta centavos por dia. Pois bem, faço agora esse caminho a pé, no meu ritmo habitual durante a semana, e chego lá antes de anoitecer. Nesse meio tempo Terá ganho o valor da passagem e chegará lá amanhã a qualquer hora, ou talvez esta noite ainda, se tiveres bastante sorte para arranjar um serviço a tempo. Em vez de prosseguir para Fitchburg estarás trabalhando aqui a maior parte do dia. Assim sendo, penso que se a estrada de ferro desse a volta ao mundo, estaria sempre à tua frente e para visitar o campo numa experiência dessa natureza, acabaria por romper relações contigo de uma vez.

Tal é a lei do universo e ninguém pode se furtar a ela, e no que se refere à estrada de ferro o que se pode dizer é que é tão larga quanto longa. Construir uma estrada de ferro ao redor do mundo, acessível à humanidade inteira, equivale a nivelar toda a superfície do planeta. Os homens têm uma vaga noção de que, se mantiverem durante bastante tempo a atividade conjunta de capitais e pás, terminarão por chegar a algum lugar, em pouco tempo e de graça. Embora uma multidão se aglomera na estação e o motorista grite: *"Entrem no trem!",* quando a fumaça desaparece e o vapor se condensa, logo se vê que só alguns embarcaram e que a maioria foi atropelada — e isso será chamado e será de fato *"um trágico acidente".* Não resta dúvida de que os

que afinal embarcaram devem ter feito Eus ao valor das passagens, isto é, se sobreviverem a tanto, mas provavelmente a essa altura já terão perdido o desejo e a disposição para viajar. O desperdício da melhor época da vida, sacrificando-se para ganhar dinheiro com o fito de usufruir de uma duvidosa liberdade na velhice, faz-me lembrar o inglês que partiu para a Índia a fim de fazer fortuna e depois voltar à Inglaterra para viver uma vida de poeta. Deveria ter se recolhido ao sótão de uma vez! "O *quê?"* exclamam milhares de irlandeses brotando de todos os barracos do país, *"por acaso a estrada de ferro que construímos não presta?"* Sim, respondo, é *relativamente* boa, pois poderíeis tê-la feito pior; mas uma vez que sois meus irmãos, preferiria que Tivéssemos empregado melhor vosso tempo em vez de ficar aí cavando na lama.

Antes que concluísse minha casa, desejando ganhar dez ou doze dólares com alguma ocupação honesta e agradável, para atender a despesas extraordinárias, plantei na vizinhança cerca de um hectare de terra leve e arenosa principalmente com feijão, mas também um pouco de batata, milho, ervilha e nabo. O lote inteiro, quase todo plantado de pinheiros e nogueiras, media quase quatro hectares e meio e foi vendido na estação passada à razão de vinte e um dólares e setenta e cinco centavos o hectare. Conforme um fazendeiro disse, *"só prestava para criar vigilantes esquilos."* Não sendo o proprietário, mas simplesmente o posseiro, não botei nenhum adubo na terra, nem a capinei toda de uma vez, pois não pretendia voltar a cultivá-la. Ao arar arranquei tocos de árvore para vários feixes de lenha, que me forneceram combustível algum tempo, deixando pequenos círculos de argila virgem, facilmente visíveis no verão em contraste com a fartura de feijões que ali havia. As madeiras velhas que se encontravam no fundo da casa, a maioria imprestáveis para se vender, bem como as que flutuavam no lago, forneceram-me o combustível restante. Vi-me obrigado a alugar uma junta de bois e contratar um lavrador para o serviço, embora eu mesmo manejasse o arado. Os gastos agrícolas com ferramentas, sementes e mão-de-obra foram, nessa primeira temporada, na ordem de $14.72 e 1/2 dólares. Ganhei as sementes de milho. A bem dizer não custam nada, a menos que se plante em grande quantidade. Colhi doze alqueires de feijão e dezoito de batata, além de ervilhas e milho doce. O milho amarelo e os nabos deram com atraso de maneira que não houve rendimento. Minha renda integral da lavoura foi:

	$23.44
Deduzindo as despesas	14.72 1/2
Restaram	8.71 1.2

sem falar no produto que foi consumido e no que eu tinha à mão quando fiz a estimativa, no valor de $4.50 — o total de que dispunha compensando de sobra o pequeno pasto que eu não cultivara. Tudo posto na balança, isto é, levando em consideração a alma do homem e o dia de hoje, não obstante o curto tempo da experiência, ou melhor, em parte devido a seu caráter transitório, creio que, naquele ano, levei vantagem sobre qualquer fazendeiro de Concord.

No ano seguinte ainda me dei melhor, porque cavei com a pá toda a terra de que precisava, cerca de mil e quatrocentos m^2, e aprendi, com a experiência de dois anos, a não me deixar intimidar pelas muitas obras célebres sobre agricultura, Artur Young entre elas, pois se a pessoa viver simplesmente e colher apenas o que plantou, não plantando excedentes para trocá-los por objetos dispendiosos e de luxo, necessitará cultivar apenas poucos metros de chão, sendo mais econômico cavar com a pá do que servir-se do arado com bois, bem como escolher um trecho virgem de tempos em tempos em vez de adubar o já usado, enfim, toda a indispensável tarefa agrícola pode ser executada nas horas vagas do verão, como se fosse com a mão esquerda, e com a vantagem de não se estar amarrado a um boi, cavalo, vaca ou porco, como sucede agora. Desejo falar imparcialmente sobre o assunto, como alguém desvinculado do sucesso ou fracasso da atual conjuntura sócio-econômica. Eu era mais independente que qualquer agricultor de Concord, já que não estava preso a nenhuma casa ou fazenda, podendo a qualquer hora seguir a inclinação do meu espírito, que é bastante arrevesado. Além de já me encontrar em situação melhor que a deles, se minha casa pegasse fogo ou minhas colheitas fracassassem, estaria quase tão bem quanto antes.

Costumo pensar que os homens não são tanto os guardadores de rebanhos quanto os rebanhos são os guardadores dos homens, pois aqueles são bem mais livres. Homens e bois trocam serviços; mas se considerarmos apenas o trabalho necessário, os bois levam vantagem, o campo deles sendo bem maior. No trabalho de intercâmbio o homem faz um pouco do que lhe cabe nas seis semanas de coleta do feno, faina que não é brincadeira. Certamente nenhuma nação que vivesse com simplicidade em todos os aspectos, isto é, nenhuma nação de filósofos cometeria o desatino de usar o trabalho dos animais. É verdade que nunca houve e é provável que nunca venha a existir uma nação de filósofos, nem tampouco estou convicto de que tal existência seja desejável. Entretanto, eu jamais amansaria ou alimentaria um cavalo ou um touro por conta de qualquer serviço que viesse a me prestar, simplesmente por medo de me tornar cavaleiro ou vaqueiro; e se a sociedade aparentemente ganha procedendo assim, estaremos certos de que o que representa lucro para uma pessoa não representa prejuízo para outra, e de que o garoto da cavalariça não mereça sentir-se tão satisfeito quanto o patrão? Concordo que certas obras públicas não teriam sido executadas sem esse tipo de ajuda, e que o homem divida tal glória com o boi e o cavalo; deduz-se daí que sozinho o homem não teria realizado obras ainda mais dignas de si? Quando os homens começam a fazer algo, não apenas supérfluo ou artístico mas faustoso e inútil, com a assistência dos animais, torna-se inevitável que alguns poucos façam o trabalho permutável com bois, ou, em outras palavras, que se convertam nos escravos dos mais fortes. Desse modo o homem não trabalha apenas para o animal que há dentro dele, mas por um símbolo, para o que há fora dele. Embora disponhamos de muitas casas imponentes, quer de tijolos, quer de pedras, a prosperidade do fazendeiro ainda se calcula pela proporção em que o estábulo sobrepuja a casa. Esta cidade é conhecida em todos os arredores por possuir as maiores estrebarias para bois, vacas e cavalos, construções que não ficam a dever nem aos edifícios públicos; por outro lado contam-se nos dedos os locais aqui onde se pode rezar ou discursar com total liberdade. Em vez de se autocelebrarem por meio da arquitetura, as nações não deveriam fazê-lo pelo poder de seu pensamento abstrato? O Bhagvat-Gita é muito mais admirável que todas as ruínas do Oriente. Torres e templos são luxo de príncipes. A mente simples e livre não moureja sob as ordens de nenhum príncipe. O espírito não é privilégio de nenhum imperador, nem lhe são exclusivos, a não ser em insignificante medida, a prata, o ouro e o mármore. Digam-me com que finalidade se malha tanta pedra? Quando estive na Arcádia, não vi pedras sendo lavradas. As nações são possuídas pela louca ambição de perpetuarem sua memória com a soma de esculturas que deixam. Que tal se esforços semelhantes fossem despendidos no sentido de aperfeiçoar e polir sua conduta? Uma obra de bom senso seria mais memorável que um monumento da altura da lua. Prefiro contemplar as pedras em seu lugar de origem. A grandeza de Tebas foi uma grandeza vulgar. O curto muro de pedras que delimita o terreno do homem honesto tem mais cabimento que as cem portas de Tebas estendendo-se além do verdadeiro fim da vida. Enquanto religiões e civilizações bárbaras e pagãs constroem templos esplêndidos, o que podeis chamar de cristandade, não o faz. A maioria da pedra que a nação talha se destina ao próprio túmulo. A nação se enterra viva. Com relação às pirâmides, nada há nelas que se admire tanto quanto o fato de milhares de homens terem-se degradado a ponto de empenharem suas vidas na construção do túmulo de algum ambicioso pateta, que de modo mais sábio e varonil poderia ter sido afogado no Nilo antes de seu cadáver ser entregue aos cães. Talvez eu pudesse até inventar uma desculpa para os operários e o faraó, mas não quero perder tempo com isso. Quanto à religião e ao amor à arte dos construtores, o mesmo ocorre em todo o mundo, trate-se de um templo egípcio ou de um banco norte-americano. Consta mais do que vale. A mola mestra é a vaidade, secundada pelo prazer de saborear o alho e o pão com manteiga. O senhor Balcom, jovem e promissor arquiteto, desenha com régua e lápis duro nas costas do seu tratado de Vitruvio, e a tarefa passa à firma de cantaria Dobson & Sons. Quando trinta séculos começam a contemplar a obra a partir do alto, a humanidade começa a contemplá-la a partir de baixo. Quanto a vossos monumentos e altas torres, havia certa vez nesta cidade um camarada maluco que tomou a peito cavar um túnel até a China, e levou o intento tão avante que, conforme disse, chegou a ouvir as panelas e as chaleiras da China chocalhando. Não sairei do meu caminho para admirar o buraco que fez. Muita gente se preocupa com os monumentos do Ocidente e do Oriente, quer saber quem os construiu. De

minha parte, gostaria de saber quem nessa época deixou de construí-los, quem estava acima de tais ninharias. Mas vamos às estatísticas.

Nesse meio tempo ganhei na cidade $13.34, com levantamento topográfico, carpintaria e diárias de vários tipos, já que tenho tantos ofícios como tenho dedos. As despesas de alimentação durante oito meses, — a saber de 4 de julho a 1º de março, data em que estes cálculos foram feitos; embora eu aí tenha vivido mais de dois anos, — sem contar com as batatas, um pouco de milho verde e as ervilhas que eu colhera, e também sem considerar o valor do que eu dispunha àquela altura, foram:

Arroz	$1.73	1/2		
Melado	1.73		A forma mais barata de sacarina	
Farinha de centeio	1.04	3/4		
Farinha de milho	0.99	3/4	Mais barata que a de centeio	
Carne de porco	0.22			
Farinha de trigo	0.88	}	Custa mais que a de milho, em dinheiro e mão-de-obra.	} Experiências que fracassaram
Açúcar	0.80			
Banha	0.65			
Maçãs	0.25			
Maçãs secas	0.22			
Batatas doces	0.10. '			
Uma abóbora	0.06			
Uma melancia	0.02			
Sal	0.03			

Sim, comi conforme se viu $8.74; não declararia assim sem constrangimento meu pecado se não soubesse que a maioria dos leitores se encontra em condições idênticas, e que o fato de suas contas aparecerem na imprensa não melhora a situação. No ano seguinte arranjei-me algumas vezes com peixe para o jantar e certa ocasião cheguei até a esquartejar e devorar, a título de experiência, uma marmota que devastara a plantação de feijões, efetuando, como diria um tártaro, a transmigração do animal. Se isso me proporcionou um deleite momentâneo, apesar do sabor almiscarado, logo vi que o uso freqüente não se transformaria numa boa prática, ainda que o açougueiro do povoado pareça ter marmotas preparadas para o consumo.

Roupas e algumas despesas eventuais no mesmo período, embora pouco se possa inferir desse item, montaram a:

	$8.40	3/4
Óleo e alguns utensílios domésticos	2.00	

Assim, com exceção de lavagens e consertos, feitos na maior parte fora de casa e cujas contas ainda não recebi, eis todos, e mais que todos, os meios pelos quais se gasta dinheiro neste canto do mundo:

Casa	$28.12	1/2
Agricultura, 1 ano	14.72	1/2
Alimentação, 8 meses	8.74	
Roupas, etc., 8 meses	8.40	3/4
Óleo, etc., 8 meses	2.00	
Total	$61.99	3/4

Dirijo-me, agora, aos leitores que têm que ganhar a vida. E para esclarecê-los, obtive com a venda de produtos agrícolas:

	$23.44
Ganhei com diárias	$13.34
Total	$36.78

que subtraído da soma de despesas deixa um saldo de $25.21 3/4 de uma parte — o que quase corresponde às minhas economias iniciais, e dá a medida dos gastos em que se há de incorrer — e de outra parte, junto com lazer, independência e saúde assim garantidos, uma confortável casa para mim, o tempo que eu quiser ocupá-la.

Por mais casuais e portanto desinstrutivas que possam parecer, essas estatísticas têm um certo valor devido a certa integridade. Não recebi nada de que não prestasse conta. Vê-se pelas estimativas apresentadas que só a alimentação me saía a vinte e sete centavos por semana. Durante quase dois anos a partir dessa data, consistiu em farinha de centeio e de milho sem fermento, batatas, arroz, um pouco de carne de porco salgada, melado e sal, e para beber, água. Era adequado que eu vivesse à base de arroz, sobretudo para quem apreciava tanto a filosofia indiana. Para ir ao encontro das objeções de alguns inveterados caviladores, devo declarar também que se jantei fora ocasionalmente, como é meu costume, e espero continue a sê-lo, foi freqüentemente em detrimento de meus arranjos domésticos. Mas o fato de comer fora, sendo, como já declarei, parte de meus hábitos, em nada afeta uma relação comparativa dessa natureza.

Aprendi com a experiência de dois anos que custaria inacreditavelmente pouco trabalho obter-se a alimentação necessária, mesmo nestas paragens; e que um homem pode adotar uma dieta tão simples quanto os animais e ainda assim conservar-se saudável e forte. Consegui jantar satisfatoriamente de vários pontos de vista, com um simples prato de beldroega *(portulaca oleracea)* que apanhei no meu roçado de milho, cozinhei e temperei com sal. Dou o latim por conta do apetitoso do nome trivial. E dizei-me que mais pode desejar um sujeito razoável, em tempos de paz e dias comuns, que um bom número de espigas de milho verde cozidas a que se acrescentou uma pitada de sal? Inclusive a pequena variedade que utilizei foi uma concessão aos apelos do apetite e não da saúde. Contudo os homens chegaram a tal ponto que amiúde morrem de fome, não por falta do necessário, mas por falta do supérfluo. Conheço até uma bondosa mulher crente cujo filho morreu porque passou a beber só água.

O leitor perceberá que trato do assunto mais de um ângulo econômico que dietético e não vai se dispor a testar minha abstinência a não ser que tenha uma despensa bem sortida.

A princípio fiz o pão com farinha de milho pura e sal, genuínas broas que assava no fogo ao ar livre, em cima de um cascalho ou na ponta de uma estaca serrada no depósito da construção; mas costumava encher-se de fumaça e pegar um gosto resinoso. Experimentei também com farinha de trigo, mas finalmente descobri uma mistura de centeio com farinha de milho, mais prática e gostosa. No tempo frio, não era pouca distração assar uma série de pãezinhos, estendendo-os e revirando-as com tanto cuidado quanto o de um egípcio com seus ovos de ninhada. Eram verdadeiros frutos de cereais que eu madurava, e tinham para meus sentidos uma fragrância como a de outros frutos nobres, que eu conservava o maior tempo possível enrolando-os em panos. Estudei a antiga e indispensável arte de fazer o pão, consultando as autoridades disponíveis, retrocedendo aos dias primitivos e à primeira invenção do tipo ázimo, quando da selvageria das carnes e das nozes, os homens alcançaram pela primeira vez a suavidade e o refinamento desta alimentação habitual, e caminhando cada vez mais em meus estudos até deparar-me com aquela fermentação acidental da massa, que, segundo se supõe, ensinou o processo de levedação, e que a partir daí através de várias fermentações levou-nos à obtenção do *"pão bom, doce e. saudável"*, sustentáculo da vida. O levedo, que alguns consideram a alma do pão, o *espírito* que enche suas células, que é preservado religiosamente como o fogo das vestais — imagino-o dentro de preciosa garrafa, trazido no *Mayflower* pela primeira vez para desempenhar sua missão na América, e cujo influxo vai crescendo até hoje, transbordando, espalhando-se em ondas de cereais por toda a terra — essa semente, eu costumava apanhar na aldeia com a maior devoção até que finalmente certa manhã, esquecido das instruções; eu a escaldei; acidente que me mostrou não ser o fermento indispensável, já que minhas descobertas seguiam o processo analítico e não o sintético. Passei a omiti-lo alegremente, embora muitas donas de casa me asseverassem, na maior seriedade, que não se podia fazer pão bom e saudável sem fermento e as pessoas mais idosas profetizassem um rápido declínio nas forças vitais. Contudo, não acho que seja um ingrediente essencial, e tendo passado um ano sem usá-lo, ainda estou no rol dos vivos; e me dou por feliz em escapar à vulgaridade de carregá-lo em meu bolso, num frasco correndo o risco de se abrir e entornar o conteúdo para constrangimento meu. É bem mais simples e respeitável dispensá-lo. O homem é um animal que mais do que qualquer outro pode se adaptar a todos os climas e circunstâncias. Não cheguei nem mesmo a adicionar ao pão bicarbo-nato de sódio ou qualquer ácido ou álcali. Parece até que o fazia seguindo a receita que Marcus Porcius Cato dera dois séculos antes de Cristo. *"Panem depsticium sic facito. Manus mortariumque bene lavato. Farinam in morta-rium indito, aquae paulatim addito, subigitoque pulchre. Ubi bene subegeris, defingito, coquitoque sub testu."* Que para mim significa: *"Faça-se o pão amassado do seguinte modo: Lavem-se bem as mãos e a vasilha. Coloque-se a farinha na vasilha, acrescente-se água pouco a pouco, amassando meticulosamente. Quando estiver bem amassada, que se lhe dê forma e se asse coberta"*, isto é, numa assadeira apropriada. Nenhuma palavra sobre o fermento. Porém nem sempre usei esse sustentáculo da vida. Houve época em que, devido à penúria do meu bolso, fiquei mais de um mês sem pão.

Qualquer habitante da Nova Inglaterra, terra do centeio e do milho, pode facilmente colher os ingredientes do pão sem precisar depender de mercados distantes e instáveis. Entretanto estamos tão longe da simplicidade e da autonomia que, em Concord, a farinha fresca e doce raramente é vendida nas lojas, e a canjica bem como o milho sob formas ainda mais grosseiras, dificilmente são utilizadas por alguém. Em geral, o fazendeiro dá ao gado e aos porcos o grão que ele produz, e compra no armazém a farinha, que no mínimo é menos saudável e mais cara.

Vi que eu poderia facilmente cultivar um ou dois alqueires de centeio e milho, já que o primeiro dá na terra mais pobre e o último não exige a melhor, triturá-los num moinho manual, e passar sem arroz e carne de porco; e se eu não pudesse dispensar alguma forma concentrada de adoçante, descobrira por experiência que podia preparar um excelente melado de abóboras ou beterrabas e sabia que bastava plantar uns poucos áceres para obtê-lo mais facilmente ainda, lançando mão enquanto estes cresciam de vários substitutos junto com os que já nomeei. *"Porque"*, como cantavam nossos antepassados,

---

"... para dar a nossos lábios bastante dulçor
com abóboras, cenouras e nogueiras fazemos licor."

Finalmente, quanto ao sal, o mais ordinário artigo de mercearia, obtê-lo ensejaria ocasião propícia para visitar o litoral; já eliminá-lo em definitivo, implicaria beber menos água. Ao que eu saiba, os índios nunca se deram ao trabalho de procurá-lo.

Desse modo, no que diz respeito à alimentação, podia evitar qualquer tipo de comércio e de trocas, e estando abrigado só me restaria arranjar roupa e combustível. As calças que ora visto foram tecidas pela família de um agricultor — graças a Deus ainda há muitas virtudes no homem; pois encaro a queda do agricultor para o operário tão grande e memorável quanto a do homem para o agricultor, e num país novo o combustível é um problema. Quanto ao *habitat,* se não me permitissem mais ocupar a terra, poderia comprar mais de 4.000 m^2 ao mesmo preço pelo qual a terra que cultivei foi vendida, a saber, oito dólares e oito centavos. Mas dadas as circunstâncias, julguei que aumentava o valor da terra estabelecendo-me nela.

Há um certo grupo de céticos que às vezes me fazem perguntas do tipo se acho que posso viver me alimentando exclusivamente de vegetais; e para atingir a raiz do assunto de uma vez por todas — porque a raiz é a fé — acostumei-me a responder-lhes que posso viver até à base de pregos. Se não podem entender isso, não podem entender grande parte do que tenho a dizer. Quanto a mim, alegra-me ouvir contar experiência desse tipo levada a efeito, como a do jovem que se alimentou durante uma quinzena com espigas de milho cruas e duras, utilizando como almofariz apenas os dentes. Os esquilos fizeram a mesma experiência e foram bem sucedidos. A raça humana se interessa por semelhantes demonstrações, embora algumas velhas, incapacitadas de levá-las a cabo ou que ganham percentagem nos moinhos, possam se alarmar.

Minha mobília, feita em parte por mim, e a restante não me custando nada de que eu já não haja prestado conta, consistia numa cama, uma mesa e três cadeiras, uma escrivaninha, um espelho com três polegadas de diâmetro, um par de tenazes e cães de lareira, uma chaleira, uma caçarola, uma frigideira, uma concha, uma bacia, duas facas e dois garfos, três pratos, uma xícara, uma colher, um jarro para óleo e outro para melado, e um lampião laqueado. Ninguém é tão pobre que precise sentar-se em cima de uma abóbora. Isso seria indolência. Há montes dessas cadeiras de que tanto gosto, nos sótãos do povoado, bastando apenas carregá-las. Mobília! Graças a Deus posso sentar-me e levantar-me sem recorrer a um depósito de móveis. Quem, senão um filósofo, não se envergonharia de ver sua mobília amontoada numa carroça percorrendo o campo, exposta à luz do céu e aos olhos dos homens, um miserável conjunto de caixas vazias? Aquela é a mobília de Spaulding! Nunca pude dizer, inspecionando semelhante carga, se pertencia a um homem tido por rico ou a um pobre; o proprietário sempre parecia indigente. Na verdade, quanto mais se possui tais coisas, mais pobre se é. Cada carregamento parece conter os pertences de uma dúzia de barracos; e se um só barraco é pobre, o carregamento o é doze vezes mais. Dizei-me para que nos mudamos constantemente senão para nos desembaraçarmos de nossos móveis ou *exuviae;* e por último passarmos deste mundo a outro recém mobiliado, deixando este para ser incinerado? É como se todos esses tarecos estivessem afivelados ao cinto de uma pessoa que não se pudesse mover ao longo do terreno acidentado em que nossas linhas foram lançadas, sem arrastá-los — arrastando a sua armadilha. Felizarda a raposa que deixou seu rabo no laço. O rato almiscareiro roerá sua terceira pata para livrar-se. Não causa espanto que o homem tenha perdido a elasticidade. Com que freqüência não se defronta com um beco sem saída! *"Senhor, se me permitis a audácia, o que quer eis dizer por beco sem saída?"* Se és observador, onde quer que encontres um homem hás de ver atrás dele tudo o que possui, e muito do que finge renegar como seu, inclusive os utensílios de cozinha, e todos os cacarecos que guarda e não irá queimar, e com os quais parece equipado e vai avançando como pode. Penso que um homem está num beco sem saída quando ao ter atravessado um buraco na madeira ou um portão, seu carrinho de mão com a mudança não pode segui-lo. Não posso deixar de sentir compaixão quando ouço um sujeito elegante, bem parecido, aparentemente livre, bem dotado e expedito, falar de seus *"móveis",* se estão ou não no seguro. *"Mas o que é que vou fazer com os móveis?"* Meteu-se a alegre borboleta numa teia de aranha. Mesmo os que por muito tempo parecem não ter nenhum móvel, se indagarmos com mais cuidado descobriremos que têm alguns guardados no celeiro de outra pessoa. Vejo a Inglaterra hoje em dia como um

cavalheiro viajando com uma quantidade enorme de bagagem, quinquilharias acumuladas no contínuo manejo de uma casa e que não se encoraja a queimar, malão, malinha, caixa para chapéus e trouxa. Jogai fora pelo menos os três primeiros. Nos dias atuais ultrapassaria as forças de um homem com saúde apanhar sua cama e sair andando, e eu certamente aconselharia a um doente que a deixasse no chão e corresse. Quando encontrei um imigrante cambaleando com uma trouxa que reunia seus pertences — parecendo até um enorme bócio que lhe tivesse crescido na nuca — tive compaixão dele, não porque a trouxa fosse tudo que possuía, mas porque possuía tudo aquilo para carregar. Se eu tiver que arrastar meu mundéu de objetos, atentarei para que seja leve e não me belisque nenhuma parte vital. Mas talvez o mais sábio seja não meter a mão nessa cumbuca.

A propósito disso gostaria de lembrar que não gasto um tostão com cortinas, pois não tenho que impedir o olhar insistente de ninguém, a não ser do sol e da lua, os quais para mim são sempre bem-vindos. A lua não azedará meu leite nem apodrecerá minha carne, nem o sol estragará meus móveis ou desbotará meu tapete, e se este algumas vezes é um amigo demasiado caloroso, acho mais econômico recolher-me à sombra de alguma cortina fornecida pela natureza do que acrescentar um único item às miuçalhas da casa. Uma senhora, certa vez, me ofereceu um capacho, mas como não tinha espaço de sobra na casa, nem sequer tempo em casa ou fora para dispensar sacudindo-o, declinei do presente, preferindo limpar os pés na grama em frente à porta. E melhor cortar o mal pela raiz.

Não faz muito tempo assisti ao leilão dos bens de um diácono, já que sua vida fora bem sucedida:

"O mal que os homens fazem não morre com eles."

Como de costume, grande parte eram quinquilharias acumuladas desde a época de seu pai. Em meio às coisas restantes, estava uma tênia seca. Após permanecerem meio século no sótão e em outras tocas poeirentas, a essa altura não eram queimadas; em vez de uma fogueira, ou destruição purificadora, promovia-se um *leilão,* ou aumento de bens. Os vizinhos acorreram pressurosos para examiná-los e comprá-los todos, transportando-os cuidadosamente para seus sótãos e tocas empoeiradas, a fim de permanecerem lá até que suas posses sejam liquidadas, quando tudo recomeçará. Ao esticar a canela o homem dá pontapé na poeira.

Quem sabe poderíamos, com proveito, imitar os costumes de algumas nações selvagens, que uma vez por ano procedem como se abandonassem sua pele velha? Elas têm a intuição da coisa, quer tenham ou não a realidade. Não seria tão bom se celebrássemos um *busk* ou *"festa dos primeiros frutos",* tal qual faziam os índios Mucclasse, na descrição de Bartram? *"Quando um povoado celebra o busk,"* diz ele, *"tendo de antemão se abastecido de roupas, vasilhas e panelas novas, além de outros móveis e utensílios domésticos, juntam todas as roupas usadas e demais objetos desprezíveis, varrem e limpam as casas, a praça e a cidade inteira, jogando o lixo, os grãos que sobraram e outras provisões velhas num monte comum em que tocam fogo. Depois de tomarem remédios e jejuarem três dias, o fogo é totalmente apagado. Nesse período de jejum, a população se abstém de satisfazer qualquer tipo de apetite ou paixão. Proclama-se uma anistia geral e os malfeitores podem retornar ao povoado.*

Na manhã do quarto dia, o sumo sacerdote, esfregando lascas de madeira seca na praça pública, produz um fogo novo, do qual chamas novas e puras são distribuídas por todas as habitações."

Então eles festejam comendo milho verde e frutos, dançando e cantando durante três dias *"e nos quatro dias seguintes recebem visitas e se confraternizam com os amigos das aldeias próximas, que por sua vez já se purificaram e prepararam de modo parecido".*

Os mexicanos também praticavam uma purificação semelhante ao fim de cada cinqüenta e dois anos, na crença de que já era tempo de o mundo acabar.

Raramente ouvi falar de um sacramento mais verdadeiro do que esse, isto é, *"sinal visível exterior de uma graça espiritual interior",* segundo a definição do dicionário, e não ponho em dúvida que na origem foram diretamente inspirados dos céus para agir assim, conquanto não haja texto bíblico para a revelação.

Durante mais de cinco anos, mantive-me, pois, graças unicamente ao trabalho de minhas mãos, e descobri que trabalhando cerca de seis semanas por ano, poderia cobrir todas as despesas necessárias à subsistência. Os invernos inteirinhos, bem como grande parte dos verões, eu tinha livres e desimpedidos para o estudo. Esforcei-me na manutenção de uma escola e descobri que gastava tudo o que ganhava e até mais, porque tinha que me vestir, treinar, para não falar em pensar e crer, de maneira adequada, perdendo tempo nessa barganha. Como não lecionava para o bem dos companheiros, mas apenas como meio de vida, a experiência foi um fracasso. Tentei o comércio, mas vi que levaria dez anos para me afirmar nisso, após o que, provavelmente, já teria vendido a alma ao diabo. No fundo, eu temia estar, a essa altura, fazendo o que se chama um bom negócio. Outrora, quando procurava um meio de vida, ainda marcado por experiências tristes ao tentar condescender ao desejo de amigos e desconfiado com a minha ingenuidade, pensei muitas vezes seriamente em apanhar mirtilos, ocupação que eu poderia com certeza desempenhar e cujos pequenos lucros seriam suficientes — já que a minha maior habilidade tem sido a de precisar de pouco — pois requeria um capital pequeno, e pensava, tolamente, que me distrairia um pouco dos meus amuos habituais. Enquanto pessoas conhecidas aderiam sem hesitações ao comércio ou a alguma profissão, eu cogitava dessa atividade como os outros das suas; via-me percorrendo as colinas o verão inteiro para colher os mirtilos que encontrasse e em seguida dispor deles descuidadamente, enfim tomar conta dos rebanhos de Admeto. Também sonhei que podia apanhar ervas silvestres ou trazer ramos de sempre-verdes para os aldeãos nostálgicos dos bosques, e até para as pessoas da cidade, valendo-me das carroças de transportar feno. Mas aprendi então que o comércio amaldiçoa todas as coisas que toca; e ainda que negocieis mensagens celestes, a maldição inteira do comércio acompanha a transação.

Como tinha minhas preferências e valorizava a liberdade, e como podia viver com modéstia mesmo ganhando bem, não desejava por enquanto malbaratar meu tempo, gastando com ricos tapetes e demais objetos de luxo, ou cozinha requintada, ou ainda casa em estilo clássico ou gótico. Se há pessoas para quem não representa desgaste adquirir tais objetos, e que sabem como usá-los, deixo-lhes o encargo. Algumas são *"dinâmicas"* e parecem amar o trabalho para seu próprio bem, ou talvez porque as afaste de piores males; a essas não tenho no momento nada a dizer. Àquelas que não saberiam o que fazer com mais tempo disponível, aconselho a trabalharem em dobro — trabalhem até se emanciparem pagando pelas próprias cartas de alforria. De minha parte descobri que a tarefa de diarista era a mais independente de todas, em especial porque exigia apenas trinta ou quarenta dias de trabalho por ano para manter alguém. O dia do trabalhador acaba com o pôr-do-sol, quando está livre para dedicar-se à ocupação que escolhe, independente de seu trabalho; mas seu patrão, que especula de mês a mês, não tem sossego do começo ao fim do ano.

Para resumir, estou convencido, por fé e experiência, que a automanutenção neste mundo não é um sofrimento mas um passatempo, se a pessoa viver de modo simples e sábio; tanto que as ocupações dos povos mais simples são os esportes dos mais sofisticados. Não é necessário que um homem ganhe a vida com o suor de seu rosto, a não ser que ele sue muito mais que eu.

Um jovem das minhas relações, herdeiro de alguns hectares, disse-me que pensava em viver como eu, *se tivesse meios.* Não gostaria que alguém adotasse *meu* modo de vida por motivo nenhum; pode ocorrer que antes que o aprenda, eu já tenha descoberto outro para mim, e além disso desejo que haja no mundo tanto quanto possível pessoas diferentes. Gostaria, sim, que cada um se empenhasse em descobrir e seguir *seu próprio* caminho, em vez do trilhado por seu pai, sua mãe ou seu vizinho. Que o jovem construa, plante ou

viaje, contanto que não seja impedido de fazer aquilo que, segundo ele, gostaria de fazer. Somente de um ponto de vista matemático é que somos sábios, como o marinheiro e o escravo fugitivo que não perdem de vista a estrela Polar. Esta lhes serve de guia pela vida toda. Podemos não chegar ao porto dentro de um determinado prazo, mas devemos nos conservar na rota certa.

Não resta dúvida de que neste caso, o que é verdadeiro para um, é ainda mais verdadeiro para mil, do mesmo modo que uma casa grande não é proporcionalmente mais cara que uma pequena, já que um só telhado pode cobrir, um porão apenas formar a base e uma única parede separar vários compartimentos. Eu, porém, dei preferência à moradia isolada, pois, geralmente, sai mais barato construir tudo sozinho do que convencer outra pessoa da vantagem de uma parede comum; e quando se consegue isso, a parede divisória, para ficar mais econômica, deve ser estreita, e a outra pessoa pode se revelar má vizinha e não cuidar da conservação do seu lado. Comumente a única cooperação possível é demais relativa e superficial; e onde há pouca cooperação verdadeira, é como se não houvesse, tornando-se harmonia inaudível aos homens. Se o sujeito tem fé, colaborará com a mesma fé onde quer que seja; se não tem, viverá como todo mundo, seja qual for a companhia. Cooperar, no sentido mais elevado como no mais vulgar, significa *ganhar a vida iuntos.* Recentemente, ouvi falar de dois jovens que se propuseram a percorrer o mundo juntos, um sem dinheiro, ganhando pouco a pouco o sustento à frente de um barco ou atrás de um arado, o outro com uma letra de câmbio no bolso. Era de se prever que não poderiam ser companheiros, ou colaboradores por muito tempo, já que um deles não *laboraria* em nada. A primeira crise de interesses no decorrer da viagem se separariam. E antes de mais nada, como se subentende, o homem que anda sozinho pode partir hoje mesmo; mas o que viaja em companhia tem que esperar até que o outro se apronte, e muito tempo pode se passar antes que partam.

Mas tudo isso é muito egoísta, tenho ouvido meus concidadãos dizerem. Confesso que até agora condescendi muito pouco com empreendimentos filantrópicos. Tenho feito alguns sacrifícios para cumprir com o dever, sacrificando inclusive o prazer deste. Há pessoas que usaram de todas as artimanhas para me persuadirem de arcar com a manutenção de umas famílias pobres da cidade; e se eu não tivesse nada a fazer — porque o demônio logo providencia encargos para o ocioso — poderia dar uma mãozinha em algum afazer dessa espécie. Entretanto, quando pensei em me entregar a esse projeto, conquistando o Céu delas em troca da obrigação de manter confortavelmente, sob todos os aspectos, como faço comigo, certas criaturas pobres, chegando ao ponto de formular a estas minha oferta, todas, sem a menor hesitação, preferiram permanecer pobres. Uma vez que meus concidadãos se dedicam de tantas maneiras ao bem dos semelhantes, confio que pelo menos um pode ser poupado para outras atividades menos humanitárias. A caridade, como outras ocupações, exige vocação. Quanto à prática do bem, eis uma profissão muito concorrida. De mais a mais, empenhei-me com seriedade, e, por incrível que pareça, estou satisfeito que não condiga com a minha natureza. Provavelmente eu não deveria, em sã consciência e por expressa vontade, renunciar a meu chamado particular para praticar o bem que a sociedade cobra de mim, visando salvar o universo do aniquilamento; e creio que uma fortaleza parecida, mas infinitamente maior, em algum lugar, é tudo o que ainda o preserva. Entretanto, eu nunca interferiria na vocação de ninguém, e àquele que executa, com todas as forças do coração e da alma, esse trabalho que recuso, diria: "Persevera nele, ainda que todo o mundo o chame de prejudicial, o que se dará com toda a probabilidade".

Estou bem longe de supor que meu caso seja um caso à parte; muitos de meus leitores, sem dúvida, se defenderiam de modo semelhante. Ao fazer qualquer coisa, não garanto que os vizinhos a proclamem boa, mas afirmo que sou um sujeito capaz no serviço, cabendo ao meu empregador comprová-lo. Qualquer *bem* que eu faça, no sentido comum dessa palavra, deve ficar à margem de minha rota principal, e ocorrer na maioria das vezes sem a menor intenção. Praticamente, as pessoas dizem: Começa onde estás e como és, sem aspirar a crescer em valor, e depois, com premeditada amabilidade, prossegue fazendo o bem. Se eu fosse obrigado a pregar nesse tom, preferiria dizer:

Decide-te a ser bom. Como se o sol parasse após ter acendido seus fogos ao esplendor de uma lua ou estrela de sexta grandeza, e circulasse que nem um Robin Goodfellow, espiando pelas janelas dos chalés, inspirando lunáticos, apodrecendo carnes e fazendo visível a escuridão, em vez de, aumentando com firmeza seu imenso calor e sua beneficência até se tornar tão brilhante que nenhum mortal possa encará-lo, e então, bem como nesse meio tempo, ir girando pelo mundo na sua própria órbita, fazendo-o bom, ou melhor, como uma filosofia mais verdadeira descobriu, o mundo girando a seu redor e ficando bom. Quando Febo, desejoso de provar sua origem celeste pela beneficência, tomou as rédeas da carruagem do sol por um dia e desviando-se da estrada demarcada, queimou vários conjuntos de casas nas ruas inferiores do céu, crestando a superfície da terra, secando todas as fontes e criando o grande deserto do Sahara, Júpiter, com um raio, precipitou-o de cabeça para baixo na terra, e o sol, em luto por sua morte, não brilhou durante um ano.

Não há cheiro pior que o que emana da bondade corrompida. É carniça humana e divina. Se eu soubesse com toda a certeza que um sujeito vinha em direção de minha casa no firme propósito de me fazer o bem, correria em disparada como se me defrontasse com aquele vento seco e abrasador, o *simum* dos desertos africanos, cuja poeira vos penetra a boca, o nariz, os ouvidos e os olhos vos sufocando, correria de puro medo de que conseguisse me fazer algum bem, de que esse vírus se misturasse a meu sangue. Não, neste caso prefiro sofrer o mal espontaneamente. Para mim, um *homem* não é bom porque me alimentará se eu estiver com fome, ou me aquecerá se eu sentir frio, ou me retirará de um poço se eu vier a cair dentro de algum. Posso mostrar-vos um cão *Newfoundland* que fará tudo isso. Filantropia, na acepção mais ampla, não é amor pelo próximo. Howard foi sem dúvida um homem excepcionalmente amável e digno à sua maneira, e teve sua recompensa; mas, falando em termos comparativos, de que nos serve uma centena de Howards, se a filantropia deles não nos ajuda a melhorar de condição, no que somos mais dignos de ajuda? Nunca ouvi falar de reunião filantrópica em que fosse proposto com sinceridade fazer-se algo de bom para mim ou para meus semelhantes.

Os jesuítas ficaram totalmente desapontados com aqueles índios que, ao serem queimados nas estacas, sugeriram novos modos de tortura aos algozes. Desdenhando do sofrimento físico, mostravam-se por vezes acima de qualquer consolo que os missionários pudessem oferecer; e o preceito de tratar o próximo como gostaria de ser tratado não impressionou os ouvidos daqueles que não se importavam em como eram tratados, que amavam os inimigos de um modo inédito, a ponto de lhes perdoar tudo.

Certificai-vos de que estais prestando aos pobres o auxílio, de que mais precisam, ainda que seja o vosso exemplo o que os deixa bem atrás. Se lhes dais dinheiro, dai-vos juntamente, em vez de apenas entregá-lo em suas mãos. Às vezes cometemos erros curiosos. Freqüentemente o pobre está mais sujo, maltrapilho e repulsivo do que friorento e faminto. Deve-se em parte ao seu gosto e não ao seu infortúnio. Se lhe dais dinheiro, talvez vá comprar mais trapos. Costumava apiedar-me dos canhestros operários irlandeses que cortavam gelo no lago, com roupas míseras e esfarrapadas, enquanto eu tremia dentro das minhas muito mais arrumadas e elegantes, até que num dia extremamente frio, um deles tendo escorregado dentro d'água veio a minha casa para aquecer-se, e eu o vi tirar três calças e dois pares de meias antes de ficar pelado; embora estivessem sujas e bastante andrajosas, o fato é que ele podia se permitir recusar a roupa *extra* que eu lhe oferecia, pois dispunha de muitas *intra*. Esse mergulho era tudo de que precisava. Passei então a ter pena de mim e vi que seria caridade maior doarem uma camisa de flanela para mim do que uma loja inteira de roupas para ele. Em cada mil pessoas podando os galhos do mal há uma tentando arrancá-lo pela raiz, e é bem possível que aquele, que dedica a maior parte de seu tempo e dinheiro socorrendo os necessitados, esteja contribuindo com seu modo de vida para gerar a mesma miséria que se esforça em vão por aliviar. E o que acontece quando um senhor de escravos piedoso dedica o lucro, que obtém de cada décimo escravo, comprando a folga domingueira para os restantes. Alguns manifestam a generosidade pelos pobres empregando-os em suas cozinhas. Acaso não seriam mais bondosos se eles mesmos se dedicassem a esse serviço? Gabai-vos de gastar a décima parte de vossas rendas praticando caridade; talvez devêsseis gastar os nove décimos, liquidando-a de uma vez. A sociedade recupera apenas um décimo da propriedade. Deve-se isso à generosidade dos proprietários ou à negligência dos juízes?

A filantropia é quase a única virtude suficientemente apreciada pela humanidade. Digo mais, é grandemente supervalorizada, e é o nosso egoísmo que a supervaloriza. Um belo dia de sol aqui em Concord, um homem pobre mas saudável elogiou-me um concidadão, porque, disse, era bondoso com os pobres — e aludia a si mesmo. Os caridosos tios e tias de um povo são mais estimados do que seus verdadeiros pais e mães espirituais. Certa vez ouvi um reverendo pregador, homem culto e inteligente, que, falando sobre a Inglaterra após enumerar os valores científicos, literários e políticos do país, Shakespeare, Bacon, Cromwell, Milton, Newton e outros, logo falou de seus heróis cristãos, os quais, como se fosse exigência de seu ofício, guindou a uma posição bem acima de todos os outros, como sendo os maiorais entre os maiores. Tais celebridades eram Penn, Howard e Mrs. Fry. Todo mundo deve sentir a falsidade e a demagogia disso. Essas pessoas não eram os melhores homens e mulheres da Inglaterra; quando muito seus melhores filantropos.

Longe de mim diminuir o louvor a que a filantropia tem direito, quero apenas pedir justiça para todos aqueles cujas vidas e obras são bênçãos para a humanidade. Não valorizo antes de tudo a retidão e a benevolência de um homem, que são dele, por assim dizer, o caule e as folhas. Aquelas plantas de cujo verdor fenecido fazemos chá para os doentes, servem apenas para finalidades humildes, sendo muito usadas pelos curandeiros. Quero a flor e o fruto do homem; que algo de sua fragrância sopre em minha direção e que sua madureza tempere nosso relacionamento. A bondade do homem não deve ser um ato avulso e transitório, mas um transbordamento constante que não lhe custe nada e do qual esteja inconsciente. Eis a caridade que esconde uma porção de pecados. Em geral, o filantropo cerca o gênero humano de uma atmosfera de recordações das próprias desditas que este rejeita, e chama isso de piedade. Deveríamos transmitir nossa coragem e não nosso desespero, nossa saúde e bem-estar, e não nossa doença, e acautelar-nos para que esta não se espalhe por contágio. De que planícies do sul sobe a voz do pranto? Sob que latitudes mora o pagão a quem enviaríamos luz? Quem é aquele sujeito destemperado e brutal que gostaríamos de redimir? Se algo perturba um homem impedindo-o de desempenhar suas funções, mesmo se se trata de uma dor de barriga — pois eis a sede da solidariedade — *incontinenti* se põe a reformar o mundo. Sendo ele mesmo um microcosmo, descobre — e se trata de uma descoberta verdadeira, e ele é a pessoa indicada para revelá-la — que todo mundo está comendo maçãs verdes; de fato, a seus olhos, o próprio globo terrestre se lhe afigura como uma grande maçã verde, a qual corre o terrível perigo de ser mordida pelas crianças antes de estar madura; e imediatamente sua drástica filantropia busca os esquimós e os patagônios e abarca as populosas aldeias da Índia e da China; e assim em poucos anos de atividade filantrópica, durante os quais é usado pelos poderosos, que têm em vista seus próprios fins, cura-se com toda certeza de sua dispepsia, o globo terrestre adquire um leve rubor em uma ou em ambas as faces, como se estivesse começando a amadurecer, e a vida perde a sua crueldade e se torna mais uma vez agradável e salutar. Nunca imaginei perversidade maior que a que cometi. Jamais conheci e jamais conhecerei homem pior que eu.

Creio que o que tanto entristece o reformador não advém da simpatia que nutre pelos companheiros em desgraça, mas da sua dor particular, por mais santo que seja esse filho de Deus. Uma vez que tudo se acerte, que a primavera irrompa para ele, e a manhã desponte sobre seu leito, abandonará sem se desculpar os numerosos companheiros. Minha justificativa por não combater o uso do tabaco, é que nunca o masquei, embora haja mascado muitas coisas que poderia combater. Os viciados convertidos têm que pagar essa penalidade. Se por acaso vos enredardes em alguma dessas filantropias, não vale a pena deixar que a vossa mão esquerda saiba o que a direita faz. Salvai o afogado e em seguida amarrai vossos cadarços. Não vos apresseis, e empreendei algum trabalho livre.

Nossas boas maneiras se corromperam pela comunicação com os santos. Nossos livros de hinos religiosos ressoam com a melodiosa maldição de um Deus suportado por toda a eternidade. Dir-se-ia que até os profetas e redentores deram preferência a consolar os temores dos homens em vez de confirmar-lhes as esperanças. Não se encontra em parte alguma a simples e irreprimível satisfação com o dom da vida, nenhum memorável louvor a Deus. Toda espécie de saúde e sucesso me faz bem, por mais distante e afastada que ocorra; toda espécie de doença e fracasso me entristece e me faz mal, em que pese toda a simpatia que eu possa causar ou sentir com isso. Portanto, se fôssemos de fato restaurar o gênero humano por meios

genuinamente indígenas, botânicos, magnéticos ou naturais, caberia, em primeiro lugar, sermos nós mesmos simples e bons como a natureza, dissiparmos as nuvens que pendem sobre as frontes e enchermos com um pouco de vida os poros. Não vos limiteis a ser provedores de pobres, mas tentai tornar-vos as próprias riquezas do mundo.

Li no "Gulistan, ou Jardim das Flores", de autoria do xeque Sadi de Shiraz, que perguntaram a um sábio: *"Entre as muitas árvores célebres que o Altíssimo Deus criou altaneiras e umbrosas, nenhuma é chamada* azad, *ou livre, excetuando o cipreste, que não dá frutos. Qual o mistério disso? O sábio replicou: Cada uma tem seu fruto adequado e sua estação determinada, durante a qual fica fresca e flórida e fora dela seca e murcha; o cipreste não está sujeito à variação de estados, está sempre florescendo. Da mesma natureza são os* azads *ou religiosos independentes. Não coloques teu coração no que é transitório, porque o Dijlah, ou Tigre, seguirá fluindo através de Bagdad mesmo depois que a raça dos califas se extinguir. Se tuas mãos estão cheias, sê liberal como as tamareiras, mas se estão vazias, sê um azad, ou um homem livre como o cipreste."*

VERSOS COMPLEMENTARES

AS PRETENSÕES DA POBREZA

Miserável pobre diabo, és por demais presumido
Ao reivindicares um lugar no céu, na altura,
Só porque tua humilde choça, ou tua tina,
Acalenta alguma virtude indolente ou farisaica
Sob o sol barato ou pelas fontes sombrias
Com raízes e hortaliças; onde tua mão direita,
Arrancando as paixões humanas da cabeça,
Em cujos troncos florescem formosas virtudes,
Degrada a natureza e entorpece os sentidos,
E, mão de Gorgona, petrifica homens ativos.
Ó pobres, não precisamos da enfadonha companhia
De vossa compulsória abstinência
Ou da desnaturada estupidez
Que desconhece alegria ou tristeza; nem da forçada
E passiva fortaleza, falsamente exaltada
Como superior à ativa. Esta raça baixa e abjeta
Que se aboleta na mediocridade
Convém a espíritos servis; nós, porém, promovemos
Apenas as virtudes que admitem excessos
Atos bravos e generosos, magnificência régia,
Prudência previdente, magnanimidade
Que não conhece limite, e aquela virtude heróica
Que a antiguidade não batizou de, nenhum nome,
Mas deixou modelos como Hércules,
Aquiles e Teseu... Volta, ó pobre, à tua odiosa cela,

E quando vires a nova e ilustrada esfera
Procura ao menos saber quem eram esses heróis.

T. Carew[3]

ONDE, E PARA QUE VIVI

Em certa época da vida costumamos examinar todos os lugares possíveis para a localização de uma casa. Assim foi que investiguei por todo lado, num raio de dezoito quilômetros, a região em que eu vivia. Na imaginação comprei todas as fazendas deixadas a herdeiros, pois todas estavam à venda e eu sabia o preço. Em cada propriedade, provei maçãs silvestres, conversei com o fazendeiro sobre agricultura, fiquei com a fazenda pelo preço pedido, qualquer que fosse, hipotecando-a mentalmente em seu favor; chegando inclusive a elevar-lhe o preço — fiquei com tudo menos a escritura, a palavra de honra valendo como documento, porque eu gostava imensamente de falar — cultivei a terra bem como, confio, até certo ponto também seu dono, e após ter desfrutado bastante a experiência, retirei-me deixando-a a seu encargo. Tudo isso autorizou os amigos a me considerarem uma espécie de corretor de imóveis. Onde quer que me sentasse, podia viver e por isso mesmo a paisagem se irradiava de mim. O que é uma casa senão uma *sedes,* um assento? Melhor ainda se é uma casa de campo. Descobri muitos locais para uma casa sem probabilidade de serem cultivados em breve e que alguns achariam demasiado longe da cidade, mas que a meu ver a cidade é que ficava longe. Ora, eu podia viver ali, dizia; e ali vivia, por uma hora uma temporada de verão e de inverno, e via como podia deixar decorrerem os anos, enfrentar o inverno inteiro e assistir à chegada da primavera. Os futuros habitantes de tal região, onde quer que situem suas casas, podem estar certos de que tiveram predecessores. Bastava uma tarde para demarcar o terreno em pomar, bosque e pasto, como também decidir que pinheiros ou carvalhos bonitos deviam permanecer em frente à porta, e de que ângulo as árvores mirradas podiam ser vistas melhor; c então deixava-as como estavam, talvez em terra de pousio, porque um homem é rico em proporção ao número de coisas de que pode prescindir.

A imaginação levou-me tão longe que cheguei ao ponto de ver várias fazendas me serem recusadas — a recusa era tudo o que eu queria — porém nunca tive prejuízo com a posse efetiva. A ocasião em que estive mais próximo da posse efetiva foi quando comprei o sítio de Hollowell, e cheguei a lançar minhas sementes e juntar materiais para fazer um carrinho de mão com que carregá-las e descarregá-las; mas antes que o proprietário me passasse a escritura, sua mulher — todo homem tem uma mulher dessas — mudou de idéia e quis ficar com o sítio, e ele me ofereceu dez dólares para que eu o desobrigasse. Ora, para falar a verdade, eu só tinha dez centavos, e estava muito além dos meus cálculos dizer se eu era aquele sujeito que tinha dez centavos, ou uma fazendola, ou dez dólares, ou tudo isso junto. Entretanto, deixei que ficasse com o dinheiro e com o sítio, pois eu já tinha levado a experiência demasiado longe; ou melhor, para ser generoso, vendi-lhe a fazendola pelo que tinha pago, e, como não se tratava de homem rico, presenteei-o com dez dólares, conservando meus dez centavos, as sementes e os materiais para o carrinho de mão. Descobri assim que havia sido um homem rico sem nenhum prejuízo à minha pobreza. Mas fiquei com a paisagem, e a partir de então carrego anualmente o que produz sem um carrinho de mão. Quanto a paisagens:

"Sou monarca de tudo que examino
Não há quem me conteste esse direito."

Vi muitas vezes um poeta retirar-se de uma fazenda após ter usufruído o melhor dela, enquanto o rude fazendeiro supunha que havia apenas colhido meia dúzia de maçãs silvestres. Ora, o proprietário não sabe

[3] Thomas Carew, poeta inglês contemporâneo de John Donne.

que durante muitos anos o poeta punha a fazenda em versos, a mais admirável espécie de cerca invisível, e que a encurralava, mungia, desnatava o leite e tomava todo o creme, deixando-lhe somente o leite magro.

Para mim, as verdadeiras atrações da fazendola de Hollowell eram: o total isolamento, por estar a cerca de pouco mais de três quilômetros da cidade, a meia milha do vizinho mais próximo e separada por um vasto campo da estrada principal; o fato de limitar-se com o rio, o que, segundo o dono, a protegia das geadas na primavera devido às cerrações, embora isso não me preocupasse; o aspecto cinzento e arruinado da casa e do celeiro, bem como as cercas dilapidadas, que abriam um espaço entre mim e o último ocupante; as macieiras ocas e cobertas de liquens, roídas por coelhos, mostrando o tipo de vizinhos que eu devia ter; mas sobretudo, a minha lembrança das primeiras viagens rio acima, quando a casa se escondia atrás de um denso parque de áceres vermelhos, através do qual ouviam-se latidos de cães. Tinha pressa de comprá-la antes que o proprietário resolvesse retirar algumas pedras, abater as macieiras ocas, e arrancar umas bétulas novas que haviam brotado no meio do pasto, ou, em poucas palavras, antes que tivesse feito mais algumas de suas benfeitorias. Para gozar de todas essas vantagens, estava disposto a levar avante a fazenda, a carregar o mundo nas costas feito Atlas — nunca soube se recebeu recompensa por isso — e a executar todas aquelas coisas sem outro motivo ou justificativa senão que eu devia pagar por ela e não ser molestado por sua posse; porque eu sabia o tempo todo que o sítio produziria a mais abundante colheita do gênero que eu desejasse, sem que eu fizesse nada de especial. Mas aconteceu o que já contei.

Tudo o que podia dizer, pois, a respeito da lavoura em larga escala (tenho cultivado sempre um jardim) era que já tinha as sementes prontas. Muitos pensam que as sementes melhoram com o tempo. Não duvido que o tempo separe o bom do mau, e quando finalmente eu for plantar é provável que venha a ficar menos decepcionado. Mas diria a meus companheiros, de uma vez por todas: Enquanto for possível, vivei livres e sem compromissos. Faz pouca diferença estar recolhido numa fazenda ou numa prisão municipal.

O velho Catão, cuja *"De Re Rustica"* é meu *"Cultivator"*, diz, e a única tradução que vi transforma a passagem em puro disparate: *"Quando pensares em adquirir uma fazenda, revolve-a em tua mente de modo a não comprá-la com ganância; nem te poupes do trabalho de examiná-la, nem penses suficiente visitá-la uma só vez. Se for coisa boa, quanto mais lá fores, mais ela te agradará."* Acho que não comprarei com ganância, mas enquanto viver darei voltas e mais voltas a seu redor, e serei enterrado nela primeiro para que possa, finalmente, agradar-me ainda mais.

Passo à seguinte experiência no gênero, que tenciono descrever com mais vagar, juntando, por melhor convir, a experiência de dois anos num só. Como já disse, não me proponho escrever uma ode ao desânimo, mas gargantear com o vigor de um galo matutino empertigado no poleiro, nem que seja apenas para acordar os vizinhos.

Quando pela primeira vez fixei residência nos bosques, isto é, quando comecei a passar as noites e os dias lá, o que, por acaso, ocorreu no dia da Independência, a 4 de julho de 1845, minha casa não estava preparada para o inverno e não passava de um refúgio contra a chuva, sem reboco ou chaminé, as paredes feitas de ásperas tábuas castigadas pelo tempo e com frestas largas, que a tornavam fria durante a noite. Os caibros verticais, brancos e desbastados, bem como a porta e as esquadrias das janelas recém-aplainadas, davam-lhe um aspecto limpo e aprazível, sobretudo de manhã, quando o madeirame estava tão saturado de orvalho que podia imaginá-lo lá para o meio-dia transpirando uma resina doce. Na minha imaginação a casa guardava ao longo do dia um pouco de seu caráter de aurora, lembrando-me certa casa na montanha que eu visitara um ano antes. Tratava-se de uma cabana aprazível e de tijolo aparente, apropriada para hospedar um deus viajor, e onde uma deusa poderia arrastar suas vestes. Os ventos que passavam por cima de minha morada eram dos que varriam as cristas das montanhas, grávidos de fragmentos de melodia, os trechos mais celestiais da música terrena. O vento matutino sopra incessante, e contínuo é o poema da criação, mas poucos são os ouvidos para ouvi-lo. O Olimpo não é mais do que a superfície da terra em toda a extensão.

A casa que eu possuíra antes, a única se não contar com um barco, foi uma tenda que eu usava de tempos em tempos, ao fazer excursões no verão, e que ainda conservo enrolada no sótão; já o barco, depois de passar de mão em mão, perdeu-se na correnteza do tempo. Com este abrigo mais substancial em volta de mim, havia progredido quanto a me estabelecer no mundo. Esta estrutura, tão levemente revestida, era uma espécie de cristalização a meu redor, e influiu no construtor. Era algo tão sugestivo como o esboço de um quadro. Não precisava sair de casa para tomar ar, pois a atmosfera interna não perdera nada de seu frescor, nem tanto dentro de casa quanto atrás da porta onde eu me sentava, mesmo no tempo mais chuvoso. Diz o "Harivansa"[4]: *"Casa sem pássaros é feito carne sem tempero."* A minha não era assim, pois, de repente, me descobri vizinho dos pássaros; não por ter aprisionado um, mas por ter me engaiolado perto deles. Estava mais perto não só daqueles que costumam freqüentar o jardim e o pomar, porém dos mais selvagens e mais impressionantes cantores da floresta e que nunca, ou raramente, fazem serenatas às pessoas da aldeia — o tordo, o sabiá, o sanhaço escarlate, o gorrião do campo, o bacurau e muitos outros.

Instalara-me à margem do pequeno lago, cerca de dois quilômetros e meio ao sul de Concord, e em maior altitude do que esta cidadezinha, em meio de um extenso bosque entre ela e Lincoln, e cerca de três quilômetros ao sul do nosso único local famoso: Campo de Batalha de Concord; mas eu estava tão afundado nos bosques que a margem oposta a oitocentos metros além, como tudo o mais coberta pela vegetação, era o meu horizonte mais remoto. Durante a primeira semana, sempre que eu o olhava, o lago me dava a impressão de uma mancha d'água na parte mais alta da encosta da montanha, seu fundo muito mais elevado que a superfície de outros lagos, e ao nascer do sol, eu o via despindo-se de suas roupas noturnas de névoas, e aqui e ali, gradativamente se revelava sua suave ondulação ou sua superfície lisa e polida, enquanto as névoas, feito fantasmas, se retiravam sorrateiramente em todas as direções dos bosques, como ao encerramento de uma assembléia mística noturna. Até o orvalho parecia pendurar-se das árvores pelo dia afora além do tempo normal, como nas encostas montanhosas.

Este pequeno lago tornava-se um vizinho dos mais valiosos nos intervalos das pequenas tempestades de chuva em agosto, quando ar e água ainda perfeitamente calmos sob o céu encoberto, o meio-dia tinha a serenidade do entardecer e o tordo cantava, sua voz atravessando o lago de uma margem à outra. Um lago assim nunca é tão sereno como num tempo desses; por ser baixa e obscurecida pelas nuvens a clara camada de ar sobre ele, a água, cheia de luz e reflexos, torna-se um céu na terra, porém mais solene. Do topo de uma colina próxima, onde o bosque parecia ter sido recentemente cortado, tinha-se uma aprazível vista na direção sul além do lago, através de larga reentrância nas colinas que formam a margem, ali onde as vertentes opostas, inclinando-se uma na direção da outra, sugeriam a existência de uma torrente fluindo naquela direção através de um vale arborizado, embora não existisse nenhuma torrente. Assim, eu contemplava os espaços entre as colinas verdes próximas e os seus cimos, e estendia o olhar até outras mais altas e longínquas no horizonte tingido de azul. Na verdade, ficando nas pontas dos pés, podia ver de relance a noroeste os picos da cordilheira bem mais azul e distante, verdadeiras moedas do tesouro do céu, e também um pouco do povoado. Mas em outras direções, mesmo desse ponto, não podia ver nada além dos bosques que me cercavam. É bom ter um pouco de água na vizinhança, a dar sustentação à terra e fazê-la flutuar. O menor poço, quando olhamos dentro dele, mostra-nos que a terra não é continental, mas insular. Isso é tão importante quanto o fato de que a água mantém fresca a manteiga. Quando a partir desse topo eu contemplava o lago na direção dos prados de Sudbury, que em época de inundação parecem elevados, talvez por conta de miragem em seu fervilhante vale, como uma moeda numa bacia, toda a terra além do lago assemelhava-se a fina crosta isolada c flutuava mesmo no pequeno lençol de água invasora, fazendo-me lembrar que o chão em que eu residia não passava de *terra firme.*

---

[4]*Harivansa* — livro sagrado brâmane que explica miticamente as origens das diversas castas.

Embora a vista de minha porta fosse ainda mais reduzida, não me sentia de modo algum comprimido ou confinado. Havia bastante pasto para a imaginação. O platô baixo, plantado com arbustos de carvalho, começava na margem oposta e se estendia em direção às pradarias do Oeste e às estepes de Tartaria, proporcionando amplo espaço a todas as famílias de homens nômades. *"Não há ninguém feliz no mundo, a não ser os seres que gozam livremente de um vasto horizonte.",* disse Damodara, quando os rebanhos exigiam-lhe pastos novos e maiores.

Tanto o espaço como o tempo se modificaram, e eu residia mais perto dos locais do universo e das eras históricas que mais me haviam atraído. Ali, onde eu vivia, era tão remoto como as regiões que os astrônomos investigavam noite adentro. Costumamos imaginar lugares raros e deleitáveis, em algum recanto mais celestial e remoto do sistema, atrás da constelação Cassiopéia, bem longe de qualquer barulho e perturbação. Descobri que minha casa encontrava-se nessa retirada, mas para sempre nova e não profanada, parte do universo. Se valia a pena estabelecer-se nas regiões perto das Plêiades ou das Híades, de Aldebarã ou de Altair, então era onde eu estava realmente, ou a igual distância da vida que eu deixara para trás, reduzido e cintilando como fino raio de luz para meu vizinho mais próximo, e visível a seus olhos apenas em noites sem lua. Assim era o local da natureza que eu tinha ocupado:

"Já houve um pastor que vivia
Imerso em tão altos pensamentos
Como os montes onde os rebanhos
Davam-lhe calor e alimentos."

Que pensaríamos da vida do pastor se seus rebanhos vagassem sempre em pastagens mais altas que seus pensamentos?

Cada manhã era um aliciante convite para tornar a vida igualmente simples e, digo até, inocente como a própria natureza. Tenho sido, como os gregos, sincero adorador da aurora. Levantava-me cedinho e tomava banho no lago; uma espécie de exercício religioso e uma das melhores coisas que já fiz. Contam que na banheira do rei Tching-thang havia mensagens gravadas com esse objetivo: *"Renova-te completamente a cada dia; renova-te outra vez, e outra vez, e sempre outra vez."* Entendo a mensagem. A manhã me traz de volta os tempos heróicos. Tocava-me tanto o zumbido tonto de um mosquito em passeio invisível e inimaginável através de meu aposento ao amanhecer, quando me sentava de porta e janelas abertas, quanto me tocaria qualquer trombeta celebrando a fama. Era o réquiem de Homero, em si mesmo uma Ilíada e Odisséia em pleno ar, cantando as próprias iras e viagens. Havia algo de cósmico nisso tudo; um anúncio constante, até que o proíbam, do vigor e fecundidade perenes do mundo. A manhã, o período mais memorável do dia é a hora do despertar. Há, então, menos sonolência em nós: e pelo menos durante uma hora, a parte de nós que dormita o resto do dia e da noite acorda. Pouco se pode esperar do dia, se a isto se pode chamar de dia, para o qual não fomos acordados por nosso Espírito, e sim pelas cutucadas mecânicas de um criado, para o qual não fomos acordados por nossas próprias forças recém-adquiridas e aspirações íntimas, acompanhadas de ondulações de música celestial em vez de sirenas de fábricas, e de uma fragrância a encher o ar — para uma vida superior àquela em que caímos adormecidos; e assim a escuridão produz seu fruto e se mostra não menos importante do que a luz. O homem incapaz de supor que o dia contém uma hora mais matinal, mais sagrada e mais radiante do que aquela que já profanou, desesperou-se da vida e envereda por um caminho escuro e em declive. Depois de relativa pausa em sua vida sensorial, a alma da pessoa, ou melhor, os órgãos dela revigoram-se cada dia, e seu Espírito tenta novamente desenvolver uma vida nobre. Diria mesmo que todos os acontecimentos memoráveis sucedem de manhã, em atmosfera matutina. Os vedas dizem: *"Todas as inteligências acordam com a manhã."* Poesia e arte, assim como as mais belas e relembradas ações humanas, datam de tal hora. Todos os poetas e heróis, como Memnon, são filhos da aurora e emitem suas músicas ao raiar do sol. Para aquele cujos pensamentos flexíveis e vigorosos acompanham o ritmo do sol, o dia é uma perpétua manhã. Não importa o que dizem os relógios ou as atitudes e ocupações dos homens. É manhã

quando acordo e há em mim um amanhecer. Reforma moral é o esforço para abandonar o sono. Por que os homens dão conta de seu dia tão mal se não estiveram a dormir antes? Não é que não saibam prestar contas. Se não estivessem vencidos pela modorra teriam realizado algo. Milhões estão despertos para o trabalho físico, mas apenas um em cada milhão está suficientemente desperto para o efetivo exercício intelectual, e apenas um em cada cem milhões para a vida poética ou divina. Estar acordado é estar vivo. Até agora nunca encontrei um homem inteiramente acordado. Como poderia tê-lo encarado?

Devemos aprender a despertar novamente e a manter-nos despertos, não com ajuda mecânica, mas pela infinita expectativa do amanhecer, que não nos abandona em nosso sono mais profundo. Desconheço fato mais encorajador que a inquestionável habilidade do homem para elevar a vida através do esforço consciente. É importante ser capaz de pintar determinado quadro, ou esculpir uma estátua, e desse modo produzir objetos belos; é, porém, muito mais glorioso esculpir e pintar a própria atmosfera e o ambiente através do qual vemos e que podemos construir no plano moral. Modificar a natureza do dia, eis a arte superior às demais. Compete a todo homem a tarefa de fazer a própria vida, inclusive nos pormenores, digna da contemplação de sua hora mais elevada e crítica. Se rejeitássemos, ou melhor, se exauríssemos informações tão reles como as que recebemos, os oráculos nos informariam de modo preciso como tal poderia ser feito.

Fui para os bosques porque pretendia viver deliberadamente, defrontar-me apenas com os fatos essenciais da vida, e ver se podia aprender o que tinha a me ensinar, em vez de descobrir à hora da morte que não tinha vivido. Não desejava viver o que não era vida, a vida sendo tão maravilhosa, nem desejava praticar a resignação, a menos que fosse de todo necessária. Queria viver em profundidade e sugar toda a medula da vida, viver tão vigorosa e espartanamente a ponto de pôr em debandada tudo que não fosse vida, deixando o espaço limpo e raso; encurralá-la num beco sem saída, reduzindo-a a seus elementos mais primários, e, se esta se revelasse mesquinha, adentrar-me então em sua total e genuína mesquinhez e proclamá-la ao mundo; e se fosse sublime, sabê-lo por experiência, e ser capaz de explicar tudo isso na próxima digressão. Porque me parece que muitos homens estão terrivelmente incertos, sem saber se a vida é obra de Deus ou do demônio, e têm concluído com *certa sofreguidão* que a finalidade principal do homem aqui na terra é *"dar glória a Deus e gozá-lo por toda a eternidade."*

Contudo, vivemos mesquinhamente, feito formigas, ainda que a fábula nos relate que há muito tempo atrás fomos transformados em homens; como os pigmeus lutamos com gruas; e é erro sobre erro, remendo sobre remendo, e nossa melhor virtude decorre de uma miséria supérflua e evitável. Nossa vida é estilhaçada pelo detalhe. Um sujeito honesto dificilmente precisa contar além de seus dez dedos, acrescentando, em caso extremo, seus dez artelhos, e o resto que se amontoe. Simplicidade, simplicidade, simplicidade! Digo: Ocupai-vos de dois ou três afazeres, e não de cem ou mil; contai meia dúzia em vez de um milhão e tomai nota das receitas e despesas na ponta do polegar. Em meio ao agitado mar da vida civilizada, tais são as nuvens, as tempestades, as areias movediças e os mil e um imprevistos a serem levados em conta, que para não se afundar, ir a pique sem chegar ao porto, um homem tem que ser um grande calculista para lograr êxito. Simplificar, simplificar. Em vez de três refeições por dia, se preciso for, comer apenas uma; em vez de cem pratos, cinco; e reduzir proporcionalmente as outras coisas. Nossa vida é como uma Confederação Germânica, composta de insignificantes estados e com as fronteiras sempre flutuando; de modo que mesmo um alemão não sabe, em dado momento, dizer quais sejam. A própria nação, com todas as chamadas melhorias internas, aliás externas e superficiais, é apenas uma instituição desajeitada e sufocante, imprensada de móveis e obstruída pelas próprias armadilhas, arruinada pelo luxo e pelos gastos imprudentes, por falta de cálculo e de um objetivo digno, como milhões de lares no país; e em ambos os casos a única solução está numa economia rígida, uma austera e mais que espartana simplicidade de vida e elevação de propósitos. Vive-se com muita pressa. Os homens julgam essencial que a Nação tenha comércio, exporte gelo, fale por meio de telégrafo, e ande a quarenta e oito quilômetros por hora, sem se perguntarem se tudo isso convém ou não; entretanto não se sabe ao certo se deveríamos viver como babuínos ou como homens. Se não arranjarmos os dormentes, nem forjarmos os trilhos, nem devotarmos dias e noites ao trabalho, mas se formos em

vez disso remendar nossa vida com o fito de melhorá-la, quem construirá as estradas de ferro? E se as ferrovias não forem construídas, como chegaremos a tempo no céu? Por outro lado, se permanecermos em casa às voltas com nossas atividades, quem precisará de ferrovias? Não andamos sobre a estrada de ferro, ela é que anda sob nós. Já pensastes algum dia o que são os dormentes que sustentam a via férrea? Cada um representa um homem, um irlandês ou um ianque. Os trilhos assentam-se em cima deles, cobertos de areia, e por aí correm os trens suavemente. São dormentes fortes, asseguro-vos. E de anos em anos novo lote é colocado para que se corra em cima; de tal modo que se alguns gozam o prazer de viajar de trem, outros suportam o infortúnio de agüentá-lo no lombo. E quando os trens atropelam um homem sonâmbulo, um dormente extranumerário na posição errada, e acordam-no, subitamente os vagões param e ouve-se um clamor público, como se se tratasse de algo extraordinário. Folgo em saber que há uma turma de operários a cada oito quilômetros a fim de manterem os dormentes deitados e ao nível de seus leitos, pois isso é sinal de que a qualquer momento estes podem se levantar de novo.

Por que teríamos de viver com tanta pressa, esbanjando a vida? Decidimos morrer de fome antes de sentir fome. Diz-se que um ponto dado a tempo economiza nove e assim dá-se mil pontos hoje para economizar nove amanhã. Quanto ao trabalho, é como se não representasse nada. Sofremos da dança de São Vito e não achamos possível manter as cabeças firmes. Se eu desse só umas puxadas na corda do sino paroquial, como em caso de incêndio, isto é, tocando sem repicá-lo, dificilmente um homem na sua fazenda nos arredores de Concord, não obstante a premência dos compromissos com os quais já se desculpou tantas vezes esta manhã, ou um garoto, ou uma mulher — ouso dizer — não abandonariam tudo para acudir ao chamado daquele som, nem tanto para salvar das chamas a propriedade, mas, se vamos confessar a verdade, para vê-la arder, já que vai arder mesmo, e nós, seja dito, não ateamos fogo nela — ou para vê-lo apagar, e dar uma mãozinha nisso, se tal for feito de modo conveniente; sim, eis o que ocorreria, mesmo se se tratasse da própria igreja da paróquia. É difícil a pessoa que, ao fazer sesta de meia hora após a refeição, ao despertar e erguer a cabeça logo não pergunte: *"Quais são as novas?"*, como se o resto da humanidade tivesse ficado de sentinela. Há quem até, com certeza, pelo mesmo motivo, dê ordens para ser acordado de meia em meia hora, quando conta seus sonhos a título de retribuição. Depois de uma noite de sono, as notícias são tão indispensáveis quanto o café da manhã. *"Diga-me, por favor, o que aconteceu de novidade ao homem em qualquer parte do mundo"* e, juntamente com o café e os pãezinhos, lê que em Wachito River, àquela manhã, arrancaram os olhos de um homem; e enquanto isso, nem de longe imagina que vive na caverna escura, insondável e imensa deste mundo, e que ele próprio só tem um rudimento de olho.

De minha parte, podia facilmente passar sem correio. Acho que há pouquíssimas comunicações importantes feitas por seu intermédio. Para falar como crítico, em toda a vida não recebi mais que uma ou duas cartas que valessem a tarifa postal, o que já declarei por escrito anos atrás. O serviço postal é, comumente, uma instituição através da qual uma pessoa oferece com seriedade a outra, em troca dos pensamentos desta, aquela moedinha que muitas vezes oferece de brincadeira, sem se comprometer. Também estou certo de que nunca li nos jornais nenhuma notícia notável. Se já lemos a respeito de um homem assaltado ou assassinado, ou morto em acidente, ou de uma casa incendiada, ou do naufrágio de um navio, ou da explosão de um vapor, ou de uma vaca atropelada na Estrada de Ferro do Oeste, ou da morte de um cão raivoso, ou de uma nuvem de gafanhotos no inverno — nunca mais precisaremos ler a respeito de coisas semelhantes. Basta uma vez. Se a pessoa já se familiarizou com o princípio, que importam os inumeráveis exemplos e aplicações? Para um filósofo, todas as assim chamadas novidades, são diz-que-diz, e as pessoas que se encarregam de editá-las e lê-las, velhinhas tomando chá. Entretanto não são poucos os ávidos por bisbilhotice. Segundo ouvi, um dia desses houve tal afluxo de gente numa agência a fim de saber as últimas notícias chegadas do exterior, que várias das imensas placas de vidro do estabelecimento quebraram-se sob a pressão — e tratava-se de notícias que, falando sério, um espírito vivaz poderia escrever com bastante exatidão, doze meses ou doze anos antes. Quanto à Espanha, por exemplo, se sabeis como encaixar Dom Carlos e a Infanta, Dom Pedro, Sevilha e Granada, de hora em hora nas devidas proporções — os nomes podem ter mudado um pouco depois que vi os jornais — e servir uma tourada à falta de outras diversões, será literalmente verdadeiro e nos dará tão bem

uma idéia do exato estado ou ruína das coisas na Espanha, como as reportagens mais sucintas e lúcidas sob esse título nos jornais; quanto à Inglaterra, por pouco a última notícia significativa vinda de lá não foi a da revolução de 1649; e se já estudastes a história da média anual das colheitas inglesas não precisareis vos ocupar disso de novo, a menos que vossas especulações tenham mero caráter financeiro. Se alguém que raramente lê os jornais pode dar opinião, nunca acontece nada de novo no exterior, não constituindo exceção a revolução francesa.

Novidades! muito mais importante é saber-se daquilo que nunca fica velho! *"Kieou-he-yu, grande dignitário do estado de Wei, enviou um cidadão a Kboung-tseu a fim de saber notícias deste. Khoung-tseu fez o mensageiro sentar-se perto dele, e interrogou-o nestes termos: Que faz o teu senhor? O mensageiro respondeu com todo respeito: Meu amo deseja diminuir o número de seus defeitos, mas não consegue acabar com eles. Quando o mensageiro partiu, o filósofo comentou: Que digno mensageiro! Que mensageiro condigno!"* O pregador, em vez de encher os ouvidos dos agricultores sonolentos em seu dia de descanso ao fim da semana — porque o domingo é a justa conclusão de uma semana mal empregada e não o começo estimulante e magnífico de outra nova — com um sermão comprido e arrastado, deveria gritar com voz tonitroante: *"Silêncio! Basta! Por que pareceis tão apressados, se sois fatalmente lentos?"*

Ao mesmo tempo que a realidade é uma fábula, simulações e enganos são considerados como as verdades mais sólidas. Se os homens se detivessem a observar apenas as realidades, e não se permitissem serem enganados, a vida, comparada com as coisas que conhecemos, seria como um conto de fadas ou as histórias das Mil e Uma Noites. Se respeitássemos somente o que é inevitável e tem direito a ser, a música e a poesia ressoariam pelas ruas afora. Quando somos calmos e sábios, percebemos que só as coisas grandes e dignas têm existência permanente e absoluta, que os pequenos medos e os pequenos prazeres não passam de sombra da realidade, o que é sempre estimulante e sublime. Por fecharem os olhos e dormirem, por consentirem cm ser enganados pelas aparências, os homens em toda parte estabelecem e confirmam suas vidas diárias de rotina e hábito em cima de fundações puramente ilusórias. Crianças, que brincam de viver, discernem com mais clareza que os adultos a verdadeira lei da vida e suas relações, enquanto estes fracassam sem conseguir vivê-la condignamente, embora pensem que a experiência, isto é, o fracasso os tornou mais sábios. Li num livro hindu que *"havia um filho de rei, que, sendo expulso da cidade natal na tenra infância, foi criado na floresta e, alcançando a maturidade nessa condição, imaginou-se pertencer à raça bárbara com a qual vivia. Um dos ministros de seu pai, descobrindo-o ali, revelou-lhe quem ele era, e a concepção errônea a seu respeito foi eliminada, vindo a saber que era um príncipe."* E prosseguiu o filósofo hindu: *"Assim a alma, devido às circunstâncias em que se encontra, engana-se a respeito do próprio caráter, até que a verdade lhe é revelada por algum santo mestre, e ela vem a saber que é Brahma."* Sinto que nós, habitantes da Nova Inglaterra, vivemos esta vida medíocre porque nossa visão não penetra a superfície das coisas. Pensamos que é, o que aparenta ser. Se uma pessoa caminhasse por esta cidade e visse tão só a realidade, onde, na vossa opinião, ficaria a Represa do Moinho? Se tivesse ainda que nos prestar contas das realidades que presenciou por lá, não reconheceríamos o local por sua descrição. Olhai um templo, um tribunal, uma prisão, uma loja ou uma casa de moradia, e dizei o que são de fato antes de um verdadeiro olhar; todos se esfacelariam em vosso relato. Os homens consideram a verdade como algo remoto, nas imediações do sistema solar, atrás da mais longínqua estrela, anterior a Adão e posterior ao derradeiro homem. De fato há na eternidade algo de verdadeiro e sublime, porém todos esses tempos, lugares e ocasiões estão aqui e agora. O próprio Deus culmina no momento presente, e não se tornará mais divino no decorrer das idades. E somos capacitados para apreender tudo o que é sublime e nobre, unicamente pela perpétua instilação e encharcamento na realidade que nos rodeia. O universo responde a nossas concepções de modo constante e obediente; viajemos depressa ou devagar, a pista está preparada para nós. Então empreguemos nossas vidas a conceber. Jamais qualquer poeta ou artista projetou coisa tão bela que pelo menos alguns de seus pósteros não tenham podido realizá-la.

Vivamos o dia de modo tão deliberado como a natureza, e que as cascas de nozes ou asas de mosquitos que por ventura caiam sobre os trilhos não nos lancem fora da via. Levantemos cedo e jejuemos, ou tomemos café da manhã, tranqüilamente e sem perturbação; que os outros cheguem e se vão, que as campainhas toquem e as crianças chorem — estejamos dispostos a aproveitar o dia. Por que nos daríamos por vencidos, deixando-nos arrastar pela corrente? Não nos transtornemos nem nos deixemos esmagar por aquele terrível e rápido redemoinho chamado almoço, situado nos baixios do meio-dia. Resisti a este perigo e estareis a salvo, pois o resto do caminho é ladeira abaixo. Com nervos fortes e vigor matinal parti, olhando outro caminho, amarrado ao mastro como Ulisses. Se a locomotiva apita, que apite até enrouquecer de esforço. Se a campainha toca, por que correríamos? Consideraremos com que tipo de música se parecem. Apaziguemo-nos, labutemos e pisemos com esforço em meio à lama e ao lodo de opiniões, preconceitos, tradição, enganos e aparências, esse aluvião que cobre o globo todo, passando por Paris e Londres, por Nova York, Boston e Concord, através da igreja e do estado, por intermédio da poesia, da filosofia e da religião, até que encontremos um chão duro e com pedras, que possamos chamar de *realidade,* e dizer: ei-la, não resta a menor dúvida; e então começar, contando com um ponto de apoio debaixo de enchentes, geadas e incêndios, um lugar onde se possa fundar um muro ou um estado, ou instalar com segurança um lampião, ou quem sabe um instrumento para aferir, não um Nilómetro, mas um Realímetro, a fim de que as épocas futuras saibam a profundidade das inundações de falsidades e aparências que se acumulavam de tempos em tempos. Se a pessoa fica de pé, ereta enfrentando um fato face a face, há de ver o sol que aí brilha dos dois lados, como se fosse uma cimitarra, e sentir-lhe o suave fio dividindo-a através do coração e da medula, e assim concluirá de modo feliz sua carreira mortal. Quer se trate de vida ou de morte, almejamos somente a realidade. Se realmente estamos morrendo, ouçamos o estertor em nossas gargantas e sintamos o frio nas extremidades; se estamos vivos, vamos tratar da vida.

O tempo é apenas o rio em que vou pescando. Bebo nele, mas ao beber vejo-lhe o leito de areia e percebo quão raso é. A fina corrente logo se esvai, mas a eternidade permanece. Gostaria de beber mais fundo e de pescar no céu, em cujo leito os seixos são estrelas. Não consigo contá-las. Ignoro a primeira letra do alfabeto. Tenho lamentado sempre não ser tão sábio como no dia em que nasci. A inteligência é um cutelo que penetra e corta caminho adentro o segredo das coisas. Não desejo ocupar minhas mãos mais do que o necessário. Minha cabeça é mãos e pés. Sinto que minhas melhores faculdades aí se concentram. O instinto me diz que a cabeça é um órgão para escavação, feito o focinho e as patas de certos bichos, e com a qual gostaria de explorar e cavar meu caminho através desses morros. Penso que o filão mais rico está por aí nas redondezas, e assim avalio por meio da varinha de condão e dos finos eflúvios que se levantam. Aqui começarei a minerar.

LEITURA

Com um pouco mais de deliberação na escolha de seus objetivos, possivelmente todos os homens se tornariam em essência estudiosos e observadores, porque sem a menor dúvida a natureza e o destino de cada um interessam de igual maneira a todos. Ao acumular bens para nós ou para nossos descendentes, ao fundar uma família ou um estado, ou ainda ao alcançar a fama, somos mortais; mas ao lidarmos com a verdade somos imortais e não precisamos temer mudanças ou acidentes. O mais antigo filósofo egípcio ou hindu levantou uma ponta do véu que cobria a estátua da divindade; essa trêmula túnica ainda permanece levantada, e eu contemplo uma glória tão fresca como a que contemplou o filósofo, já que era eu nele quem se mostrou tão audacioso àquela época, e é ele em mim quem agora torna a observar a visão. Poeira nenhuma se depositou sobre essa túnica; tempo nenhum decorreu desde que tal divindade foi revelada. O tempo que aproveitamos realmente, ou que é aproveitável, não é passado, nem presente, nem futuro.

Mais que uma universidade, minha residência favorecia não apenas a meditação, mas também a leitura em profundidade; e embora me encontrasse fora do alcance da biblioteca de empréstimos comuns, estava mais

que nunca influenciado por aqueles livros que circulam ao redor do mundo, cujas frases foram escritas originalmente em cascas de árvores e agora são copiadas, de tempos em tempos, em papel de linho. Diz o poeta Mir Camar Uddîn Mast: *"Percorrer as regiões do mundo espiritual enquanto estou sentado, eis uma vantagem que achei nos livros. Embriagar-me com um único copo de vinho, eis o prazer que experimentei quando bebi o livro das doutrinas esotéricas."* Por todo o verão deixei a "Ilíada" de Homero em cima da mesa, embora só a folheasse de vez em quando. Por ter a princípio, as mãos constantemente ocupadas, pois à mesma época concluía a casa e cultivava os feijões, foi impossível mais estudo. Entretanto me consolava com a perspectiva de semelhante leitura no futuro. Nos intervalos do trabalho, li um ou dois livros de viagem superficiais, até que me envergonhei disso e me questionei onde é que eu vivia afinal.

O estudioso pode ler Homero ou Ésquilo em grego sem risco de dissipação e epicurismo, pois a leitura até certo ponto o leva a imitar seus heróis e consagrar horas matinais a suas páginas. Os livros heróicos, mesmo quando impressos nos caracteres de nossa língua materna, em tempos decadentes serão sempre em língua morta, e devemos procurar o significado de cada palavra e de cada linha laboriosamente, aventando sentidos que o uso comum não permite, lançando mão de nosso talento, sabedoria e generosidade. A imprensa moderna, de pouco valor e abundante, com todas as suas traduções, tem feito pouco para nos colocar em contato com os escritores heróicos da antigüidade. Estes permanecem tão solitários como sempre e as letras usadas na impressão das suas obras são raras e excêntricas. Vale a pena empregar dias da juventude e horas preciosas aprendendo ao menos algumas palavras de língua clássica, recrutadas fora da vulgaridade das ruas e fontes perpétuas de sugestões e provocações. Não é em vão que o agricultor recorda e repete as poucas palavras latinas que ouviu. Às vezes as pessoas comentam que o estudo dos clássicos acaba por abrir caminho a estudos mais modernos e práticos; mas o estudante ousado sempre se dedicará aos clássicos, em qualquer língua que estejam escritos e por mais antigos que sejam. Pois o que são os clássicos se não o registro dos mais nobres pensamentos do homem? São os únicos oráculos que não entraram em decadência e há neles respostas a indagações atuais como Delfos e Dodona nunca deram. Poderíamos também deixar de estudar a natureza porque é velha. Ler bem, isto é, ler livros verdadeiros com espírito verdadeiro, é um nobre exercício que põe à prova o leitor mais do que qualquer outro exercício tido em alta conta nos hábitos contemporâneos. Exige um treinamento semelhante àquele a que se submetem os atletas, a firme perseverança de quase toda a vida nesse objetivo. Os livros devem ser lidos com o mesmo cuidado e circunspecção com que foram escritos. Não basta, inclusive, ser capaz de falar a língua do país em que foram escritos, pois não se pode esquecer a distância entre a linguagem falada e a escrita, a que se ouve e a que se lê. A primeira é comumente transitória, som, fala, simples dialeto quase irracional que aprendemos com nossas mães, inconscientemente que nem animais. A outra representa sua maturidade e experiência. Se a primeira é nossa língua materna, a segunda é nossa língua paterna, expressão selecionada e discreta, demasiado significativa para ser captada pelo ouvido, e para poder falá-la precisamos renascer. Na Idade Média as multidões que apenas *falavam* o latim e o grego não estavam capacitadas pelo mero acidente de nascimento a *ler* as obras-primas escritas em tais línguas, já que não estavam escritas naquele latim ou grego que elas conheciam, mas na linguagem especial da literatura. Essas multidões não haviam aprendido os mais nobres dialetos da Grécia e de Roma, e o material em que se escreviam estes não passava de lixo para elas, que davam preferência à literatura contemporânea de má qualidade. No momento, porém, em que as várias nações da Europa adquiriram linguagens escritas próprias, distintas se bem que rudes, mas aptas aos propósitos de suas literaturas nascentes, logo a cultura renasceu e os eruditos puderam então discernir, a partir daquela distância, os tesouros da antigüidade. O que a massa de romanos e gregos não podia *ouvir,* após um lapso de séculos, pequeno número de doutos podia *ler,* e continua lendo até hoje.

Por mais que possamos admirar as ocasionais explosões de eloqüência dos oradores, as mais nobres palavras escritas situam-se, geralmente, muito além e acima da fugidia linguagem oral; assim como o firmamento com suas estrelas fica muito além das nuvens. Existem estrelas e leitores a sua altura. Constantemente os

astrônomos estão comentando sobre elas e observando-as. Não são exalações como nossas conversas cotidianas e o vapor de nosso hálito. O que se chama de eloqüência no tribunal geralmente se revela à análise como sendo retórica. O orador entrega-se à inspiração de um momento efêmero, e dirige-se à turba diante dele, aos que podem *ouvi-lo;* já o escritor, cuja vida mais estável é sua necessidade, e que se distrairia com o evento e a audiência que inspiram o orador, dirige-se à mente e ao coração da humanidade, a todos em qualquer época capazes de entendê-lo.

Não é de se admirar que, em suas excursões, Alexandre levasse consigo a "Ilíada" dentro de um cofre precioso. A palavra escrita é a relíquia por excelência. É algo ao mesmo tempo mais íntimo de nós e mais universal que qualquer outra obra de arte. É a obra de arte mais próxima da própria vida. Pode ser traduzida em todas as línguas, e não apenas ser lida, mas proferida de fato por todos os lábios humanos; não apenas ser representada em tela ou mármore, mas esculpida no sopro da própria vida. O símbolo do pensamento do homem antigo tornou-se a fala do homem moderno. Dois mil verões conferiram aos monumentos da literatura grega, bem como a seus mármores, apenas o matiz outonal de um dourado mais maduro, porque eles levaram suas próprias atmosferas serenas e celestiais a todos os recantos da terra para protegê-los contra a corrosão do tempo. Os livros são a riqueza do mundo entesourada e o justo legado de gerações e nações. Os livros mais antigos e melhores permanecem de maneira natural e adequada nas prateleiras de todos os chalés. Não precisam alegar nada, mas o bom senso do leitor não os recusará enquanto encontrar neles instrução e sustento. Seus autores constituem aristocracia genuína e irresistível em toda sociedade, e, mais do que reis e imperadores, exercem influência na humanidade. Quando o comerciante analfabeto, talvez desdenhoso, já conquistou com arrojo e trabalho sua cobiçada folgança e independência, passando a ser admitido nos círculos da riqueza e da moda, volta-se por fim, inevitavelmente, para aqueles círculos ainda mais elevados e inacessíveis do intelecto e do espírito, momento em que percebe a imperfeição de sua cultura a par da vaidade e insuficiência de todas as suas posses, e manifesta, daí em diante, seu bom senso pelos esforços no sentido de assegurar aos filhos a cultura intelectual cuja falta sente de modo agudo; e é assim que se transforma no fundador de uma família.

Aqueles que não aprenderam a ler as obras clássicas antigas na língua em que foram escritas, devem ter um conhecimento muito imperfeito da história da raça humana; porque é de se notar o fato de que não tenham sido transcritas em nenhuma língua moderna, a menos que consideremos nossa própria civilização como sendo essa transcrição. Até hoje Homero não foi editado em inglês, nem Esquilo, nem mesmo Virgílio — e suas obras tão refinadas e tão solidamente estruturadas são quase tão belas como a própria manhã; pois os escritores que lhes sucederam, diga-se o que se disser de seus talentos, raramente conseguiram, caso algum dia tenham conseguido, igualar-se aos antigos na beleza elaborada, no acabamento e na perenidade da literatura heróica. Só falam em esquecê-los aqueles que jamais os conheceram. Será ainda bastante cedo para esquecê-los, quando dispusermos de cultura e espírito capazes de freqüentá-los e apreciá-los. Quão rica não será de fato a idade em que se acumularem ainda mais as relíquias que chamamos de Clássicos, juntamente com os escritos de outras nações ainda mais antigos e clássicos, se bem que menos conhecidos, quando os Vaticanos se superlotarem de *Vedas, Zendavestas* e *Bíblias,* de Homeros, Dantes e Shakespeares, e todos os séculos vindouros depositarem sucessivamente seus troféus no fórum do mundo! Com tal pilha de livros podemos esperar, por fim, escalar o céu.

As obras dos grandes poetas até hoje não foram lidas pela humanidade, porque só grandes poetas podem lê-las. Só foram lidas como a multidão lê as estrelas, quando muito astrologicamente, e não astronomicamente. A maioria dos homens aprendeu a ler tendo em vista a utilidade mesquinha, do mesmo modo que aprendeu a calcular a fim de tomar nota das receitas e despesas e não ser trapaceado nos negócios; mas da leitura enquanto exercício intelectual nobre, pouco ou nada sabe; contudo isso é que é leitura em acepção elevada, não aquela que nos embala como um luxo e adormenta nossas mais nobres faculdades, e sim a que nos mantém expectantes e à qual devotamos nossas horas mais alertas e despertas.

Penso que tendo aprendido as letras devíamos ler o que há de melhor em literatura, e não ficarmos sempre a repetir o bê-a-bá e os vocábulos de uma sílaba, sempre nas classes elementares, estagnados nas formas mais baixas e primárias a vida inteira. A maioria dos homens fica satisfeita se lê ou ouve ler, e se porventura foi convencida pela sabedoria de um bom livro, a Bíblia, o resto da vida vegeta e dissipa suas faculdades na chamada leitura fácil. Em nossa Biblioteca de Empréstimos há uma obra em vários volumes intitulada *Little Reading* (Breve Leitura), que eu pensava referir-se a uma cidade com esse nome na qual nunca estive. Há pessoas que, feito corvos-marinhos e ostras, podem digerir toda espécie de coisas, mesmo depois do mais substancial jantar de carnes e legumes, tudo porque não suportam ver nada desperdiçado. Se alguns são as máquinas de produzir essa forragem seca, outros são as máquinas de degluti-la. Lêem a nona milésima história de Zebulão e Sofronia, de como se amaram como nunca ninguém antes se amou, de como tampouco decorreu suavemente o curso do amor deles; e como, de qualquer modo, se desenrolou e tropeçou e se levantou novamente e foi em frente! Lêem como aquele pobre coitado, que não deveria ter subido nem ao campanário, conseguiu chegar até seu píncaro; e então, tendo desnecessariamente levado o personagem àquelas alturas, o afortunado novelista toca o sino convocando todo o mundo para reunir-se ali e ouvir: "Ó meu Deus! como será que ele vai sair dali?!" Quanto a mim, penso que seria melhor metamorfosearem todos esses pretensos heróis da novelística universal em cataventos, do mesmo modo que costumavam colocar os heróis entre as constelações, deixando-os girar e girar até que se gastassem, em vez de virem aqui em baixo aborrecer os homens honestos com suas estrepolias. A próxima vez que o novelista tocar o sino, não moverei um dedo, nem mesmo se o templo pegar fogo. "O *salto do Tip-Toe-Hop, romance medieval do celebrado autor de Tittle-Tol-Tan, a sair em folhetins mensais; grande procura; não se amontoem!"* Lêem tudo isso com olhos grandes feito pires, tomados de uma curiosidade viva e rudimentar, e insaciável estômago cujas membranas ainda não precisam de estimulante, exatamente como um aluninho de quatro anos com a sua "Cinderela" de dois centavos, em edição de capa dourada, e sem nenhum melhoramento evidente na pronúncia, na acentuação, na ênfase, ou em qualquer nova habilidade no extrair ou insertar a moral da fábula. O resultado é embotamento da visão, paralisia da circulação vital, delíquio generalizado e despojamento de todas as faculdades intelectuais. Essa espécie de pão de gengibre é assada com mais assiduidade que o pão de trigo puro ou o misto de centeio e milho, diariamente, em quase tudo quanto é forno e além disso encontra mercado mais seguro.

Os melhores livros não são lidos nem por aqueles a quem chamamos bons leitores. A que equivale a nossa cultura em Concord? Não há nesta cidade, com pouquíssimas exceções, nenhum gosto pelos melhores livros ou pelos muito bons, mesmo os de literatura inglesa, cujas palavras todos podem ler e soletrar. Até as pessoas educadas em faculdades e as preparadas para as profissões liberais, tanto aqui como em outros lugares, realmente têm pouco ou nenhum conhecimento dos clássicos ingleses; e quanto à sabedoria humana registrada, os clássicos antigos e os livros bíblicos, acessíveis a todos os que desejam conhecê-los, em qualquer parte são insignificantes os esforços feitos no sentido de familiarizar-se com eles. Conheço um lenhador de meia idade que compra um jornal francês, não pelas notícias, segundo diz, já que está acima disso, mas para *"manter-se exercitado na língua",* sendo ele canadense de nascimento; e quando lhe pergunto sobre o que considera a melhor coisa a fazer neste mundo, responde que é, ao lado disso, conservar e enriquecer o seu inglês. Eis, aproximadamente, o que as pessoas educadas em geral fazem ou aspiram fazer, adquirindo para isso um jornal em inglês. Quem acabou de ler talvez um dos melhores livros escritos em inglês, encontrará quantas pessoas com quem comentá-lo? Supondo quem acabou de ler um clássico grego ou latino no original, desses cujos louvores são familiares até aos chamados analfabetos; não encontrará absolutamente ninguém com quem falar, devendo silenciar a respeito. Na verdade, a duras penas encontramos em nossas faculdades o professor que, tendo dominado as dificuldades da língua, domine em igual proporção as dificuldades do espírito e da poesia de um poeta grego, e comunique alguma simpatia ao atento e heróico leitor; e quanto às sagradas escrituras, ou a Bíblia da humanidade, quem nesta cidade pode pelo menos citar-lhe os títulos dos livros? A maioria das pessoas não sabe nem mesmo que outros povos além

do hebreu tiveram uma escritura. Um sujeito, qualquer um, se desviará bastante de seu caminho para apanhar um dólar de prata; mas eis aqui palavras de ouro, proferidas pelos homens mais sábios da antigüidade e cujo valor nos tem sido garantido pelos sábios de sucessivas gerações; contudo aprendemos a ler apenas as leituras fáceis, as cartilhas e os livros escolares, e ao deixarmos a escola, a *"Little Reading"* e os livros de história destinados a garotos e principiantes a nossa leitura, conversa e pensamento ficam todos em baixíssimo nível, digno de pigmeus e manequins.

Desejo entrar em contato com homens mais sábios que os engendrados pelo solo de Concord, e cujos nomes mal se conhecem aqui. Ou devo ouvir falar de Platão sem nunca ler sua obra? É como se fosse meu concidadão e eu nunca o visse, meu vizinho de porta e eu nunca o tivesse ouvido falar ou prestado atenção na sabedoria de suas palavras. Como é que isso, efetivamente, acontece? Seus "Diálogos", que contêm o que havia de imortal nele, repousam na prateleira próxima, e contudo nunca os li. Somos sub-educados, atrasados e analfabetos; e neste particular confesso que não faço distinção muito grande entre a ignorância do meu concidadão que não sabe absolutamente ler nada, e a ignorância do que aprendeu a ler apenas o que se destina a crianças e inteligências medíocres. Deveríamos estar à altura dos grandes da antigüidade, mas em parte por saber primacialmente quão grandes eles foram. Somos uma raça de homens-passarinhos e em nossos vôos intelectuais mal nos alçamos um pouco acima das colunas do jornal.

Nem todos os livros são tão insípidos como seus leitores. É provável que haja palavras endereçadas exatamente a nossa condição, as quais, se pudéssemos ouvi-las e entendê-las de fato, seriam mais salutares a nossas vidas que a própria manhã ou a primavera, e nos revelariam talvez, uma face inédita das coisas. Quantos homens não inauguraram nova etapa na vida a partir da leitura de um livro! Deve existir para nós o livro capaz de explicar nossos mistérios e nos revelar outros insuspeitados. As coisas que ora nos parecem inexprimíveis, podemos encontrá-las expressas em algum lugar. As mesmas questões que nos inquietam, intrigam e confundem, foram colocadas por sua vez a todos os homens sábios; nenhuma foi omitida, e cada um deles respondeu-as de acordo com a sua capacidade, por meio de palavras ou da própria vida. De mais a mais, junto com a sabedoria aprenderemos a liberalidade. O solitário assalariado de uma fazenda nos arredores de Concord, que passou por seu renascimento e especial experiência religiosa e se crê arrastado pela fé para a gravidade silenciosa e o exclusivismo, pode pensar que seja mentira, mas Zoroastro, mil anos atrás, viajou pela mesma estrada e teve a mesma experiência. No entanto, na condição de sábio, não ignorava que ela fosse universal e tratou seus próximos de maneira adequada, chegando até, segundo se diz, a inventar e estabelecer o culto entre os homens. Que ele, portanto, comungue humildemente com Zoroastro, e através da influência liberalizadora de todos os grandes homens, de Jesus Cristo inclusive, permita que a *"nossa igrejinha"* naufrague.

Vangloriamo-nos de pertencer ao século dezenove e de estar dando passadas mais rápidas que qualquer outra nação. Mas ponderemos quão pouco esta cidade tem feito por sua cultura. Não desejo incensar meus concidadãos, nem tampouco ser incensado por eles, porque isso não melhorará nenhum de nós. Precisamos ser provocados, aguilhoados feito os bois, para que caminhemos depressa. Contamos com um sistema de escolas públicas relativamente decente, mas só para crianças; não se falando no precário liceu durante o inverno e, nos últimos tempos, no embrião de uma biblioteca sugerida pelo Estado, não há escola para nós. Gastamos mais com os artigos que se destinam à nossa alimentação física e à doença do que com os destinados a nutrir a mente. Já é tempo de contarmos com escolas além das elementares e de não abandonarmos nossa educação quando entramos na adolescência. Já é tempo de os povoados se transformarem em universidades, e de seus notáveis se tornarem membros dos conselhos universitários, com disponibilidade — se estiverem de fato em condições — para se dedicarem a estudos liberais pelo resto da vida. Será que o mundo se reduzirá para sempre a uma Paris ou a uma Oxford? Não podem os estudantes morar aqui e receber uma educação liberal sob os céus de Concord? Não podemos contratar um Abelardo como nosso professor? Ai de nós! Com essa história de dar forragem ao gado e cuidar dos estoques, somos

afastados por muito tempo da escola e nossa educação é negligenciada de maneira triste. Neste país, o povoado deveria, em alguns aspectos, ocupar a posição do nobre europeu. Deveria ser o patrono das belas-artes, pois é bastante rico e carece apenas de magnanimidade e refinamento. O povoado pode gastar dinheiro suficiente em coisas valorizadas por agricultores e comerciantes, mas é considerada utópica a proposta de despender dinheiro em coisas que homens mais inteligentes sabem valer muito mais. Esta cidade gastou dezessete mil dólares no prédio de uma prefeitura, graças à prosperidade ou à política, mas provavelmente num século não gastará tanto com o espírito vivente, a verdadeira carne a ser colocada naquela concha. Os cento e vinte e cinco dólares, destinados anualmente ao liceu durante o inverno, são melhor empregados do que qualquer outra soma equivalente arrecadada na cidade. Se vivemos no século dezenove por que não usufruir as vantagens que nos oferece? Por que seria provinciana nossa vida? Se vamos ler jornais, por que não deixar de lado os boatos de Boston e adquirir logo o melhor jornal do mundo em vez de ficar mamando na teta de jornais familiares neutros, ou folheando *"Olive-Branches"* aqui na Nova Inglaterra? Que as comunicações de todas as sociedades cultas cheguem até nós, e veremos se sabem alguma coisa. Por que deixaríamos a cargo de Harper &

Brothers e de Redding & Co. selecionar nossa leitura? Como o fidalgo de bom gosto que se cerca de tudo quanto contribui para sua cultura — gênio, erudição, espírito, livros, quadros, estátuas, música, instrumentos filosóficos e coisa que o valha — assim deveria fazer o povoado, em vez de parar de repente diante de um pedagogo, um pároco, um sacristão, uma biblioteca paroquial e três homens seletos, só porque nossos antepassados, os peregrinos, atravessaram um inverno frio num rochedo desolado, na companhia deles. Agir coletivamente está de acordo com o espírito de nossas instituições; e estou certo de que, como nossas circunstâncias são mais florescentes, nossos recursos são maiores do que os do aristocrata. A Nova Inglaterra está em condições de contratar todos os homens sábios do mundo para virem aqui nos ensinar, hospedá-los enquanto for preciso e deixar de ser provinciana de uma vez por todas. Eis a escola *particular* de que carecemos. Em vez de nobres, tenhamos povoados nobres. Se necessário for, deixemos de construir uma ponte sobre o rio, dando uma volta maior naquele trecho, e lancemos pelo menos um arco sobre o mais escuro golfo da ignorância que nos rodeia.

SONS

Mas enquanto nos limitamos aos livros, ainda que os mais seletos e clássicos, e lemos apenas determinadas linguagens escritas, por si mesmas dialetais e provincianas, corremos o risco de esquecer a linguagem que todas as coisas e acontecimentos falam sem metáfora, e é, em sua singularidade, abundante e exemplar. Muita coisa é impressa, mas pouco é o que deixa impressão. Os raios que escoam através da persiana não serão mais lembrados quando a persiana for retirada. Nenhum método nem disciplina suplanta a necessidade de permanecer sempre alerta. O que é o curso da história, a filosofia, ou a poesia, por mais selecionada que seja, ou a melhor sociedade, ou a mais admirável rotina de vida, em comparação com a disciplina de olhar incessantemente o que existe para ser visto? Leitor, mero estudioso, observador, o que se há de ser? Lede vosso destino, vede o que está a vossa frente e marchai para o futuro.

No primeiro verão não li nenhum livro; cuidei dos feijões. E muitas vezes fiz até coisas melhores. Houve ocasiões em que eu não era capaz de sacrificar a beleza do momento presente a qualquer trabalho intelectual ou manual. Gosto de uma larga margem para a minha vida. Às vezes, numa manhã de verão, após o banho de praxe, do amanhecer ao entardecer sentava-me na ensolarada soleira, absorto num devaneio, em meio aos pinheiros, nogueiras e sumagres, em completa solidão e serenidade, enquanto os pássaros ao redor cantavam ou esvoaçavam silenciosos através da casa, até que o sol batendo na janela do lado do poente, ou o barulho de um carro na longínqua estrada, me fizesse lembrar a passagem do tempo. Crescia eu nessas temporadas que nem o milho durante a noite, e elas eram melhores que qualquer outro trabalho feito com as mãos. Não

representavam tempo subtraído a minha vida, e sim um tempo além e acima de minha quota habitual. Percebia o que os orientais chamam de contemplação, bem como renúncia aos trabalhos. Na maioria das vezes, não me importava como as horas passavam. O dia avançava como a iluminar algum trabalho meu; era manhã, e vejam, já é noite, e nada de memorável acontecera. Em vez de cantar feito os pássaros, sorria silenciosamente por minha incessante boa sorte. Como o pardal pousado numa nogueira diante da minha porta tinha o seu chilreio, assim tinha eu o riso reprimido ou o sustado gorjeio que ele poderia ouvir fora do meu ninho. Meus dias não eram os dias da semana, com o carimbo de divindades pagãs, nem eram fatiados em horas ou estilhaçados pelo tique-taque de um relógio; porque vivi no estilo dos índios Puri, de quem se diz que *"têm uma única palavra para ontem, boje e amanhã, e que expressam a variedade de significados apontando atrás para ontem, em frente para amanhã e em cima da cabeça para o dia que passa".* Sem dúvida, isso para meus concidadãos era pura ociosidade; mas se eu fosse julgado pelo padrão dos pássaros e das flores, não seria condenado. É bem verdade que um homem deve encontrar razões em si mesmo. O dia natural é muito calmo e dificilmente reprovará a indolência do homem.

No meu modo de viver, levava pelo menos essa vantagem sobre os que se viam obrigados a procurar fora sua distração na companhia das pessoas ou no teatro, pois minha própria vida tornou-se a minha distração e nunca deixava de apresentar novidades. Tratava-se de um drama com muitas cenas e sem desfecho. Na verdade, se estivéssemos sempre ganhando o próprio sustento e regulando nossas vidas de acordo com o melhor modo recém-aprendido, nunca seríamos incomodados pelo tédio. Segui vosso gênio bem de perto e ele não falhará em vos mostrar uma perspectiva nova a cada hora. A lida doméstica era um agradável passatempo. Quando o assoalho estava sujo, levantava-me cedo, e colocando todos os móveis fora de casa; na grama, cama e colchão juntos, jogava água no chão, aí espargindo areia branca do lago e com uma vassoura esfregava-o até deixá-lo alvo e limpo; e na hora em que as pessoas do povoado estariam tomando o café da manhã, o sol já tinha secado minha casa suficientemente para me permitir entrar e prosseguir com as minhas meditações, que assim quase não eram interrompidas. Era agradável ver todos os meus haveres domésticos em cima da grama, empilhados como trouxa de cigano, e a minha mesa de três pés, da qual eu não retirara os livros nem caneta e tinta, ali bem no meio dos pinheiros e das nogueiras. Pareciam rejubilar-se de estarem lá fora e como sem vontade de retornarem à casa. Às vezes dava-me a tentação de estender um toldo sobre eles e instalar-me ali.

Valia a pena ver o sol brilhar sobre essas coisas e ouvir o vento soprando livre sobre elas, já que os objetos familiares parecem bem mais interessantes ao ar livre do que dentro de casa. Um pássaro pousa num ramo próximo, sempre-vivas crescem debaixo da mesa e rebentos de amora preta enroscam-lhe as pernas; por todo canto espalham-se pinhas, ouriços de castanha e folhas de morangueiros. Parecia o meio de essas formas virem a transferir-se para nossos móveis, mesas, cadeiras e camas que um dia estiveram no seu ambiente.

Minha casa ficava na encosta de uma colina, bem na beira do maior bosque, em meio a uma recente floresta de nogueiras e pinheiros resinosos, cerca de trinta metros do lago, a que uma estreita vereda conduzia colina abaixo. No terreno da frente brotavam morango, amora preta, sempre-viva, erva-de-são-joão, vara-de-ouro, arbusto de carvalho, cereja da areia, vacínio e amendoim. Aproximando-se o fim de maio, a cereja da areia *(cerasus pumila)* adornava as margens do caminho com suas delicadas flores em forma de umbelas cilíndricas sobre os talos curtos que por fim, no outono, vergados ao peso de cerejas graúdas e bonitas, caíam em grinaldas que se irradiavam por toda a parte. Embora não fossem de sabor agradável, provava-as em homenagem à natureza. O sumagre *(rhus glabra)* dava com exuberância ao redor da casa, avançando por sobre o aterro que eu fizera e atingindo quase dois metros de altura na primeira temporada. Sua folha tropical larga e em forma de pena, ainda que estranha, era agradável de se ver. Os brotos grandes, rompendo súbitos dos galhos ressecados que pareciam mortos no fim da primavera, desenvolviam-se num passe de mágica em tenros ramos de vistoso verde, com uma polegada de diâmetro; e eles cresciam tão despreocupadamente forçando suas frágeis juntas, que às vezes, sentado à janela, ouvia um galho novo e delicado tombar subitamente como um leque no chão, quebrado sob o próprio peso, já que no instante nenhuma brisa

soprava. Em agosto, a abundância de framboesas, morangos, amoras e frutos afins, que ao florescerem haviam atraído muitas abelhas selvagens, assumia pouco a pouco a tonalidade carmesim veludosa e brilhante, e os tenros ramos novamente se quebravam vergados sob o peso das bagas.

Enquanto fico à janela nesta tarde de verão, falcões sobrevoam minha clareira; a revoada de pombos selvagens, voando aos pares ou em grupos de três passando de viés à minha frente, ou encarapitando-se inquietos nos galhos do pinheiro branco atrás da casa, confere uma voz à atmosfera; um gavião-pescador ondula a superfície límpida do lago e traz à tona um peixe; pequena marta sai fora do pântano em frente a minha porta e apanha uma rã perto da margem; a touceira de junco, dobrando-se sob o peso das tristes-pias, adeja daqui para ali; e na última meia hora tenho ouvido o matraquear do trem, ora morrendo na distância, ora recrudescendo como o bater de asas da perdiz, a carregar passageiros de Boston para o campo. Porque eu não morava tão longe do mundo como aquele garoto que, segundo ouvi dizer, foi expulso para uma fazenda a leste da cidade, mas pouco depois fugiu e regressou a casa mal vestido, de sapatos cambaios e morto de saudades. Ele nunca havia visto lugar mais triste e afastado, as pessoas todas tinham ido embora e não se podia nem mesmo ouvir o apito do trem! Duvido que ainda haja tal lugar em Massachusetts:

"Na verdade, nossa aldeia tornou-se o alvo
De uma dessas rápidas flechas ferroviárias
Que sobre a plácida planície suave sussurra: Concord."

A estrada de ferro de Fitchburg atinge o lago a pouco mais de 500 metros ao sul de onde moro. Costumo ir à cidade pelo caminho dos pedestres, que é, por assim dizer, meu vínculo com a sociedade. Os trabalhadores nos trens de carga, que percorrem a linha inteira, cumprimentam-me como a um velho conhecido, já que passam tantas vezes por mim, e aparentemente me tomam por um empregado; e o sou. Eu também seria, de bom grado, consertador de trilhos em qualquer lugar na órbita da terra.

Verão e inverno, o silvo da locomotiva invade os bosques, ressoando como o grito de um gavião a sobrevoar o curral de uma fazenda, informando-me da chegada à cidade de numerosos e inquietos comerciantes da capital, ou de negociantes aventureiros que moram no campo e vêm de outro lado. Quando se encontram debaixo do mesmo horizonte, para que os outros mudem de caminho, gritam avisos que chegam a ser ouvidos no âmbito de duas cidades. Ó do campo, eis aqui vossos artigos de mercearia! Chegou o rancho, povo do campo! E não há homem algum tão independente na própria fazenda que possa dizer não a eles. E eis aqui o pagamento por esses artigos! grita o assobio do camponês; toras de madeira longas como aríetes indo a trinta e dois quilômetros por hora contra as muralhas da cidade, e cadeiras suficientes para acomodar todos os que aí se hospedam exaustos e sobrecarregados". Com tamanha cortesia de madeiras, o campo oferece uma cadeira à cidade. Todas as colinas cobertas de mirtilo indígena são desnudadas, todos os prados de vacínios são revolvidos para a cidade. Sobe o algodão rumo ao Norte, desce o tecido rumo ao Sul; sobe a seda, descem os artigos de lã; sobem os livros, mas desce o espírito que os escreve.

Quando avisto a locomotiva com seus vagões deslocando-se em movimento planetário — ou melhor, como um cometa, pois o espectador não sabe se com aquela velocidade e direção revisitará algum dia este sistema, já que a sua órbita não dá a impressão de uma curva que retorne — e as nuvens de vapor feito bandeira desfraldando atrás de si grinaldas douradas e prateadas, que nem outras tantas nuvens suaves que já vi no alto dos céus desdobrando suas massas para a luz — como se este semideus viajor, este propulsor de nuvens, fosse dentro em pouco tomar o crepúsculo como libré do seu cortejo; quando ouço o cavalo de ferro fazer os morros ressoarem com relinchos de trovão, estremecendo a terra com as patas, expelindo fogo e fumaça das ventas (não sei que espécie de cavalo alado ou de dragão fogoso inventarão para a nova mitologia), até parece que a terra já arranjou uma raça digna de habitá-la. Se tudo fosse como parece e os homens tornassem os elementos em criados seus a serviço de fins nobres! Se a nuvem que paira sobre a locomotiva fosse a

transpiração de façanhas heróicas, ou tão benfazeja como a que flutua sobre os campos do lavrador, então os elementos e a própria natureza acompanhariam alegremente os homens e lhes dariam escolta em suas missões.

Assisto à passagem dos vagões matutinos com o mesmo sentimento com que presencio o nascer do sol, a custo mais pontual. A cauda de nuvens estendendo-se atrás deles e subindo cada vez mais alto em direção aos céus, à medida que os vagões seguem para Boston, encobre o sol por um minuto e ensombreia os campos distantes — um cortejo celeste ao lado do qual o reles comboio que abraça a terra não passa de uma farpa de lança. Esta manhã de inverno, o estribeiro do cavalo de ferro levantou-se cedo, à luz das estrelas em meio às montanhas, a fim de dar forragem e arrear o seu corcel. O fogo, também, foi atiçado bem cedo para conferir-lhe calor vital e fazê-lo disparar. Se a empresa fosse tão inocente como madrugadora! Se a neve jaz alta, amarraram-lhe botas de neve, e com gigantesco arado escavam das montanhas ao litoral um sulco em que os vagões, como uma comitiva de semeadeiras, vão esparzindo no campo em vez de sementes todos os homens inquietos e mercadorias circulantes. Todo o dia o corcel de fogo voa sobre o campo, parando apenas para que o dono possa descansar, e à meia-noite, acordo com seu tropel e arrogante relincho quando em algum vale estreito e remoto enfrenta os elementos envoltos em gelo e neve; e só com a estrela da manhã há de regressar ao estábulo, para partir mais uma vez em suas viagens sem sossego ou sono. Ou porventura, à noitinha, ouço-o em seu estábulo bufando a excessiva energia do dia, para que possa aplacar os nervos e refrescar o fígado e o cérebro durante umas horinhas de pesado sono. Se a empresa fosse tão heróica e grandiosa como é demorada e incansável!

Longe, pelos bosques desertos nos confins da cidade, nos quais outrora só durante o dia o caçador penetrava, esses salões resplandescentes dardejam no meio da noite mais escura, sem o conhecimento de seus habitantes; ora parando em cintilante estação de cidade ou capital, onde uma multidão sociável se reúne, ora no Dismal Swamp[5], assustando a coruja e a raposa. As partidas e chegadas dos trens demarcam o dia da cidadezinha. Eles vão e vêm com tal regularidade e precisão, e o seu apito pode ser ouvido de tão longe, que os lavradores acertam seus relógios por eles, de modo que uma instituição bem dirigida regula o país inteiro. Acaso os homens não progrediram em pontualidade depois que se inventou a estrada de ferro? Não falam e pensam mais depressa na estação do que nos pontos de parada das diligências? Existe algo de eletrizante na atmosfera das estações. Espanto-me com os milagres que já realizou; alguns de meus vizinhos, que, segundo eu havia profetizado uma vez por todas, nunca iriam a Boston em transporte tão rápido, mal a campainha toca já estão a caminho. Fazer coisas *"à moda da ferrovia"* é agora expressão corrente; e vale a pena ser advertido, com freqüência e franqueza por qualquer autoridade, para desimpedir o caminho. Não há pausa para admoestações severas, nem neste caso, tiroteio sobre as cabeças da turba. Construímos um fado, uma Atropos, que nunca se desvia. (Chamemos por esse nome a locomotiva). Os homens são avisados que a certa hora e minuto tais relâmpagos serão disparados em direção a determinados pontos da bússola; contudo não há interferência nos afazeres de ninguém, e as crianças vão à escola por outro caminho. Para isso vivemos com mais disciplina. Somos, portanto, educados para filhos de Tell. O ar está cheio de centelhas invisíveis. Qualquer senda que não seja a vossa é fatal. Mantende-vos, pois, no vosso próprio trajeto.

O que me seduz no comércio é a sua audácia e valentia. O comércio não junta as mãos e roga a Júpiter. Vejo que os comerciantes todos os dias cuidam dos negócios com mais ou menos coragem e satisfação, fazendo até mais do que supõem, e talvez mais devotados do que eles poderiam conscientemente prever. Toca-me menos o heroísmo dos que ficaram por meia hora na linha de frente de Buena Vista, que o valor firme e jovial dos homens que habitam o limpa-neve como alojamento de inverno; aqueles que não têm apenas a coragem das três da madrugada — que Bonaparte julgava a mais rara — mas cuja coragem não repousa tão cedo, que só dorme quando a tempestade dorme ou os tendões do seu corcel de ferro estão congelados. Na manhã da Grande Nevada, que talvez ainda estrondeie e enregele o sangue dos homens, ouço, vindo da barreira de névoa de seu hálito gelado, o som abafado da campainha da locomotiva, a anunciar que os vagões chegarão

[5] Great Dismal Swamp — pantanal entre Virgínia e Carolina. (N.T.)

logo mais, não obstante o veto de uma tempestade de neve a nordeste da Nova Inglaterra, e avisto os limpadores cobertos de neve e geada, com as cabeças surgindo acima das aivecas, revolvendo outras coisas além de margaridas e ninhos de roedores, como os blocos erráticos da Sierra Nevada que ocupam um lugar à parte no universo.

O comércio é surpreendentemente confiante e sereno, alerta, aventureiro e incansável. Além disso, é muito natural em seus métodos, bem mais que muitos empreendimentos fantásticos e experiências sentimentais, e daí seu sucesso singular. Sinto-me revigorado e relaxado quando o trem de carga passa sacolejando por mim e sinto o cheiro das mercadorias que vão exalando odores pelo trajeto inteiro que vai de Long Wharf até Lake Champlain, trazendo-me à lembrança terras estranhas, recifes de coral, o Oceano Índico, climas tropicais e toda a extensão do globo. Sinto-me bem mais um cidadão do mundo ao ver as folhas de palmeira que cobrirão tantas cabeças louras da Nova Inglaterra no próximo verão, o cânhamo de Manilha, as cascas de côco, charque velho, sacos de aniagem, sucata e pregos enferrujados. Esse carregamento de velas rasgadas é mais decifrável e interessante agora do que quando elaborado em papel e impresso em livros. Quem como essas fendas pode descrever de modo tão gráfico a história das tormentas suportadas? São provas tipográficas que não precisam de correção. Aqui segue a madeira dos bosques do Maine, que não foi dar ao mar na última enchente de água doce e que subiu quatro dólares em mil por conta das pranchas que se extraviaram ou quebraram; pinho, abeto, cedro — de primeira, segunda, terceira e quarta qualidades, até recentemente de uma só, ao agitar-se sobre o urso, o alce e o caribu. Vem em seguida a cal de Thomaston, um lote de primeira, que irá parar longe entre as colinas antes que se extinga. Esses fardos de trapos, de todas as tonalidades e tipos, a mais baixa condição a que desceram o algodão e o linho, resultado final dos vestidos — cujos modelos não mais se apregoam, a não ser em Milwaukee, como esses esplêndidos artigos de estamparias inglesas, francesas e americanas, riscadinhos, musselinas e outros mais, arrebanhados de todos os bairros da moda e da pobreza — vão seguindo para tornar-se papel de uma só cor, ou de alguns tons somente, sobre os quais por certo serão escritos relatos reais da vida em seus altos e baixos, tudo baseado nos fatos! Esse vagão fechado cheira a peixe seco, o forte odor comercial da

Nova Inglaterra, evocando-me Grand Banks e as pescarias. Quem ainda não viu um peixe salgado, totalmente curado para este mundo, de modo que nada possa estragá-lo, e fazendo corar a perseverança dos santos? Com ele podeis varrer ou calçar as ruas, rachar os cavacos, pode o carreiro proteger do sol, do vento e da chuva, a si e a sua carga, atrás dele, e o comerciante, como certa vez um de Concord, pendurar na porta em sinal de abertura dos negócios, até que nem o freguês mais antigo saiba se se trata de um animal, vegetal ou mineral, e ainda estará mais puro que um floco de neve, e se for colocado numa panela e cozido redundará em excelente peixe castanho acinzentado, digno de um jantar de sábado. Em seguida, vêm os couros espanhóis, com os rabos ainda conservando a dobra e o ângulo de elevação que tinham quando os bois que os usavam corriam sobre os pampas da América espanhola que costeiam o Caribe — um exemplo de total rebeldia, demonstrando como todos os vícios constitucionais são irremediáveis e quase sem solução. Confesso que, falando de maneira prática, quando tomo conhecimento da verdadeira disposição de um homem, não tenho a menor esperança de mudá-lo para melhor ou pior, no atual estado de existência. Como dizem os orientais: *"O rabo de um vira-lata pode ser aquecido, prensado e enfaixado, e após doze anos de cuidados contínuos, ainda conservará sua forma primitiva."* A única cura eficaz para tais inveterados rabos é transformá-los em cola, que acredito ser o que geralmente se faz com eles, e só assim estarão submetidos e aderidos. Eis um barril de melado ou de conhaque endereçado a John Smith, Cuttingsville, Vermont, comerciante de Green Mountains que faz importação para fazendeiros das vizinhanças, e talvez agora esteja debruçado sobre o balcão pensando nas últimas remessas a serem desembaraçadas no litoral e em como podem lhe afetar o preço, e dizendo aos fregueses, pela vigésima - primeira vez esta manhã, que aguarda encomenda de primeira qualidade no próximo trem como foi anunciado pelo jornal de Cuttingsville.

Enquanto essas coisas vão, outras vêm. Avisado pelo som sibilante, ergo os olhos do livro e vejo um alto pinheiro, cortado nas longínquas montanhas do Norte e que se lançou caminho afora pelas Green Mountains

e o Connecticut em dez minutos, arremessado como uma flecha através do municípo, e dificilmente avistado por outra pessoa; pronto a

---

"ser o mastro
de algum ilustre almirante."

E escutem! Lá vem o vagão do gado carregando as reses de mil colinas, apriscos, estábulos e currais ambulantes, pastores munidos de cajados e garotos aprendizes em meio a seus rebanhos, tudo isso menos as pastagens montanhosas, em redemoinho feito folhas sopradas das montanhas pelas ventanias de setembro. O ar enche-se do balido de bezerros e ovelhas, do atropelo de bois, como se um vale pastoril estivesse se deslocando. Quando, à cabeceira, o velho guia do rebanho sacode o cincerro, as montanhas saltam de verdade que nem carneiros e os morros que nem carneirinhos. E no meio, agora no mesmo nível de seus rebanhos, também um vagão de tropeiros e boiadeiros, apartados da profissão, mas ainda agarrados aos inúteis cajados, distintivos do ofício. Mas seus cães, onde estão? Para eles é uma debandada. Sentem-se totalmente marginalizados; perderam o faro. Tenho a impressão de ouvi-los latindo atrás das colinas de Peterboro ou arquejando ao subirem a vertente ocidental das Green Mountains. Não presenciarão. a matança. A profissão deles também acabou. Agora sua fidelidade e sagacidade decaíram. Infelizes, eles se esgueirarão de volta aos canis, ou talvez se tornem selvagens e concluam um pacto com o lobo e a raposa. Assim é arrebatada, passando para sempre, a vossa vida bucólica.

O que é a ferrovia para mim?
Nunca viajo para ver
Onde fica o seu fim.

Aterra vãos por onde caminha
Cria rampas para as andorinhas,
Levanta nuvens de poeira
E faz crescer as amoreiras.

Mas a campainha toca, devo sair do caminho e deixar o trem passar, mas atravesso o seu leito como se fosse uma vereda nos bosques. Meus olhos não serão apagados por sua fumaça e vapor, nem meus ouvidos incomodados por seu silvo.

Agora que os vagões se foram, juntamente com todo o turbulento mundo, e os peixes no lago não mais se ressentem do seu estrondo, sinto-me mais só do que nunca. Pelo resto da longa tarde, minhas meditações talvez sejam interrompidas apenas pelo vago chocalhar de uma carruagem ou junta de bois passando na estrada distante.

Às vezes, aos domingos, quando o vento estava favorável, ouvia os. sinos de Lincoln, Acton, Bedford ou Concord, uma suave e doce melodia, como se fosse da natureza, e de grande valor em meio àquele ermo. A uma distância suficiente sobre os bosques, o som adquire certo sussurro vibrante, como se agulhas dos pinheiros no horizonte fossem roçadas feito as cordas de uma harpa. Todo som ouvido a maior distância possível, produz um só efeito, uma vibração de lira universal, exatamente como a atmosfera que nos circunda torna interessante a nossos olhos uma remota aresta da terra, graças ao tom de azul que lhe confere. Neste caso, chegava até mim uma melodia filtrada pelo ar e que havia conversado com todas as folhas e hastes do bosque, aquela porção de som que os elementos apreenderam, modularam e ecoaram de um vale ao outro. O

eco é, até certo ponto, um som original, e daí a sua magia e encantamento. Não é mera repetição do que merecia ser repetido pelo sino, mas em parte a voz do bosque; as mesmas palavras e notas triviais cantadas por uma ninfa.

Ao anoitecer, o distante mugido de uma vaca no horizonte além dos bosques soava doce e melodioso, e a princípio eu me enganava pensando tratar-se das vozes de certos menestréis cujas serenatas ouvira algumas vezes e que podiam estar vagando pela colina ou pelo vale; mas logo depois, sem ser desagradavelmente decepcionado, ouvia o som prolongar-se na música corriqueira e natural da vaca. Não pretendo ser satírico, antes exprimir apreço pelo canto desses jovens, ao declarar que percebia claramente sua afinidade com a música do animal, e que eles estavam, afinal de contas, em articulação com a natureza.

Durante uma época do verão, às sete e meia normalmente, depois da passagem do trem da tardinha, os noitibós cantavam suas vésperas por meia hora, encarapitados num toco perto da minha porta, ou sobre a aresta de uma estaca da casa. Todas as tardes punham-se a cantar quase com tanta pontualidade como um relógio, pelo espaço de cinco minutos de determinada hora correspondente ao pôr-do-sol. Tive a rara oportunidade de familiarizar-me com seus hábitos. Às vezes ouvia quatro ou cinco ao mesmo tempo em diferentes partes do bosque, acidentalmente um acorde atrás do outro, e tão perto de mim que distinguia não apenas o cacarejo depois de cada nota, mas com freqüência aquele singular zumbido de mosca presa em teia de aranha, só que proporcionalmente mais alto. Outras vezes um deles me cercava, dando voltas e mais voltas a meu redor no bosque, à distância de poucos metros, como se estivesse atado por um cordão, provavelmente quando me aproximava de seus ovos. Cantavam a intervalos noite adentro, tão musicais como sempre antes e durante o amanhecer.

Quando outros pássaros estão quietos, as corujas-das-torres puxam o canto, como as carpideiras o antigo ulular. O lúgubre e agudo grito delas é bem ao estilo de Ben Johson. Oh sábias bruxas da meia-noite! Não é o honesto e rude *tu-uit tu-uu* dos poetas, mas sem gracejo, um solene canto funerário, as mútuas consolações de amantes suicidas lembrando os tormentos e deleites do amor celestial nas alamedas do inferno. Contudo, gosto de ouvir-lhes o lamento, os pesarosos responsos trinados ao longo do mato, evocando-me às vezes música e aves a cantar, como se se tratasse do lado obscuro e choroso da música, dos lamentos e suspiros que seriam cantados com prazer. São os espíritos baixos e os presságios melancólicos de almas degradadas que um dia sob forma humana vagaram à noite pela terra, fazendo a obra das trevas, e agora expiam os pecados com hinos de lamentação ou nênias no cenário de suas transgressões. Proporcionam-me nova percepção da variedade e capacidade da natureza, nossa morada comum. *Ih, ih, ih, pra que é que eu nasci-i-i-i!* suspira uma deste lado do lago e gira com a inquietação do desespero em direção a novo pouso nos carvalhos cinzentos. A seguir *pra que é que eu nasci-i-i-i!* ecoa outra da margem mais distante com trêmula sinceridade, e *nasci-i-i-i!* chega timidamente dos bosques longínquos de Lincoln.

Ouvi também a serenata de um mocho, que parecia vaiar. Ouvindo-o de perto podia-se imaginar o seu pio o som mais melancólico da natureza, como se ele pretendesse com isso estereotipar e tornar permanentes em seu coro os gemidos agônicos do ser humano — pobre e frágil relíquia de mortalidade de quem deixou para trás a esperança, e uiva que nem um animal, ainda que com soluços humanos, ao penetrar o escuro vale, tornado ainda mais terrível por certo tom melodioso e gorgolejante (vejo-me logo às voltas com as consoantes *gl* sempre que procuro imitá-lo), característico de uma mente que atingiu o estado de gelatinoso mofo na mortificação de todo pensamento saudável e corajoso. O pio do mocho evocava-me vampiros, idiotas e uivos de loucos. Mas eis que um responde de longes bosques em nota tornada realmente melodiosa pela distância: *U u u, u u;* e na verdade geralmente sugeria prazenteiras associações, quer fossem ouvidas de dia ou de noite, no verão ou no inverno.

Alegro-me que existam corujas e mochos. Que vaiem os homens com seu pio idiota e maníaco. É um som que se harmoniza admiravelmente com os pântanos e bosques crepusculares em que não penetra a luz do dia,

sugerindo uma natureza vasta e virgem que os homens não identificaram. Representam a completa penumbra e os pensamentos frustrados que todos abrigamos no espírito. O dia inteiro o sol brilhou na superfície de algum pântano selvagem, sobrevoado por pequenos falcões, onde o abeto solitário se ergue com barbas-de-velho e balbucia o chapim entre ramos de sempre-verdes, no meio das quais se escondem a perdiz e o coelho; mas agora raia um dia lúgubre e adequado, e diferente raça de criaturas desperta para aí expressar o significado da natureza.

Nas primeiras horas da noite escutei o distante ronco dos vagões passando por cima das pontes — um som que se ouve mais do que qualquer outro à noite —, o ladrido de cães de caça, e às vezes de novo o mugido de desconsolada vaca no pátio de uma estrebaria distante. Nesse meio tempo a margem inteira vibrava com o coaxar de enormes rãs, os espíritos resolutos de antigos beberrões e farristas, ainda impenitentes, tentando celebrar uma boa pescaria no lago estígio (se é que as ninfas de Walden me perdoam a comparação, pois embora não haja quase plantas, há rãs por aquelas bandas) e que adorariam manter as hilariantes normas das velhas mesas festivas, se bem que suas vozes tenham se tornado roucas e solenemente graves, zombeteiras diante da alegria, e o vinho tenha perdido o gosto e se reduzido a licor para inchar suas panças, e a doce intoxicação nunca chegue a afogar a memória do passado, mas seja mera saturação, encharcamento e distensão. A mais autoritária, com a papada em cima de uma folha em forma de coração a servir de guardanapo para suas queixadas que babam, escondida nesta praia do norte, engole grande sorvo da água antes desprezada e oferece a taça a exclamar: *crrroac, crrroac, crrroac!* e imediatamente de algum distante recôncavo vem por sobre as águas a mesma senha repetida, onde a próxima em hierarquia e barrigueira engoliu sôfrega sua porção; depois de esta observância cumprir o circuito das margens, a chefe de cerimônia exclama com satisfação *crroac!* e cada uma por sua vez repete a mesma coisa, até a de pança mais inflada, incontinente e flácida, para que não haja engano; a cerimônia repete-se muitas e muitas vezes, até que o sol dispersa a névoa da manhã e só a matriarca continua fora da água, mas berrando em vão *crroac* de tempos em tempos com pausas à espera de uma resposta.

Não tenho certeza se da minha clareira ouvi alguma vez um galo cantando ao amanhecer, e pensei que valia a pena manter um galo novo simplesmente por causa de sua música, na condição de ave canora. O canto deste outrora selvagem faisão indiano é sem dúvida o mais notável de todos e se esta ave pudesse ser naturalizada sem se domesticar, logo sua voz se tornaria a mais famosa de nossos bosques, sobrepujando o grasnar do ganso e o pio da coruja; e imaginai pois o cacarejar das galinhas preenchendo o silêncio durante a pausa do clarim de seus senhores! Não causa surpresa que o homem tenha acrescentado essa ave aos seus animais domésticos — para não falar nos ovos e nas coxinhas de galinha. Imaginai sair numa manhã de inverno pelos bosques onde abundaram essas aves, por serem os seus bosques nativos, e ouvir os gaios selvagens cocoricando nas árvores, clara e agudamente por milhas e milhas sobre a terra ressonante, abafando assim as notas mais fracas de outras aves. Isso poria as nações de alerta. Quem não se levantaria cedo, cada vez mais cedo e mais cedo pelos sucessivos dias da vida, até se tornar indizivelmente saudável, rico e sábio? O canto dessa ave forasteira é celebrado pelos poetas de todos os países junto com os cânticos de seus cantores nativos. Todos os climas convém ao bravo Chantecler. Ele é mais indígena que os nativos. Saúde sempre boa, pulmões sadios, seu ânimo nunca esmorece. Até o marinheiro em pleno Atlântico e Pacífico é despertado por sua voz; mas seu som penetrante nunca me tirou do sono. Nunca criei cachorro, gato, vaca, porco, nem galinha, a tal ponto que diríeis haver falta de ruídos domésticos; nem batedeira de manteiga, nem roca de fiar, nem mesmo o cantarolar da chaleira ou o assovio do samovar, nem crianças chorando havia para me consolar. Um sujeito à moda antiga teria perdido o juízo ou morrido de tédio com tudo isso. Nem tampouco ratos na parede, porque morriam de fome, ou melhor, nunca eram atraídos por nenhuma isca — apenas esquilos no telhado e debaixo do soalho, um bacurau na aresta da estaca, uma gralha azul gritando estridente sob a janela, uma lebre ou uma marmota debaixo da casa, atrás dela uma coruja-das-torres ou um mocho, um bando de gansos selvagens, um mergulhão gargalhando no lago, e uma raposa a vociferar dentro da noite. Nem mesmo a cotovia ou o papa-figo, esses meigos pássaros das fazendas, visitaram algum dia a minha clareira. Nem gaios a cocoricar, nem galinhas a cacarejar no terreiro. Nem sequer um terreiro! e sim a

natureza sem cerca, avançando até vossa própria soleira. Uma jovem floresta brotando debaixo das janelas, os sumagres silvestres e os rebentos da amoreira invadindo o porão; os pinheiros robustos e resinosos esfregando-se e rangendo contra as telhas por falta de espaço, suas raízes imiscuindo-se por baixo da casa. Em vez de uma portinhola ou persiana arrastada pelo temporal, usava como lenha, um pinheiro rachado ou arrancado pelas raízes atrás da casa. Em vez de na Grande Nevada ver-se sem saída para o portão do terreiro — nenhum portão, nenhum terreiro, e nenhuma saída para o mundo civilizado!

SOLIDÃO

É delicioso o entardecer, quando o corpo inteiro é um só sentido e aspira deleite através de cada poro. Com estranha liberdade, vou e volto pela natureza, da qual sou parte integrante. Enquanto caminho em mangas de camisa pela margem pedregosa do lago, embora faça frio e esteja nublado e ventando, e não veja nada de especial a me atrair, todos os elementos me são extraordinariamente afins. As enormes rãs coaxam para anunciar a noite, e a melodia dos noitibós nasce com o vento que encrespa a superfície da água. A afinidade com as folhas esvoaçantes de amieiro e de álamo quase me tira a respiração; contudo, como se dá com o lago, minha serenidade agita-se mas não se desmancha. Essas ondinhas levantadas pelo vento do entardecer são tão alheias à tormenta como a superfície lisa e espelhante. Embora já esteja escuro, o vento ainda sopra e ruge pelo bosque, as ondas ainda se lançam e algumas criaturas embalam o sono com seus cantos. O repouso jamais é completo. Os animais ferozes não repousam, e procuram nesta hora as suas presas; a raposa, o zorrilho e o coelho vagam sem medo pelos campos e bosques. São as sentinelas da natureza, elos que unem os dias da vida animada.

De volta a casa, vejo que visitas deixaram cartões, um ramo de flores ou uma coroa de sempre-verdes, o nome escrito a lápis numa lasca ou na folha amarela de uma nogueira. Os que raramente vêm aos bosques tomam entre as mãos alguma coisinha da floresta com que se distrair durante o caminho e acabam por abandoná-la de propósito ou por acaso. Um deles pelou um ramo de salgueiro, teceu-o em forma de anel e deixou-o em cima de minha mesa. Sempre podia dizer se havia tido visitas durante minha ausência, quer pelos galhinhos e grama vergados, quer pela marca dos sapatos, e geralmente identificar de que sexo, idade ou tipo eram, por algum sutil traço deixado, uma flor despencada, um punhado de grama arrancado e jogado fora, mesmo que fosse longe como a ferrovia, a oitocentos metros de distância, ou pelo cheiro prolongado de um charuto ou cachimbo. Mais ainda, era com freqüência informado da passagem de um viajante pela estrada real, a trezentos metros de distância, pelo odor do cachimbo.

Em geral, há suficiente espaço ao redor de nós. Nosso horizonte nunca está inteiramente ao nosso alcance. O espesso bosque não fica bem à nossa porta, nem o lago, e existe sempre alguma clareira familiar e usada por nós, e de algum modo apropriada, cercada e reivindicada à natureza. Por que motivo disponho eu desta vasta região e seus contornos, de quilômetros quadrados de floresta desabitada e entregue a mim pelos homens para minha privacidade? Meu vizinho mais próximo fica a mil e seiscentos metros daqui, e não se avista nenhuma casa a não ser do alto da colina a oitocentos metros da minha. Tenho o horizonte orlado de bosques todo para mim; de um lado, a vista da longínqua ferrovia ao atingir o lago, do outro lado, a da cerca que contorna a estrada da região florestal. Mas, em sua maior parte, o lugar em que moro é tão solitário como as pradarias. É tão Ásia e África como Nova Inglaterra. Tenho, por assim dizer, meus próprios sol, lua e estrelas, e um pequeno mundo só para mim. Nunca houve um viajante que à noite passasse pela minha casa ou batesse à minha porta, quase como se eu fosse o primeiro ou o último dos homens; menos na primavera, quando de longe em longe vinham pessoas da cidade para pescar peixes-macacos — é claro que pescavam muito mais no lago Walden de suas próprias naturezas e alimentavam seus anzóis de escuridão, — mas logo se retiravam com as cestas leves, deixando "o *mundo para a escuridão e para mim",* e o negro núcleo da noite nunca mais era profanado por qualquer vizinhança humana. Creio que os homens em geral ainda se amedrontam com as trevas, por mais que as bruxas estejam todas enforcadas e apesar da adoção do Cristianismo e das velas.

Entretanto, descobri por experiência própria que algumas vezes a mais doce e terna, a mais inocente e animadora companhia pode ser encontrada em qualquer objeto natural, mesmo para o coitado misantropo e o mais melancólico dos homens. Não pode haver melancolia muito negra para quem vive em plena natureza e mantém os sentidos serenos. Para ouvidos sadios e inocentes nunca houve até hoje uma tempestade, e sim a música dos ventos eólios. Nada pode justificadamente compelir um sujeito simples e corajoso a uma tristeza vulgar. Enquanto desfruto a amizade das estações confio em que nada pode fazer da vida uma carga para mim. A mansa chuva, que molha meus feijões e me mantém dentro de casa hoje, não é triste nem melancólica, mas boa para mim também. Embora me impeça de cuidar dos feijões, vale muito mais que o meu trabalho com a enxada. Se a chuva demorasse tanto a ponto de provocar o apodrecimento das sementes no solo e devastar as batatas nas baixadas, ainda assim seria boa para o pasto dos lugares altos, e sendo boa para o pasto, seria boa para mim. Às vezes, quando me comparo a outros homens, parece-me que fui mais favorecido pelos deuses, afora alguns méritos de que tenho consciência; é como se eu tivesse com os deuses uma garantia ou penhor que meus companheiros não têm, e fosse especialmente guiado e protegido. Eu não adulo a mim mesmo, mas, se isso é possível, são eles que me adulam. Nunca me senti solitário, ou por pouco que fosse oprimido pelo sentimento de solidão, a não ser uma vez, e isso ocorreu poucas semanas depois de me mudar para os bosques, quando por uma hora pus em dúvida se a vizinhança próxima do homem não seria essencial a uma vida serena e saudável. Estar só era algo desagradável, contudo eu estava ao mesmo tempo consciente de certa anormalidade na minha disposição de espírito e como que previa a recuperação. Em meio a uma chuva suave que caía à medida que esses pensamentos tomavam conta de mim, de repente senti quão doce e benfazejo é o convívio com a natureza, no próprio tamborilar das gotas e em cada som e vista ao redor da minha casa; dei-me conta da infinita e inexplicável cordialidade como uma atmosfera me sustentando subitamente, tornando insignificantes as mais imaginárias vantagens da vizinhança humana, e a partir de então nunca mais pensei nelas. Cada folhinha de pinheiro que ao se expandir intumescia de ternura me cativava. Eu me conscientizara, de modo tão inconfundível, da presença de algo aparentado a mim, mesmo nos cenários que costumamos chamar de selvagens e tristes, e também que o mais humano e próximo dos meus consangüíneos não era uma pessoa nem um habitante do povoado, que pensei que nunca mais lugar algum poderia ser estranho a mim.

"Chorar fora de hora consome os tristes
Poucos são os dias deles entre os vivos
Ó formosa filha de Toscar."

Algumas de minhas horas mais agradáveis decorreram na primavera ou no outono, durante as longas tempestades que me prendiam dentro de casa de manhã e de tarde, apaziguado pelo incessante ruído da chuva fustigante, quando o poente precoce precedia uma longa noite na qual muitos pensamentos tinham tempo de se enraizarem e se desdobrarem. Por ocasião dessas chuvas de nordeste que tanto punham à prova as casas do povoado, quando as empregadas, de pé em frente aos vestíbulos, com esfregão e balde, impediam a entrada do dilúvio, sentava-me atrás da porta de minha pequena casa, que inteira equivalia a um vestíbulo, e gozava plenamente sua proteção. Durante uma chuvarada abundante em trovões, um raio caiu num grande pinheiro resinoso do outro lado do lago, abrindo um sulco de cima a baixo, em espiral muito visível e perfeitamente regular, com profundidade de mais ou menos uma polegada e quatro ou cinco de largura, tal e qual quisesse talhar uma bengala. Um dia desses passei por ele de novo e fui tomado de terror ao erguer os olhos e avistar, agora mais inconfundível que nunca, a marca do tétrico e irresistível raio que oito anos antes desceu do inofensivo céu. Dizem-me com freqüência: *"Acho que deve sentir-se muito só aí, e desejar a proximidade de gente em dias chuvosos e de neve, sobretudo à noite",* ao que me sinto tentado a replicar: O mundo inteiro que habitamos não é mais do que um ponto no espaço. A que distância acreditais que moram os dois habitantes mais afastados daquela estrela, cuja amplitude do disco não pode ser medida por nossos

instrumentos ? Por que haveria eu de me sentir só? Não está nosso planeta na Via Láctea? A pergunta que me colocais não me parece a mais importante. Que tipo de espaço é o que separa um homem de seus semelhantes e o torna solitário? Descobri que nenhum movimento das pernas pode aproximar muito uma mente da outra. De que preferimos viver perto? Com certeza não há de ser perto de muita gente, nem da estação, do correio, do botequim, da igreja, da escola, do armazém, de Beacon Hill ou Five Points, lugares onde as pessoas em geral se reúnem, mas da perene fonte de nossa vida, de onde toda a nossa experiência revelou que se origina; como o salgueiro que se ergue perto da água e lança as raízes nessa direção. Isso há de variar conforme as diversas naturezas, mas eis o local em que um homem bem avisado cavará seu porão. Certo dia ao entardecer, alcancei na estrada de Walden um conterrâneo que levava: duas reses ao mercado. Ele havia acumulado o que se poderia chamar de uma *"bela propriedade",* embora eu nunca tenha tido dela uma boa impressão, e me perguntou como podia passar por minha mente abrir mão de tantos confortos na vida. Respondi-lhe que tinha plena certeza de que gostava bastante da minha vida; e não estava brincando. E assim fui direto para minha cama em casa e deixei-o às voltas com a escuridão e a lama a caminho de Brighton, ou seja Bright-Town (Cidade Iluminada), aonde ele só chegaria lá pela manhã.

Qualquer perspectiva de despertar ou voltar à vida faz com que todos os tempos e lugares sejam indiferentes para um homem morto. O local em que isso pode ocorrer é sempre o mesmo e indescritivelmente agradável a todos os nossos sentidos. Na maioria das vezes, só permitimos que circunstâncias marginais e transitórias estabeleçam nossas oportunidades. Elas são, de fato, a causa de nossa distração. Pertíssimo de todas as coisas está aquela força que lhes modela o ser. Junto de nós as maiores leis estão continuamente sendo executadas. Junto de nós não está o operário que contratamos e com quem gostamos tanto de falar, mas o operário cuja obra somos nós.

"Quão vasta e profunda é a influência dos sutis poderes do Céu e da Terra!"

"Procuramos percebê-los, e não os vemos; procuramos ouvi-los, e não os ouvimos: identificados com a substância das coisas, tais poderes não podem ser separados delas."

"Fazem com que em todo o universo os homens purifiquem e santifiquem os corações, e se vistam com trajes festivos para oferecer sacrifícios e oblações a seus ancestrais. É um oceano de sutis inteligências. Estão por toda parte — em cima de nós, à nossa esquerda e à nossa direita; cercam-nos de todos os lados."

Somos as cobaias de uma experiência que não é de pouco interesse para mim. Em tais circunstâncias, não podemos, por acaso, dispensar por pouco tempo a conversa fiada das rodinhas e alegrar-nos com nossos próprios pensamentos? De fato, diz Confúcio: *"A virtude não perdura como um órfão abandonado; deve necessariamente ter vizinhos."*

Em sã consciência podemos com o pensamento estar além de nós mesmos. Por meio de um lúcido esforço da mente podemos nos manter à distância das ações e suas conseqüências; e todas as coisas, boas e más, passam por nós como uma torrente. Não estamos integralmente envolvidos na natureza. Tanto posso ser um pedaço de madeira flutuando à deriva da corrente, quanto Indra no céu contemplando-o da altura. Posso ficar impressionado com um espetáculo de teatro e, por outro lado, não me comover com um acontecimento real que parece muito mais dizer-me respeito. Só me conheço como entidade humana, o palco, por assim dizer, de pensamentos e emoções; e sou consciente de certa duplicidade pela qual posso ficar tão distante de mim mesmo quanto de qualquer outra pessoa. Por mais intensa que seja a minha experiência, estou cônscio da presença e da crítica de uma parte de mim, que, como se não me pertencesse, fosse um espectador sem nenhuma participação na experiência, apenas anotando-a; e essa parte de mim não é mais eu do que é vós. Quando chega ao fim a comédia ou, quem sabe, a tragédia da vida, o espectador vai-se embora. Até onde lhe dizia respeito foi uma espécie de ficção, uma simples obra de imaginação. Essa duplicidade algumas vezes pode facilmente nos tornar amigos ou míseros vizinhos.

Considero saudável ficar só a maior parte do tempo. Estar em companhia, mesmo com a melhor delas, logo se torna enfadonho e dispersivo. Gosto de ficar sozinho. Nunca encontrei companhia que fosse tão companheira como a solidão. Na maioria das vezes somos mais solitários quando circulamos entre os homens do que quando permanecemos em nosso quarto. Um homem enquanto pensa e trabalha está sempre sozinho, onde quer que esteja. Não se mede a solidão pelas milhas de espaço que distam um homem de seus companheiros. O estudante realmente aplicado, em meio às superlotadas colméias da Universidade de Cambridge, é tão solitário como um dervixe em pleno deserto. O lavrador pode trabalhar sozinho no campo ou nos bosques o dia inteiro, cavoucando com a enxada ou cortando lenha, e não se sentir solitário, porque está ocupado; mas quando retorna ao lar à noite não pode se recolher no quarto só, à mercê de seus pensamentos, e tem que ir aonde pode *"ver gente"* e distrair-se, para, como julga, recompensar-se da solidão de seu dia; e assim ele se pergunta como pode o estudante ficar sozinho em casa a noite inteira, além de grande parte do dia, sem se entediar e sem crises de tristeza; mas ele nem de longe se dá conta de que o estudante, embora em casa, continua trabalhando em *seu* campo, cortando a lenha de *seus* bosques, tal e qual o lavrador, e que por sua vez procura a mesma distração e companhia que este, só que provavelmente de forma mais condensada.

Em geral a associação é pouco valiosa. Encontramo-nos a intervalos muito curtos, sem que haja tempo de adquirir qualquer valor novo para oferecer um ao outro. Encontramo-nos três vezes por dia às refeições e nos damos mutuamente mais uma prova do queijo velho e rançoso que somos. Tivemos que chegar a um acordo quanto a um conjunto de normas, chamadas etiqueta e cortesia, a fim de tornar tolerável esse freqüente encontro e evitar uma guerra declarada. Encontramo-nos no correio, nos lugares de reunião, e toda noite junto à lareira; vivemos em promiscuidade, entrando um no caminho do outro, tropeçando um no outro, e creio que dessa forma perdemos o respeito mútuo. É certo que bastaria menos convivência a todas as comunicações importantes e cordiais. Considerai as moças operárias — nunca a sós, dificilmente entregues ao sonho. Seria bem melhor se houvesse apenas um habitante por milha quadrada, como é onde moro. O valor de um homem não está em sua pele, de modo que se possa tocá-lo.

Ouvi falar num homem que se perdeu nos bosques morrendo de fome e exaustão ao pé de uma árvore; sua solidão foi aliviada pelas visões grotescas com que, devido à fraqueza corporal, a imaginação doentia o assediava e ele acreditava serem reais. Assim também, graças à fortaleza e à saúde física e mental, podemos ser continuamente alentados por companhia desse gênero, só que mais natural e normal, e vir a reconhecer que nunca estamos sozinhos.

Tenho bastante companhia em minha casa, especialmente na parte da manhã, quando ninguém me procura. Deixai-me sugerir algumas comparações a fim de que se possa ter idéia da minha situação. Não sou mais solitário que o mergulhão a rir tão alto no lago, nem que o próprio Walden. Que companhia, pergunto eu, tem esse solitário lago? E todavia tem em si não demônios, porém anjos no tom azul de suas águas. O sol é só, salvo em tempo cerrado, quando às vezes parece ser dois, mas um deles é falso. Deus é só — porém o demônio está longe de ser só; ele é legião. Não sou mais solitário que um verbasco ou um dente-de-leão isolado no pasto, nem que uma folha de vagem, uma azeda, um moscardo ou uma vespa-de-rodeio. Não sou mais solitário que o Mill Brook (Arroio do Moinho), que o catavento, que a estrela do norte ou o vento sul, que uma pancada d'água em abril ou um degelo em janeiro, ou que a primeira aranha numa casa nova.

Nos demorados crepúsculos de inverno, quando rápida caía a neve e o vento uivava nos bosques, recebi ocasionais visitas de um velho colono e primitivo proprietário que consta haver escavado o lago Walden e calçado de pedras suas margens, guarnecendo-as com bosques de pinheiros; ele me conta histórias dos velhos tempos e da nova eternidade; e nós dois conseguimos passar uma noite animada, com regozijo social e prazenteiras opiniões sobre as coisas, mesmo sem maçãs e cidra — um amigo espirituoso e sensato, a quem eu quero muito bem, mais reservado do que mesmo Goffe ou Whalley e que passa por morto, embora ninguém possa mostrar sua sepultura. Também mora na minha vizinhança uma senhora idosa, invisível para a maioria das pessoas, e em cujo jardim de ervas aromáticas gosto de passear algumas vezes, juntando plantas medicinais e ouvindo suas fábulas, pois ela tem um espírito de fertilidade ímpar e sua memória recua no

passado mais que a mitologia, e pode me contar o original de qualquer fábula e em que fato cada uma está baseada, porque os incidentes ocorreram quando ela era jovem. Uma velha dama corada e robusta, que gosta de todos os tempos e estações, e capaz de viver mais que todos os seus filhos.

A indescritível inocência e beneficência da natureza, — do sol, do vento, da chuva, do verão e do inverno, — proporcionando sempre saúde e alegria! Todos nutrem sempre tal ternura pela nossa raça, que a natureza inteira se comoveria, o brilho do sol se empanaria, os ventos suspirariam à moda humana, as nuvens choveriam lágrimas, e os bosques deixariam cair suas folhas e vestiriam luto no meio do verão, se algum homem viesse a sofrer um dia por uma causa justa. Não deverei estar em comunhão com a terra? Não sou eu mesmo em parte folhas e humo?

Qual é a pílula que há de nos manter bem, serenos e satisfeitos? Não a do meu ou do teu bisavô, mas os remédios botânicos de nossa universal e vegetal bisavó, a natureza, com os quais ela tem se mantido sempre jovem, sobrevivido a muitos velhos Parrs e alimentado sua saúde com a fertilidade deles em decomposição. Para minha panacéia, em vez de um desses frascos de charlatão com mistura retirada do Aqueronte e do Mar Morto, vindos nas compridas e rasas escunas negras com aparência de vagões, que vemos às vezes transportando garrafas, deixai-me tomar um trago do ar puro da manhã. Ar da manhã! Se os homens, não vão bebê-lo no manancial do dia, por que então devemos engarrafá-lo e vendê-lo nas lojas em proveito dos que perderam o bilhete de entrada para o espetáculo da manhã no mundo? Porém, lembrai-vos de que não se manterá incólume até meio-dia, nem mesmo no porão mais fresco, mas explodirá as rolhas muito antes para seguir os passos da aurora na direção oeste. Não sou adorador de Hygéia, filha de Esculápio, o velho doutor em ervas, representado nos monumentos segurando uma serpente em uma das mãos e na outra uma taça na qual às vezes a serpente bebe; e sim de Hebe, copeira de Júpiter, filha de Juno com a alface silvestre, e que tinha o poder de restaurar o vigor da juventude nos deuses e nos homens. Era provavelmente a única moça de todo perfeita, saudável e forte que já andou pelo globo, e onde quer que chegasse era primavera.

VISITAS

Acho que gosto tanto de companhia quanto a maior parte das pessoas, e estou sempre disposto a, igual a uma sanguessuga, grudar-me o tempo todo a qualquer homem de puro sangue que cruze o meu caminho. Não tenho natureza de ermitão e possivelmente até suplantaria o mais assíduo freqüentador de bar, se os meus interesses aí me chamassem.

Tinha três cadeiras em minha casa: uma para a solidão, duas para a amizade e três para reuniões. Quando chegavam visitas em número maior e inesperado havia apenas a terceira daquelas cadeiras para todos, que, em geral, economizavam espaço ficando em pé. É surpreendente a quantidade de grandes homens e mulheres que pode conter uma pequena casa. Cheguei a receber sob meu teto, de uma só vez, vinte e cinco a trinta almas, com os respectivos corpos, e não obstante freqüentemente nos despedíamos sem notar que havíamos ficado muito perto um do outro. Muitas de nossas casas, públicas ou particulares, com seus aposentos quase inumeráveis, salas imensas e porões para estocagem de vinhos e outras munições de paz, parecem-me extravagantemente grandes para os moradores. São tão vastas e suntuosas que estes parecem ser apenas vermes a infestá-las. Na hora em que diante de hotéis como o Tremont, Astor ou Middlesex, o mensageiro apregoa as convocações, surpreendo-me ao ver arrastar-se pela galeria, como único morador, um ridículo rato que logo se escapole dentro de algum buraco na calçada.

Um inconveniente que em casa tão pequena às vezes experimentei, foi a dificuldade de obter suficiente distância de meu hóspede sempre que começávamos a proferir pensamentos grandiosos com palavras grandiloqüentes. Necessita-se de espaço para que os pensamentos enfunem as velas e percorram um ou dois cursos antes de aportarem. Antes de atingir a orelha do ouvinte, o projétil do pensamento deverá ter

superado o movimento lateral e de ricochete e entrado em seu último e firme percurso, senão pode arrancar-se novamente saindo pelo outro lado da cabeça. Nossas frases também precisam de espaço para se desdobrarem e construírem colunas no intervalo. Os indivíduos, tanto quanto as nações, devem dispor de fronteiras convenientemente amplas e naturais, inclusive de um território neutro entre eles. Descobri ser um luxo raro ficar à margem do lago a conversar com um interlocutor no lado oposto. Em minha casa ficávamos tão junto um do outro que não podíamos começar a ouvir — não podíamos falar bastante baixo para sermos ouvidos, como acontece quando se joga na água plácida duas pedras tão próximas que uma quebra a ondulação da outra. Se somos apenas loquazes e falamos alto, então podemos nos permitir ficar bem juntos, lado a lado, sentindo o hálito um do outro; mas se falamos de modo discreto e ponderado, precisamos ficar mais afastados, a fim de que todo o calor animal e umidade possam se evaporar. Se desejássemos gozar o mais íntimo convívio com aquilo em cada um de nós que está de fora, ou acima, quando alguém nos fala, devíamos não apenas nos calar, mas em geral ficar tão afastados fisicamente a ponto de um não poder ouvir a voz do outro em hipótese alguma. De acordo com esse padrão, a fala é para a conveniência daqueles que ouvem mal; porém há muitas coisas lindas que não podemos dizer se tivermos que gritar. A medida que a conversação ia assumindo um tom mais elevado e solene, empurrávamos aos poucos nossas cadeiras para mais longe até que tocassem os cantos nas paredes opostas, e logo era comum o espaço tornar-se insuficiente.

Entretanto, meu *"melhor"* aposento, minha sala de visitas sempre pronta para receber pessoas, e em cujo tapete o sol raramente batia, era o pinheiral atrás da casa. Quando em dias de verão chegavam hóspedes ilustres, levava-os para ali, e um empregado gratuito varria o chão, limpava os móveis e punha as coisas em ordem.

Se vinha uma visita, participava às vezes de minha refeição frugal, e nesse meio tempo sem interromper a conversa ia mexendo uma papa de milho ou vigiando o pão a estufar e assar em cima das cinzas. Porém se vinham vinte e se aboletavam em minha casa, não se falava em jantar; embora houvesse comida bastante para dois, era como se comer fosse um hábito abandonado; praticávamos naturalmente a abstinência, e essa atitude nunca foi interpretada como ofensa contra a hospitalidade, mas como a conduta mais adequada e cortês. Em tal circunstância o desgaste e a decadência da vida física, que amiúde requer restauração, pareciam miraculosamente retardados e o vigor vital resistia bem. Desse modo, assim como eu recebia vinte visitas, podia receber mil; e se alguma vez uma delas, tendo me encontrado em casa, foi-se embora decepcionada ou com fome, pôde pelo menos contar com a minha simpatia. É portanto bem fácil, ainda que muitos donos e donas de casa duvidem, estabelecer costumes novos melhores para substituir os antigos. Ninguém precisa firmar a reputação nos jantares que oferece. De minha parte, nada me impede de modo mais eficaz de freqüentar a casa de quem quer que seja, mesmo que tenha um Cérbero à porta, do que o aparato que a pessoa faz ao me oferecer um jantar, pois tomo-o por uma sugestão indireta, se bem que muito educada, de não incomodá-la tanto novamente. Creio que nunca revisitarei tais ambientes. Sentiria orgulho em ter como lema de minha cabana aqueles versos de Spenser que uma de minhas visitas escreveu numa folha amarela de nogueira, à guisa de cartão:

"Chegam, enchem a casa, e na verdade
Não procuram a ausente diversão.
Repouso é a festa, tudo à vontade:
À nobre alma, tudo é satisfação."

Quando Winslow, mais tarde governador da colônia de Plymouth, chegou em visita de cerimônia ao alojamento do rei indígena Massassoit, foi muito bem recebido. Entretanto, tendo ele e o companheiro feito a pé o percurso pelos bosques, e estando ambos cansados e famintos, estranhou que não se falasse em comida

naquele dia. Ao chegar a noite, para citar suas próprias palavras: *"Agasalhou-nos na cama com ele e sua esposa, o casal numa extremidade e nós na outra, a cama apenas uma prancha colocada a uns trinta centímetros do chão, e com fina esteira a cobri-los. Além de nós, duas pessoas de sua confiança, por falta de espaço, ficaram comprimidas ao nosso lado e sobre nós; de tal maneira que ficamos bem mais cansados com o alojamento do que com a viagem".* No dia seguinte à uma hora, Massassoit *"trouxe dois peixes que ele apanhara"* quase três vezes maiores que uma carpa; *"ao serem cozidos, havia pelo menos quarenta pessoas aguardando por um pedaço. A maioria conseguiu comer. Essa foi a única refeição que tivemos no espaço de duas noites e um dia; e se um de nós não houvesse comprado uma perdiz, teríamos viajado em jejum."* Com medo de ficarem tontos por falta de comida e também de sono, devido às *"cantigas bárbaras dos selvagens (pois costumavam adormecer cantando)"*, partiram de modo a chegar em casa enquanto tinham forças para viajar. Quanto ao alojamento, é verdade que foram insatisfatoriamente acomodados, embora o que eles consideraram um inconveniente tivesse sido feito sem dúvida com o propósito de homenageá-los; quanto à alimentação, não vejo como os índios poderiam ter se saído melhor. Eles próprios não tinham o que comer e eram bastante esclarecidos para saber que desculpas não substituiriam a comida para os hóspedes; assim apertaram os cintos e não comentaram nada a respeito. Em outra ocasião que Winslow os visitou, por ser temporada de fartura entre eles, não houve deficiência neste ponto.

Quanto aos homens, dificilmente faltarão a uma pessoa em qualquer lugar. Enquanto morei nos bosques, tive mais visitas do que em qualquer outro período da vida; quero dizer que tive algumas e que diversas eu recebi lá em circunstâncias mais favoráveis do que em qualquer outro lugar. Mas poucas foram me ver por assuntos banais. Neste aspecto, minhas companhias eram peneiradas pela simples distância da cidade. Havia me retirado tão longe dentro do grande oceano de solidão no qual se esvaziam os rios da sociedade, que a maioria das vezes, nó que diz respeito às minhas necessidades, só o sedimento mais fino era depositado em torno de mim. As ondas me traziam até ali evidências de continentes inexplorados e selvagens que ficavam do outro lado.

Quem iria aparecer em minha casinha esta manhã, senão um verdadeiro homem homérico ou paflagônico? Tinha um nome tão adequado e poético que lamento não poder decliná-lo aqui. Era um lenhador canadense, fazedor de estacas, capaz de enfincar cinqüenta num só dia, e cuja última ceia fora uma marmota caçada por seu cão. Ele, também, ouvira falar de Homero, e *"se não fossem os livros não saberia o que fazer nos dias chuvosos"*, embora talvez não tenha lido um só inteiro ao longo das muitas estações de chuvas. Certo padre, que sabia um pouco de grego, ensinou-o a ler os versículos da Bíblia lá na sua remota paróquia natal; e agora tenho que lhe traduzir, enquanto ele segura o livro, a repreensão de Aquiles a Patroclo por seu semblante triste: *"Patroclo, por que choras feito mocinha?"*

> *"Ou foste o único a ter notícias de Phtia?*
> *Dizem que Menoetius, filho de Actor, ainda vive,*
> *Bem como Peleu, filho de Aecus, entre os Myrmidones.*
> *A morte de qualquer deles nos faria sofrer muito."*

Ele comenta: *"É bonito."* Carrega debaixo do braço um feixe enorme de carvalho branco que apanhou este domingo de manhã para um doente. *"Penso que não há mal algum em providenciar isso hoje"*, diz. Para ele Homero era um grande escritor, embora não soubesse de que se tratava sua obra. Era difícil encontrar alguém mais simples e natural. A doença e o vício que empanam moralmente o mundo pareciam-lhe quase inexistentes. Tinha mais ou menos vinte e oito anos e aos dezesseis havia deixado a casa paterna no Canadá, a fim de trabalhar nos Estados Unidos e juntar dinheiro para comprar uma fazenda, talvez em sua terra natal. Sua constituição era de molde bruto, o corpo espadaúdo mas indolente, embora de postura elegante, pescoço largo e bronzeado, cabelo espesso e escuro, olhos azuis sonolentos e apáticos que ocasionalmente se

acendiam num lampejo expressivo. Usava um boné achatado, de pano cinzento, sobretudo de lã de cor encardida e botas de couro de vaca. Era grande consumidor de carne e costumava levar num balde de lata a comida para o trabalho, a mais de três quilômetros além da minha casa, pois cortava lenha o verão todo. Eram carnes frias, muitas vezes de marmota, e também levava café numa garrafa de pedra que pendia de um cordão amarrado na cintura; às vezes oferecia-me um gole. Chegava cedinho, atravessando minha plantação de feijões, embora sem a ansiedade ou pressa que os ianques mostram para pegar o trabalho. Ele não era candidato a machucar-se. Não se importava de ganhar apenas o próprio sustento. Deixava com freqüência seu jantar nas moitas, quando seu cachorro apanhava pelo caminho uma marmota, e voltava atrás mais de dois quilômetros a fim de prepará-la e deixá-la no porão da casa em que morava, depois de decidir durante meia hora se poderia ou não sem perigo mergulhá-la no lago até o entardecer — demorando-se prazenteira e longamente sobre esses assuntos. Ao caminhar de manhã exclamava: *"Quantos pombos! Se não tivesse que trabalhar todos os dias, arranjaria toda a carne que precisasse caçando pombos, marmotas, coelhos e perdizes, por Deus! Num só dia arranjaria carne para os gastos da semana inteira."*

Era um lenhador habilidoso, entregando-se até a ornamentos e requintes em seu ofício. Cortava as árvores rentes ao nível do chão, de modo que os rebentos a brotar depois fossem mais viçosos e que um trenó pudesse deslizar sobre os tocos; e em vez de deixar uma árvore inteira a suportar a lenha amarrada, reduzia a madeira desbastando-a em estacas mais finas ou lascas que ao fim poderiam ser quebradas com a mão.

Chamava a minha atenção por ser tão tranqüilo e solitário e não obstante feliz; um manancial de bom humor e contentamento a transbordar de seus olhos. Sua alegria era pura. Via-o algumas vezes em pleno trabalho nos bosques abatendo árvores e ele me saudava com um sorriso de inexprimível satisfação, cumprimentando-me em francês canadense, embora falasse inglês igualmente bem. Quando me aproximava dele, costumava interromper o trabalho e com mal contida alegria deitava-se ao longo de um tronco de pinheiro que havia derrubado, arrancando um pedaço da casca, arredondando-o em forma de bola e mastigando-o enquanto ria e falava. Tinha tamanha exuberância de força animal que algumas vezes tropeçava e rolava no chão de tanto rir com alguma coisa que o fizesse pensar ou lhe desse cócegas. Contemplando as árvores ao seu redor costumava exclamar: "Por *Deus! Divirto-me bastante a cortar lenha aqui. Não preciso de esporte melhor!"* Às vezes, quando estava de folga, passava o dia inteiro nos bosques distraindo-se com uma pistola de bolso, que disparava a intervalos regulares durante o percurso, saudando-se com salvas. No inverno mantinha aceso um fogo em que ao meio-dia esquentava numa chaleira o seu café; e quando se sentava numa tora para fazer a refeição, os chapins às vezes se aproximavam, pousavam-lhe no braço, bicavam-lhe a batata nos dedos; e ele dizia *"gostar de ter esses companheirinhos junto dele".*

Nele se desenvolvera principalmente o lado animal. Em matéria de resistência física e satisfação era primo do pinheiro e da rocha. Perguntei-lhe uma ocasião se às vezes não se sentia cansado à noite. Respondeu-me com olhar sério e sincero, *"Gorrapit! nunca me cansei na vida."* Mas seu lado intelectual e espiritual estava cochilando como numa criancinha. Só havia sido instruído naquele modo inocente e ineficaz com que os padres católicos ensinam os índios e pelo qual o aluno nunca é educado ao nível de conscientização, mas ao de confiança e reverência, e que faz com que a criança se mantenha nesse estado sem atingir a maturidade. Quando a natureza o fez, deu-lhe um corpo forte, contentamento por seu quinhão e sustentou-o por todos os lados com respeito e confiança para que pudesse viver setenta anos feito criança. Era tão genuíno e sem sofisticação que nenhuma apresentação serviria para apresentá-lo, pois seria como apresentar uma marmota ao vizinho. A pessoa tinha que descobri-lo, que nem eu o descobri. Ele não representaria nenhum papel. Pagavam-lhe salário pelo trabalho e desse modo ajudavam-no a alimentar-se e vestir-se; mas ele nunca trocou idéias com os patrões. Era tão simples e naturalmente humilde — se se pode chamar de humilde a quem nada aspira - que a humildade não era virtude a distingui-lo, e nem mesmo podia concebê-la. Para ele os sábios eram semideuses. Se lhe dissessem que um deles estava por chegar, ele se comportaria como se pensasse que algo tão grandioso não podia esperar nada dele, mas tão somente tomar a seu encargo qualquer

responsabilidade, deixando-o em paz. Nunca tinha ouvido um elogio. Reverenciava em particular o escritor e o pregador, cujos desempenhos considerava milagres. Quando lhe disse que escrevia muito, pensou por longo tempo que eu me referia apenas à escrita manual, pois ele mesmo tinha excelente caligrafia. Algumas vezes dei com o nome da paróquia em que nascera graciosamente escrito, com o devido acento francês, na neve junto à estrada real, e assim ficava sabendo que ele havia passado por ali. Perguntei-lhe se algum dia desejara escrever seus pensamentos. Disse-me que havia lido e escrito cartas para pessoas que não podiam fazê-lo, mas nunca tentara escrever pensamentos — não, não podia, não saberia como começar, isso o mataria, e ainda por cima ter que prestar ao mesmo tempo atenção à ortografia!

Soube que um sábio e distinto reformador perguntou-lhe se não queria que o mundo mudasse; respondeu com um muxoxo de surpresa no seu sotaque canadense, sem saber que a questão já tinha sido levantada antes, *"Não, gosto bastante dele."* Contatos com ele teriam sugerido muitas coisas a um filósofo. A um estranho dava a impressão de não saber das coisas em geral; contudo via algumas vezes nele um homem que não havia visto antes, e não sabia se era tão sábio como Shakespeare ou simplesmente ignorante que nem uma criança, se devia atribuir-lhe delicada consciência poética ou estupidez. Um cidadão me disse que quando o encontrava perambulando pelo povoado, de bonezinho enterrado na cabeça e a assoviar para si mesmo, parecia-lhe um príncipe disfarçado.

Seus únicos livros eram um almanaque e uma aritmética, e nesta última era bastante capaz. Já o almanaque era uma espécie de enciclopédia para ele, pois supunha conter um resumo do conhecimento humano, o que até certo ponto não estava errado. Gostava de sondá-lo sobre as várias novidades do dia, e ele nunca deixava de encará-las à prática luz da simplicidade. Nunca tinha ouvido falar de tais coisas antes. Podia viver sem fábricas? perguntei. Usava o cinzento Vermont feito em casa e achava-o bom. Podia dispensar o chá e o café? Produzia o país alguma bebida além de água? Tinha deixado folhas de cicuta de molho na água e havia bebido a infusão, considerando-a melhor que água no tempo quente. Quando lhe perguntei se podia passar sem dinheiro, demonstrou-me a conveniência do dinheiro de maneira a sugerir e coincidir com as explicações mais filosóficas sobre a origem da instituição e a etimologia da palavra *pecunia.* Se possuísse um boi e quisesse comprar linha e agulhas no armarinho, achava que seria inconveniente, e impossível de imediato, ir hipotecando um pedacinho do animal cada vez que precisasse de dinheiro correspondente. Podia defender muitas instituições melhor que qualquer filósofo, porque ao descrevê-las no que lhe concerniam, dava a verdadeira razão de seu predomínio, a especulação não lhe sugerindo nenhuma outra.

De certa feita, ouvindo a definição de homem dada por Platão — bípede implume — e que alguém mostrara um galo depenado chamando-o de homem de Platão, observou a importante diferença quanto aos joelhos que se dobravam de modo inverso. Às vezes exclamava: *"Como gosto de falar! Por Deus, podia falar o dia inteiro!"* Perguntei-lhe uma ocasião, depois de muitos meses sem vê-lo, se havia tido alguma idéia nova no verão. *"Meu Deus!"*, disse, *"se um homem que tem de trabalhar como eu não se esquece das idéias que tem, vai se dar mal. Talvez teu companheiro de eito tencione correr; então, ora! teu pensamento deve estar lá, atento às ervas daninhas."* Em tais ocasiões, às vezes perguntava-me antes se eu fizera algum progresso. Um dia de inverno eu quis saber se ele estava sempre satisfeito consigo mesmo, desejando sugerir-lhe um substituto interior para o padre exterior, e alguma motivação mais elevada para viver. *"Satisfeito!"*, exclamou, *"há homens que se satisfazem com uma coisa, outros com algo diferente. Se um homem, por acaso, comeu bastante, ficará satisfeito em sentar-se o dia inteiro de costas para o fogo e barriga voltada para a mesa, por Deus!"* Todavia, jamais consegui por manobra nenhuma despertá-lo para o lado espiritual das coisas; o mais elevado que parecia conceber não passava de utilitarismo, como o que se espera que um animal aprecie; e isso praticamente ocorre com a maioria dos homens. Se eu sugeria alguma modificação para melhor no seu modo de viver, apenas respondia, sem deixar transparecer a menor mágoa, que era tarde demais. Contudo, acreditava piamente na honestidade e nas virtudes congêneres.

Havia certa originalidade positiva, embora ligeira, a ser percebida nele, e uma e outra vez observei que, além de pensar por si mesmo, ele expressava a própria opinião — fenômeno tão raro que eu caminharia dezesseis quilômetros a qualquer hora para observar, pois acarretaria o renascimento de muitas instituições sociais. Embora ele hesitasse e talvez até não conseguisse se exprimir de modo claro, sempre tinha um pensamento apresentável por trás de tudo. Não obstante, seu pensamento era tão primitivo e imerso em sua vida animal, que, embora mais promissor que o de um homem apenas instruído, raramente amadurecia em algo digno de ser mencionado. Provava a possibilidade de haver homens de gênio nas classes sociais mais baixas, que, permanecendo humildes e analfabetos, têm sempre opiniões próprias ou então não fingem tê-las. São seres tão profundos quanto se supõe ser o lago Walden, por mais escuros e lodosos que possam ser.

Muitos viajantes saíram de seus caminhos para me ver e conhecer minha casa por dentro, e como pretexto para a visita pediam um copo d'água.

Dizia-lhes que bebia no lago e apontava para lá oferecendo-me para emprestar-lhes uma concha. Por mais distante que eu morasse, não estava livre daquela visitação anual que ocorre, penso eu, em torno de primeiro de abril, quando tudo quanto é corpo se põe em movimento; e tive meu quinhão de boa sorte, embora houvesse alguns espécimens curiosos entre meus visitantes. Débeis mentais do asilo e de outros lugares vinham me ver; mas eu me esforçava por fazê-los exercitar toda a inteligência que tinham, a se abrirem comigo e em tais casos colocava a inteligência como assunto de nossa conversa, isso me recompensando. Na verdade, descobri que alguns deles são mais sensatos que os chamados *supervisores* dos pobres e outros respeitáveis cidadãos, e pensei que já era tempo de inverter o jogo. No que diz respeito a juízo, aprendi que não há muita diferença entre tê-lo pela metade ou na íntegra. Um dia em especial, certo mendigo inofensivo e ingênuo que eu tinha visto com freqüência em companhia de outros usados como material para cerca, de pé ou sentado num alqueire em pleno campo para impedir o extravio do gado e de si mesmo, visitou-me e manifestou seu desejo de viver como eu. Falou-me com extrema simplicidade e franqueza absolutamente superior, ou melhor, *inferior* a qualquer coisa conhecida por humildade, que era *"deficiente em inteligência"*. Tais foram suas palavras. O Senhor o havia feito assim, supunha todavia que o Senhor cuidava tanto dele como de qualquer outro. *"Sempre fui assim!'*, disse, *"desde menino. Nunca tive muito juízo; não era como as outras crianças. Sou fraco da cabeça. Foi a vontade de Deus, creio eu."* E lá estava ele para provar a verdade de suas palavras. Era para mim um enigma metafísico. Raramente encontrei-me com um semelhante em terreno tão promissor, pois tudo o que dissera era simples, sincero e verdadeiro. E, verdade seja dita, à proporção que ele parecia humilhar-se, era exaltado. De começo não sabia, mas era o resultado de uma política sábia. Parecia que nessa base de verdade e franqueza, instaurada pelo pobre mendigo retardado, nosso relacionamento poderia desenvolver-se em algo melhor que o dos sábios.

Recebi hóspedes que não estavam entre as pessoas em geral consideradas pobres na cidade, mas deveriam estar, pois de qualquer modo estão entre os coitados deste mundo; hóspedes que apelam não para nosso espírito hospitaleiro mas para o hospitalar; que desejam ardentemente ser ajudados e prefaciam seu apelo com a informação de que estão decididos em primeiro lugar a nunca se ajudarem. Exijo de uma visita que não esteja realmente morrendo de fome, embora possa ter o melhor apetite do mundo; como quer que o tenha arranjado. Objetos de caridade não são hóspedes. Pessoas que não se davam conta de que suas visitas haviam terminado, embora eu houvesse retomado meus afazeres, respondendo-as de uma distância gradativamente maior. Pessoas de quase todos os graus de inteligência visitaram-me na estação migratória. Algumas tinham mais cabeça do que sabiam usá-la; escravos fugitivos e de costumes agrícolas que se punham à escuta de vez em quando, qual raposa da fábula, como se ouvissem cães de caça ladrando nos seus rastos, e que me olhavam súplices como a dizer:

"Ó cristão, vais me mandar de volta?"

Entre outros, ajudei um verdadeiro escravo fugitivo a evadir-se no rumo do norte. Pessoas de uma só idéia, como a galinha de um único pinto, e esse, um patinho; pessoas de mil idéias e cabeças descabeladas, como aquelas galinhas que tomam conta de cem pintinhos, dos quais uma vintena se perde no orvalho da manhã, todas em perseguição de um inseto e o resultado é que se encrespam e se tornam sarnentas; pessoas de idéias em lugar de pernas, uma espécie de centopéia intelectual que faz com que a gente se arraste por toda a parte. Uma me propôs um livro em que as visitas assinariam seus nomes como nas White Mountains; porém, ai de mim! Minha memória é demasiado boa para que isso seja necessário.

Não podia deixar de notar algumas peculiaridades de meus visitantes. Meninos, meninas e moças em geral, pareciam alegres de estar nos bosques. Contemplavam-se no lago, admiravam as flores e aproveitavam seu tempo. Homens de negócio, e até agricultores, pensavam apenas em solidão e emprego, na grande distância de qualquer coisa em que eu morava; e embora dissessem que vez por outra adoravam uma caminhada pelos bosques, era evidente o contrário. Homens cheios de compromissos e inquietos, cujo tempo era completamente tomado a ganhar a vida ou mantê-la; sacerdotes que falavam de Deus como se gozassem de monopólio do assunto e não podiam suportar divergências de opinião; doutores, advogados, donas de casa ansiosas que na minha ausência abelhudavam-me o armário e a cama (como é que aquela senhora veio a saber que meus lençóis eram menos limpos que os dela?); rapazes que haviam deixado de ser jovens, chegando à conclusão que o mais prudente era seguir o caminho das profissões tradicionais — todos costumavam dizer que não era possível que eu pudesse me dar tão bem na minha condição. E aí estava o ponto de atrito! Os velhos, os doentes e os tímidos, de qualquer idade ou sexo, pensavam sobretudo em doença, acidentes inesperados e morte; para eles a vida parecia cheia de perigo — que perigo pode existir se não se pensa nele? — e pensavam que um homem prudente escolheria com o maior cuidado um local seguro, onde o Dr. B. estivesse à mão na hora necessária. Para eles o povoado era ao pé da letra uma *comunidade,* uma liga de defesa mútua e podia-se supor que não iriam colher mirtilos sem levar uma maletinha de remédios. A conclusão é que, se um homem está vivo, há sempre perigo de que possa morrer, embora de entrada se aceite que o perigo seja proporcionalmente menor, se se trata de um morto em vida. Um homem corre tantos riscos quanto corre. Finalmente, havia os reformadores do próprio estilo de vida, os mais importunos de todos, e que pensavam que eu estava sempre cantando:

Eis a casa que construí
Eis o homem que vive na casa que construí;

---

sem saberem que o terceiro verso era:

Eis as pessoas que incomodam o homem
Que vive na casa que construí.

Não temia os ladrões de galinha, porque eu não criava pintos; meu medo era dos importunos que perseguem gente.

Tive visitas bem mais estimulantes que as mencionadas por último. Crianças juntando frutinhas, ferroviários de camisa limpa, passeando nas manhãs de domingo, pescadores e caçadores, poetas e filósofos, em suma, todos os peregrinos honestos, que acorriam aos bosques por amor à liberdade, e haviam realmente deixado a cidade para trás. Estava pronto a saudá-los: *"Sede benvindos, ó ingleses! Sede benvindos, ó ingleses!"*[6] porque eu havia me comunicado com essa raça.

---

[6] A saudação prende-se a um episódio narrado por Bradford em "The History of Plymouth Plantation" (1898) em que um índio, tendo aprendido inglês com marujos ingleses que vinham pescar em suas praias, saúda corajosamente os peregrinos recém-chegados naquela língua. (N.T.)

A PLANTAÇÃO DE FEIJÕES

Nesse meio tempo meus feijões, cujas fileiras plantadas já somavam onze quilômetros de comprimento, aguardavam com impaciência a enxada, porque os primeiros haviam crescido consideravelmente antes que os últimos estivessem no solo; de fato não era fácil adiar essa tarefa. Qual fosse o significado desse pequeno trabalho de Hércules, tão constante e digno, eu não sabia. Vim a amar as fileiras e os feijões apesar de serem mais numerosos do que eu queria. Eles me prendiam à terra, de onde como Anteu eu retirava força. Mas por que tinha eu de cultivá-los? Só Deus sabe. Esse foi por todo o verão o meu trabalho de curioso — fazer com que um trecho da superfície terrestre que até então dera apenas cinco-em-rama, amoras pretas, erva-de-são-joão e coisa parecida, doces frutos silvestres e encantadoras flores, produzisse em vez disso leguminosas. Que aprenderei eu com os feijões, ou os feijões comigo? Eu os trato com carinho, capino sua terra e dou uma olhada neles cedo e mais tarde; e esse é meu trabalho do dia. Têm uma folha larga e bonita de se olhar. Meus ajudantes são o orvalho e as chuvas que regam o solo seco, e o que há de fertilidade no próprio solo, na maior parte improdutivo e gasto. Meus inimigos são as larvas,os dias frios e acima de tudo as marmotas. As últimas me devastaram mais de mil metros quadrados. Mas com que direito expulsei as ervas-de-são-joão e tudo o mais, desmanchando o seu antigo jardim de ervas? Muito breve, entretanto, os feijões remanescentes serão bastante duros para as marmotas e irão enfrentar novos inimigos.

Quando eu tinha quatro anos de idade, lembro-me bem, trouxeram-me de Boston para esta minha cidade natal, através destes mesmos bosques e deste campo, que dão no lago. Trata-se de uma das mais antigas cenas gravadas na minha memória. E agora, esta noite, minha flauta acordou os ecos sobre essa mesma água. Os pinheiros, mais velhos do que eu, ainda se erguem por aqui; se alguns tombaram, tenho cozinhado minha ceia com seus tocos, e toda uma nova geração está crescendo ao redor, preparando outro cenário para novos olhos infantis. Quase que a mesma erva-de-são-joão brota da mesma raiz perene na pastagem, e até mesmo eu com o correr do tempo ajudei a vestir aquela fabulosa paisagem dos meus sonhos de infância, e um dos resultados de minha presença e influência vê-se nessas folhas de feijão, nas palhas do milho e nas trepadeiras de batata.

Plantei cerca de dez mil metros quadrados em terreno elevado; como fazia apenas uns quinze anos que o solo fora desmaiado, e eu mesmo só tinha arrancado de sete a dez metros cúbicos de tocos de árvores, não o adubei; mas no decorrer do verão revelou-se-me pelas pontas de flecha que revolvi ao capinar, o fato de que uma nação extinta habitara outrora aqui, plantando milho e feijão antes que o homem branco viesse desbravar a terra, e assim até certo ponto esgotara o solo para a colheita de agora.

Bem antes que qualquer marmota ou esquilo corresse pela estrada, ou que o sol se alçasse acima dos arbustos de carvalho, ou que o orvalho secasse — contra a opinião dos agricultores, aconselharia a fazer todo o serviço enquanto o orvalho permanece — punha-me a arrasar as filas de altas ervas daninhas na plantação de feijões, jogando-lhes terra em cima. De manhã cedinho trabalhava descalço, atolando-me como um artista plástico na areia orvalhada e farelenta, só que mais tarde o sol me queimava os pés. O sol então me iluminava para que cuidasse dos feijões, e andasse vagarosamente para a frente e para trás uns oitenta metros naquele altiplano amarelo e cascalhento, entre as longas fileiras verdes em que uma extremidade dava no capão de carvalhos pequenos a cuja sombra eu podia descansar, e a outra num campo de amoras pretas cujas bagas verdes tingiam-se pouco a pouco enquanto eu dava uma volta. Remover as ervas daninhas; colocar terra fresca em torno das hastes de feijão, encorajando assim a erva que eu semeara, fazer o solo amarelo expressar suas intenções estivais em folhas e flores de feijões mais do que em absinto, gaiteiras e painço, fazer a terra se afirmar em feijões e não em capim — eis o meu trabalho de cada dia. Como eu contasse com pouca ajuda de cavalos e gado, de peões e garotos, ou de apetrechos de lavoura modernos, era muito mais lento e tornei-me bem mais íntimo dos feijões do que é costume. Mas o trabalho manual, mesmo quando levado às raias da estafa, talvez não equivalha nunca à pior forma de ócio. Comporta uma moral constante e imperecível, e ao estudioso fornece um efeito clássico. Eu era um verdadeiro agrícola *laboriosus* para os viajantes que se

dirigiam a oeste passando por Lincoln e Wayland rumo a ninguém sabe onde; eles confortavelmente sentados em cabriolés, de cotovelos nos joelhos e com as rédeas pendendo frouxas como grinaldas; eu, o sedentário, o lavrador nativo daquele chão. Mas dentre em pouco meu sítio estaria fora da visão e do pensamento deles. Era o único campo aberto e cultivado numa grande distância acompanhando os dois lados da estrada, e por isso, meus feijões sobressaíam muito; e de vez em quando quem estava no campo ouvia o que não era para ouvir das conversas fiadas e comentários dos viajantes: *"Feijões a essa altura! Ervilhas a essa altura!"* — porque eu continuava a plantar quando outros já começavam a cavoucar, o lavrador profissional não o suspeitaria. *"Milho, meu filho, para forragem; milho para forragem." "Ele mora aí?",* pergunta o de boné preto e paletó cinzento; e o lavrador de feições rudes refreia seu cavalo manso agradecido para perguntar o que é que se faz, já que não vê adubo nos sulcos, e recomendar um pouco de terra com estrume ou qualquer outro detrito, quem sabe cinzas ou gesso. Mas enquanto aqui havia dez mil metros quadrados de terra lavrada e apenas uma enxada por carroça e duas mãos para empurrá-la — havendo uma aversão por outras carroças e cavalos —, a terra com estrume ficava muito longe. Companheiros em viagem, ao tagarelarem em voz alta, comparavam meu campo com outros por onde haviam passado, e dessa forma vim a saber a quantas andava no mundo da agricultura. Este campo não constava do relatório do Sr. Coleman. E, a propósito, quem calcula o valor da safra que a natureza produz em campos ainda mais selvagens não cultivados pelo homem? A produção do feno inglês é cuidadosamente pesada, calculando-se a umidade, os silicatos e a potassa; mas em todos os pequenos vales e poços dos bosques, nos pastos e nos pântanos, cresce rica e variada colheita que não é ceifada pelo homem. Minha plantação era, por assim dizer, o elo entre as áreas selvagens e as cultivadas; da mesma forma que há estados civilizados, semicivilizados e outros selvagens ou bárbaros, assim era meu campo, embora não no mau sentido, semicultivado. Os feijões que eu cultivava estavam retornando de bom grado ao primitivo estado agreste, e a minha enxada como que tocava para eles a ária *Rans des Vaches.*

Bem próximo, sobre a mais alta ramagem de uma bétula, canta o sabiá marrom — ou o tordo vermelho, como alguns preferem chamá-lo — a manhã inteira, alegre com a presença da gente, e que descobriria as terras de outro fazendeiro se a nossa não estivesse aqui. Enquanto se planta a semente, ele grita: *"Solte-a, solte-a; cubra-a, cubra-a; arranque-a, arranque-a."* Mas não se tratava de milho, e assim não havia perigo em inimigos dessa espécie. Podeis perguntar-vos o que tem a ver o discurso do pássaro, suas performances de Paganini amador numa corda ou em vinte, com o ato de plantar, e ainda preferi-lo às cinzas lixiviadas e ao gesso. Era uma forma de adubo barato em que eu tinha toda confiança.

A medida que eu retirava com a enxada terra ainda mais fresca dos sulcos, revolvendo as cinzas de nações pré-históricas que em priscas eras tinham vivido sob aqueles céus, seus modestos instrumentos de guerra e caça emergiam à luz dos dias contemporâneos. Jaziam misturados com outras pedras naturais, marcadas pelo fogo dos índios ou pelo sol, ou com fragmentos de cerâmica e de vidro trazidos até aqui pelos recentes cultivadores do solo. Quando a minha enxada tilintava de encontro às pedras, essa música ecoava pelo bosque e pelo céu em acompanhamento ao meu trabalho que assim produzia uma colheita instantânea e imensurável. Não era mais feijões o que eu cultivava, nem era eu quem os cultivava; e lembrava-me com piedade e orgulho ao mesmo tempo, se é que de fato me lembrava, dos meus conhecidos que tinham ido à cidade assistir a oratórios. O curiango circunvoava os céus das tardes ensolaradas — porque às vezes eu me esquecia das horas a contemplá-lo — como um argueiro no olho, ou melhor, no olho do céu, tombando de vez em quando, arremessando-se com um som como se os céus fossem rasgados, rotos aos últimos trapos e farrapos, e não obstante a abóbada inconsútil permanecia; são pequenos diabretes a encher o ar e depositar seus ovos no chão de areia nua ou nas rochas em cima das serras, onde poucos os têm achado; graciosos e esbeltos como ondulações captadas do lago, como folhas tangidas pelo vento a flutuarem no céu; tal parentesco existe na natureza. O falcão é o irmão aéreo da onda que ele sobrenavega e inspeciona, com aquelas asas perfeitas infladas de ar, replicando às rudimentares e implumes rêmiges do mar. De outras vezes ficava a olhar uma dupla de fêmeas dessa ave circulando altaneiras no céu, subindo e descendo

alternadamente, aproximando-se e afastando-se uma da outra; como se fossem a encarnação de meus próprios sentimentos. Ou então era atraído pela passagem de pombos selvagens deste para outro bosque, graças ao leve rumor de asas se agitando e batendo em pressa de pombo-correio; ou minha enxada desalojava debaixo de um toco podre uma indolente, assombrosa e exótica salamandra manchada, relíquia do Egito e do Nilo, ainda assim nossa contemporânea. Sempre que interrompia o serviço, apoiando-me na enxada, em qualquer trecho da fileira ouvia desses sons e avistava dessas visões, parcela do inesgotável espetáculo que o campo oferece.

Em dias de gala a cidade dispara seus grandes canhões, que ressoam nestes bosques como espingardas, e ocasionalmente chegam até nós restos de música marcial. Para mim, afastado na minha plantação de feijões nos confins da cidade, os enormes canhões soavam como explosão de bufa-de-lobo; e no caso de alguma movimentação militar de que eu não estava ciente, experimentava às vezes durante o dia inteiro a vaga sensação de uma espécie de prurido e doença no horizonte, como se em breve uma erupção fosse se manifestar, escarlatina ou úlceras, até que finalmente uma rajada de vento mais favorável, apressando-se sobre os campos e subindo a estrada de Wayland, informava-me dos *"treinamentos"*. Pelo zumbido distante parecia que as abelhas de alguém enxameavam, e que os vizinhos, seguindo o conselho de Virgílio, com um leve *tintinnabulum*[7] sobre o mais sonoro de seus utensílios domésticos, tentavam reconduzi-las à colméia. E quando o som morria completamente à distância, o zumbido cessava e a brisa mais favorável não contava história nenhuma, sabia que haviam apanhado o último zangão, são e salvo de volta à colméia de Middlesex, e que agora suas mentes se voltavam para o mel que lambuzava os favos.

Sentia-me orgulhoso de saber que assim as liberdades de Massachusetts e de nossa pátria estavam resguardadas; e ao repegar o trabalho com a enxada era tomado de inexprimível confiança, prosseguindo o serviço alegremente, com serena fé no futuro.

Quando havia várias bandas de músicos, soava como se a cidade inteira fosse imenso fole e todos os prédios se estufassem e se encolhessem com estrondo. Mas por vezes era um acorde realmente nobre e inspirador que, como a trombeta que canta a fama, chegava até os bosques, e sentia-me como se pudesse apunhalar com verdadeiro prazer um mexicano — afinal, por que sempre nos bateríamos por ninharias? — e procurava ao redor alguma marmota ou zorrilho para exercer o espírito combativo. Esses acordes marciais pareciam tão distantes quanto a Palestina e me faziam imaginar uma marcha de cruzados no horizonte, com o ligeiro galope e o trêmulo movimento das copas de olmos que pendem sobre o povoado. Era um grande dia esse, embora na minha clareira o céu tivesse a mesma aparência imponente de todos os dias, e quanto a isso não se visse diferença.

Foi uma experiência singular essa longa convivência que eu privara com os feijões, seja plantando e cavoucando a terra, ceifando e debulhando, colhendo e vendendo — esta última coisa a mais difícil — e acrescento comendo, porque os provei. Tinha tomado o propósito de conhecer os feijões. Quando estavam em fase de crescimento, costumava trabalhar a terra das cinco da madrugada até o sol a pino, e em geral empregava o restante do dia em outros afazeres. Considerai o relacionamento íntimo e singular que a pessoa estabelece com as várias espécies de ervas — o que no final das contas acarretará repetição, porque não era pouca a repetição nesse tipo de trabalho — rompendo de maneira tão cruel suas delicadas estruturas e fazendo com a enxada distinções tão odiosas, exterminando ordens inteiras de uma espécie e cultivando outra com diligência. Aquela é o absinto romano, aquela é o amaranto, aquela é a azeda, aquela outra a gaiteira — atacá-las uma a uma, cortá-las, revirá-las de raízes para o sol, não deixar-lhes nenhuma fibra à sombra, pois do contrário em dois dias qualquer delas se reerguerá verde que nem um alho-porro. Uma guerra demorada, não contra as gruas mas contra as ervas daninhas, essas troianas que contavam com o sol, a chuva e o orvalho como aliados. Diariamente, os feijões me viam chegar em socorro deles, armado de enxada

[7] *Tintinnabulum* — campainha ou sineta em latim. Tem no texto função onomatopaica, reproduzindo o tilintar ou tamborilar. (N.T.)

para arrasar as fileiras de seus inimigos e encher as trincheiras de ervas defuntas. Mais de um Heitor vigoroso e de ondulante penacho, alçando-se a quase um palmo acima da multidão de companheiros, caiu sob minha arma e rolou na poeira.

Esses dias de verão que alguns de meus contemporâneos em Boston ou Roma dedicavam às belas-artes, outros na Índia à contemplação, e ainda outros em Londres ou Nova York ao comércio, eu, bem como outros fazendeiros da Nova Inglaterra, dedicávamos à agricultura. Não que eu precisasse de feijões para comer, pois sou pitagórico por natureza no que diz respeito a eles, quer como iguaria, quer como meio de escrutínio, e os trocava por arroz; mas, provavelmente, porque alguns devem lavrar os campos nem que seja em benefício de tropos e figuras de expressão para servir um dia, ao criador de parábolas. De um modo geral era um excelente passatempo que, prolongado em demasia, podia se tornar dissipação. Embora não adubasse nem cavoucasse todos de uma vez, cultivava-os extraordinariamente bem por onde andava, pelo que no final recebi recompensa, pois conforme Evelyn diz *"não há de fato composto para adubo nem qualquer alegria comparável a esse contínuo movimento, esse repasto da enxada revolvendo o humo." "A terra",* ele acrescenta adiante, *"especialmente quando virgem, tem em si certo magnetismo pelo qual atrai o sal, a potência ou a virtude (como se queira chamar) que lhe confere vida e representa a lógica de todo o trabalho e atividade que desenvolvemos em torno a fim de nos manter; todos os estercos e outras misturas não passam de sucedâneos vicários desse melhoramento do solo."* Além do mais, esse campo sendo um daqueles *"gastos e exauridos que gozam de um repouso sabático"* talvez tivesse, como acha provável Sir Kenelm Digby, atraído *"espíritos vitais"* do ar. Colhi mais de quatrocentos e trinta quilos de feijão.

Para ser mais específico porém, pois há queixas de que o Sr. Coleman em seu relatório ocupou-se sobretudo das experimentações dispendiosas de agricultores fidalgos, minhas *despesas* foram:

Por uma enxada	$0.54	
Arar, gradar e lavrar	7.50,	demasiado.
Feijão para semente	3.12	1/2
Batatas para semente	1.33	
Ervilhas para semente	0.40	
Mudas de nabo	0.06	
Cordão branco para cerca reta	0.02	
Lavrador com cavalo e garoto, três horas	1.00	
Cavalo e carroça para apanhar a colheita	0.75	
Total	$14.12	1/2

Meus ganhos *(patrem familias vendacem, non emacem esse oportet)*[8] resultaram da venda de:

Nove alqueires e doze quartos de galão de feijões	$16.94
Cinco alqueires de batatas graúdas	2.50

[8] Ao pai de família convém vender e não comprar. (N.T.)

Nove alqueires de batatas miúdas	2.25
Pasto	1.00
Hastes de plantas	0.75
Total	$23.44

Deixando um lucro pecuniário, como disse anteriormente, de $8.71 1/2.

Eis o resultado da minha experiência em cultivar feijões. Convém plantar os pés do feijão branco miúdo e comum nos primeiros dias de junho, em fileiras de mais ou menos um metro por quarenta e cinco centímetros de afastamento, tendo o cuidado de selecionar sementes novas, roliças e sem mistura. Estar atento antes de tudo às larvas e providenciar o replantio das falhas. Se se trata de um lugar aberto, ter cuidado com as marmotas, porque devorarão os brotos tenros, devastando quase tudo por onde passam; e novamente, quando as jovens gavinhas aparecem, tomam conhecimento e vêm podar os botões e as vagens pequenas, sentando-se eretas como esquilos. Mas, acima de tudo, deve-se ceifar o mais cedo possível, para escapar das geadas e ter uma safra boa e vendável; tomando tais precauções pode-se evitar muitos prejuízos.

Também adquiri essa experiência a mais. Disse a mim mesmo: Não plantarei feijão e milho com tanta diligência em outro verão, porém sementes tais, se é que ainda existem, como sinceridade, verdade, simplicidade, fé, inocência e coisas parecidas, e certificar-me-ei se não vingam neste solo, mesmo com menos esforço e adubo, e se me sustentam, pois com toda a certeza essas colheitas ainda não se esgotaram. Ai! eis o que disse a mim mesmo; mas agora outro verão passou, mais outro, mais outro, e sou forçado a confessar, Leitor: As sementes que plantei, se de fato eram as sementes daquelas virtudes, foram carcomidas pelos vermes, perderam a vitalidade, e assim não vingaram. Em geral os homens serão bravos ou tímidos conforme o foram seus pais. A presente geração está resolvida a plantar milho e feijão a cada ano, exatamente como fizeram os índios séculos atrás ao ensinarem os primeiros colonos a fazê-lo, como se houvesse nisso uma sina. Para espanto meu, vi outro dia um velho cavando com a enxada buracos, no mínimo pela septuagésima vez, e não para se enterrar neles! Mas por que não tentaria novas aventuras o habitante da Nova Inglaterra, e em vez de colocar tanta ênfase nos seus cereais, batatas, pastos e pomares, por que não cultivaria outras colheitas? Por que nos interessamos tanto por feijões para semente e não nos preocupamos com a nova geração de homens? Na realidade deveríamos celebrar com banquete e alegria o fato de, ao encontrar um homem, termos a certeza de ver que algumas das mencionadas virtudes, que valorizamos mais que todos aqueles produtos, porém que em geral se espalham e flutuam no ar, se enraizaram e cresceram nele. Eis que aí vem, ao longo do caminho, uma qualidade sutil e inefável, a verdade ou a justiça por exemplo, embora em quantia pequena e variada. Nossos embaixadores deveriam ser instruídos a enviar para cá sementes desse tipo, e o Congresso a colaborar na distribuição delas por todo o país. Nunca deveríamos fazer cerimônia com a sinceridade. Nunca nos enganaríamos, nem insultaríamos ou enxotaríamos um ao outro por conta de mesquinharias, se o núcleo da dignidade e amizade estivesse presente. Nem sequer nos encontraríamos assim às pressas. Há muitas pessoas que não encontro nunca porque parecem não dispor de tempo; estão ocupadas com seus feijões. Não deveríamos entrar em contato com um sujeito mourejando assim, reclinando-se na enxada ou na pá como arrimo nas pausas do trabalho, não feito um cogumelo, mas em parte erguido do solo, algo mais que ereto, feito as andorinhas pousadas e andando no chão:

"Ao falar, de vez em quando as asas abria
Como a querer voar, fechando-as em seguida",

---

de modo que podíamos até suspeitar que estávamos a conversar com um anjo. Nem sempre o pão pode nutrir-nos, mas sempre nos faz bem, chegando a tirar a rigidez de nossas juntas e a nos tornar flexíveis e eufóricos quando não sabíamos o que nos molestava; faz-nos reconhecer no homem ou na natureza qualquer generosidade e partilhar de qualquer alegria pura e heróica.

A poesia antiga e a mitologia sugerem, pelo menos, que a lavoura foi outrora uma arte sagrada; mas é exercida por nós com pressa e neglicência irreverentes, nosso objetivo sendo apenas o de possuir grandes fazendas e colheitas. Não organizamos festivais, procissões ou cerimônias, salvo nossas feiras de gado e os chamados Dias de Ação de Graças, nos quais o lavrador manifesta a consciência do que há de sagrado em seu ofício, ou é lembrado da origem sagrada dele. São o prêmio e a festa que o tentam. Em vez de sacrificar a Céres e ao Júpiter terrestre, sacrifica ao infernal Pluto. Por avareza e egoísmo, e por um hábito rastejante de que nenhum de nós está livre, o de encarar o solo como propriedade, ou principalmente como meio de adquirir propriedade, a paisagem é deformada, a lavoura degradada conosco e o agricultor vítima da pior das vidas. Conhece a natureza, porém como saqueador. Catão diz que os lucros da agricultura são particularmente pios e justos, *(maxime-que pius quaestus),* e de acordo com Varrão, os antigos romanos "chamavam a mesma terra de Mãe e Céres, e pensavam que aqueles que a cultivavam levavam uma vida santa e útil, e que eram os únicos remanescentes da raça do rei Saturno."

Costumamos esquecer que o sol contempla indistintamente nossos campos cultivados e as pradarias e florestas. Todos refletem e absorvem seus raios de maneira semelhante, e os primeiros apenas constituem uma pequena parte do glorioso quadro que ele avista no seu percurso diário. Aos seus olhos a terra é feito um jardim, toda cultivada por igual. Portanto deveríamos receber o benefício de sua luz e calor com uma confiança e magnanimidade correspondentes. Que importa que eu valorize a semente desses feijões e à vinda do outono ceife aquela outra? Este vasto campo que tenho olhado durante tanto tempo, não me olha como seu principal cultivador, mas bem longe de mim para influências que lhe são mais propícias, que o regam e o tornam verde. Esses feijões dão frutos que não são colhidos por mim. Em parte não crescem eles para as marmotas? A espiga do trigo (em latim *spica,* do obsoleto *speca,* de *spe,* esperança) não deveria ser a única esperança do lavrador; a amêndoa ou grão *(granum,* de *gerendo,* produzindo) não é tudo o que o trigo produz. Como, então, pode falhar a nossa colheita? Não devo regozijar-me também com a abundância das ervas daninhas cujas sementes são o celeiro dos pássaros? Comparativamente importa pouco se os campos abarrotam os silos do fazendeiro. O verdadeiro agricultor porá fim à ansiedade, assim como os esquilos não mostram preocupação com o fato de este ano os bosques se carregarem ou não de castanhas, e encerrará a labuta de cada dia renunciando a reivindicar o produto de seus campos, sacrificando em seu espírito não somente os primeiros frutos, mas também os derradeiros.

O POVOADO

Na parte da manhã, depois de cavoucar a terra, ou de ler e escrever, tinha por costume banhar-me novamente no lago, nadando através de uma de suas enseadas até chegar a um limite, lavando-me da poeira do trabalho, ou alisando a última ruga causada pela concentração no estudo, e durante a tarde ficava absolutamente livre. Todos os dias, ou de dois em dois dias, passeava pelo povoado a fim de ouvir os boatos que incessantemente andam por lá, circulando de boca em boca, ou de jornal em jornal, os quais, tomados em doses homeopáticas, são de fato a seu modo tão revigorantes como o farfalhar das folhas e o coaxar das rãs. Assim como eu andava pelos bosques para ver os pássaros e os esquilos, andava também pelo povoado para ver os senhores e os rapazes; em vez do vento entre os pinheiros, ouvia o chocalhar das carroças. Nos prados ribeirinhos pelos arredores da minha casa, vivia uma colônia de ratos almiscareiros; do outro lado, à sombra do arvoredo de olmos e plátanos, ficava uma vila de homens atarefados, tão curiosos para mim como se fossem outra espécie de marmota, cada um deles sentado à beira de sua toca, ou dando um pulo até a do

vizinho para tagarelar. Ia lá assiduamente a fim de observar-lhes os hábitos. O povoado parecia-me uma grande agência de notícias; e de um lado, para sustentá-la, como outrora na Redding & Company da rua State, guardavam nozes e passas, sal e farinha além de outros artigos de mercearia. Alguns têm tal apetite pela mercadoria número um, isto é, informações, e aparelho digestivo tão sadio, que se deixam ficar eternamente sentados nas avenidas públicas, imóveis, enquanto as notícias fervem a fogo lento e murmuram através deles como os ventos etésios, ou como se estivessem a tomar ar, o diz-que-diz que produzindo apenas letargia e insensibilidade à dor — em caso contrário seria muitas vezes doloroso ouvi-lo —, sem atingir a consciência. Quando eu perambulava pelo povoado, dificilmente deixava de ver uma série de tais personalidades, fosse tomando sol sentados numa escada, os corpos inclinados para frente e os olhos de relance por aqui e por ali, de tempos em tempos com uma expressão de volúpia, fosse apoiando-se contra um barracão, de mãos nos bolsos, feito cariátides servindo de sustentáculo. Esses sujeitos, sempre nas ruas, ouviam o que estava no ar. São os moinhos mais grosseiros, que digerem ou quebram rudemente os boatos antes que sejam entornados em recipientes domésticos mais finos e delicados. Observei que os órgãos vitais do povoado eram o armazém, o botequim, a agência de correio e o banco; e, como elementos indispensáveis à engrenagem, havia um sino, um canhão e uma bomba de incêndio nos lugares convenientes; e as casas eram dispostas em ruelas, uma defronte da outra, de modo a tirar o melhor proveito da humanidade; assim todo transeunte tinha que passar pelo castigo das varas e cada homem, mulher e criança podia dar uma paulada nele. É claro que os moradores mais próximos à primeira fila de casas, onde podiam ver e ser vistos melhor, bem como aplicar o primeiro golpe, pagavam por sua localização preços mais elevados, enquanto que os poucos habitantes desgarrados dos arredores, onde começavam a ocorrer lacunas no casario permitindo ao transeunte pular muros, desviar-se pelas trilhas do gado e escapar, pagavam imposto predial e territorial muito menor. De todos os cantos pendiam cartazes aliciando-o; uns a seduzi-lo pelo apetite, como os da taverna e do depósito de víveres; uns pela fantasia como os da loja de tecidos e os da joalheria; outros pelos cabelos, ou pelos pés, ou pelas abas, como os do barbeiro, do sapateiro e do alfaiate. Além disso, havia ainda um convite mais terrível e permanente chamando para cada uma dessas casas, e pessoas a nossa espera em determinadas horas. Na maioria das vezes eu consegui escapar maravilhosamente de tais perigos, ou agindo com audácia de uma vez por todas sem ponderação quanto ao objetivo, conforme se recomenda aos que passam pelas varas, ou mantendo meus pensamentos em coisas elevadas, feito Orfeu que *"cantando louvores aos deuses, em alto som na sua lira, abafava as vozes das sereias e resguardava-se do perigo".* Às vezes punha-me de repente a andar com pressa e ninguém podia dizer por onde eu andava, pois não permitia que as gentilezas me enredassem e nunca hesitava diante de uma brecha na cerca. Estava até acostumado a aparecer em alguma casa, onde era bem tratado, e depois de inteirar-me do fundamental, da última peneirada das notícias, e saber em que pé estavam as coisas, as perspectivas de guerra e paz, e as possibilidades do mundo manter-se unido por mais tempo, deixavam-me sair pela porta dos fundos, e assim escapulia novamente para os bosques.

Era muito agradável quando me demorava na cidade e tinha que me lançar dentro da noite, especialmente se era escura e tempestuosa, e partir em viagem de alguma sala iluminada ou de algum gabinete de leitura do povoado, carregando no ombro um saco de farinha de centeio ou de milho, rumo a meu aconchegado porto nos bosques, tendo calafetado tudo por fora e me recolhido ao porão com uma alegre tripulação de pensamentos, deixando apenas meu ser exterior ao leme, que eu amarrava quando a navegação era fácil. Na cabine da imaginação, tive muitas idéias geniais *"enquanto navegava".* Nunca soçobrei nem corri perigo em tempo algum, embora tenha me defrontado com severas tormentas. Nos bosques, mesmo nas noites comuns, é mais escuro do que supõe a maioria das pessoas. Freqüentemente tinha que olhar para o alto, para a abertura entre as árvores sobre o caminho, a fim de descobrir meu trajeto, e, onde não havia marca de carroça, sentir com os próprios pés a tênue pista que eu usara antes ou movimentar-me pela familiar relação entre certas árvores, que podia perceber com as mãos ao passar, por exemplo, entre dois pinheiros, a distarem invariavelmente não mais de dezoito polegadas entre si no meio da mata, na mais escura das noites. De vez em quando, depois de regressar a casa assim tarde, numa noite escura e pesada em que meus pés sentiam o

caminho que os olhos não podiam ver, distraído com os sonhos durante o percurso todo, até despertar por ter que erguer a mão para levantar o trinco eu não era capaz de recordar-me de um passo que fosse da caminhada, e chegava a pensar que talvez meu corpo acharia o caminho de casa se o dono o abandonasse, do mesmo modo que sem nenhuma ajuda a mão acha o caminho para a boca. Muitas vezes, quando acontecia de uma visita demorar-se até mais tarde, tratando-se de uma noite escura, era obrigado a conduzi-la à trilha de carroça atrás da casa e mostrar-lhe a direção que devia seguir, alertando-a para o fato de que seria guiada mais pelos pés do que pelos olhos. Certa noite muito escura orientei assim dois jovens que haviam pescado no lago. Moravam a cerca de um quilômetro e meio além passando pelos bosques e estavam habituados ao percurso. Um ou dois dias depois um deles me contou que haviam andado ao léu a maior parte da noite, bem próximo da casa deles, aonde só haviam conseguido chegar ao amanhecer ensopados até os ossos, por causa de várias pancadas de chuva fortes nesse meio tempo e das folhas muito molhadas. Tenho ouvido contar de muita gente que se extraviou mesmo nas ruas do povoado, quando a escuridão era tão espessa que se podia até cortá-la com uma faca, como diz o ditado. Pessoas que vivem nos arredores, vindo de carro fazer compras na cidade, têm sido obrigadas a pernoitar; e cavalheiros e damas fazendo visita extraviaram-se quase um quilômetro, sentindo a calçada apenas com os pés, sem saber onde se desviaram. É uma experiência surpreendente e inesquecível, além de valiosa, essa de perder-se alguma vez nos bosques. Amiúde, por ocasião de uma tempestade de neve, mesmo de dia, ocorre a alguém dar numa estrada conhecida e ainda assim não lhe ser possível distinguir o caminho que conduz ao povoado. Embora saiba que já a percorreu milhares de vezes, não pode reconhecer um só traço dela, que lhe parece tão estranha como uma estrada na Sibéria. De noite, é claro, a perplexidade é infinitamente maior. Em nossas andanças mais triviais, estamos constantemente, se bem que sem consciência disso, orientando-nos como pilotos por certos faróis e promontórios conhecidos, e se ultrapassamos a rota de costume, continuamos a levar na mente a situação de algum cabo próximo; e a não ser quando estamos completamente perdidos, ou quando damos a volta em torno — pois neste mundo o homem carece apenas de dar de olhos fechados uma volta em torno para se perder — é que apreciamos a vastidão e singularidade da natureza. Quantas vezes acorde, seja do sono ou de alguma abstração, o homem tem que aprender de novo os pontos cardeais. A não ser quando nos perdemos, ou em outras palavras, quando perdemos o mundo, é que começamos a nos descobrir e perceber onde estamos e o infinito alcance de nossas relações.

Uma tarde, próxima ao fim do primeiro verão, indo ao povoado pegar um sapato que havia mandado consertar, fui apanhado e metido na cadeia, porque, conforme contei em outro ponto[9], não pagara imposto ao Estado, deixando assim de reconhecer a autoridade de uma instituição que, à porta do senado, compra e vende homens, mulheres e crianças como se fossem reses. Havia me retirado nos bosques com outros objetivos. Porém, onde quer que um homem vá o grupo o seguirá e agarrará com suas instituições sórdidas e, se possível, constrangê-lo-à a tomar parte na desesperada sociedade de Odd Fellows[10]. É bem verdade que eu podia ter resistido à força, com maior ou menor resultado, podia ter-me enfurecido contra a sociedade; mas preferi que a sociedade se enfurecesse contra mim, por ser ela a parte desesperada. Entretanto, fui liberado no dia seguinte, apanhei o sapato já consertado e regressei aos bosques a tempo de colher meu jantar de mirtilos na colina de Fair-Haven. Nunca fui abordado por ninguém a não ser por pessoas representando o Estado. Não tinha fechadura nem ferrolho, salvo na gaveta onde guardava meus papéis, nem sequer dispunha de um prego para pôr no trinco ou nas janelas. Nunca fechei a porta de dia ou de noite, ainda que fosse me ausentar por vários dias, nem mesmo quando no outono seguinte passei duas semanas nos bosques de Maine. E contudo minha casa era mais respeitada do que se tivesse sido cercada por um pelotão de soldados. O andarilho fatigado podia repousar e aquecer-se à minha lareira, o literato entreter-se com os poucos livros em cima da mesa, e o curioso, ao abrir a porta do armário na parede ver o que havia sobrado do almoço e o que eu

---

[9] Vide o episódio no ensaio "A Desobediência Civil".

[10] Odd Fellows — sociedade com fins educacionais e piedosos, fundada na Inglaterra no século XVIII. Em 1819 estabeleceu-se também nos Estados Unidos. (N.T.)

pretendia cear. E mais, embora muita gente de todas as classes seguisse por este caminho rumo ao lago, não sofri por isso nenhum inconveniente sério e nunca perdi nada, exceto um pequeno livro, um volume de Homero talvez impropriamente dourado, e que espero ter sido encontrado a essa altura por um soldado de nosso acampamento. Estou convencido de que se todos os homens vivessem tão simplesmente quanto eu àquele tempo não haveria roubos e assaltos. Estes só ocorrem nas comunidades em que alguns têm mais do que é suficiente enquanto outros não têm o necessário. Os Homeros de Pope[11] logo se distribuiriam de maneira eqüitativa:

"Nec bella fuerunt
Faginus astabat dum scyphus ante dapes."

"Aos homens nem molestaram as guerras
quando estavam em jogo apenas as gamelas."

"Vós que governais os assuntos públicos, que necessidades tendes de aplicar castigos? Amai a virtude, e o povo será virtuoso. As virtudes de um homem superior são como o vento; as do homem comum como o capim; o capim se dobra quando o vento passa sobre ele."

OS LAGOS

Às vezes, farto da companhia de pessoas e de mexericos, e tendo já esgotado todos os amigos do povoado, eu caminhava a esmo em sentido oeste, além de onde costumava ir, até locais ainda mais desertos do município, *"virgens bosques e pastagens novas",* ou, ao pôr-do-sol, jantava mirtilos e vacínios na colina de Fair Haven, fazendo uma provisão para vários dias. As frutas não dão seu verdadeiro sabor nem a quem as compra, nem a quem as cultiva para vender. Existe apenas um meio de obtê-lo, e poucos fazem uso dele. Se quereis conhecer o sabor dos mirtilos, perguntai ao vaqueiro ou à perdiz. É erro comum supor que já provou mirtilos quem nunca os colheu. Um mirtilo nunca chega a Boston, onde essas frutas não são conhecidas, pois cresceram em suas três colinas. A parte ambrosíaca e essencial delas perde-se juntamente com o viço, que se desgasta no transporte para o mercado, e assim elas se tornam simples provisão. Enquanto reinar a Justiça Eterna, nenhum inocente mirtilo poderá ser transportado das colinas campestres para cá.

Ocasionalmente, encerrada a tarefa diária de cavoucar a terra, juntava-me a algum companheiro impaciente que estivera a pescar no lago desde a manhã, tão silencioso e imóvel como um pato ou uma folha flutuando, e que tendo praticado vários tipos de filosofia, havia em geral concluído, ao tempo da minha chegada lá, que pertencia à seita dos Cenobitas[12]. Havia um velho, excelente pescador e hábil artesão em toda espécie de trabalhos com madeira, que se deleitava a considerar minha casa como vivenda erguida para comodidade dos pescadores; de maneira idêntica deleitava-me ao vê-lo sentado à porta preparando as linhas de pescar. De vez em quando sentávamos juntos sobre o lago, ele numa extremidade do barco e eu na outra; não dizíamos quase nada, porque ele ensurdecera nos últimos anos, mas eventualmente cantarolava um salmo que se harmonizava bastante bem com a minha filosofia. Nosso relacionamento era, assim, de constante e absoluta harmonia, muito mais agradável à recordação do que se desenvolvido à base de conversas. Quando não tinha com quem me comunicar, o que acontecia com freqüência, costumava acordar os ecos batendo com o remo no costado do barco, e provocando-os como o guarda de um zoológico faz com os animais selvagens, enchia

[11] Alexandre Pope (1688-1744), poeta inglês, representante da transição do Iluminismo para o Romantismo. Traduziu a "Ilíada" de Homero. (N.T.)
[12] Cenobitas — trocadilho da palavra inglesa de origem latina Cenobites com a frase inglesa homófona: see no bite (não viam a mordida na isca). (N.T.)

os bosques circundantes de ondas de som a se dilatarem em círculos, até obter o murmúrio de toda a mata, dos vales às vertentes de colina.

Nos crepúsculos cálidos, sentava-me amiúde no barco a tocar flauta, e via a perca, que eu parecia ter encantado, rondando a meu redor enquanto a lua passeava no leito do lago cheio de ondulações e semeado com detritos da floresta. Em tempos idos, uma vez ou outra, em noites escuras de verão, ali tinha vindo na aventura com um companheiro, e, acendendo uma fogueira à beira d'água, pois supúnhamos assim atrair os peixes, pescávamos peixes-macacos com um punhado de minhocas amarradas num fio; quando acabávamos, tarde da noite, lançávamos os tições incandescentes bem alto no ar feito foguetes que ao caírem no lago se extinguiam com um ruidoso silvo, e súbito estávamos às cegas em plena escuridão. Atravessando as trevas a assoviar uma toada, tomávamos o caminho de volta ao reduto dos homens. Agora, porém, havia construído minha casa à beira do lago.

Algumas vezes, depois de permanecer numa sala de visita do povoado até que todos os membros da família se retirassem, retomava aos bosques, e, em parte com vistas ao almoço do dia seguinte, passava as altas horas da noite pescando num barco ao luar, com a seresta de corujas e raposas, de tempo em tempo a ouvir pertinho a voz chiada de um pássaro desconhecido. Essas experiências eram inesquecíveis e valiosas para mim, ancorado numa profundidade de catorze metros e a uns cento e trinta da praia, cercado às vezes de milhares de pequenas percas e peixinhos prateados que ondulavam a superfície com seus rabos ao luar, e a comunicar-me por meio de longa linha sedosa com os misteriosos peixes noturnos que habitavam a mais de dez metros de profundidade, ou de outras vezes, a arrastar uns vinte metros de linha pelo lago enquanto eu seguia à deriva na suave brisa da noite, de vez em quando sentindo ligeira vibração ao longo da linha, sinal de alguma vida que lhe rondava a extremidade, às tontas e com propósito incerto e vago, lento a se decidir. Finalmente, devagarinho, puxando com uma mão sobre a outra, a gente conseguia levantar um peixe-macaco chifrudo, estorcendo-se e estertorando no ar. Era muito estranho, especialmente nas noites sombrias, quando os pensamentos peregrinavam por outras esferas em temas cósmicos e infinitos, sentir esse leve repuxão, que, interrompendo-me os sonhos, religava-me à natureza. Era como se eu pudesse em seguida lançar a linha para cima, introduzindo-a nesse elemento mais rarefeito que é o ar, da mesma forma que a lançava para baixo, pescando assim dois peixes com um único anzol.

A paisagem do Walden é de proporções humildes, e embora muito bonita, nada tem de grandiosa, nem pode tocar muito a quem não a freqüentou por longo período, nem morou nas suas adjacências; contudo este lago é tão notável por sua profundidade e pureza que bem merece uma descrição em particular. É um poço limpo, verde vivo, de oitocentos metros de extensão e mais de três quilômetros de circunferência, e ocupa uns vinte e cinco hectares; um manancial perene no meio dos bosques de pinheiros e nogueiras, sem nenhuma entrada ou saída de água visível, a não ser as nuvens e a evaporação. As colinas circunvizinhas alçam-se bruscas da água à altura de catorze a vinte e oito metros, embora a sudeste e a leste atinjam cerca de trinta e quatro a cinqüenta metros respectivamente, dentro de uma área de quatrocentos metros de um lado, e do outro quinhentos e trinta, toda coberta de arvoredo. As águas de Concord têm pelo menos duas cores, uma quando vistas à distância, e outra, mais exata, quando vistas de perto. A primeira depende mais da luz e imita o céu. No verão, em tempo claro, são azuis a pequena distância, especialmente se estão agitadas, enquanto que a grande distância não fazem diferença. Já no mau tempo, são algumas vezes escuras como ardósia. Do mar, entretanto, diz-se que é azul num dia e verde no outro, sem que haja qualquer mudança perceptível na atmosfera. Já tenho visto o nosso rio, quando a paisagem se cobre de neve, com a água e o gelo quase tão verdes como o capim. Há quem considere o azul *"a cor da água pura, em estado líquido ou sólido"*. Mas, olhando de um barco diretamente dentro das águas, elas se apresentam de cores muito diferentes. O Walden, ainda que observado da mesma perspectiva, ora é azul, ora é verde. Colocado entre o céu e a terra, participa da cor de ambos. Visto do alto da colina reflete a cor do céu, mas bem de perto é de tonalidade amarelada próximo às margens onde há areia e, logo a seguir, de um verde claro que pouco a pouco se intensifica até uniformizar em verde escuro toda a sua extensão. Dependendo da luz, visto do alto da colina, é de um vivido verde mesmo próximo à praia. Há quem atribua esse efeito ao reflexo da vegetação; mas o lago é igualmente

verde no trecho próximo ao talude da ferrovia e na primavera antes que as folhas desabrochem, de modo que o verde pode simplesmente ser o resultado da mistura do azul predominante com o amarelo da areia. Tais são as cores de seu arco-íris. Irisada também é aquela porção em que, na primavera, o gelo aquecido pelo calor do sol que se reflete no fundo e se transmite pela terra, funde-se primeiro, formando estreito canal ao redor do centro ainda congelado. Como o restante de nossas águas, quando muito revoltas em tempo claro, a superfície das ondas aparece à pequena distância de um azul mais profundo que o próprio céu, ou porque o reflita no ângulo certo, ou porque haja mais luz mesclada nela; e nessa circunstância, estando em sua superfície com o olhar dividido, de modo a ver o reflexo, discerni um incomparável e indescritível azul claro, como o que sugerem as sedas chamalotadas ou furta-cores e as lâminas de espadas, mais cerúleo que o próprio céu, a alternar-se com o primitivo verde escuro no lado oposto das ondas, que por fim apareciam comparativamente lamacentas. Na minha lembrança, é um azul esverdeado vítreo como o daqueles retalhos do céu de inverno, entrevistos nas nuvens do poente antes do ocaso. E contudo um copo de sua água posto contra a luz é tão incolor como idêntica quantidade de ar. É fato consabido que uma placa de vidro grande terá uma tonalidade verde, devido a seu *"corpo"*, como dizem os fabricantes, enquanto pequena peça do mesmo vidro será incolor. Que quantidade da água do Walden seria necessária para refletir tal tonalidade, nunca cheguei a experimentar. Para quem olha diretamente de cima, a água do nosso rio é negra ou marrom muito escuro, como a maioria dos lagos, e confere ao corpo de quem nela se banha um tom amarelado; mas esta água é de tal pureza cristalina que o corpo do banhista parece ter a brancura do alabastro, mais extraordinária ainda porque produz um efeito monstruoso, digno dos estudos de um Miguel Ângelo, ao ampliar e distorcer os membros nela imersos. A água é tão transparente que o fundo pode facilmente ser visto a uma profundidade de quase dez metros. Quem rema vê, muitos metros abaixo da superfície, cardumes de peixinhos prateados, talvez de apenas uma polegada, e de percas inconfundíveis por suas barras transversais, e há de pensar que sejam todos ascéticos por subsistirem ali. Certa vez, no inverno, muitos anos atrás, quando fazia buracos no gelo a fim de pegar lúcios, ao pisar na praia descuidadamente, atirei para trás em cima do gelo o machado, que, como se um gênio do mal tivesse tomado conta dele, escorregou de vinte a vinte e cinco metros para dentro de um dos buracos, onde a água tinha mais de oito metros de fundura. Movido pela curiosidade, deitei-me no gelo e olhei através do buraco até que o vi um pouco inclinado, com a parte de ferro para baixo e o cabo ereto oscilando suavemente para lá e para cá com o pulsar do lago; e ali poderia ter ficado ereto e oscilando até que com o passar do tempo o cabo apodrecesse, se eu não tivesse interferido. Fazendo outro buraco diretamente sobre ele, com uma talhadeira de gelo que trazia comigo, e abatendo com a faca a bétula mais comprida que pude achar nos arredores, prendi em sua ponta um nó corredio que fiz, e baixando-o cuidadosamente, lacei a protuberância do cabo e arrastei-o pelo cordão ao longo da bétula, recuperando deste modo o machado.

A margem, com exceção de uma ou duas pequenas praias de areia, é composta de um cinturão de pedras brancas, polidas e arredondadas, semelhantes às de calçamento; e é tão íngreme em alguns locais que basta um salto para dar com a água cobrindo a cabeça; e se não fosse por sua notável transparência, este seria o último trecho de fundo visível até que se atingisse o lado oposto. Alguns chegam a pensar que o lago é insondável. Em nenhum lugar é lodoso, e o observador displicente diria que não possui vegetação de espécie alguma; quanto a plantas dignas de nota, salvo nos pequenos campos recentemente inundados, e que a rigor não lhe pertencem, um exame mais minucioso não revela lírio dos pântanos nem junco, nem sequer açucena branca ou amarela, mas tão-somente poucos e pequenos nenúfares e uma ou outra planta aquática; no entanto todas podem passar despercebidas ao banhista, ainda que sejam limpas e brilhantes como o elemento em que vicejam. As pedras avançam água a dentro numa extensão de cinco a dez metros, e a partir daí o leito é apenas de areia, salvo nos trechos mais profundos onde costuma haver um pouco de sedimento, provavelmente em conseqüência da deterioração das folhas que para aí foram impelidas nos numerosos e sucessivos outonos, e mesmo em pleno inverno as âncoras vêm à tona cobertas do verde viçoso das ervas submersas.

Temos outro lago semelhante a este, o White, em Nine Acre Comer, cerca de quatro quilômetros a oeste; mas ainda que esteja familiarizado com a maioria dos lagos que ficam num raio de dezenove quilômetros deste centro, não conheço um terceiro assim tão puro e parecido com um poço. É bem possível que sucessivos

povos tenham bebido, contemplado e sondado suas águas, e enquanto eles se extinguiram as águas permanecem verdes e transparentes como sempre. De modo algum uma fonte intermitente! Talvez naquela manhã de primavera em que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, o Walden já existisse a dissolver-se em suaves chuvas primaveris acompanhadas de neblinas e ventos meridionais, povoado por miríades de patos e gansos, que nunca tinham ouvido falar da Queda, quando lagos puros como esse ainda lhes bastavam. Mesmo a esse tempo o lago já começara a subir e baixar o nível de suas águas e a purificá-las e colori-las do matiz que ora vestem, e obtivera uma patente divina para ser o destilador dos orvalhos celestes e o único lago Walden do mundo. Quem poderá dizer em quantas literaturas de nações esquecidas não terá este lago sido a Fonte de Castália? ou quantas ninfas aí reinaram na Idade de Ouro? É uma gema de primeira água que Concord usa em seu diadema.

Entretanto é possível que os primeiros a chegarem a esse manancial tenham deixado algumas pegadas. Surpreendi-me ao descobrir que circunda o lago, mesmo na margem onde a vegetação cerrada tem sido recentemente abatida, uma vereda estreita com jeito de plataforma; ora subindo, ora descendo a escarpada vertente da colina, aproximando-se e recuando da orla d'água, provavelmente tão antiga como a raça de homens aqui, gasta pelos pés dos caçadores aborígenes, é ainda hoje pisada, de tempos em tempos, inadvertidamente pelos atuais ocupantes da terra. Tal vereda é particularmente visível para quem fique de pé no meio do lago durante o inverno, logo após a queda de uma nevada branda, revelando-se como uma linha branca, nítida e ondulante, não mais disfarçada por ervas e rebentos, e bem óbvia a quatrocentos metros além em muitos lugares, onde no verão quase não se nota mesmo de perto. A neve, por assim dizer, como que a reimprime num alto-relevo branco e sem manchas. O solo ornamentado das mansões que um dia aí se construirão pode vir ainda a conservar seu rastro.

O lago sobe e baixa, mas se o fenômeno ocorre de modo regular, dentro de períodos previsíveis, ninguém sabe, embora como sempre, todos finjam saber. De um modo geral, o nível das águas eleva-se no inverno e baixa no verão, entretanto sem relação direta com a umidade e a secura. Lembro-me de quando estava cerca de meio metro mais baixo e também de quando alcançava quase dois metros acima do seu nível na ocasião em que morei nas proximidades. A uns trinta metros da praia principal, há um estreito banco de areia avançando para o lago, com água muito profunda de um dos lados, sobre o qual ajudei a cozinhar uma caldeira de peixes estufados, lá pelo ano de 1824, o que não pude voltar a fazer em vinte e cinco anos; por outro lado, meus amigos ouviam-me incrédulos quando lhes contava que poucos anos depois disso costumava pescar de um barco numa enseada escondida no meio das árvores a mais de setenta metros da única praia que eles conheciam, local desde longa data convertido num prado. Mas o lago tem subido com regularidade durante dois anos, e agora, no verão de 1852, está quase dois metros mais elevado do que quando morei por lá, ou tão alto como era há trinta anos, e assim volta-se a pescar no prado. Isso representa, aparentemente, uma diferença de nível de mais de dois metros; contudo a água derramada pelas colinas adjacentes é de quantidade insignificante, e esse transbordamento deve ligar-se a causas que afetam os mananciais na profundeza. No verão em curso o lago recomeçou a baixar. É de se notar que essa flutuação, periódica ou não, parece requerer muitos anos para cumprir-se. Observei uma enchente e parte de duas vazantes, e espero que daqui a doze ou quinze anos a água esteja novamente tão baixa como a vi um dia: Considerando a irregularidade de seus afluentes e sangradouros e os pequeninos lagos intermediários, o lago de Flint, a mais de quilômetro e meio a leste, compartilha com o Walden, e há pouco tempo alcançou sua altura máxima ao mesmo tempo que ele. Isso ocorre também, até onde vai minha observação, com o White.

A enchente e a vazante do Walden a longos intervalos tem pelo menos a seguinte função: a água ao manter a altura máxima durante um ano ou mais, embora dificulte o passeio a sua volta, mata os arbustos e árvores que brotaram pelas bordas desde a última cheia (pinheiros, bétulas, amieiros, choupos e outros) e ao baixar novamente deixa a praia desobstruída; porque, ao contrário de muitos lagos e de todas as águas sujeitas a fluxo diário, sua praia é mais limpa quando a água está mais baixa. No lado próximo à minha casa, uma fileira

de pinheiros de cinco metros de altura foi exterminada como se abatida por uma alavanca, colocando-se desse modo um ponto final em seus avanços usurpadores; e o tamanho dos pinheiros indica quantos anos se passaram desde a última cheia até o presente nível. Por meio desta flutuação o lago afirma seu direito à praia, e assim a *praia é podada,* e as árvores não podem possuí-la por direito de usucapião. Eis aí os lábios do lago nos quais nenhuma barba cresce. Ele lambe as maxilas de tempos em tempos. Quando a água atinge o ponto culminante, os amieiros, salgueiros e áceres lançam feixes de raízes vermelhas e fibrosas, de mais de metro de comprimento, por todos os lados dos caules imersos e à equivalente altura do solo, num esforço de sobrevivência; também vi pela praia altos pés de vacínios que costumam ser estéreis cobrirem-se, nessas circunstâncias, de frutos copiosos.

Alguns ficaram sem saber como explicar as margens tão regularmente pavimentadas. Segundo tradição conhecida de pessoas da cidade e que os mais velhos contam ter ouvido na juventude, os índios estavam outrora celebrando uma cerimônia de magia por aqui, no alto de uma colina, que se elevava tão alta em direção aos céus como o lago hoje mergulha dentro da terra, e conforme a estória, entregavam-se a tantas profanações — embora se trate de um vício de que os índios nunca foram culpados — que enquanto se ocupavam disso a colina estremeceu e afundou subitamente, poupando apenas uma índia velha chamada Walden, cujo nome passou ao lago. Conjetura-se que ao estremecer a colina, pedras rolaram vertente abaixo calçando a atual praia. De qualquer jeito, tem-se a certeza de que no passado não havia lago no local em que hoje há; e essa lenda indígena não desmente o relato daquele antigo colono de quem já falei, o qual se recorda muito bem de que, ao chegar pela primeira vez aqui com sua varinha mágica e ver um tênue vapor levantando-se do relvado e a aveleira invariavelmente apontada para baixo, decidiu cavar um poço no local. Quanto às pedras, muitos ainda acham difícil explicá-las pela ação das ondas sobre as colinas, mas noto que as colinas adjacentes estão excepcionalmente cheias do mesmo tipo de pedras, de modo que foram empilhadas em muros ladeando o talude da ferrovia, próximo ao lago; e além disso há mais quantidade de pedras onde a costa é mais abrupta; assim sendo, não há infelizmente qualquer mistério para mim. Descobri quem fez o calçamento. Se o nome não se origina de alguma localidade inglesa — Saffron Walden por exemplo — pode-se supor que primitivamente se chamou Walled-in Pond (O Lago Murado).

O lago era minha cisterna já perfurada. Durante quatro meses por ano sua água é tão fria como pura o tempo todo, e acho que é tão boa como qualquer outra da cidade, se não for a melhor. No inverno, toda água exposta à atmosfera é mais fria do que a das fontes e dos poços, que é bem protegida. A temperatura da água do lago guardada em minha casa das cinco da tarde até as doze horas do dia seguinte, 6 de março de 1846, embora o termômetro tenha marcado de 18° a 21°, em parte devido ao sol no telhado, foi de 5,6°, um pouco abaixo da recém-retirada de um dos poços mais frios do povoado. Nesse mesmo dia a temperatura da água de Boiling Spring (Fonte Fervente) foi de 7,2°, a mais cálida de todas, embora no verão seja a mais fria que conheço, quando não sofre a interferência de nenhuma outra estagnada e rasa que lhe esteja perto. De mais a mais, mesmo no verão, devido a sua profundidade, o Walden nunca se aquece tanto como a maioria das águas expostas ao sol. Nos dias mais quentes, conquanto eu também recorresse a uma fonte nos arredores, costumava colocar um balde cheio da água do Walden no porão, onde esfriava à noite e assim permanecia durante o dia seguinte. Uma semana depois estava tão fresca como no dia em que fora retirada e não sabia ao metal da bomba. No verão, quem quer que acampe por uma semana na praia do lago, carece apenas de mergulhar um balde de água, a poucos palmos de profundidade, num local sombrio, para dispensar o luxo do gelo.

No Walden já se pescou um lúcio de três quilos, para não falar de um outro peixe que arrastou a carretilha do caniço com tamanha velocidade que o pescador não chegou sequer a vê-lo, mas calculou ser de uns quatro quilos. Pescam-se aí também percas e peixes-macacos, alguns de mais de quilo, peixinhos prateados, parelhos *(leuciscus pulchellus),* raras bremas e um par de enguias, uma delas com dois quilos — sou minucioso a este ponto porque o peso de um peixe é comumente seu único título de glória, e essas foram as únicas enguias de que ouvi falar por estas bandas —; tenho também a vaga recordação de um pequenino peixe de umas cinco

polegadas, dorso esverdeado e lados cor de prata, algo parecido com o robalinho, e que menciono aqui para vincular os fatos à fábula. Não obstante, este lago não é muito pródigo em peixes. Os lúcios ainda que não abundantes são seu principal orgulho. Certa vez vi sobre o gelo lúcios de pelo menos três diferentes qualidades: uns compridos e achatados, cor de aço, muito parecidos com os que se pesca nos rios; outros de radiante dourado, com reflexos verdes notavelmente intensos, os mais comuns por aqui, e ainda outros também dourados e semelhantes em forma aos anteriores, mas salpicados de manchas marrons escuras ou pretas misturadas a outras de um vermelho esmaecido e sangüíneo, lembrando bastante as trutas. A designação específica de *reticulatus*[13] não deveria ser-lhes aplicada, mas sim a de *guttatus*. São todos peixes muito compactos e pesam mais do que o tamanho deixa prever. Os peixinhos prateados, peixes-macacos e percas, bem como todos os que habitam este lago, distinguem-se com facilidade dos demais: são muito mais limpos, formosos e consistentes na carne que os que habitam o rio e a maioria dos lagos, pelo fato de a água ser mais pura. Provavelmente muitos ictiólogos classificariam alguns deles em novas variedades. Há também uma raça definida de rãs e tartarugas; e uns poucos mexilhões; ratos almiscareiros e martas deixam seus rastos por aí, e ocasionalmente aparece um cágado errante. Às vezes, ao empurrar meu barco pela manhã, saía de baixo dele um enorme que ali se escondera durante a noite. Patos e gansos freqüentam o lago na primavera e no outono, andorinhas de papo branco *(hirundo bicolor)* roçam-lhe a superfície e os *peetweets*[14] *(totanus macularius)* passeiam por suas praias pedregosas o estio inteiro. Por vezes interrompi o sossego de um falcão pescador pousado num pinheiro branco à beira d'água; mas duvido que o lago tenha sido algum dia profanado pelas asas de uma gaivota, como em Fair Haven. O lago, quando muito, tolera um mergulhão por ano. Eis aí todos os animais importantes que por ora o freqüentam.

Em tempo calmo, de um barco, podem-se ver próximos à costa arenosa leste, onde a profundidade é de quase três metros, bem como em outros locais do lago, alguns montes circulares de dois metros de diâmetro por trinta centímetros de altura, compostos de pedras menores que um ovo de galinha, sobressaindo na paisagem onde tudo em torno é apenas areia. A princípio a gente se pergunta se os índios não os teriam modelado em cima do gelo com algum objetivo, e se o gelo ao se derreter não os teria depositado no fundo; no entanto são demasiado regulares e alguns deles muito recentes para isso. Assemelham-se aos encontrados nos rios, mas como não há sugadores nem lampréias aqui, não sei que peixe poderia tê-los feito. Talvez sejam ninhos de pardelhos. Tais pedrinhas emprestam ao leito do lago um delicioso mistério.

A borda do lado é irregular o bastante para não ser monótona. Tenho em mente o trecho oeste recortado de profundas baías, o do norte mais abrupto e escarpado, e o do sul formando um lindo leque de sucessivos promontórios que se sobrepõem uns aos outros sugerindo inexploradas angras entre eles. A mata não apresenta cenário melhor nem de mais nítida beleza do que quando vista do centro de um laguinho em meio às colinas que se levantam à beira d'água, porque a água em que se espelha proporciona nesse caso o primeiro plano ideal, e a costa sinuosa, sua fronteira mais natural e aprazível. Não há crueza nem imperfeição nesse trecho da orla, como ocorre onde o machado abriu uma clareira, ou um campo cultivado avança a invadi-la. As árvores têm amplo espaço para se expandirem do lado da água e cada uma delas lança nessa direção os galhos mais vigorosos. Ali na praia teceu a natureza uma cercadura vegetal onde o olhar se eleva gradativamente dos arbustos rasteiros até as árvores mais altas. Mal se vêem traços da mão do homem, e as águas banham a costa como há milhares de anos.

Um lago é o traço mais belo e expressivo da paisagem. É o olho da terra, e mirando-se nele o ser que se contempla mede a profundidade de sua própria natureza. As plantas fluviais próximas à margem são os finos cílios a franjar-lhe o olhar e as copadas colinas e paredões em volta, suas salientes sobrancelhas.

Em pé na praia lisa e arenosa a leste do lago, numa serena tarde de setembro, quando a névoa suave torna vaga a linha da margem oposta, vi de onde vinha a expressão "a superfície vítrea de um lago". Quando se abaixa bem a cabeça, a *superfície* parece um fio de finíssima gaze estendida de um lado a outro do vale,

[13] Reticulatus — reticulado, em forma de rede; guttatus — malhado ou manchado. (N.T.) Peetweet — designação onomatopaica do spotted sandpiper, pássaro norte-americano. (N.T.)

brilhando de encontro aos distantes pinheirais, separando um estrato de outro na atmosfera. Tem-se a ilusão de poder caminhar a seco por baixo, em direção às colinas opostas e que as andorinhas que sobrevoam poderiam pousar-lhe em cima. Na verdade, elas às vezes mergulham, como por engano, abaixo da linha, e não se desiludem. Ao contemplar o lago a oeste, deve-se usar as duas mãos para defender os olhos da reverberação do sol e do sol propriamente dito, ambos fulgurantes; e se, entre os dois, a gente examina com espírito crítico a superfície, esta é literalmente tão lisa como o vidro, salvo nos lugares onde os insetos patinadores, espalhados a intervalos eqüidistantes em toda sua extensão, produzem com movimentos ao sol as mais belas centelhas que se possa imaginar, ou onde por acaso um pato alisa as penas, ou, como já disse, uma andorinha voa tão baixinho a ponto de tocá-la. Pode ocorrer que à distância um peixe descreva um arco de mais de metro no ar, causando um relâmpago de luz onde ele aflora e outro onde ele se lança na água; ocasiões há em que o arco prateado revela-se todo; ou outras em que, por ventura, flutue aqui e ali uma lanugem de sementes de cardo a atrair os peixes que se arremessam formando ondulações à tona d'água. Dir-se-ia vidro derretido, esfriado mas não congelado, e os poucos corpúsculos aí existentes são belos e puros como as imperfeições do vidro. Muitas vezes é possível descobrir uma água mais escura e mais lisa, separada da restante como por invisível teia de aranha, barreira sobre a qual repousam as ninfas aquáticas. Do topo de uma colina pode-se ver um peixe a saltar seja onde for, pois um lúcio ou um peixinho prateado não apanha um inseto nessa superfície lisa sem romper abertamente o equilíbrio do lago como um todo. É maravilhosa a perfeição com que é anunciado este simples fato — a vontade assassina dos peixes à mostra — e aqui da minha distante atalaia distingo as ondulações circulares quando alcançam trinta metros de diâmetro. Pode-se até perceber uma barata d'água *(gyrinus)* avançando incessantemente sobre a lisa superfície a um quarto de milha além, pois elas sulcam a água de leve, com um borbulhar notável, demarcado por duas linhas divergentes, enquanto que os insetos patinadores deslizam nela sem enrugá-la de modo perceptível. Quando a superfície está bastante agitada não há nela patinadores nem baratas d'água, mas nos dias calmos parecem deixar seus abrigos e escorregar da praia, com pequenos impulsos para a frente, até cobri-la em seu todo. Por esses belos dias de outono em que o calor do sol pode ser apreciado ao máximo, é uma espécie de sedativo sentar-se num toco de árvore a cavaleiro do lago e quedar-se a observar os círculos de ondas que se inscrevem sem cessar na superfície e de outro ponto seriam invisíveis em meio aos reflexos do céu e das árvores. Distúrbio algum se produz sobre esta imensa extensão, que logo não seja anulado e acalmado com doçura, da mesma forma que ao agitar um vaso de água os trêmulos círculos procuram a borda e tudo se tranqüiliza de novo. Nem um peixe salta, nem um inseto cai no lago sem que isso seja relatado em círculos concêntricos, em linhas de beleza, como se fosse o constante jorrar de sua fonte, o suave pulsar de sua vida, o arfar de seu seio. As vibrações de alegria e de tristeza não se distinguem. Quanta paz nos fenômenos do lago! De novo brilham as obras do homem, como na primavera. Sim, tudo quanto é folha e broto e pedra e teia de aranha cintila agora ao meio-dia como se estivesse coberto de orvalho numa manhã de primavera. Todo movimento de remo ou de inseto produz um lampejo de luz; e se um remo tomba, quão doce é o ressoar!

Num dia assim, de setembro ou outubro, o Walden é um perfeito espelho da mata, guarnecido de pedras tão preciosas a meus olhos quanto mais escassas e raras. Talvez na face da terra não haja nada de tão belo, puro e imenso como um lago. Água do céu. Não necessita de cerca. Povos vêm e vão sem contaminá-la. É um espelho que nenhuma pedra pode estraçalhar, cujo estanho nunca se estragará, cujo dourado a natureza repara continuamente; nem tempestades, nem poeira podem embaçar-lhe a superfície sempre nova; um espelho em que qualquer sujeira que lhe atinja a tona naufraga, varrida e espanada pela nebulosa escova do sol — essa flanela de luz que tudo limpa — que não retém nenhum hálito que sobre ele se exale, mas envia o seu bem alto acima da superfície, a flutuar em forma de nuvens que por sua vez se refletem em seu regaço.

Um campo de água deixa transparecer o espírito que paira no ar. Está continuamente a receber da altura vida nova e movimento. E por sua natureza o intermediário entre o céu e a terra. Apenas o capim e as árvores ondulam sobre a terra, mas a própria água se encrespa com o vento. Vejo por onde a brisa se arremessa de um lado a outro do lago pelos traços e fagulhas de luz. É admirável que se possa olhar do alto sua superfície. Com o tempo talvez se possa também olhar assim do alto a superfície do ar, e assinalar o ponto onde desliza sobre ele um espírito ainda mais sutil.

Por fim, nos últimos dias de Outubro, quando chegam as geadas rigorosas, desaparecem os insetos patinadores e as baratas d'água; e depois já em novembro, num dia de calma, não há nada que agite a superfície. Uma tarde deste mês, na paz que sucede a um temporal de chuva de vários dias, quando o céu ainda estava todo nublado e o ar cheio de neblina, notei o lago admiravelmente polido, a ponto de ser difícil distinguir-lhe a superfície; não mais refletia as vivas tintas de outubro, mas as sombrias cores de novembro nas colinas adjacentes. Embora o tenha atravessado da maneira mais suave que pude, as leves ondulações produzidas por meu barco se estendiam tão longe quanto podia ver, e como que frisavam os reflexos. Mas, como estava examinando à superfície, vi aqui e ali um longínqüo e esmaecido reflexo, como se alguns insetos patinadores salvos das geadas lá se houvessem reunido, ou, quem sabe, a superfície estando tão lisa deixasse transparecer uma fonte que jorrava a partir do fundo. Remando suavemente para um desses locais, fiquei surpreso ao ver-me rodeado de miríades de miúdas percas de cinco polegadas, cor de rico bronze contra o verde das águas, a se divertirem e subirem constantemente à tona, arrepiando-a, enchendo-a às vezes de borbulhas. Em águas tão transparentes e, na aparência, insondáveis, eu parecia estar flutuando no espaço dentro de um balão, em meio às nuvens que nadavam refletidas dando-me a impressão de uma revoada suspensa no ar, um denso bando de pássaros passando exatamente sob meu barco à direita e à esquerda, as nadadeiras como velas abertas. Aparentemente aproveitando a breve estação antes que o inverno baixasse a cortina de gelo sobre a vasta clarabóia, havia muitos desses cardumes no lago, por vezes dando à superfície o aspecto de ter sido perpassada pela brisa ou de haverem caído ali algumas gotas de chuva. Quando me aproximava sem o devido cuidado assustando-os, súbitos espadanavam, os rabos enrugando à tona, como se alguém, houvesse batido na água com um galho frondoso, e instantaneamente se refugiavam nas profundezas. Com o passar do tempo, o vento começou a soprar, o nevoeiro aumentou, as ondas principiaram a rolar e as percas começaram a saltar bem mais alto, metade fora d'água, uma centena de pontos pretos de três polegadas de uma vez à tona. Certo ano, mesmo na data já avançada de 5 de dezembro, vi borbulhas à superfície, e pensando que iria chover forte logo depois, estando o ar cheio de neblina, apressei-me a tomar meu lugar no barco e remei de volta para casa; parecia que a chuva ia aumentar rapidamente, e embora não a sentisse no rosto previa um banho de encharcar. Mas de repente as borbulhas cessaram porque eram produzidas pelas percas, que com o barulho dos remos se haviam refugiado nas profundezas e vi seus cardumes desaparecerem vagamente; assim, apesar de tudo, passei uma tarde sem chuva.

Um velho que cerca de sessenta anos atrás costumava freqüentar o lago, então muito sombrio em virtude das florestas circundantes, conta-me que em tempos idos era comum vê-lo estuante de vida com patos e outras aves aquáticas, e profusão de águias a sobrevoá-lo. Vinha aqui para pescar numa canoa de madeira que encontrara na praia, feita de dois troncos de pinheiro branco cavados e amarrados, com as extremidades quadradas, e que, embora desajeitada, durou muitos bons anos antes de alagar e talvez ir ao fundo. O velho não sabia a quem pertencera; pertencia ao lago. Tinha também o hábito de preparar um cabo para sua âncora com tiras de casca de nogueira que juntava e amarrava. Outro velho, um poteiro que morava perto do lago antes da Revolução, contou-lhe ter visto no fundo um cofre de ferro, que em certas ocasiões flutuava até a praia; mas quando alguém ia em sua direção, afundava e desaparecia. Gostei de ouvir a história da velha canoa de troncos que substituiu outra, de origem indígena, do mesmo material mas de construção mais graciosa, e talvez tenha sido antes uma árvore da ribanceira que caiu dentro d'água, para aí flutuar por uma geração como a nave mais adequada ao lago. Lembro-me de ter visto, ao olhar pela primeira vez a profundeza dessas águas, troncos imensos e numerosos jazendo no fundo indistintamente, quer derrubados pelo vento em tempos remotos, quer abandonados no gelo no último corte, quando a madeira era mais barata; mas hoje em dia desapareceram quase por completo.

Quando pela primeira vez remei nas águas do Walden, o lago era totalmente cercado de pinheiros altos e espessos, além de bosques de carvalho, e em algumas de suas enseadas trepadeiras haviam enlaçado as árvores à beira d'água, formando arcos sob os quais o barco podia passar. Como as colinas que lhe contornam

o litoral são íngremes e os bosques que as cobriam eram muito altos, parecia um anfiteatro para alguma espécie de espetáculo silvestre a quem na extremidade oeste o olhasse de cima. Mais jovem, passava horas flutuando sobre ele como um zéfiro voluntário, e tendo remado em meu barco até o meio, deitava-me de costas no assento, sonhando de olhos abertos na tarde de verão, até ser despertado pela proa tocando a areia, quando me levantava para ver a que praia havia sido impelido pelos fados; dias em que o ócio era a atividade mais atraente e rendosa. Retirei-me por muitas manhãs, preferindo empregar assim a melhor parte do dia; porque eu era rico, se não em dinheiro, em horas de sol e dias de verão que gastava na maior prodigalidade; nem me arrependo de não ter empregado mais tempo na oficina ou na escola. Mas desde que abandonei estas praias os lenhadores as devastaram ainda mais, e agora, por muitos anos, não haverá andanças pelos corredores do bosque com ocasionais vistas dando para a água. Pode-se desculpar minha musa se de agora em diante ficar muda. Como esperar que os pássaros cantem quando seus arvoredos foram cortados?

Agora, desaparecidos os troncos de árvores no fundo, as velhas canoas de madeira e os escuros bosques ao redor, os habitantes do povoado, que mal sabem onde fica o lago, em vez de irem banhar-se ou beber água nele, estão pensando em canalizá-la a fim de lavar com ela suas louças. Uma água que deveria pelo menos ser tão sagrada como a do Ganges! Ganhar o Walden dando uma volta na torneira ou puxando uma rolha! Esse demoníaco Cavalo de Ferro, cujo ensurdecedor relincho ouve-se através de toda a cidade, enlameou Boiling Spring (Fonte Fervente) com os cascos, e foi ele quem pastou até o fim todos os bosques na costa do Walden; esse cavalo de Tróia com mil homens na barriga, introduzido por gregos mercenários! Onde está o defensor da pátria, o Mouro da Mouraria, para ir a seu encontro em Deep Cut (Corte Fundo) e enfiar a lança vingadora entre as costelas da enfatuada praga?

Não obstante, de todos os personagens que já conheci, o Walden é talvez o que melhor use e preserve sua pureza. Muitos homens têm sido comparados a ele, mas poucos merecem tal honra. Ainda que os lenhadores tenham desmatado primeiro esta e depois aquela praia, os irlandeses hajam construído chiqueiros por perto, a estrada de ferro tenha violado suas fronteiras e os cortadores de gelo fendido sua superfície, ele não se altera, é a mesma água que viram meus olhos juvenis; quem mudou fui eu. Depois de tantas ondulações ele não adquiriu nenhuma ruga permanente. É eternamente jovem, e posso postar-me e ver como outrora uma andorinha mergulhar em sua face como se estivesse apanhando um inseto. Esta noite de novo me surpreendeu, como se eu não o tivesse visto quase que diariamente por mais de vinte anos: Ora, aqui está o Walden, o mesmo lago em meio aos bosques que descobri há tantos anos; junto dele nos pontos desmatados no último inverno, outra vegetação irrompe com a exuberância de sempre; o mesmo pensamento que já existia àquele tempo está vindo à tona; trata-se da mesma líquida alegria e satisfação consigo e seu Criador, ah, e talvez comigo. É sem dúvida a obra de um homem bravo e de caráter sem jaça! Com as próprias mãos torneou essa massa d'água, aprofundou-a e clareou-a no pensamento, e por sua vontade legou-a a Concord. Vejo em seu rosto que é visitada pela mesma reflexão; e posso dizer, Walden, és tu?

Não se trata de uma ilusão minha
Para ornar o verso de uma linha:
Não posso estar de Deus do céu mais perto
Do que junto ao Walden, este céu aberto.
Eu sou a sua pedregosa praia
E a brisa que por aqui se espraia.
Suas águas e areias estão
Dentro da concha da minha mão.
E seu mais profundo recinto
Alto jaz no que penso e sinto.

Os vagões nunca se detêm a contemplá-lo; contudo imagino que os engenheiros, foguistas, guarda-freios e passageiros com bilhetes permanentes, que o vêem com freqüência, sejam pessoas melhores em virtude desse espetáculo. A noite, o engenheiro, ou a natureza dele, não se esquece de ter vislumbrado, pelo menos uma vez durante o dia, essa visão de serenidade e pureza. Embora visto apenas uma vez, o lago serve para lavar a fuligem da rua State e da locomotiva. Já se propôs que o chamassem de *"A gota de Deus".*

Tenho afirmado que o Walden não possui afluente nem sangradouro, mas que por um lado se liga, de modo distante e indireto, ao lago de Flint, que lhe fica mais elevado, por uma cadeia de pequenos lagos vindos dessa paragem, e pelo outro, direta e manifestamente, ao rio Concord, que se situa mais abaixo, por semelhante cadeia de lagos através dos quais em outro período geológico pode ter fluído, e por meio de pequena escavação, que Deus não permita seja feita, pode fluir para cá outra vez. Se por viver assim durante tanto tempo, isolado e austero como um ermitão nos bosques, adquiriu pureza tão maravilhosa, quem não lamentaria se as águas do Flint, impuras em comparação, se misturassem com as suas, ou viesse ele mesmo a perder sua doçura nas vagas do oceano?

Em Lincoln, a cerca de pouco mais de quilômetro e meio a leste de Walden, fica o de Flint ou Arenoso, nosso lago mais importante e mar interior. É muito maior e consta ocupar quase oitenta hectares, além de ser mais fértil em peixes; mas é raso em comparação e não se destaca pela pureza. Uma caminhada por seus bosques era com freqüência minha distração. Valia a pena, nem que fosse para sentir o vento soprar livremente no rosto, ver as ondas rolarem e lembrar a vida dos marinheiros. No outono, em dias de ventania, juntava castanhas quando elas caíam dentro d'água e molhavam-se a meus pés; e um belo dia, enquanto me arrastava pelas margens cobertas de junco o frescor da água borrifando-me a face, dei com a carcaça de um barco, os costados desaparecidos e a custo algo mais que a impressão de seu fundo chato esquecido entre escirpos; mesmo assim seu formato delineava-se com precisão, como se fosse uma imensa folha de ninfeácea apodrecida e com as nervuras à mostra. Era um destroço tão impressionante como aqueles que se imagina à beira-mar, e continha uma lição de moral. A esta altura não passa de humo vegetal e se confunde com a margem do lago, de onde brotaram juncos e lírios do brejo. Costumava admirar no leito arenoso do lago, à extremidade norte, as marcas das ondas que a pressão da água tornara firmes e resistentes aos pés de quem o vadeasse, bem como os escirpos que cresciam em filas indianas, em linhas onduladas, correspondendo àquelas marcas, carreira atrás de carreira, como se as ondas os tivessem plantado. Encontrei lá também, em quantidades consideráveis, curiosas bolas aparentemente compostas de fino capim ou de raízes, talvez de eriocaules, de meia polegada a quatro de diâmetro, e perfeitamente esféricas. Lavam-se na água rasa, rolando para frente e para trás, no leito arenoso e muitas vezes são jogadas na praia. Ou são de capim maciço, ou têm um pouco de areia no núcleo. À primeira vista dir-se-ia serem formadas pela ação das ondas, feito os seixos; contudo as menores são feitas de material igualmente grosseiro, têm meia polegada e são produzidas apenas numa estação do ano. De mais a mais, suponho que as ondas não só não constroem como até gastam um material que já adquiriu consistência. Desde que secas, elas preservam a forma por tempo indefinido.

Lago de Flint! Tal é a pobreza de nossa toponímia. Que direito tinha um fazendeiro imundo e estúpido, cujas terras desembocavam nessas águas celestiais, cujas praias ele devastou sem piedade, de dar-lhe seu nome? Esse unha-de-fome que amava de preferência a cara reluzente de um dólar, ou o brilhoso centavo em que podia mirar seu próprio rosto de bronze; que chegava ao ponto de considerar transgressores os patos selvagens que invadiam o lago; seus dedos crescidos em garras aduncas e coriáceas pelo inveterado hábito de rapinar feito harpia; portanto para mim não é esse o seu nome. Não vou lá para vê-lo, tampouco para ouvir falar dele; um indivíduo que nunca *viu* o lago, que nunca tomou banho nele, que nunca o amou, que nunca o protegeu, que nunca intercedeu por ele, nem sequer agradeceu a Deus por tê-lo feito. Melhor que fosse chamado pelo nome dos peixes que nele nadam, ou das aves ou dos quadrúpedes selvagens que o freqüentam, ou das flores silvestres que crescem em suas bordas, ou ainda de algum homem ou criança simples cuja história pessoal se entrelaçasse com a do lago; jamais pelo nome de quem não podia mostrar outro título para isso a não ser o documento outorgado por uma lei ou por um vizinho de mentalidade parecida —

um sujeito que só pensava no valor do lago em termos de dinheiro; cuja presença talvez amaldiçoasse todo o litoral; que exaurira a terra a seu redor e de bom grado teria exaurido as águas nele contidas; que lamentava apenas não se tratar de um prado de feno inglês e de arandos — pois a seus olhos, é claro, nada havia a redimi-lo — e o teria drenado e vendido pelo barro que há no seu fundo. Afinal o lago não movia o seu moinho, e não considerava nenhum privilégio contemplá-lo. Não respeito seus trabalhos, nem a sua fazenda onde cada coisa tem seu preço; um sujeito que levaria ao mercado a paisagem e seu Deus, caso conseguisse com isso algum dinheiro; que vai ao mercado porque seu

Deus é isto; um sujeito em cuja fazenda nada cresce gratuitamente, cujos campos não produzem colheitas, nem as campinas flores, nem as árvores frutas, mas apenas dólares; um sujeito que não ama a beleza de suas frutas pois elas só amadurecem para ele ao se transformarem em dólares. Dai-me a pobreza que desfruta a verdadeira riqueza. Para mim os fazendeiros são respeitáveis e interessantes na medida em que são pobres, fazendeiros pobres. Uma fazenda modelo! Dessas em que a casa se ergue feito um fungo num monte de esterco, compartimentos para homens, cavalos, bois e porcos, limpos e sujos, um contíguo ao outro! Com homens em estoque! Um imenso lugar engordurado, cheirando a estrume e soro de manteiga! Sob excelente estado de cultivo, sendo adubado com corações e cérebros humanos! Tal e qual plantar batatas no cemitério da igreja! Assim é uma fazenda modelo.

Não e não; se os mais belos traços da paisagem têm de ser chamados pelo nome dos homens, que seja apenas o dos mais nobres e dignos. Que nossos lagos recebam nomes pelo menos tão de acordo como o do Mar de Ícaro, em que *"até a praia ressoa a empresa audaz"*.

O lago Goose, de tamanho diminuto, fica em meu caminho para o de Flint; Fair-Haven, uma extensão do rio Concord, segundo dizem ocupando quase trinta hectares, fica a mil e seiscentos metros a sudoeste; e o lago White, com uns dezesseis hectares de superfície, fica a dois mil e quatrocentos metros além de Fair-Haven. Essa é a minha região dos lagos. Eles, com o rio Concord, são meus privilégios de água; e dia e noite, entra ano e sai ano, moem o grão que lhes levo.

Uma vez que os lenhadores, a ferrovia e eu mesmo profanamos o Walden, o mais atraente senão o mais belo de todos os nossos lagos, a jóia dos bosques, talvez seja o lago White; — um nome corriqueiro por sua trivialidade, relacionado com a pureza das águas ou com a cor das areias. Nesses e em outros aspectos é, entretanto, o gêmeo menor do Walden. Parecem-se tanto que se diria haver uma conexão subterrânea. A mesma costa pedregosa, as águas de igual tonalidade. Como no Walden, em época de canícula, olhando através dos bosques a cavaleiro de algumas de suas enseadas, não muito profundas mas tingidas pelo reflexo do fundo, suas águas são de um verde azulado vago ou glauco. Há muitos anos estive lá a encher carroças de areia para o preparo de lixas, e desde então continuo a visitá-lo. Um dos seus freqüentadores propôs chamá-lo de Virid Lake (Lago Verde). Talvez pudesse ser chamado de Yellow Pine Lake (Lago do Pinheiro Amarelo), pela circunstância de, mais ou menos quinze anos atrás, poder-se ver, projetando-se sobre a superfície, a muitos metros, da praia, em meio às águas profundas, o topo de um pinheiro de resina, do tipo que na região se chama de amarelo, embora não se trate de espécie distinta. Supunha-se até que o lago se havia afundado e que o pinheiro seria um exemplar da primitiva floresta outrora existente. Descobri que já em 1792, numa *"Descrição Topográfica da Cidade de Concord"*, escrita por um de seus cidadãos, na Coleção da Sociedade Histórica de Massachusetts, o autor, ao falar dos lagos Walden e White acrescenta: *"No centro do último, quando as águas estão muito baixas, pode ser vista uma árvore que parece ter nascido no local em que ora se encontra, embora suas raízes se estendam a quase vinte metros por baixo d'água; sua copa está partida e aí mede catorze polegadas de diâmetro"*. Na primavera de 1849, conversando com o homem que morava mais próximo do lago, em Sudbury, contou-me ter sido ele quem arrancara essa árvore dez ou quinze anos antes. Até onde podia lembrar, ela ficava a mais de sessenta metros da praia, onde a água tinha uma fundura de dez ou doze metros. Numa manhã de inverno, quando estava retirando gelo, tomou a resolução de à tarde, com a ajuda dos vizinhos, arrancar o velho pinheiro amarelo. Serrou no gelo um canal em direção à praia e com uma junta

de bois puxou-o em vários sentidos até extraí-lo para cima do gelo; mas antes de completar a tarefa, ficou surpreso ao ver que o pinheiro estava emborcado, os tocos dos galhos voltados para baixo, e a pequena extremidade superior firmemente presa no leito arenoso. O tronco media uns trinta centímetros de diâmetro e o homem, que esperava arranjar uma boa tora para serrar em pranchas, verificou tratar-se de madeira tão apodrecida que podia quando muito servir para lenha. Guardava ainda alguns pedaços dela no alpendre. Havia marcas de machado e de pica-pau em seu tronco. Na opinião dele devia ter sido uma árvore morta na praia que o vento impelira para dentro do lago, e depois de se encharcar a parte frondosa enquanto a extremidade inferior ainda estava seca e leve, fora levada pela corrente afundando de raízes para cima. Seu pai, com oitenta anos, não se lembrava do local sem o pinheiro em nenhuma época. Vários troncos bonitos e grandes ainda podem ser vistos repousando no fundo, onde, devido à ondulação da tona, parecem enormes serpentes aquáticas a se retorcerem.

Este lago, por apresentar poucas atrações para o pescador, só de raro em raro é profanado por um barco. Em vez das açucenas brancas que pedem lama, ou dos perfumados lírios comuns, o lírio azul *(iris versicolor)* cresce aqui e ali na água pura, erguendo-se do arenoso leito que contorna a praia, e é visitado em junho pelos beija-flores; devido ao tom azulado de suas folhas e flores, e especialmente ao reflexo delas, fica em singular harmonia com a água esverdeada.

Os lagos White e Walden são imensos cristais na face da terra, Lagos de Luz. Se fossem permanentemente congelados e bastante pequenos para que se pudesse agarrá-los, seriam, talvez, transportados por escravos, como pedras preciosas, para adornar a cabeça de imperadores; mas visto serem líquidos e vastos, e para sempre propriedade nossa e de nossos descendentes, não lhes damos o devido valor e corremos em busca do diamante de Kohinoor. São demasiado puros para ter valor no mercado, não contêm lama para adubo. Quão mais belos que nossas vidas! Quão mais transparentes que nossos caracteres! Nunca aprendemos mesquinharias com eles. Quão mais formosos que o açude em que nadam os patos em frente à porta do fazendeiro! Para cá vêm os imaculados patos selvagens. Não há habitante humano que aprecie a natureza! Os pássaros com suas plumagens e cantos estão em harmonia com as flores, mas que rapaz ou moça liga-se na beleza selvagem e luxuriante da natureza? Ela floresce sobretudo sozinha, bem longe das cidades onde moram os homens. Falais do céu, vós que degradais a terra!

A FAZENDA BAKER

Às vezes eu passeava entre alamedas de pinheiros que se erguiam como templos ou naus de velas pandas em pleno mar, os ondulantes ramos trêmulos de luz, tão tenros, verdes e sombrios que os druidas teriam abandonado seus cultos sob os carvalhos para fazê-los à sombra deles; ou vagava pelo bosque de cedros além do lago de Flint, lá onde as árvores, cobertas de vacínios esbranquiçados pela geada, espiralando-se cada vez mais alto, tornam-se dignas de permanecer diante de Valhalla, e os zimbros rasteiros cobrem o chão com grinaldas cheias de frutos; ou ainda pelos pântanos onde as barbas-de-velho pendem em festões dos abetos, os chapéus-de-cobra — mesas para os deuses do charco — cobrem o solo, e os fungos ainda mais belos enfeitam os troncos de caramujos vegetais parecidos com borboletas e conchas; onde crescem os cravos do charco e os cornisos, brilham feito olhos de diabretes as rubras bagas do amieiro, a cera escava e esmaga as dobras das madeiras mais duras, e a beleza das bagas do azevinho silvestre leva o espectador a esquecer-se do próprio lar, maravilhado e tentado que fica diante de outros frutos proibidos, silvestres e sem nome, demasiado impolutos para o gosto dos mortais. Em vez de freqüentar um erudito, fiz muitas visitas a determinadas árvores, de espécies raras nas circunvizinhanças, das que se isolam no meio de alguma pastagem, no coração de um bosque ou de um pântano, ou num cimo de colina; tais como a bétula negra, de que dispomos de alguns espécimes formosos com mais de meio metro de diâmetro; e sua prima, a bétula amarela, com frouxa túnica dourada, tão perfumada quanto a outra; a faia, de caule tão nítido e lindamente adornada de líquens, perfeita nos mínimos detalhes, e da qual, à exceção de exemplares esparsos, conheço apenas um bosquete de árvores de bom tamanho que fica na cidade e que se supõe ter sido plantado pelos

pombos que certa vez lá chegaram atraídos pelas nozes de uma faia próxima; vale a pena ver as centelhas de grão prateado quando se quebra essa madeira; também a tília, a carpa, a *celtis occidentalis* ou falso olmo, de que temos apenas um exemplar de porte; alguns mastros mais altos de pinheiros; uma árvore de tronco cascalhento ou um pinheiro canadense mais perfeito que o comum, erguendo-se como um pagode no meio dos bosques; poderia mencionar ainda muitas outras. Eis os santuários que eu visitava no verão e no inverno.

Aconteceu-me certa vez estar na extremidade de um arco-íris que, enchendo o estrato inferior da atmosfera, tingia a relva e as folhas em volta, e deslumbrava-me como se eu olhasse através de um cristal colorido. Era um lago de luz irisada, em que vivi por um instante feito um golfinho. Se a experiência tivesse demorado mais, poderia ter afetado minhas ocupações e minha vida. Passando pelo caminho dos pedestres ao longo da estrada de ferro, costumava maravilhar-me com o halo de luz ao redor de minha sombra, e de bom grado imaginava-me estar entre os seres eleitos. Uma de minhas visitas me disse que as sombras de certos irlandeses que iam na frente dele não apresentavam halo ao redor, e que só os nativos eram assim distinguidos. Conta Benvenuto Cellini em suas memórias, que após um sonho terrível ou visão que tivera quando confinado no castelo de Sant'Angelo, uma luz resplandecente aparecia contornando a sombra de sua cabeça, de manhã e ao anoitecer, na Itália ou na França, e era ainda mais intensa no caso de a relva estar úmida de orvalho. Este era, com toda probabilidade, o mesmo fenômeno a que me referi, observado de preferência pela manhã, mas também em outras ocasiões e até ao luar. Embora constante, passa despercebido, e numa imaginação ardente como a de Cellini, poderia servir de base à superstição. Além disso, conta-nos ele que revelou o fenômeno a poucas pessoas. Mas já não se distinguem de fato aqueles que têm consciência de ser considerados?

Dispus-me uma tarde a ir pescar em Fair-Haven, passando pelos bosques a fim de aumentar minha reduzida provisão de verdura. O caminho levou-me por Plesant Meadow, retiro anexo à fazenda Baker, assim cantada por um poeta:

"Outro campo mais aprazível
Que tua entrada não é possível
Arvores musgosas dão frutas
Em parte para um rosado ribeiro
Onde reina o rato almiscareiro
E qual mercúrio se arremessam trutas. "

Antes de ir para Walden pensei em viver lá. *"Fisguei"* as maçãs, pulei o regato e espantei os ratos e as trutas. Era uma dessas tardes que parecem infinitamente compridas, na qual podem acontecer muitas coisas, uma grande porção de nossa vida, embora mais da metade dela já houvesse transcorrido quando parti. A caminho sobreveio uma pancada d'água, que me obrigou a aguardar meia hora debaixo de um pinheiro, empilhando ramos sobre a cabeça e cobrindo-me com um lenço; e quando afinal lancei a rede sobre as ervas onde se reúnem os lúcios, com água até a cintura, vi-me de repente à sombra de uma nuvem, e o trovão começou a ribombar com tamanha ênfase que não pude fazer outra coisa senão ouvi-lo. Os deuses deviam sentir-se orgulhosos, pensei eu, com tantos relâmpagos bifurcados para derrotar um mísero pescador desarmado. Apressei-me portanto em abrigar-me na cabana mais próxima, a quase um quilômetro de qualquer caminho, porém bem mais perto do lago, e abandonada há muito tempo.

"E aqui construiu um poeta
Em anos que lá se vão,

— Vede — uma pobre cabana
Fadada à destruição. "

Assim conta a musa. Mas conforme vim a saber, morava nela um irlandês, John Field, em companhia de mulher e vários filhos, desde o garoto de rosto largo que ajudava o pai no trabalho e com ele regressava então do brejo, para fugir da chuva, até a criancinha enrugada, de cabeça em forma de cone e jeito de sibila, que se sentava nos joelhos do pai como se estivesse num palácio aristocrático, e do seu lar mergulhado na umidade e na fome, olhava curiosa para os estranhos, com o privilégio da tenra infância de não saber que era a derradeira de uma nobre estirpe e se julgar a esperança e maravilha do mundo, em vez do pirralho pobre e faminto de John Field. Sentamo-nos todos juntos, sob o trecho do telhado que gotejava menos, enquanto chovia e trovejava lá fora. Em tempos idos havia me sentado ali muitas vezes, antes mesmo que se construísse o navio que trouxera essa família para a América. John Field era um homem honesto e trabalhador, mas com certeza sem o menor expediente; e sua esposa era admirável a cozinhar, nos recessos de um fogão alto, refeição após refeição; de rosto redondo e gorduroso e peito seco, ainda sonhava melhorar de vida algum dia; trazia sempre consigo um pano de chão, embora não se visse os efeitos dele em parte alguma. As galinhas, que também se haviam abrigado da chuva lá dentro, andavam pelo cômodo feito membros da família, muito humanizadas, a meu ver, para darem um bom assado. Elas permaneciam a meu lado, fitavam-me ou bicavam-me o sapato de modo significativo. Nesse meio tempo o anfitrião contava-me a sua história, quão duro trabalhara *"atolando-se"* para um fazendeiro da vizinhança, cavoucando um prado à razão de vinte dólares o hectare, com o direito de usar a terra adubada durante um ano, tendo a seu lado no serviço o diligente garoto de cara larga, que nem sequer suspeitava da péssima barganha do pai. Tentei ajudá-lo com a minha experiência, dizendo-lhe que era dos meus vizinhos mais próximos, e também que eu, que viera até ali pescar e poderia parecer um vagabundo, estava que nem ele ganhando a vida; que eu vivia numa casinha clara e limpa, dificilmente mais cara do que o aluguel anual de uma em tão péssimas condições como a dele; e como, se ele se dispusesse a isso, poderia num mês ou dois construir para si um palácio; que eu não tomava chá, café ou leite, nem comia manteiga nem carne fresca, não precisando portanto trabalhar para obtê-los; coerentemente, como não trabalhava muito, não precisava comer muito, e a comida me saía por uma bagatela; mas se ele se dava ao luxo de tomar chá, café e leite, e comer manteiga e bifes, teria que dar duro para pagá-los, e quando tivesse dado duro teria que comer muito para repor o desgaste de energia — e assim sendo dava tudo no mesmo, e só não dava no mesmo porque ele estava insatisfeito e desperdiçava sua vida na transação; e contudo, ao vir para a América, ele considerara uma vantagem que aqui se pudesse obter chá, café e carne todos os dias. Mas a única América verdadeira é aquela onde se é livre para viver de tal modo que se possa dispensar tudo isso, e onde o Estado não se empenhe em constranger o indivíduo a sustentar a escravidão, a guerra e outras despesas supérfluas, que direta ou indiretamente resultam do uso de tais coisas. Propositadamente falei-lhe como se ele fosse ou desejasse ser um filósofo. Por mim ficaria contente se todos os prados do mundo ficassem em estado selvagem como conseqüência das iniciativas dos homens para se redimirem. Um homem não precisa estudar história para saber o que é melhor para seu cultivo pessoal. Mas ai! o cultivo de um irlandês é tarefa a ser levada a cabo com uma espécie de enxada moral. Fiz-lhe ver que, se trabalhava no pesado extraindo turfa, precisava de botas grossas e roupas reforçadas, as quais logo se sujavam e gastavam, enquanto eu usava sapatos leves e roupas ralas, que não custavam nem a metade, embora ele pudesse pensar que me vestia como um cavalheiro (o que, no entanto, não era o caso), e numa ou duas horas, mais como recreação do que com esforço, eu podia, se quisesse, pescar quantos peixes precisasse para dois dias, ou ganhar dinheiro suficiente para me manter durante uma semana.

Se ele e a família vivessem com simplicidade, poderiam todos passar o verão divertindo-se a apanharem mirtilos. A essa altura John suspirou fundo e sua esposa fitou-me de mãos nos quadris, ambos pareciam estar calculando se possuíam capital e aritmética suficiente para começar a viver e perseverar, conforme eu sugeria.

Para eles era como viajar à deriva e não enxergavam bem como chegar a um porto; por conseguinte, suponho que continuam levando a vida no peito e na raça, à moda deles, cara a cara, lutando com unhas e dentes, sem habilidade para rebentar as colunas maciças da vida com uma cunha aguçada e penetrante e derrotá-la nas coisas de somenos; pensam em enfrentá-la rudemente como se se tratasse de espinhoso cardo. Mas lutam com esmagadora desvantagem, vivendo sem aritmética, e assim fracassando. Pobre John Field!

"O senhor costuma pescar?" perguntei. *"Claro, pesco uma porção, uma vez ou outra quando estou à toa; pesco boas percas. ", "O que é que o senhor usa de isca?", "Primeiro pego peixinhos prateados com minhocas, depois as percas com eles. ", "John, é melhor você ir agora. ",* disse a mulher dele com o rosto brilhante de esperança; mas John fez corpo mole.

Estiara e a leste um arco-íris prometia um belo entardecer; então eu me despedi. Quando já estava do lado de fora pedi um copo d'água, com esperança de dar uma olhada no fundo da cisterna, para concluir a inspeção das acomodações; mas, ai! ali não havia senão água rasa e areias movediças, uma corda partida e um balde lá no fundo. Nesse meio tempo escolhia-se o recipiente adequado e a água parecia estar sendo destilada, e depois de consultas e muita demora foi entregue ao sedento sem estar fria ou decantada. Esse caldo é que sustenta a vida por aqui, pensei; assim, fechando os olhos, e afastando os ciscos ao sorver a água com o maior cuidado, bebi, pela genuína hospitalidade, o gole mais cordial de que fui capaz. Não sou exigente em circunstâncias que envolvem boa educação.

Ao deixar o teto do irlandês após a chuva, encaminhei-me novamente ao lago. Minha ansiedade de pescar lúcios, levando-me a vadear lodaçais e fundos brejos por retiradas campinas, lugares selvagens e desolados, pareceu-me de repente insignificante, a mim que freqüentara a escola e a faculdade; mas à medida que descia a colina em direção ao esbraseado poente, como arco-íris às minhas costas, e alguns sons abafados tilintando através do ar limpo até o meu ouvido, vindos não se sabe de onde, meu Gênio Bom parecia me dizer: — Vai pescar e caçar por toda a parte, dia após dia, cada vez mais longe aqui e ali, e repousa sem receio junto aos muitos riachos e lareiras. Lembra-te de teu Criador nos dias de tua juventude. Levanta-te antes da aurora, liberto de qualquer preocupação e vai em busca de aventuras. Deixa que o meio-dia te surpreenda à beira de outros lagos, e que a noite sobrevenha em qualquer lugar em que te sintas em casa. Não há campos mais vastos que estes, nem partidas melhores do que as que aqui se podem jogar. Cresce selvagem de acordo com tua própria natureza, como os juncos e as samambaias que nunca se tornarão feno inglês. Que o trovão estronde; o que é que tem se ameaça arruinar as colheitas dos fazendeiros? Essa mensagem não é para ti. Refugia-te debaixo da nuvem, enquanto os outros fogem para os carros e abrigos. Ganhar a vida não seja o teu ofício, mas o teu esporte. Desfruta a terra, porém sem possuí-la. Por falta de fé e de iniciativa, os homens estão onde estão, comprando e vendendo, desperdiçando a vida como escravos.

Oh, Fazenda de Baker!

"Paisagem onde o elemento mais rico
É o sol inocente e seu pequeno brilho. "

"Ninguém acorre a deleitar-se
Em teu prado cercado de grades. "

"Não manténs com ninguém discussão
Nem questões te deixam confundido
Tão dócil agora, como eras então
Em rústica gabardine vestido. "

"Vinde vós que amais tanto
E vós que odiais um bocado
Filhos do Espírito Santo
E Guy Faux do Estado,
Pendurai todas, as conjuras
Nas árvores, nas ramas duras. "

À noite, os homens retornam dóceis a casa, vindos tão somente do campo e da rua próximos, onde os ecos domésticos os perseguem, e suas vidas se estiolam porque respiram o próprio hálito de volta. Suas sombras de manhã e de tarde vão mais longe que seus passos diários. Cada dia, de regresso ao lar, deveríamos vir de longe, de aventuras, perigos e descobertas, com nova experiência e de caráter renovado.

Antes que eu alcançasse o lago, algum impulso desconhecido trouxe John Field para fora, com outra disposição, abandonando a faina antes do pôr-do-sol. Mas ele, coitado, apenas espantou uma dupla de peixes enquanto eu apanhava uma bela fieira, e disse-me que era falta de sorte; mas quando trocamos de lugar no barco, a sorte também mudou de lugar. Pobre John Field! — espero que não venha a ler isto, a menos que lhe possa ser útil — pensando em viver neste país novo e primitivo à moda de seu velho país de origem — a pescar percas com peixinhos prateados... Às vezes, não é uma isca ruim, concordo. Com todo o horizonte à sua disposição, e ainda assim um homem pobre, nascido para ser pobre, com a herança da miséria irlandesa, a avó filha de Adão, e os caminhos pantanosos, destinado a não subir na vida, nem ele nem seus descendentes, até que seus pés palmípedes, afeitos a vadear e pisar lama, consigam asas nos calcanhares.

LEIS SUPERIORES

Já noite fechada, quando atravessava os bosques de regresso a casa, com minha enfiada de peixes e a vara de pescar se arrastando, vi de relance uma sorrateira marmota cruzando o caminho, e senti um frêmito de prazer, estranho e selvagem, tentando-me fortemente para agarrá-la e devorá-la crua; não que eu estivesse com fome naquela hora; mas desejava a selvageria que ela representava. Acontece que uma ou duas vezes, enquanto morava perto do lago, vi-me a explorar os bosques com estranho abandono, feito cão de caça faminto, em busca de algum veado para devorar. As cenas mais bárbaras haviam se tornado tão incrivelmente familiares que para mim nenhum naco de carne poderia ser demasiado selvagem. Como sucede com a maioria das pessoas, percebi, e continuo percebendo em mim, um instinto voltado para as coisas elevadas ou, como se diz, para a vida espiritual, e outro voltado para uma categoria primitiva e para a vida selvagem. Reverencio ambos, pois amo igualmente o bem e a vida natural. Seduz-me o que há de selvagem e aventuresco no ato de pescar. Agrada-me algumas vezes agarrar a vida cruamente e passar o dia ao jeito dos animais. Talvez deva o meu estreito relacionamento com a natureza a essa maneira de viver e ao fato de haver-me dedicado à caça ainda muito jovem. Tudo isso introduz e grava em nós bem cedo um cenário que de outro modo seria pouco familiar. Pescadores, caçadores, lenhadores e pessoas que passam a vida nos campos e bosques, integrando de certo modo a própria natureza, têm freqüentemente disposições mais favoráveis para observá-la nos intervalos de seus afazeres do que mesmo filósofos e poetas, que se aproximam dela já com expectativas. A natureza não teme exibir-se a eles. O viajante na pradaria é por natureza um caçador; nas cabeceiras do Missouri e do Colúmbia, um captura dor a preparar armadilhas, e nas cataratas de St. Mary, um pescador. Quem, se restringe a viajar aprende as coisas de segunda mão, pela metade, e assim não chega a ter autoridade sobre o assunto. Estamos mais interessados quando a ciência relata o que os homens já sabem na prática ou por instinto, porque só isso constitui a verdadeira humanidade, ou explicação da experiência humana.

Erra quem afirma que os ianques se divertem pouco por não terem muitos feriados, e que aqui homens e rapazes não praticam tantos jogos como na Inglaterra, pois entre nós os divertimentos mais primitivos e solitários da caça e da pesca ainda não cederam lugar àqueles. Na minha geração quase todo garoto da Nova Inglaterra, entre os dez e os catorze anos, carregou às costas uma espingarda; e seus espaços de caça e pesca não eram limitados como os parques de um aristocrata inglês, porém mais infinitos até que os de um selvagem. Não é de admirar portanto que raramente o ianque participe de jogos comunitários. Não obstante, uma modificação já está se produzindo, em decorrência não de melhoria do sentimento humanitário, porém de maior, escassez de caça, porque, talvez o caçador seja o maior amigo dos animais caçados, mesmo se incluirmos a Sociedade Protetora de Animais.

De mais a mais, quando morava à beira do lago, desejava certas vezes variar de dieta, adicionando peixe. Na verdade, pescava pelo mesmo tipo de necessidade que impulsionara os primeiros pescadores. Qualquer sentimento humanitário que eu pudesse invocar, contra isso era totalmente artificial, relacionava-se mais com minha filosofia do que com meus sentimentos. Só falo agora sobre a pesca porque durante muito tempo pensei de modo diverso sobre a caça e cheguei até a vender minha arma antes de partir para os bosques. Não que eu seja menos humano que outras pessoas, mas eu não percebia que me deixava envolver pelo sentimentalismo. Não tinha pena dos peixes nem das minhocas. Era questão de hábito. Quanto à caça, nos últimos anos em que portei arma, minha desculpa era de que estava estudando ornitologia e procurava apenas pássaros novos e raros. Mas confesso que agora estou inclinado a pensar que há um método para estudar ornitologia superior a este, e que requer uma observação mais profunda dos hábitos dos pássaros, razão pela qual ando disposto a abandonar a arma de fogo. Contudo, não obstante a objeção por motivo de humanidade, sou forçado a duvidar que esportes igualmente válidos substituam estes algum dia; e quando alguns de meus amigos perguntaram-me ansiosamente se deviam deixar os filhos caçarem, respondi-lhes que sim — lembrando-me de que constituíra uma das melhores partes da minha educação — fazei deles caçadores, embora de começo apenas como distração, e, se possível, mais tarde como atividade séria, de modo que eles nunca considerem caça alguma demasiado grande, nesta ou em qualquer outra mata — que sejam caçadores como os pescadores de homens. A esse respeito sou da opinião da freira de Chaucer:

> *"Ao texto que diz não serem os caçadores gente sagrada Eu não daria por ele uma galinha depenada. "*

Na história de cada indivíduo, e também da raça, há um período em que os caçadores são considerados os *homens por excelência,* como os chamavam os algonquinos. Não podemos deixar de ter pena do garoto que nunca disparou um revólver; ele não se tornou mais humano, ao passo que sua educação foi tristemente negligenciada. Eis a minha resposta a respeito desses jovens que tinham inclinação pela caça, confiando que breve haveriam de superá-la. Nenhum ser humano, passada a fase de estouvamento da infância, irá irresponsavelmente assassinar qualquer criatura, que valoriza sua vida pelo mesmo título de posse que ele. A lebre em sua hora extrema chora que nem uma criancinha. Previno-vos, mães, que minhas simpatias nem sempre fazem as distinções *filantrópicas* usuais.

Assim é muitas vezes a iniciação de um jovem à floresta e a sua parte mais primitiva. Inicialmente move-se ali como caçador e pescador, até que, se traz em si as sementes de uma vida melhor, distingue seus próprios objetivos, seja como poeta ou naturalista, e deixa para trás a espingarda e a vara de pescar. A maioria dos homens é ainda e sempre jovem a esse respeito. Em alguns países ver-se um pároco caçador não é coisa extraordinária. Esse pode dar um bom cão de pastor, mas está longe de ser o Bom Pastor. Fiquei surpreso ao pensar que, excetuando apanhar lenha, cortar gelo ou atividades semelhantes, na região do Walden, pescar era a única ocupação óbvia que eu sabia capaz de tomar toda a metade do dia de adultos e crianças da cidade,

fora uma só pessoa. Em geral eles não se consideravam com sorte ou bem remunerados por seu tempo, a não ser quando pegavam uma longa enfiada de peixes, embora houvessem tido a oportunidade de contemplar o lago o tempo todo. Podiam ir lá milhares de vezes antes que o sedimento da pesca se depositasse no fundo, deixando suas intenções límpidas, mas certamente tal processo de clarificação estaria ocorrendo a todo momento. O governador e respectivos assessores têm vaga recordação do lago, por terem pescado nele quando meninos; mas agora se consideram demasiado velhos e importantes para ir pescar e assim passaram a ignorar para sempre a sua existência. Contudo, esperam ainda ao final ganhar o céu. Se a legislação se ocupa do lago, é sobretudo para regulamentar o número de anzóis a serem usados, mas os legisladores nada sabem do anzol dos anzóis com que pescar o próprio lago, usando por isca a legislação. Deste modo, até nas comunidades civilizadas o homem atravessa em seu desenvolvimento a fase de caçador.

Nos últimos anos, conscientizei repetidas vezes que não posso pescar sem me sentir diminuído diante de mim mesmo. Tentei-o vezes e mais vezes. Tenho jeito para pesca, e, como muitos de meus companheiros, uma espécie de instinto que vem à tona de tempos em tempos, mas ao terminar sinto sempre que teria sido melhor não ter pescado. Acho que não me engano. Trata-se de insinuação tão vaga como os primeiros raios da manhã. Inquestionavelmente, existe em mim esse instinto que pertence às categorias inferiores da criação; contudo a cada ano que passa sou menos um pescador, sem com isso adquirir mais humanidade ou mesmo sabedoria; no momento não sou em absoluto pescador. Mas acho que se tivesse que viver no mato, seria novamente tentado a me tornar um pescador e caçador de verdade. Ao lado disso, há algo essencialmente impuro nessa dieta e em toda carne, e comecei a compreender onde principia o trabalho doméstico, e, por essa razão, a difícil lida para apresentar a cada dia uma aparência arrumada e respeitável, para manter a casa em ordem, livre de todo e qualquer mau cheiro e mau aspecto. Na qualidade de meu próprio açougueiro, copeiro e cozinheiro, bem como de patrão a quem os pratos eram servidos, posso falar com a rara autoridade de possuidor da experiência completa. A objeção de ordem prática que levanto à comida animal é a sujeira que causa; e, além disso, depois de ter pescado e limpado, cozido e comido meus peixes, ficava com a impressão de que não me haviam alimentado substancialmente. Eram insignificantes e desnecessários, e custavam mais do que valiam. Um pão pequeno ou umas poucas batatas teriam servido da mesma forma, com menos trabalheira e imundície. Igual a muitos de meus contemporâneos, durante anos e anos raramente servi-me de comida animal, chá ou café etc.; não tanto devido a qualquer efeito negativo que tenha observado nesses alimentos, mas porque eram desagradáveis à minha imaginação. A repugnância à comida animal não resulta da experiência, mas decorre do instinto. Parecia-me mais belo viver com humildade, e passar mal em muitos aspectos; e embora nunca tenha chegado a isso, avancei ao ponto de deleitar a imaginação. Creio que toda pessoa desejosa de preservar em condições ideais suas faculdades superiores ou poéticas é particularmente inclinada a abster-se de alimento animal, bem como de excessos de qualquer tipo de comida. É um fato significativo, constatado por entomologistas — conforme li em Kirby e Spence — que *"alguns insetos em perfeito estado, embora dotados de órgãos de alimentação, não os utilizam"*. E estabelecem ainda como *"regra geral que quase todos os insetos nesse estado comem muito menos do que em estado larvar. A lagarta voraz quando se transforma em borboleta... e o berne glutão quando se transforma em mosca"* contentam-se com uma ou duas gotas de mel ou de qualquer outro líquido doce. O abdômen debaixo das asas da borboleta ainda representa a larva. Esse é o petisco que lhe tenta a sina insetívora. O comilão grosseiro é um homem em estado larvar; e há nações inteiras nessa situação, nações sem fantasia ou imaginação, cujos ventres volumosos as denunciam.

É difícil prescrever e preparar uma dieta tão simples e limpa que não venha a ofender a imaginação; mas esta, creio, deve ser alimentada ao mesmo tempo que o corpo; ambos devem sentar-se à mesma mesa. Isso, no entanto, talvez possa ser feito. As frutas, comidas com moderação, não nos envergonham por nosso apetite nem interrompem nossas atividades mais dignas. Mas colocai um tempero extra em vosso prato e ele vos envenenará. Não vale a pena alimentar-se com uma culinária rica. Muitos homens sentir-se-iam desonrados

se surpreendidos a preparar com as próprias mãos uma refeição, de comida animal ou vegetal, como a que diariamente outros preparam para eles. Contudo, até que se modifique essa situação não podemos considerar-nos civilizados, e, embora cavalheiros e damas, não somos verdadeiros homens e mulheres. Isso certamente sugere que modificação precisa ser feita. Pode ser supérfluo perguntar por que a imaginação não se reconcilia com a carne e a gordura. Ótimo que tal não ocorra. Não será já uma recriminação dizer que o homem é um animal carnívoro? Sim, ele pode de fato viver, em grande medida, à custa de devorar outros animais; mas esse é um meio deplorável — como pode comprovar quem se dispuser a armar ciladas contra coelhos ou degolar cordeiros —, e aquele que conseguir que o homem se submeta a uma dieta mais simples e saudável será considerado um benfeitor da humanidade. Quaisquer que sejam minhas práticas de alimentação, estou convicto de que faz parte do destino da raça humana, em seu progresso gradual, abandonar o hábito de comer animais, do mesmo modo que as tribos selvagens abandonaram a antropofagia ao entrarem em contacto com os mais civilizados.

Se a pessoa presta atenção às sutis mas constantes sugestões de seu espírito, sem dúvida autênticas, não vê a que extremos, e loucura mesmo, ele pode levá-la; e contudo, por aí se envereda seu caminho à medida que cresce em resolução e fé. A mais leve objeção segura que fizer um homem sadio, com o tempo prevalecerá sobre os argumentos e costumes da humanidade. Nenhum homem jamais seguiu sua índole a ponto de que esta o extraviasse. Embora o resultado fosse fraqueza física, ainda assim talvez ninguém pudesse dizer que as conseqüências eram lamentáveis, já que representariam a vida de conformidade com princípios mais elevados. Se o dia e a noite são de tal natureza que vós os saudais com alegria, se a vida emite uma fragrância de flores e ervas aromáticas e se torna mais elástica, mais cintilante e mais imortal — eis aí vosso êxito. A natureza inteira é vossa congratulação e tendes motivos terrenos para bendizer-vos. Os maiores lucros e valores estão ainda mais longe de serem apreciados. Chegamos facilmente a duvidar de que existam. Logo os esquecemos. Constituem, entretanto, a realidade mais elevada. Talvez os fatos mais estarrecedores e verdadeiros nunca sejam comunicados de homem para homem. A verdadeira colheita do meu dia-a-dia é algo de tão intangível e indescritível como os matizes da aurora e do crepúsculo. O que tenho nas mãos é um pouco de poeira de estrelas e um fragmento do arco-íris.

De minha parte, porém, nunca fui exigente em matéria de comida; às vezes, em caso de necessidade, comia até com gosto um rato frito. Estou contente por ter bebido água durante tanto tempo, pela mesma razão que prefiro o céu natural aos paraísos artificiais dos fumantes de ópio. De bom grado manteria sempre a sobriedade e há infinitos graus de embriaguez. Creio que a água é a única bebida para um homem sensato; o vinho não é uma bebida tão nobre, e basta uma xícara de café quente para frustrar as esperanças da manhã, ou uma de chá para acabar com as da tarde. Ah, como me sinto deprimido ao ser tentado por essas coisas! Até a música pode intoxicar. Tais causas, aparentemente sem importância, destruíram a Grécia e Roma, e hão de destruir a Inglaterra e a América. De todos os tipos de embriaguez, quem não prefere ser intoxicado pelo ar que respira? Descobri que minha mais séria objeção ao trabalho grosseiro e prolongado é porque me levava a comer e beber também grosseiramente. Mas para falar a verdade, no momento ando menos meticuloso a esse respeito. Levo menos religião à mesa e não peço nenhuma bênção; não que me considere mais sábio do que antes, mas, por lamentável que seja, cumpre-me confessar que com o passar do tempo tornei-me mais rude e indiferente. Talvez essas questões sejam colocadas somente na juventude, como a maioria das pessoas julga ser o caso da poesia. Minha prática não está em parte alguma, enquanto minha opinião está aqui. No entanto estou longe de me considerar um daqueles privilegiados a que o Veda se refere quando diz *"quem tem verdadeira fé no Supremo Ser Onipresente pode comer de tudo quanto existe",* isto é, não precisa perguntar o que é sua comida e quem a prepara; e ainda assim deve-se observar, conforme frisou um comentarista hindu, que esse privilégio é reservado a *"tempos de penúria".*

Quem já não experimentou inexprimível satisfação ao comer um alimento sem a participação do apetite? Arrepio-me ao pensar que devo certa percepção mental ao comumente grosseiro sentido do paladar, que já

me inspirei por seu intermédio, que algumas bagas comidas na encosta da colina nutriram-me o espírito. Como diz Thseng-tseu, *"Se a alma não é dona de si mesma, a pessoa olha e não vê, escuta e não ouve, come e não sabe que gosto tem a comida. "* Quem distingue o verdadeiro sabor de seu alimento jamais será um glutão, como certamente o é quem não distingue. Um puritano pode avançar para sua casca de pão preto com o mesmo apetite grosseiro com que um vereador avança para sua tartaruga. Não é a comida que entra na boca de um homem que o envilece, mas o apetite com que ele come. Não é nem a qualidade nem a quantidade, mas a devoção a gostos sensuais, quando aquilo que se come deixa de ser víveres para sustentar nossa vida animal ou inspirar a espiritual, e se torna alimento para os vermes que nos possuem. Se o caçador gosta de cágados, ratos almiscareiros e outros bocados selvagens, e a fina dama dá preferência à geléia de mocotó ou a sardinhas importadas, eles se equivalem. Ele se dirige ao lago, ela ao frasco de conserva. O que causa espanto é como eles, vós e eu podemos levar essa vida reles e bestial, sempre a comer e beber.

Toda a nossa vida é surpreendentemente moral. Não há um só instante de trégua entre a virtude e o vício. A bondade é o único investimento que nunca falha. Na música da harpa que vibra em volta ao mundo, é a insistência nisso o que nos comove. A harpa é a propagandista ambulante da Companhia de Seguros do Universo, a recomendar suas leis, e nossa pequena bondade é toda a taxa que pagamos. Ainda que a juventude cresça afinal indiferente, as leis do universo não são indiferentes, e estão sempre ao lado do mais sensível. Ouvi a repreensão dos zéfiros, pois ela certamente está aí, e infeliz de quem não a ouve. Não podemos tocar num cordão ou mover um ponto sem que essa moral fascinante nos transpasse. Muitos barulhos desagradáveis, à distância são ouvidos como música, sátira altiva e sutil da baixeza de nossas vidas.

Temos consciência de um animal em nós, a despertar à proporção que adormece nossa natureza mais elevada. Ele é réptil e sensual, e talvez não possa ser expelido inteiramente; é como os vermes que ocupam nossos corpos, mesmo em vida e saúde. É possível afastarmo-nos dele, mas nunca alterar-lhe a natureza. Temo que possa gozar de boa saúde por sua conta; e que nos entendamos bem apesar da impureza. Um dia desses apanhei a mandíbula inferior de um porco, com presas e dentes alvos e sadios a sugerirem a existência de um vigor e saúde próprios dos animais e bem diversos dos espirituais. Essa criatura vingou por outros meios que não a temperança e a pureza. *"O que distingue os homens dos irracionais"*, diz Mencius, *"é algo de muito insignificante; o rebanho comum logo o perde; os homens superiores conservam-no cuidadosamente"*. Quem sabe que tipo de vida resultaria se atingíssemos a pureza? Se me falassem de um homem tão sábio a ponto de poder ensiná-la, partiria imediatamente à procura dele. O domínio de nossas paixões e dos sentidos externos do corpo, bem como as boas ações, são declarados nos Vedas como indispensáveis à aproximação da mente com Deus. Não obstante, o espírito pode por um tempo penetrar e controlar cada membro e função do corpo, e transformar em pureza e devoção o que parece a mais grosseira sensualidade. A energia geradora, que se dissipa e nos torna impuros quando somos devassos, nos revigora e inspira se adotamos a continência. A castidade é o florescer do homem; e o que se chama de Gênio, Heroísmo, Santidade e coisas semelhantes são simplesmente os vários frutos que a sucedem. O homem flui imediatamente para Deus quando se abre o canal da pureza. Ora nossa pureza nos ilumina, ora nossa impureza nos degrada. Abençoado é o ser convicto de que dia a dia morre nele o animal, enquanto o divino se instala. Talvez ninguém deva envergonhar-se por causa da natureza inferior e irracional a que está aliado. Temo que sejamos deuses e semideuses apenas como os faunos e sátiros, o divino associado às bestas, às criaturas de apetite, e que, até certo ponto, nossa vida seja nossa desgraça.

"Feliz é quem pôs no devido lugar
Suas bestas e desmatou seu pensar!

Pode usar cavalo, cabra, lobo, qualquer animal
Sem ser burro-de-carga para o resto, ao final!
Ou, não só o pastor de porcos é o homem,

Mas são também os demônios que os consomem
No ódio em que os mergulham, tornando-os piores. "

Toda sensualidade é uma só, embora tome muitas formas; toda pureza é uma só. Tanto faz se um homem come ou bebe, coabita ou dorme sensualmente. Trata-se de um só apetite, e basta-nos ver uma pessoa fazendo qualquer dessas coisas para avaliar-lhe a sensualidade. O impuro não pode ficar de pé nem sentar-se com pureza. Quando o réptil é atacado numa entrada de sua toca, logo se mostra em outra. Se pretendeis ser casto, deveis ser moderado. O que é a castidade? Como saberá um homem se ele é casto? Não o saberá. Temos ouvido falar dessa virtude, mas não sabemos do que se trata. Falamos conforme os boatos que ouvimos. Do exercício vêm a sabedoria e a pureza; da preguiça, a ignorância e a sensualidade. No estudante, a sensualidade é um hábito preguiçoso da mente. Uma pessoa imunda é geralmente preguiçosa, senta-se ao lado do fogão, prostra-se ao apanhar sol, descansa sem estar cansada. Se pretendeis evitar a depravação, trabalhai seriamente, mesmo que seja limpando um estábulo. A natureza é difícil de ser dominada, mas deve ser dominada. De que adianta serdes cristãos se não sois mais puros que os pagãos, se não vos sacrificais mais, se não sois mais religiosos? Sei de muitos sistemas religiosos tidos por pagãos cujos preceitos envergonham o leitor e instigam-no a novos esforços, mesmo que seja apenas no cumprimento dos ritos.

Hesito em dizer essas coisas, não por causa do assunto — não me importo que minhas palavras sejam obscenas — e sim porque não posso falar nelas sem deixar transparecer minha impureza. Discorremos livremente e sem vexame sobre uma forma de sensualidade e calamos sobre outra. Degradamo-nos tanto que não podemos falar com simplicidade das funções necessárias à natureza humana. Em tempos primitivos, em alguns países, cada função era comentada com reverência e regulamentada por lei. Nada era demasiado banal para o legislador hindu, por mais ofensivo que pudesse ser ao gosto de hoje. Ensina como comer, beber, coabitar, evacuar fezes e urina, e coisas parecidas, elevando o que é mesquinho, e sem se escusar hipocritamente chamando tudo isso de coisas sem importância.

Todo homem é o construtor de um templo, que é o seu corpo, para o deus a que adora; e segue um estilo puramente seu, não podendo desincumbir-se martelando o mármore em vez de si mesmo. Somos todos escultores e pintores, e o material é nossa própria carne, sangue e ossos. Qualquer nobreza começa logo a refinar as feições de um homem, qualquer mesquinharia ou sensualidade a embrutecê-las.

Uma tarde de setembro, após um duro dia de labuta, John Farmer sentou-se à porta, com a cabeça ainda no trabalho. Depois de tomar banho sentou-se para dar vazão a seu ser intelectual. Era um anoitecer frio e alguns vizinhos estavam apreensivos com a possibilidade de uma geada. Nem bem entregou-se a seus pensamentos e ouviu alguém tocando flauta; uma melodia que se harmonizava com seu estado de espírito. Continuou pensando no trabalho, mas a carga do seu pensamento era tal, que embora lhe fervilhasse na cabeça e ele se achasse a planejá-lo e ideá-lo contra sua vontade, ainda assim ele muito pouco lhe dizia respeito. Não passava de descamação da epiderme, constantemente jogada fora. Mas as notas da flauta aninhavam-se em seus ouvidos, vindas de uma esfera diferente daquela em que trabalhava e sugeriam ocupação para certas faculdades que dormitavam nele. Suavemente as notas extinguiam a rua, o povoado e a condição em que ele vivia. Uma voz lhe disse: — Por que você continua aqui vivendo esta mesquinha vida de labuta, quando lhe é possível uma existência gloriosa? Aquelas mesmas estrelas brilham sobre outros campos. — Mas como sair desta condição e emigrar de fato para lá? Tudo que pôde pensar foi em praticar alguma nova austeridade, deixar que seu espírito baixasse ao corpo para redimi-lo, e tratar-se com respeito cada vez maior.

VIZINHOS IRRACIONAIS

Na pescaria eu tinha às vezes um companheiro, que para chegar a minha casa, vinha do outro lado da cidade, atravessando-a; e pescar a janta era um exercício social equivalente a comê-la.

Ermitão: Pergunto-me o que o mundo está fazendo agora. Nessas três horas só escutei um gafanhoto sobre os fetos-machos. Os pombos todos dormem nos poleiros — de onde não vem nenhum esvoaçar. Acaso o que acabou de soar além dos bosques foi o toque do meio-dia no berrante de um fazendeiro? As mãos avançam para os bifes ensopados, a cidra e o pão de milho. Por que os homens se preocupam tanto? Quem não come, não precisa trabalhar. Imagino o quanto eles ceifaram. Quem viveria num lugar em que o corpo nunca pode pensar por causa dos latidos de cães? E oh, que trabalheira dá a casa. Polir o diabo das maçanetas e esfregar as banheiras num dia de sol desses! Melhor não ter casa para cuidar. Digamos, o oco de uma árvore; e para visitas matinais e jantares solenes, apenas um pica-pau batendo de leve na porta. Oh, como são numerosos! O sol é demasiado quente lá e acho que proliferam em demasia. Tenho água da fonte e na prateleira um pão de forma preto. — Ei! Ouço um farfalhar de folhas. Será algum cão do povoado que, subnutrido, se entrega ao instinto da caça? Ou o porco extraviado que consta andar por estes bosques e cujos rastros vi depois da chuva? Eles vêm depressa; tremem meus sumagres e minhas rosas amarelas. — Ei, senhor Poeta, é você? Que acha do mundo hoje?

Poeta: Veja aquelas nuvens; como flutuam! É a coisa mais importante que vi hoje. Nada há que se lhes compare em pinturas antigas ou em terras estranhas — a menos que estejamos ao largo do litoral da Espanha. Eis um verdadeiro céu mediterrâneo. Como tenho que ganhar o pão de cada dia e ainda não comi hoje, pensei em ir pescar. Eis a verdadeira atividade para poetas. É o único ofício que aprendi. Venha, vamos pescar.

Ermitão: Impossível resistir. Meu pão preto logo se acabará. Daqui a pouco vou com você na maior alegria, mas no momento estou concluindo uma meditação séria. Acho que estou no finalzinho dela. Por isso, deixe-me só por enquanto. Mas nesse meio tempo, para que não nos atrasemos, você pode ir providenciando a isca. Aqui é difícil encontrar minhocas, o solo nunca foi fertilizado com adubo e a espécie está quase extinta. Cavar a terra em busca de minhocas é quase a mesma coisa que pescar, desde que a fome da pessoa não seja muito grande, e, se quiser, pode passar o dia nesse esporte. Aconselharia você a cavoucar lá longe entre os pés de amendoim, lá onde se balança a erva-de-são-joão. Garanto-lhe que vai dar com uma minhoca a cada três torrões de chão que revolver, se olhar bem entre as raízes de capim, como se estivesse arrancando erva daninha. Ou se você quiser ir ainda mais longe, será acertado, pois descobri que a isca de boa qualidade aumenta proporcionalmente ao quadrado das distâncias.

Ermitão a sós: Vejamos... onde é que eu estava? Acho que estava aproximadamente nesta disposição de espírito; o mundo se debate às cegas neste anzol: subo ao céu ou vou pescar? Se eu encerrasse logo esta meditação, acaso surgiria depois outra ocasião propícia? Nunca na vida estive tão perto de penetrar na essência das coisas. Receio que meus pensamentos não voltem a mim. Se adiantasse algo, eu assoviaria chamando-os. Quando eles se oferecem a nós, será sábio dizer que vamos pensar no caso? Meus pensamentos não têm deixado pegadas e não sou capaz de reencontrar o caminho. Em quê mesmo eu estava pensando? Era um dia enevoado. Vou apenas experimentar estas três frases de Confúcio: talvez me devolvam aquele estado de espírito. Não sei se era melancolia ou o brotar do êxtase. Nota: Não há senão uma oportunidade da mesma espécie.

Poeta: Que tal agora, ermitão, ou ainda é muito cedo? Já consegui treze minhocas inteiras, além de várias mutiladas ou pequeninas, mas que servirão para a arraia-miúda que não cobre tanto o anzol. Essas minhocas do povoado são bastante grandes. Um peixinho prateado pode repastar-se com uma, sem ser fisgado.

Ermitão: Bem, então vamos embora. Vamos ao Concord? Lá é bom para pescar se o rio não estiver muito cheio.

Por que, precisamente, esses objetos que contemplamos formam um mundo? Por que tem o homem por vizinhos sempre essas espécies de animais,como se nada além de um rato pudesse ter enchido esta fresta?

Suspeito que Pilpay[14] & Cia. se aproveitaram ao máximo dos animais, pois, de certo modo são todos bestas de carga que transportam boa parte de nossos pensamentos.

Os ratos que freqüentavam minha casa não eram desses vulgares, que consta haverem sido introduzidos no país, mas de uma espécie autóctone e selvagem que não se vê no povoado. Mandei um exemplar a ilustre naturalista, que se interessou muito. Quando estava construindo, um deles tinha seu ninho debaixo da casa, e até que eu estendesse o segundo assoalho e varresse as aparas, vinha pontualmente na hora do almoço pegar migalhas a meus pés. É provável que nunca houvesse visto um homem antes, mas sem demora tornou-se íntimo, correndo por meus sapatos e roupas. Galgava com presteza e pequenos impulsos as paredes do quarto, que nem um esquilo, com que aliás se parecia muito em seus movimentos. Por fim, um dia em que me achava debruçado com o cotovelo no banco, ele correu por minhas roupas, desceu pela manga e contornou o embrulho de papel com minha comida, que eu mantinha bem fechado e desviava dele brincando de esconde-esconde; e quando finalmente segurei um pedacinho de queijo, imóvel entre os dedos, veio mordiscá-lo, sentando-se na minha mão; em seguida limpou o focinho e as patas, como fazem as moscas, e se foi.

Logo um papa-mosca veio aninhar-se em meu telheiro e um pintarroxo num pinheiro que crescia encostado à casa. Em junho, a perdiz (*tetrao umbellus),* que é um pássaro arisco, vinha do fundo dos bosques para frente da minha casa, passando por baixo da janela com sua ninhada, a cacarejar e chamar as crias feito uma galinha, provando por seu comportamento ser a galinha do mato. A um sinal da mãe, os filhotes súbito se dispersam à nossa aproximação, como se um vendaval os varresse, e se assemelham tanto a folhas secas e raminhos que muitos transeuntes já pisaram no meio de uma ninhada, e ouviram o ruflar da perdiz mãe levantando vôo, bem como seus apelos aflitos e gemidos, ou viram-na arrastando as asas para chamar atenção deles, que estavam longe de suspeitar de tal vizinhança. Nessas ocasiões a perdiz dará voltas e mais voltas em tamanho desalinho ao redor do intruso que este nos primeiros instantes dificilmente identifica que tipo de animal é aquele. Já os filhotes se agacham quietinhos ao nível do chão, muitas vezes com as cabeças debaixo de uma folha, e só prestam atenção aos sinais que a mãe manda à distância, para que não se denunciem no esconderijo e corram novamente quando da aproximação do estranho. A gente pode até pisar em cima deles, fitá-los por um minuto sem que eles se descubram. Certa vez cheguei a tê-los na palma da mão e ainda assim a única preocupação que demonstravam era agachar-se sem medo ou tremor, obedientes à mãe e ao instinto. E este é tão perfeito que ao depositá-los de volta em meio à folhagem, um deles caiu de lado acidentalmente, tendo sido encontrado dez minutos depois na mesma posição, junto ao resto da ninhada. Não são implumes como os filhotes da maioria dos pássaros, porém melhor desenvolvidos e mais precoces mesmo que os pintinhos. A expressão de seus olhos abertos e serenos, notavelmente adultos e ainda assim inocentes, é algo de inesquecível. Toda a inteligência parece refletir-se neles. Sugerem não somente a pureza da infância, como a sabedoria esclarecida pela experiência. Olhar assim não nasceu ao mesmo tempo que a ave, mas é contemporâneo do céu que reflete. Os bosques não produzem outra gema como essa. O viajante nem sempre olha num poço assim límpido. O caçador descuidado ou ignorante muitas vezes atira na mãe nessas ocasiões e deixa os inocentes caírem presa de animais e pássaros que rondam, ou aos poucos se misturarem com as folhas podres com que tanto se parecem. Diz-se que quando são chocados por uma galinha, logo se dispersam a qualquer alarme e terminam por se perder, pois não mais ouvem o chamado materno que os reúne novamente. Essas eram minhas galinhas e pintinhos.

É impressionante a quantidade de criaturas que vivem selvagens e livres no recôndito dos bosques e ainda sobrevivem na vizinhança das cidades, pressentidas apenas pelos caçadores. Como a lontra consegue viver isolada por estas bandas! Embora alcance mais de um metro de altura, o tamanho de um garoto, talvez nenhum ser humano lhe deite o olhar em cima. Antigamente eu via o guaxinim nos bosques atrás da minha casa, e provavelmente era o seu gemido que ouvia à noite. Ao meio-dia, em geral, depois do trabalho no campo, descansava uma ou duas horas à sombra, comia meu lanche e lia um pouquinho junto à fonte que, jorrando de Brister's Hill a uns oitocentos metros de meu campo, dá origem a um pântano e a um riacho.

[14] Pilpay ou Bildpay — fabulista oriental que teve algumas de suas fábulas recolhidas e publicadas por Emerson. (N. T.)

Chegava-se até lá passando por uma série de valas cobertas de capim e cada vez mais baixas, cheias de pinheirinhos resinosos e que iam dar num bosque mais vasto perto do pântano. Lá, num lugar muito isolado e sombrio, debaixo de um pinheiro branco de copa esparramada, havia ainda um relvado firme e limpo onde a gente podia se sentar. Cavei na fonte uma cacimba de água clara e acinzentada onde podia mergulhar um balde sem turvá-la, e para lá eu me mandava quase que diariamente em pleno verão, quando a água do lago estava mais morna.

Para lá também a galinha-d'angola levava sua ninhada, para catar minhocas na lama, e sobrevoava os filhotes que corriam em bando, mais abaixo na barranca; mas finalmente, ao me ver, abandonava-os e dava voltas e mais voltas ao meu redor, apertando o círculo até quase dois metros de distância, quando fingia estar de asas e pés quebrados para atrair minha atenção e livrar a ninhada, que a essa altura já havia se tocado caminho afora, piando baixinho e infatigável, em fila indiana através do pântano, conforme a mãe ensinava. Ou bem eu ouvia o pio dos filhotes, antes de notar a presença da mãe. Ali também as rolinhas pousavam sobre a fonte ou esvoaçavam de um ramo para o outro nos tenros pinheiros brancos à sombra dos quais eu ficava; ou o esquilo ruivo que descia apressado pelo galho mais baixo, particularmente familiar e intrometido. Basta que uma pessoa se sente tranqüila durante algum tempo em local sedutor dos bosques, para que todos os seus habitantes se apresentem alternadamente.

Testemunhei acontecimentos de caráter menos pacífico. Certo dia ao dirigir-me à pilha de lenha, ou melhor, de tocos, observei duas grandes formigas, uma ruiva, a outra preta e quase meia polegada maior, em luta feroz. Uma vez atracadas não se separavam mais, debatiam-se, engalfinhavam-se e rolavam sem parar sobre os cavacos. Examinando melhor, fiquei surpreso ao descobrir que os cavacos cobriam-se dessas guerreiras, e que não se tratava de *duellum* mas de *bellum,* uma guerra entre duas raças de formigas, as ruivas lançando-se contra as pretas, em geral duas ruivas para cada preta. Legiões dessas Mirmidons infestavam as colinas e vales do meu depósito de lenha, e o chão já estava juncado de mortas e moribundas, tanto ruivas quanto pretas. Foi a única batalha que presenciei na vida, o único campo de batalha em que pisei durante o conflito; guerra mutuamente mortífera, com as ruivas republicanas de um lado e as pretas imperialistas do outro. Por toda a parte estavam engajadas num combate mortal, embora sem qualquer barulho perceptível. Soldados humanos nunca combateram de maneira tão resoluta. Observei uma dupla a se atracar firmemente em meio aos cavacos num pequeno vale ensolarado, e sendo meio-dia a pino, ambas pareciam dispostas a lutar até o fim da tarde, ou até o fim da vida. A pequena campeã ruiva se havia grudado à testa da adversária como uma chave inglesa e, apesar de todos os tombos naquele campo de batalha, em nenhum momento deixou de abocanhar pela base uma das antenas inimigas, já tendo acabado com a outra; enquanto isso a preta mais forte arremetia por todos os lados, e conforme vi ao olhar mais de perto, já lhe havia mutilado vários membros. Lutavam com mais encarniçamento que buldogues. Nenhuma delas manifestava a menor disposição de retirada.

Era evidente o grito de guerra *"Vencer ou Morrer".* Nesse meio tempo apareceu uma formiga ruiva descendo escoteira a encosta do vale, visivelmente excitada ou porque havia desbaratado o inimigo, ou porque ainda não havia tomado parte na refrega, o que era mais provável, pois não havia perdido ainda nenhum membro, e cuja mãe havia recomendado que retornasse com seu escudo ou em cima dele. Ou talvez fosse outro Aquiles, que tendo alimentado a ira fora da guerra, aparecia agora para vingar ou salvar seu Patroclo. Ela viu de longe este combate desigual — pois as pretas eram quase duas vezes maiores que as ruivas — aproximou-se rapidamente e se plantou de guarda a um centímetro das combatentes; então, espreitando a oportunidade, saltou em cima da guerreira preta e começou as operações perto da perna dianteira da inimiga, deixando que esta escolhesse entre seus próprios membros; e assim havia três delas unidas pelo resto da vida, como se tivesse sido inventado um novo engaste, colocando em descrédito os demais ferrolhos e cimentos. Eu não me espantaria a essa altura se descobrisse que as formigas contavam com respectivas bandas de música, postadas em algum cavaco mais eminente, tocando enquanto isso seus hinos nacionais para animar as guerreiras lerdas

e consolar as moribundas. Eu mesmo estava tão empolgado como se se tratasse de uma guerra entre homens. Quanto mais se pensa no caso, menor é a diferença. E com toda certeza não há registro na história de Concord, nem da América, de uma luta que se possa comparar a esta, quer pelo número de combatentes, quer pelo patriotismo e heroísmo demonstrados. Quanto aos números e carnificina, era uma Austerlitz ou Dresden. Batalha de Concord! Dois mortos no lado dos patriotas, e Luther Blanchard ferido! Bem, aqui toda formiga era um Butrick — *"Fogo! pelo amor de Deus, fogo!"* — e milhares participavam do fado de Davis e Hosmer. Ali não havia mercenários. Não tenho a menor dúvida de que lutavam por um princípio, tal e qual nossos antepassados, e não apenas para evitar um imposto de três vinténs sobre o chá; e os resultados desta batalha hão de ser pelo menos tão importantes e memoráveis a quem diz respeito, como os da batalha de Bunker Hill.

Apanhei o cavaco sobre o qual se achavam brigando as três formigas que descrevi em particular, levei-o para casa e coloquei-o no parapeito debaixo da basculante, a fim de assistir ao desenlace. Assestando um microscópio na formiga ruiva que mencionei em primeiro lugar, vi que embora ela estivesse abocanhando com perseverança a perna dianteira da inimiga, depois de haver-lhe mutilado a antena remanescente, seu próprio peito estava todo rasgado, expondo as entranhas às mandíbulas da guerreira preta, cuja placa torácica era aparentemente demasiado espessa para ser perfurada pela outra; os escuros carbúnculos dos olhos da sofredora brilhavam com uma ferocidade que só a guerra podia provocar. Lutaram ainda meia hora debaixo da basculante, e quando voltei a olhar, a guerreira preta havia decapitado as inimigas, cujas cabeças ainda com vida, ladeando-lhe o corpo, pendiam como medonhos troféus do arção, que parecia apesar de tudo firmemente preso, e se esforçava com débeis movimentos, já sem antenas e com uma só perna, a se desembaraçar dos destroços; o que finalmente, num prazo de meia hora, conseguiu. Levantei o vidro da basculante e ela se mandou parapeito afora toda aleijada. Se afinal sobreviveu àquele combate e passou; o resto dos seus dias em algum Hotel des Invalides, não sei dizer; mas creio que não pode ter tido muitos préstimos depois do que aconteceu. Nunca soube a que partido coube a vitória, nem qual foi a causa da guerra; mas pelo resto daquele dia senti-me excitado e angustiado por testemunhar diante da minha porta a luta, e ferocidade e a carnificina de uma batalha humana.

Kirby e Spence nos dizem que as guerras entre formigas são celebradas há muito tempo e que inclusive as datas têm sido registradas, embora acrescentem que Huber é o único autor moderno que parece havê-las presenciado. *"Aeneas sylvius"*, dizem, "depois de prestar um relato bem pormenorizado de uma delas, levado a termo sobre o tronco de uma pereira, com grande obstinação por duas espécies, uma grande e outra pequena", acrescenta que *"Esta ação teve lugar durante o pontificado de Eugênio IV, na presença do eminente jurista Nicholas Pistoriensis, que narrou na íntegra, com a maior fidelidade, a história da batalha. "* Uma operação semelhante entre formigas grandes e pequenas é registrada por Olaus Magnus, e consta que as pequenas, saindo-se vitoriosas, enterraram os cadáveres das companheiras, deixando aos pássaros a carniça de suas inimigas gigantescas. Isto se passou antes da expulsão do tirano Christiern II da Suécia. A batalha que presenciei ocorreu sob a presidência de Polk, cinco anos antes da aprovação da lei Webster sobre os escravos fugitivos.

Mais de um cachorro do povoado, apto para perseguir um cágado em porão de mantimentos, exibia os gordos traseiros nos bosques, sem o conhecimento do dono e farejava sem maiores conseqüências as tocas de velhas raposas e os buracos de marmotas, levado quem sabe por algum vira-lata franzino, que lepidamente percorria os bosques e ainda podia inspirar um temor natural a seus habitantes; — agora bem atrás de seu guia, o cachorro late como um touro canino para um esquilinho que havia trepado numa árvore para observar do alto, e então andando e dobrando os arbustos com seu peso, imagina estar no rastro de um membro extraviado da família dos gerbos.

Certa vez surpreendi-me ao ver um gato passeando pela margem pedregosa do lago, pois raramente eles se afastam tanto de casa. A surpresa foi mútua. Não obstante, o mais doméstico dos gatos, aquele que sempre se

espojou num tapete, parece inteiramente à vontade nos bosques, e por seu comportamento dissimulado e furtivo mostra-se aí mais nativo que os moradores habituais. Um dia em que apanhava amoras e outras bagas nos bosques, deparei-me com uma gata e seus gatinhos, inteiramente selvagens, os filhotes que nem a mãe levantando os dorsos e cuspindo ferozes para mim. Anos antes de ir morar nos bosques, havia numa das fazendas de Lincoln mais próximas do lago, a do senhor Gilian Baker, o que se chamava de um *"gato de asas".* Quando fui vê-lo em junho de 1842, ele tinha ido caçar nos bosques, conforme era seu costume (não sei se se tratava de macho ou fêmea, por isso emprego o pronome mais comum), mas sua dona contou-me que ele havia chegado às redondezas pouco mais de um ano antes, em abril, e que terminara ficando na casa deles; que ele era de um cinzento escuro amarronzado e tinha uma mancha branca no pescoço, patas brancas, e cauda grande e peluda igual à das raposas; que no inverno seus pêlos cresciam espessos e se achatavam pelos lados formando mechas de dez a doze polegadas de comprimento por duas e meio de largura; e que como um regalo debaixo do queixo, a parte superior frouxa e a inferior entrançada que nem feltro, tinha apêndices que desapareciam na primavera. Deram-me um par de *"asas",* que guardo até hoje. Não há sinal de membrana nelas. Há quem pense que se tratava de um esquilo voador ou outro animal selvagem, o que não é impossível, porque, de acordo com naturalistas, o acasalamento da marta com o gato doméstico produziu híbridos prolíficos. Esse teria sido o tipo de gato indicado para ter em casa, se me fosse dado ter algum; afinal por que o gato de um poeta não há de ser alado como seu cavalo?

No outono o mergulhão *(colymbus glacialis)* vinha, como de costume, mudar de penas e banhar-se no lago, fazendo os bosques ressoarem com sua vibrante gargalhada antes que eu me tivesse levantado. Ao rumor de sua chegada todos os caçadores de Mill-Dam (Represa do Moinho) se põem de prontidão, a pé ou de carro, em grupos de dois ou de três, munidos de rifles, bolas e binóculos. Atravessam os bosques sussurrando como folhas de outono, cerca de dez homens para um mergulhão. Alguns se postam nesta margem do lago, outros na margem oposta, pois o pobre do pássaro não pode ser onipresente; se ele mergulha aqui, deve reaparecer ali. Mas agora o brando vento de outubro sopra farfalhando as folhas e enrugando a superfície das águas, de modo que nenhum mergulhão pode ser ouvido ou visto, ainda que seus inimigos varram o lago com binóculos e façam os bosques ecoar com seus tiros. As ondas se levantam altas e se arremessam furiosamente, aliando-se às aves aquáticas, e nossos caçadores são mandados de volta à cidade, às lojas e aos trabalhos interrompidos. Mas amiudadas vezes obtinham êxito. De manhã cedo quando eu ia pegar um balde com água, via com freqüência esse imponente pássaro voando a poucos metros da minha angra. Se acaso eu tentasse alcançá-lo de barco, desejoso de ver como se comportava, ele sumia completamente num mergulho, de forma que às vezes eu só conseguia descobri-lo de novo no fim do dia. Mas na superfície eu era um páreo duro para ele, que em geral não enfrentava chuva.

Quando remava junto à margem norte, numa calma tarde de outubro, pois especialmente nesses dias os pássaros pousam nos lagos como painas, tendo procurado sem sucesso um mergulhão sobre as águas, de súbito um se revelou com sua gargalhada selvagem, voando da praia em direção ao centro a poucos metros diante de mim. Remei em seu rumo e ele mergulhou, mas quando reapareceu estava mais perto que antes. Voltou a mergulhar, porém calculei mal a direção que tomou, e estávamos afastados mais de duzentos metros quando desta vez veio à superfície, pois eu contribuíra para aumentar o intervalo; e novamente gargalhou por muito tempo em voz alta, agora com mais razão ainda. Manobrou com tamanha esperteza que não pude aproximar-me dele mais que trinta metros. Toda vez que retornava à tona, movendo a cabeça para cá e para lá, inspecionava friamente ao redor, e pelo visto escolhia seu percurso de modo a alçar-se onde havia maior extensão d'água e distância do barco. Era surpreendente a rapidez com que tomava e executava decisões. Levou-me sem demora à parte mais larga do lago, de onde não havia como sair. Enquanto ele pensava uma coisa em sua cabecinha, eu tentava adivinhar seu pensamento. Era uma bela partida, jogada no liso campo do lago, um homem contra um mergulhão. De repente a peça do adversário some debaixo do tabuleiro, e o problema é localizar a nossa o mais próximo do local em que reaparecerá a dele. Às vezes aparecia

inesperadamente na margem oposta a mim, como se houvesse passado por baixo do barco. Era tão incansável e tinha tanto fôlego que depois de haver nadado uma grande distância, logo mergulhava de novo, e então ninguém seria capaz de adivinhar em que parte do lago, por sob a lisa superfície, ele podia estar nadando veloz que nem um peixe, pois tinha tempo e habilidade de sobra para visitar o leito do lago em suas partes mais profundas. Consta que já se apanhou mergulhões nos lagos de Nova York com anzóis para trutas a cerca de trinta metros abaixo da tona — e o Walden é bem mais fundo. Como os peixes não devem ficar surpresos ao se depararem com esse desajeitado forasteiro desbravando caminho em meio aos cardumes! E contudo parece conhecer seu percurso debaixo d'água tão bem quanto em cima, e nada por lá muito mais depressa. Uma ou duas vezes dei com borbulhas no local em que subia à tona, quando ele colocava a cabeça de fora para inspecionar, e imediatamente mergulhava de novo, Achava que era tão bom para mim repousar os remos e aguardar seu reaparecimento, quanto me esforçar em prever o local onde surgiria; porque repetidas vezes, enquanto eu fatigava a vista numa direção sobre o lago, tomava de repente um susto com sua fantástica gargalhada bem atrás de mim. Por que seria que, depois de demonstrar tanta esperteza, invariavelmente revelava sua presença com aquele riso desbragado? Não bastava seu papo branco para denunciá-lo? Era de fato um mergulhão idiota, pensava. Em geral eu podia ouvir o espadanar da água quando ele vinha à tona, e desse modo também descobri-lo. Mas uma hora depois ele parecia bem disposto como sempre, mergulhando e nadando ainda mais longe que de começo. Era surpreendente ver como irrompia na superfície, sereno, com o peito alisado, fazendo todo o serviço com os pés palmados dentro d'água. Sua voz costumeira era a gargalhada demoníaca, que lembrava também a das aves aquáticas; mas eventualmente, depois de haver-se esquivado com o maior êxito de mim e se distanciado bastante, emitia um grito longo e fantasmagórico, bem mais parecido com o de um lobo do que com o de qualquer ave, tal e qual o de um animal que põe o focinho no chão e uiva deliberadamente. Esse era seu canto — talvez o som mais selvagem que já se ouviu por estas bandas, ressoando pelos bosques em todas as direções. Cheguei à conclusão de que ele ria zombando de meus esforços, confiante nos próprios recursos. Embora a essa altura o céu estivesse encoberto, o lago estava tão polido que eu podia ver onde o mergulhão rompia a superfície, mesmo sem ouvi-lo. Seu papo branco, a quietude do ar, a uniformidade da água, tudo conspirava contra ele. Por fim, surgindo a uns duzentos e cinqüenta metros além, soltou um daqueles gemidos prolongados, como se rogasse por socorro ao deus dos mergulhões; imediatamente um vento soprou de leste encrespando a superfície e inundando a atmosfera toda de enevoada chuva, e impressionei-me como se aquilo fosse a resposta à reza do mergulhão, e seu deus estivesse zangado comigo; assim sendo deixei que ele desaparecesse de vez na superfície tumultuada.

No outono, horas a fio contemplava os patos a bordejarem e voltearem habilmente tomando conta do centro do lago, sempre à distância dos caçadores; manobras que não precisariam praticar tanto nos igarapés de Luziana. Quando forçados a levantar vôo, davam voltas e voltas sobre o lago, a uma altura em que podiam facilmente divisar o rio e demais lagos, figurando pontos pretos no céu; e quando eu pensava que haviam ido embora há muito tempo, num vôo oblíquo de uns quatrocentos metros além, instalavam-se em lugar distante e fora de perigo; mas, pondo de lado a segurança, não sei o que buscavam navegando em pleno Walden, a menos que amem as suas águas pela mesma razão que eu.

A INAUGURAÇÃO DA CASA

Em outubro ia colher uvas silvestres nos prados ribeirinhos e ficava carregado de cachos, mais preciosos por sua beleza e fragrância do que como alimentos. Ali também admirava, embora não chegasse a colhê-los, os arandos, pequenas gemas de cera, pendentes no capim dos prados, pérolas vermelhas que o lavrador arranca com um feio ancinho, mede negligentemente pelo que representam em alqueire e dólar, deixando num emaranhado o suave campo, cujos despojos, condenados ao engarrafamento em frascos de geléia para satisfazer o gostinho dos amantes urbanos da natureza, vai vender em Boston e Nova York. Tal e qual os

magarefes que na relva das pradarias arrancam fora a língua dos bisões, sem a menor consideração pelas plantas dilaceradas e caídas. A brilhante frutinha do bérberis era igualmente alimento apenas para meus olhos; mas eu juntava, para cozer em banho-maria, pequena provisão de maçãs silvestres desprezadas pelo proprietário e pessoas que passavam. Quando as castanhas amadureciam, reservava meio alqueire para os dias de inverno. Nessa época era fascinante vagar pelos infinitos castanhais de Lincoln — que ora dormem o sono eterno sob a estrada de ferro — com uma sacola ao ombro e na mão uma vara para abrir os ouriços, pois nem sempre eu esperava pelas geadas, caminhando entre o sussurro das folhas e os estridentes resmungos dos esquilos ruivos e dos gaios, aos quais roubava castanhas semi-roídas, porque os ouriços que haviam escolhido certamente continham as boas. Uma vez ou outra, eu subia nas árvores e sacudia-lhes os galhos. Também cresciam castanheiras atrás de minha casa, entre elas uma enorme cuja sombra quase recobria o telhado e na floração era um buquê a embalsamar a vizinhança inteira, mas os esquilos e gaios comiam a maior parte de seus frutos; os gaios vindo em bandos de manhã cedinho e retirando as castanhas dos ouriços antes que caíssem. Deixava essas árvores para eles e ia visitar os bosques distantes compostos só de castanheiras. Tais castanhas, pelo que sei, eram um excelente substituto do pão, e é provável que haja muitos outros. Certo dia, cavoucando o chão atrás de minhocas, descobri o amendoim *(apios tuberosa)* em sua corda, a batata dos aborígenes, espécie de fruto fabuloso, que me pôs em dúvida se já o havia tirado da terra e comido na infância, conforme disse, ou se isso não passava de um sonho. Desde então vi freqüentemente suas flores vermelhas, frisadas e veludosas, sustentadas pelas hastes de outras plantas, sem saber que se tratava da mesma. A agricultura quase o exterminou. O amendoim tem um sabor adocicado, um tanto parecido com o da batata queimada pelo frio, e acho-o mais saboroso cozido que assado. Este tubérculo parecia uma vaga promessa da natureza de criar os próprios filhos e alimentá-los de modo bem simples em algum tempo futuro. Nestes dias de vacas gordas e ondulantes campos de cereais, essa raiz humilde que já foi o totem de uma tribo indígena, está totalmente esquecida, ou a conhecem apenas por sua trepadeira florida; mas basta que a natureza selvagem reine por aqui uma vez mais, para que os tenros e ricos grãos ingleses provavelmente desapareçam frente a miríades de inimigos, e, sem o zelo do homem, o corvo leve de volta a derradeira semente de milho para o grande milharal do deus índio a sudoeste, de onde consta que foi trazida; mas o amendoim, agora em vias de extinção, certamente reviverá e florescerá a despeito de geadas e falta de trato, demonstrando ser indígena e reassumindo a antiga importância e dignidade como alimento básico da tribo caçadora. Alguma Ceres ou Minerva indígena deve ter sido a sua criadora e doadora; e quando se instalar por aqui o reino da poesia, suas folhas e sarmentos com frutos poderão ser representados em nossas obras de arte.

Já no princípio de setembro tinha visto dois ou três pequenos áceres tornados escarlates do outro lado do lago, debaixo de onde os galhos brancos de três álamos divergiam, bem na ponta de um promontório, próximo da água. Ah, quantas lendas contam suas cores! E paulatinamente, de semana a semana, revelava-se o caráter de cada árvore, que se admirava refletida no polido espelho do lago. Toda manhã o organizador desta galeria trocava as pinturas velhas que pendiam das paredes por outras novas, de colorido mais brilhante e harmonioso.

Em outubro as vespas vinham aos milhares para meu alojamento, seus quartéis de inverno, e se instalavam perto das janelas do lado de dentro e no teto, chegando algumas vezes a impedir a entrada das visitas. Toda manhã expulsava algumas, paralisadas de frio, mas não me dava muito ao trabalho de desembaraçar-se delas, sentia-me até um tanto lisonjeado por considerarem minha casa um abrigo conveniente. Nunca me molestaram a sério, embora compartilhassem do meu quarto; e desapareciam pouco a pouco, sabe Deus por que frinchas, fugindo do inverno e do indizível frio.

Como as vespas, antes que eu finalmente me recolhesse a meus aposentos invernais em novembro, costumava dirigir-me ao lado nordeste do Walden, que o sol, refletindo-se nos pinheirais e nas margens pedregosas, transformara na lareira do lago; quando possível é bem mais prazenteiro e saudável aquecer-se ao sol do que

junto a um fogo artificial. Assim sendo, eu me aquecia junto às brasas ainda ardentes abandonadas pelo verão que, como um caçador, dali se retirara.

Antes de construir minha lareira estudei alvenaria. Por serem de segunda mão, os tijolos precisavam ser limpos com a colher de pedreiro, de modo que aprendi um bocado sobre tipos de tijolos e trolhas. A argamassa grudada a eles tinha uns cinqüenta anos e dizia-se que continuava a endurecer, mas essa é uma daquelas tiradas que as pessoas gostam de repetir sem verificarem se são verdadeiras ou não, e que com o passar do tempo consolidam-se e aderem tão firmemente que seriam necessários muitos golpes de trolha para limpá-las do reboco sabichão. Muitos povoados da Mesopotâmia foram construídos com tijolos de segunda mão de ótima qualidade, retirados de ruínas da Babilônia e cujo cimento neles é mais antigo e provavelmente ainda mais rijo. Seja como for, espantava-me a dureza peculiar daquele aço que suportava tantas pancadas sem se desgastar. Como meus tijolos houvessem estado antes em outra lareira, embora não tenha lido neles o nome de Nabucodonosor, apanhei quantos pude encontrar, economizando trabalho e despesas, e preenchi os espaços entre eles na lareira com pedras da beira do lago, de onde também apanhei areia branca para fazer a argamassa. Demorei-me mais na construção da lareira por ser a parte vital da casa. O fato é que trabalhei tão cuidadosamente que embora começasse o trabalho de manhã junto ao chão, à noite uma fileira de tijolos de poucas polegadas de altura servia-me de travesseiro; mesmo assim não me lembro de ter arrumado nenhum torcicolo por causa disso, meu pescoço duro datando de muito antes. Nessa época hospedei um poeta por uns quinze dias, o que me levou a ocupar o espaço da lareira. Ele trouxe consigo uma faca, embora eu tivesse duas, e costumávamos areá-las enterrando-as no chão. Meu hóspede dividia comigo os serviços da cozinha. Agradava-me ver a obra da lareira erguer-se pouco a pouco, quadrada e sólida, e ponderava que como se desenvolvia lentamente haveria de durar muito tempo. De certo modo a lareira com chaminé é uma estrutura independente, firmando-se no chão e elevando-se através da casa em direção aos céus; mesmo em casos de incêndio costuma permanecer de pé, demonstrando sua importância e autonomia. Tudo isso ocorreu lá pelo fim do verão. Agora já era novembro.

O vento norte já havia começado a esfriar o lago, embora levasse muitas semanas soprando sem cessar para concluir a tarefa, pois é demasiado fundo. Quando comecei a acender o fogo à noitinha, antes de rebocar a casa, a chaminé transportava muito bem a fumaça por causa das numerosas fendas entre as tábuas. Assim passei algumas noites divertidas naquele aposento frio e arejado, tendo em torno de mim tábuas ásperas, escuras e cheias de nós, e por cima da cabeça vigas ainda com casca. Depois de rebocada, a casa já não me agradava tanto à vista, mas devo confessar que era bem mais confortável. Toda morada do homem não deveria ter um pé-direito suficientemente alto para permitir alguma obscuridade no teto, onde à noite sombras trêmulas brincassem entre as vigas? Essas formas são mais agradáveis à fantasia e à imaginação que os afrescos ou outras decorações dispendiosas. Posso dizer que só comecei a morar em minha casa quando comecei a usá-la por seu calor e sua proteção. Havia arranjado um velho par de cães de lareira para manter a lenha no devido lugar, e fez-me bem ver como a fuligem enegrecia o fundo da chaminé que eu construíra; eu atiçava o fogo com mais direito e satisfação que de costume. A morada era pequena e dificilmente eu poderia provocar um eco dentro dela, mas dava a impressão de ser maior por se tratar de um cômodo único e estar longe de vizinhos. Todos os atrativos de uma casa concentravam-se num só aposento; era ao mesmo tempo cozinha, quarto, sala e despensa; e seja qual for a satisfação proporcionada por uma casa ao adulto ou à criança, ao patrão ou ao criado, eu a experimentava. Diz Catão que um chefe de família *(patrem familias)* deve ter em sua casa de campo *"cellam oleariam, vinariam, dolia multa, uti lubeat caritatem expectare, et rei, et virtuti, et gloriae erit"*, isto é, *"uma adega para azeite e vinho, muitos barris com que esperar tranqüilo por tempos difíceis, tudo o que redundará em vantagem, virtude e glória"*. Eu tinha no porão cerca de oito galões de batatas, mais ou menos duas quartas de ervilhas com gorgulhos, e na prateleira um pouco de arroz, um pote de melado e quase nove litros de centeio e outro tanto de farinha de milho.

Às vezes sonho com uma casa maior e mais habitada, erguida numa idade de ouro com materiais resistentes, sem ornamentos tipo bolo de noiva e que também consistiria em uma peça única, um imenso, rústico, substancial e primitivo salão, sem teto ou reboco, de vigas e caibros aparentes sustentando uma espécie de

céu inferior sobre a cabeça da pessoa — útil para impedir a entrada da chuva e da neve; em que as estacas e travessas mestras fiquem de fora para receber vossas homenagens quando, ao transpordes a soleira, haveis reverenciado Saturno derrotado de uma dinastia mais antiga; uma casa cavernosa, onde deveis levantar uma vara com tocha para enxergar o telhado; onde alguns podem morar na lareira, outros nos vãos das janelas, uns em bancos de madeira, uns numa extremidade da sala e outros na oposta, e alguns, se preferirem, lá no alto entre as vigas junto com as aranhas; uma casa na qual penetrareis ao abrir a porta que dá para fora e acabou-se a cerimônia; onde o viajante cansado possa tomar banho, comer, conversar e dormir sem mais andanças; um abrigo como o que gostaríeis de achar numa noite de tempestade, contendo tudo o que é essencial numa casa, e nada que demande trabalho; onde possais ver todos os seus tesouros de um só relance, e cada coisa penda do gancho ao alcance da mão de qualquer um; a um só tempo cozinha, despensa, sala de visitas, quarto, depósito e sótão; onde podeis ver coisas tão necessárias como um barril ou uma escada de mão, coisa tão útil como um armário e podeis ouvir a panela ferver, e apresentar cumprimentos ao fogo que cozinha o vosso jantar e ao forno que assa o vosso pão e onde a mobília e os utensílios indispensáveis constituem os principais ornamentos; onde a roupa não é lavada fora, o fogo não se apaga nem a dona da casa se atrapalha, e onde talvez sejais às vezes solicitado a afastar-vos um pouco da porta do alçapão, quando o cozinheiro quiser descer à adega, e assim vir a saber se o chão é compacto ou oco embaixo sem precisar bater com o pé. Uma casa cujo interior é tão aberto e manifesto como um ninho de pássaro e na qual não podeis entrar pela porta da frente nem sair pela dos fundos sem ver alguns de seus moradores; em que ser hóspede é ser presenteado com a liberdade da casa e não cuidadosamente excluído de sete oitavos dela, segregado numa cela particular e recomendado a ficar à vontade — em absoluta reclusão. Hoje em dia o anfitrião não vos admite em sua lareira, pois mandou o pedreiro construir uma para vós em algum trecho do corredor, e hospitalidade é a arte de manter alguém a maior distância. Há tanto segredo em torno da cozinha que até parece ser intenção do dono envenenar-vos. Sinto que tenho estado entre as quatro paredes de muitas pessoas, que por direito poderiam ter-me posto na rua, mas não sinto ter estado em muitas casas de pessoas. Com minhas roupas usadas poderia até visitar um rei e uma rainha que vivessem com simplicidade nessa casa que acabei de descrever, caso passasse por eles; mas se por acaso me vir dentro de um palácio moderno, como dar o fora dele será tudo o que desejarei aprender.

Tem-se a impressão de que a própria linguagem de nossas salas de visitas perde todo o seu vigor e degenera em puro *palavrório,* nossas vidas decorrendo a tal distância de seus símbolos que suas metáforas e tropos são conseqüentemente arrumados bem longe, através de corredores e por meio de bandejas; em outras palavras, a sala de visitas fica demasiado longe da cozinha e da oficina. Comumente, até o jantar é apenas a parábola de um jantar. Como se apenas o selvagem morasse suficientemente perto da natureza e da verdade para tomar-lhes emprestado um tropo. Como pode falar sobre o que é cortês na cozinha o erudito que mora no Território Noroeste ou na Ilha do Homem?

Entretanto, apenas um ou dois dentre meus hóspedes foram bastante corajosos para ficar e comer uma papa de milho comigo, porque as pessoas ao verem o momento crítico se aproximar de preferência batem logo em retirada, como se isso fosse estremecer os alicerces da casa. Contudo, ela já passou por uma infinidade de papas de milho.

Não reboquei a casa até que fizesse frio de gelar. Para isso trouxe areia mais branca e limpa da outra margem do lago num barco, meio de transporte que me tentaria a ir bem mais longe se fosse necessário. Nesse ínterim minha casa havia sido ripada até o chão em todos os lados. Ao pregar as ripas sentia prazer por conseguir assentar cada prego com uma só martelada e pretendia passar o reboco na parede com perfeição e rapidez. Lembrei-me da história de um camarada presunçoso que, granfinamente vestido, costumava vadiar pelo povoado dando conselhos aos operários. Certo dia aventurando-se a substituir palavras por atos, arregaçou as mangas da camisa, apanhou uma prancha de rebocador e enchendo a colher de pedreiro sem maiores problemas, a olhar complacente a pregação de ripas em cima, fez um gesto ousado naquela direção; e imediatamente, para seu total desapontamento, recebeu toda a argamassa de encontro ao peito da camisa

pregueada. Mais uma vez admirei a economia e o conforto do emboço que de maneira tão eficaz veda o frio e dá um bonito acabamento, e aprendi os vários contratempos a que se expõe o pedreiro. Surpreendi-me ao ver quão sedentos eram os tijolos a absorverem a umidade do meu gesso antes que eu o tivesse alisado, e quantos baldes d'água são necessários para batizar um novo lar. No inverno anterior eu havia preparado uma pequena quantidade de cal queimando, a título de experiência, conchas da *unio fluviatilis,* produzidas por nosso rio; assim sabia muito bem de onde procediam meus materiais. Também poderia ter conseguido calcário de boa qualidade num raio de dois a três mil metros, queimando-o eu mesmo, se tivesse me interessado por isso.

Nesse ínterim, nas enseadas mais sombrias e rasas o lago cobria-se de crostas de gelo por dias e até semanas antes do congelamento completo. O gelo inicial é particularmente interessante e perfeito por ser rijo, escuro e transparente, proporcionando a melhor oportunidade para se examinar o leito nos trechos rasos, pois a pessoa pode se deitar no gelo de apenas uma polegada de espessura, tal e qual um inseto patinador à tona d'água, e examinar à vontade o fundo, distante uma ou duas polegadas, como se se tratasse de uma gravura atrás de um vidro, já que as águas estão necessariamente serenas. Há muitos sulcos na areia por onde transitaram seres indo e vindo; e quanto a destroços, está juncada de casulos de grumixás, feitos de minúsculos grãos de quartzo branco. Talvez tenham sido eles que vincaram a areia, já que alguns de seus casulos se encontram nos sulcos, embora estes sejam fundos e largos para terem sido feitos por eles. Mas o gelo em si é o que apresenta interesse maior, e deve-se aproveitar a primeira oportunidade para estudá-lo. Se o examinarmos de perto, de manhã logo depois de congelado, descobre que a maioria das bolhas, que no início pareciam dentro do gelo, estão logo debaixo da superfície e que outras sobem incessantemente do fundo; e só se pode ver a água através do gelo enquanto este permanece sólido e escuro. Essas bolhas, de um décimo oitavo a um oitavo de polegada de diâmetro, são claras e belas refletindo a face da gente através do gelo. Em menos de três centímetros quadrados pode haver de trinta a quarenta delas. Há também dentro do gelo bolhas estreitas, oblongas e perpendiculares com mais de um centímetro de comprimento, de cones agudos e com o vértice para cima; ou ainda, com mais freqüência, se o gelo é recente, bolhas diminutas e esféricas, uma diretamente em cima da outra como uma enfiada de contas. Mas essas dentro do gelo não são tão numerosas nem tão visíveis quanto as que lhe ficam por baixo. Costumava às vezes jogar pedras para testar a consistência do gelo, e as que conseguiam atravessá-lo levavam ar consigo formando logo abaixo bolhas brancas bem grandes e nítidas. Certo dia em que retornei ao mesmo local quarenta e oito horas depois, notei que aquelas bolhas grandes ainda estavam perfeitas, apesar do gelo ter engrossado mais de dois centímetros, como pude ver claramente pela fenda na borda de uma placa. Porém como os dois últimos dias haviam sido muito quentes, tal e qual um verão indiano, o gelo já não estava transparente, mostrando o verde escuro das águas e o fundo, mas opaco, esbranquiçado ou cinzento, e, embora duas vezes mais espesso, dificilmente estaria mais rijo que antes porque as bolhas de ar se haviam dilatado muito com o calor e se aglomerado, perdendo a regularidade; não se dispunham mais uma diretamente sobre a outra, mas amiúde como moedas de prata despejadas de uma bolsa, uma cobrindo metade da outra, ou em finos flocos como a ocupar pequenas fendas. Acabara-se a beleza do gelo, e era tarde demais para estudar o fundo. Curioso de saber que posição haviam ocupado minhas bolhas grandes em relação ao gelo novo, quebrei uma placa que continha uma de tamanho médio, e virei-a de borco. O novo gelo se havia formado em torno e debaixo da bolha, de modo que ela se achava prensada entre as duas camadas. Encontrava-se toda na inferior, mas bem próximo da superior, e estava achatada ou talvez um tanto em forma de lentilha, com a borda arredondada, meio centímetro de espessura por dez de diâmetro; surpreendi-me ao verificar que debaixo da bolha o gelo havia derretido com grande regularidade em forma de pires emborcado, à altura de centímetro e meio no centro, deixando uma delgada separação de apenas três milímetros entre a água e a bolha; e em muitos trechos as pequenas bolhas nessa separação haviam rebentado em baixo, e provavelmente não havia gelo nenhum sob as bolhas maiores, que teriam uns trinta centímetros de diâmetro. Deduzi que as bolhas infinitas e minúsculas que eu havia visto inicialmente debaixo da superfície do gelo, estavam também congeladas e que cada qual, à sua medida, havia, atuado como espelho ustório sobre a camada inferior do gelo, derretendo-

o e destruindo-o. São essas pequenas pistolas de ar comprimido que contribuem para quebrar o gelo e fazê-lo gemer.

Finalmente o inverno se instalou para valer, e mal eu havia acabado o emboço o vento começou a uivar ao redor da casa, como se até então isso não lhe fosse permitido. Noite após noite os gansos vinham cortando a escuridão com grasnidos e sibilar de asas, mesmo depois de o chão se cobrir de neve, uns pousando no Walden, outros voando baixinho sobre os bosques em direção a Fair Haven, com destino ao México. Várias vezes, voltando do povoado às dez ou onze horas da noite, ouvi o palmilhar de um desses bandos de gansos, ou senão de patos, sobre as folhas secas do bosque no brejo atrás de casa, aonde vinham alimentar-se, bem como o grasnido bravo do guia quando aceleravam o vôo. Na noite de 22 de dezembro de 1845, o Walden congelou completamente pela primeira vez, dez ou mais dias depois do de Flint, de outros lagos mais rasos e do rio; no ano seguinte isso ocorreu dia 16; em 1849, lá pelo dia 31; em 1850, pelo dia 27 de dezembro; em 1852, a 5 de janeiro; em 1853, a 31 de dezembro. A neve já havia recoberto o solo desde 25 de novembro, cercando-me subitamente com o cenário do inverno.

Recolhi-me cada vez mais em minha concha, empenhando-me em manter vivo o fogo tanto dentro de minha casa como de meu peito. Agora meu serviço fora de casa era apanhar lenha na floresta, trazendo-a nas mãos ou nos ombros, ou às vezes arrastando até a porta um pinheirinho seco debaixo de cada braço. Uma velha cerca florestal, que havia visto dias melhores, era minha presa por excelência. Como não mais servia ao deus Terminus, sacrifiquei-a a Vulcano. Que fato mais interessante é a ceia de um homem que acaba de enfrentar a neve para caçar, ou pode-se dizer roubar, o combustível com que cozinhá-la! São saborosos o pão e a carne que ele prepara. Nas matas vizinhas à maioria de nossas cidades há uma porção de feixes e refugo de madeiras de todo tipo capazes de alimentar muitas lareiras, embora no momento não aqueçam nenhuma, e que, segundo pensam alguns, atrapalham o crescimento de novas árvores. Há também madeira flutuando à deriva no lago. No decorrer do verão havia descoberto uma balsa de pinheiros, de troncos ainda com casca, feita pelos irlandeses quando a estrada de ferro fora construída. Arrastei parte dela até a praia. Após dois anos dentro d'água e seis meses em seco, estava em perfeito estado, só que demasiado encharcada para secar de todo. Diverti-me certo dia de inverno fazendo seus troncos resvalarem pouco a pouco pelo lago uns oitocentos metros, enquanto eu patinava atrás com uma vara de mais de quatro metros ao ombro, segurando uma extremidade e deixando a outra escorregar em cima do gelo, ou amarrava várias toras com um cipó de bétula, arrastando-as com um galho comprido de amieiro que tivesse a ponta em forma de gancho. Embora completamente encharcadas e quase tão pesadas como chumbo, não só queimavam durante muito tempo como produziam um fogo muito vivo; ou antes, acho que ardiam melhor por terem estado de molho, como se a resina confinada pela água queimasse agora mais tempo como numa lâmpada.

Gilpin, em seu relato sobre os habitantes de fronteira dos bosques ingleses, diz que *"as invasões dos transgressores, bem como as casas e cercas erguidas nos limites da floresta"* eram *"consideradas graves prejuízos pelas velhas leis florestais, sendo punidas com severidade como usurpação de terras alheias que levava* ad terrorem feratum — ad nocumentum forestae *etc. ",* ou seja, ao amedrontamento das feras e ao dano das florestas. Mas eu, como se fosse o próprio Lord Warden, estava mais interessado na preservação da caça e no direito de cortar árvores que os caçadores e lenhadores; e se algum trecho da floresta pegava fogo, ainda que eu fosse o responsável pelo acidente, sofria com um pesar que durava mais tempo e era mais inconsolável que o dos proprietários; e sofria até quando os próprios donos derrubavam suas matas. Gostaria que nossos agricultores, ao abaterem uma floresta, sentissem um pouco daquele temor místico que se apossava dos antigos romanos ao podarem um arvoredo para que a luz penetrasse um bosque sagrado *(lucum conlucare),* isto é, tido como consagrado a algum deus. Os romanos faziam uma oferenda expiatória e rezavam. Qual sejas tu, deus ou deusa a quem este bosque é consagrado, sê propício a mim, a minha família, a meus filhos etc.

É de se notar o valor que ainda se confere à madeira, mesmo nesta época e neste país novo, um valor mais permanente e universal que o do ouro. A despeito de todas as nossas descobertas e invenções ninguém passará indiferente por uma pilha de madeira. E tão preciosa para nós quanto foi para nossos antepassados saxões e normandos. Se com ela faziam arcos, com ela fazemos espingardas. Michaux já dizia, há mais de trinta anos, que o preço de lenha para fogo em Nova York e Filadélfia *"quase equivale, excedendo às vezes, o da melhor madeira em Paris, embora essa imensa capital consuma anualmente um milhão e oitenta e sete mil metros cúbicos, e esteja cercada à distância de quatrocentos e oitenta quilômetros por campos cultivados".* Em nossa cidade o custo da madeira aumenta quase regularmente, e a única questão é o quanto vai subir do ano passado para este. Donos de serrarias e comerciantes que vêm pessoalmente à floresta sem outro objetivo, não deixam de assistir aos leilões de madeira e chegam até a pagar alto preço pelo privilégio de recolher os despojos que deixam os lenhadores. Já faz muitos anos que os homens vêm recorrendo à floresta atrás de combustível e material para as artes; o habitante da Nova Inglaterra e da Nova Holanda, o parisiense e o celta, o lavrador e Robin Hood, Goody Blake e Harry Gill, na maior parte dos lugares do mundo o príncipe e o camponês, o erudito e o selvagem, precisam igualmente de alguns gravetos da floresta para se aquecerem e cozinharem sua comida. Nem eu poderia passar sem eles.

Todo homem contempla com ternura sua pilha de lenha. Gostava de ter a minha defronte à janela, e quanto mais achas, melhor para me lembrar do agradável trabalho que me dera. Dispunha de uma velha machadinha que ninguém pedia de volta, e com a qual, vez por outra, em dias de inverno, no lado ensolarado da casa, desbastava os tocos que arrancara da minha plantação de feijões. Como meu guia profetizara quando eu estava arando, eles me aqueciam duas vezes, uma enquanto eu os estava rachando, e outra quando queimavam no fogo, de modo que nenhum combustível podia fornecer mais calor. Quanto à machadinha, aconselharam-me a levá-la para amolar no ferreiro da aldeia, mas não quis me *"amolar"* e pondo-lhe um cabo de nogueira fiz o serviço. Se estava cega, pelo menos ficou de fato firme.

Pedaços de pinho resinoso eram um verdadeiro tesouro. É interessante lembrar quanto deste alimento do fogo ainda está oculto nas entranhas da terra. Em anos passados ia com freqüência fazer *"prospecções"* em certas vertentes nuas, onde houve outrora uma floresta de pinheiros resinosos, e arrancava-lhes as raízes remanescentes. São quase indestrutíveis. Tocos de cerca de trinta ou quarenta anos mostram-se ainda perfeitos no cerne, embora o alburno tenha se convertido em humo, como se pode ver pelas crostas de espessa casca formando um anel no chão, a uns dez centímetros do âmago. Com machado e pá explora-se essa mina, seguindo o depósito medular, amarelo como sebo de boi, como a atingir um veio de ouro nas profundezas da terra. Mas em geral eu acendia o fogo com as folhas secas da floresta que havia armazenado antes de a neve chegar. Os lenhadores, quando acampam nos bosques, preparam seus cavacos com nogueira verde cortada fininho. Uma vez ou outra fiz o mesmo. Quando os habitantes do povoado acendiam seus fogos além do horizonte, pela fumaça da minha chaminé eu também anunciava aos diversos moradores selvagens do vale do Walden que já estava acordado.

Fumaça de leves asas, ave de Ícaro
Fundindo as penas em teu vôo altivo,
Muda cotovia mensageira da aurora
Sobrevoando aldeias como a teu ninho;
Ou sonho fugidio e forma sombria
Visão da meia-noite arrebanhando as saias;
Velando de noite as estrelas e de dia
Borrando o sol e escurecendo a luz;

Vai, incenso meu, desta lareira ao céu
Pedir perdão aos deuses por esta chama viva.

Lenha recém-cortada, verde e dura, servia muito bem a meus propósitos, embora eu a usasse pouco. Às vezes, quando ia dar um passeio nas tardes de inverno, deixava o fogo aceso e ao voltar, três ou quatro horas depois, encontrava-o vivo e radiante. A casa não ficava vazia com a minha saída. Era como se eu tivesse deixado um prestimoso caseiro. Morávamos ali, eu e o fogo. E em geral, meu caseiro mostrava-se fidedigno. Um dia, entretanto, quando estava partindo lenha, lembrei-me de dar uma olhada pela janela para ver se a casa não estaria pegando fogo; foi a única vez que recordo ter ficado especialmente preocupado com isso; assim sendo, olhei e vi que uma fagulha tinha caído na minha cama; entrei e apaguei-a quando já havia queimado um trecho do tamanho da minha mão. Mas a casa situava-se num local ensolarado e protegido, e seu telhado era tão baixo que eu podia deixar o fogo se extinguir no meio de quase todos os dias de inverno.

As toupeiras se aninhavam em meu porão, mordiscando uma e outra batata, fazendo uma cama aconchegada com papel de embrulho e pêlos deixados por ocasião do reboco, pois mesmo os bichos mais selvagens gostam tanto de conforto e calor quanto os homens, e só sobrevivem ao inverno porque são previdentes. Amigos meus comentavam que eu me mudara para os bosques com o propósito de congelar. O animal só prepara o leito, que vai aquecer com o próprio corpo, em lugar abrigado; já o homem, tendo descoberto o fogo, encaixota boa quantidade de ar num cômodo espaçoso, aquece-o em vez de privar-se do seu calor, faz desse espaço a sua cama, e aí pode se movimentar livre de roupas pesadas, manter uma espécie de verão em pleno inverno, por meio de janelas permitir a entrada de luz, e com uma lâmpada prolongar o dia. Assim, dá um passo ou dois além do instinto e economiza tempo para as belas-artes. De maneira, que, quando eu ficava exposto a cruas rajadas durante muito tempo e meu corpo inteiro começava a entorpecer, ao retornar à atmosfera acolhedora da minha casa logo recobrava as faculdades e prolongava minha vida. Porém, por mais bem instalado que esteja o sujeito, não lhe cabe vangloriar-se por isso, nem precisamos nos preocupar com especulações sobre a destruição final da raça humana. Seria fácil cortar-lhe os fios a qualquer hora com uma rajada mais severa vinda do norte. Vamos em frente datando os tempos pelas frias sextas-feiras e as grandes nevadas, mas bastaria uma sexta-feira um pouco mais fria, ou uma nevada maior, para pôr um ponto final à existência do homem na face do planeta.

No inverno seguinte adotei um pequeno fogão por medida de economia, pois não era dono da floresta; mas ele não conservava o fogo tão bem quanto a lareira aberta. A essa altura, na maioria das vezes, cozinhar não era mais um lance poético, mas simples processo químico. Nessa era de fogões, logo ninguém se lembrará de que costumávamos assar batatas nas brasas, à maneira dos índios. O fogão não só ocupava espaço e deixava cheiro, como escondia o fogo, e senti-me como se houvesse perdido um companheiro. No fogo sempre se pode entrever um rosto. O trabalhador, contemplando-o ao anoitecer, purifica seus pensamentos da escória e do barro que se acumularam durante o dia. Mas eu já não podia sentar-me e contemplar o fogo, e as palavras pertinentes de um poeta acudiam-me com nova força:

"Nunca me seja negada, ó chama radiante,
Tua solidariedade tão cara e vivificante.
Só minha esperança é que assim a altura inunda?
Só meu destino é que na noite assim se afunda?

Por que foste de nossa casa escorraçada,
Tu, sempre bem-vinda e por todos amada?
Seria tua existência mais uma fantasia

Para a ordinária luz de nossa vida vazia?
Teu vivido fulgor manterá as secretas conversas
De nossas almas afins, embora tão diversas?

Bem, estamos seguros e firmes sentados agora
Defronte da lareira, sem as sombras lá de fora,
E onde nada alegra ou entristece, mas a chama
Aquece pés e mãos — e nada mais reclama;
Dispondo de tão utilitário e compacto monte,
Podemos todos nos sentar e dormir aí defronte
Sem temer que fantasmas de obscuro passado resvalem
Até nós, e ao lusco-fusco do velho fogo a lenha,
conosco falem. "

ANTIGOS MORADORES E VISITAS DE INVERNO

Passei por divertidas tempestades de neve e animados anoiteceres de inverno ao pé da minha lareira, enquanto lá fora a neve rodopiava desenfreada, silenciando até mesmo o pio da coruja. Durante muitas semanas não encontrei vivalma em meus passeios, a não ser quem vinha uma vez ou outra cortar lenha e arrastá-la até o povoado. Os elementos, entretanto, ajudaram-me a abrir um caminho nos bosques através da neve mais alta quando, depois de cruzá-la certa vez, o vento soprou para dentro de minhas pegadas as folhas de carvalho que lá se alojaram absorvendo os raios do sol e derretendo a neve, e desse modo não só providenciaram um leito seco para meus pés, como também uma linha escura para guiar-me à noite. Quanto à companhia de pessoas, via-me forçado a evocar os antigos moradores destes bosques. Segundo lembram muitos de meus concidadãos, a estrada que passa perto de minha casa ressoava ainda com risos e tagarelices de habitantes, e nos bosques que a bordejam pontilhavam, aqui e ali, pequenos jardins e se encaixavam residências, embora naquela época a vegetação fosse bem mais cerrada que agora. Em alguns lugares, segundo minha própria recordação, as ramas dos pinheiros roçavam ao mesmo tempo ambos os lados das carruagens, e as mulheres e crianças que tinham que fazer esse caminho para Lincoln, sozinhas ou a pé, morriam de medo, pondo-se a correr muitas vezes grande parte dele. Ainda que a bem dizer não passasse de humilde vereda, levando aos povoados vizinhos ou às turmas de lenhadores, naquele tempo a estrada devido a sua variedade divertia mais que agora o viajante, marcando-lhe de modo mais profundo a memória. Onde hoje em dia se estendem, do povoado aos bosques, campos abertos e de terra firme, corria então a estrada por um pântano de áceres sobre uma base de troncos, cujos remanescentes sem dúvida ainda se encontram sob a poeirenta estrada real de agora, que vai da fazenda de Stratten, o atual asilo, até a colina de Brister.

A leste da minha plantação de feijões, do outro lado da estrada, morava Catão Ingraham, escravo de Duncan Ingraham, nobre do povoado de Concord que havia construído uma casa para seu escravo, dando-lhe permissão para viver nos bosques de Walden; Catão, não de Útica, mas de Concord. Há quem diga que se tratava de um negro de Guiné, e há quem se lembre de seu terreninho entre as nogueiras, que deixou crescer para quando fosse velho e precisasse delas; mas por fim foram parar nas mãos de um jovem especulador branco, que por sua vez agora também ocupa uma casinha igualmente modesta. Embora conhecida de poucos, a cavidade do porão semidestruído do negro ainda perdura, escondida de quem passa por uma franja de pinheiros. No momento hospeda o tenro sumagre *(rhus glabra),* e uma das espécies mais precoces da vara-de-ouro *(solidago stricta)* ali se expande com exuberância.

Aqui, bem no canto da área de terra que ocupo, e ainda mais perto da cidade, ficava a casinha de Zilfa, negra que fiava linho para as pessoas das redondezas e fazia os bosques de Walden vibrarem com seu canto agudo, pois tinha uma voz alta e bonita. Por fim, durante a guerra de 1812, soldados ingleses presos em liberdade condicional incendiaram-lhe a residência quando ela estava ausente, e seu gato, cão e galinhas morreram todos queimados nessa ocasião. Levava uma vida dura, de certo modo desumana. Um antigo freqüentador destes bosques se recorda de que ao passar pela casa dela uma tarde ouviu-a murmurar consigo mesma, debruçada sobre a panela fumegante: "— *Vocês não passam de ossos, ossos!*" Nesse local tenho visto tijolos entre os arbustos de carvalho.

Descendo a estrada do lado direito, na colina que tinha o seu nome, viveu Brister Freeman, *"um negro habilidoso e prestativo",* que quando escravo nas terras do senhor Cummings plantou e cultivou as macieiras que ainda crescem, agora velhas e enormes, e cujos frutos agrestes ainda me sabem a sidra. Não faz muito tempo que li no velho cemitério de Lincoln, um tanto afastado, próximo aos túmulos anônimos de granadeiros britânicos tombados durante a retirada de Concord, em epitáfio onde seu nome está gravado como *"Sippio Brister"* — em justa alusão a Cipião, o africano — *"um homem de cor",* como se ele tivesse sido manchado. Constava também, com espalhafatosa ênfase, a data de sua morte, o que não passava de uma maneira indireta de informar que um dia ele vivera. Com ele morava Fenda, a esposa hospitaleira que lia a sorte das pessoas só para se divertir — imensa, redonda e negra, mais negra que qualquer filha da noite, um tamanho astro escuro como nunca surgiu nem surgirá em Concord.

Bem mais longe colina abaixo, do lado esquerdo, na velha estrada dos bosques, há vestígios de uma propriedade da família Stratten, cujo pomar em tempos idos cobria toda a vertente da colina de Brister, mas que há muito tempo já foi exterminada pela invasão dos pinheiros de resina, à exceção de uns poucos cepos cujas velhas raízes fornecem até hoje as mudas de muitas árvores frondosas do povoado.

Ainda mais perto da cidade ficam as terras de Breed, do outro lado do caminho, bem no limite do bosque; território famoso pelas façanhas de um demônio que, apesar de mal identificado na antiga mitologia, desempenhou um papel relevante e estarrecedor na vida de nossa Nova Inglaterra, merecendo, tanto quanto outras personagens míticas, que se escreva sua biografia; de entrada aparece como um amigo ou colaborador e logo assalta e acaba com toda a família, — o rum da Nova Inglaterra. Mas ainda é cedo para que a história conte as tragédias que se desenrolaram por aqui; deixemos que o tempo em certa medida interfira para amenizá-las e colori-las de azul celeste. Segundo a tradição mais vaga e duvidosa, neste lugar existiu outrora uma taverna; bem como um poço que temperava a bebida do viajante e dessedentava seu cavalo. Aqui os homens se cumprimentavam, ouviam e contavam as novidades, retomando depois seus caminhos.

A cabana de Breed estava de pé até doze anos atrás, ainda que desabitada havia muito tempo. Era mais ou menos do tamanho da minha. Se não me engano foi incendiada por garotos travessos num dia de eleições. Nessa época eu morava na orla do povoado, e acabava de me enfronhar na leitura do *("Gondibert"* de Davenant, num inverno em que padecia de letargia — a qual, aliás, nunca soube se atribuo a um problema familiar, pois tenho um tio que adormece ao fazer a barba e aos domingos precisa tirar grelos das batatas no porão para se manter acordado e cumprir com as obrigações religiosas, ou às minhas tentativas de ler a coletânea de poesia inglesa de Chalmer sem saltar nenhum trecho. O que positivamente acabou com meus nervos. Nem bem havia mergulhado na leitura; os sinos anunciaram incêndio e em disparada passaram os carros de bombeiro, escoltados por uma tropa desgarrada de homens e meninos, eu entre eles, já que havia saltado o rio do sono. Pensamos que o incêndio era bem longe ao sul, depois do bosque, nós que já havíamos corrido para ver outros antes, em celeiros, lojas e residências, e até em tudo isso junto. *"É no celeiro de Baker",* gritou um. *"É no sítio Codman",* afirmou outro. E a essa altura, centelhas vivas subiam sobre o bosque, como se um telhado houvesse caído, e todos berramos *"Socorro, Concord!"* Carros supercarregados dispararam em desesperada velocidade, levando entre outros o agente da Companhia de Seguros, que era obrigado a comparecer por mais longe que fosse o incêndio; de quando em quando os sinos tilintavam a reboque, cada vez mais lentos e seguros, e à retaguarda de todos, como se comentaria mais tarde, vinham os que haviam

ateado o fogo e dado o alarme. Assim perseveramos como verdadeiros idealistas, rejeitando a evidência que entrava pelos olhos da cara, até que numa volta da estrada ouvimos o crepitar e sentimos na realidade o calor do fogo que saía por cima da parede, e nos demos conta de que — ai de nós! — estávamos ali. A própria proximidade do fogo como que arrefeceu nosso ardor. De entrada pensamos em jogar-lhe a água de uma poça, mas chegamos à conclusão de que era melhor deixar queimar até o fim, por ter o fogo ido muito longe e não valer a pena salvar nada. Assim, ficamos junto do carro de bombeiros, empurrando-nos mutuamente e expressando nossos sentimentos através de trombetas amplificadoras, ou em tom mais baixo, referindo-nos às grandes conflagrações que o mundo já presenciou, inclusive a da loja de Bascom, e cá entre nós, pensamos que, já que estávamos ali com nossa *"bacia"* e com uma poça cheia por perto, bem que poderíamos transformar aquela tragédia, que ameaçava ser derradeira e universal, em outro dilúvio. Finalmente fomos embora sem fazer nada de mal. Voltei ao *"Gondibert"* e ao sono. Porém, no que diz respeito a *"Gondibert"*, faço honrosa exceção àquela passagem do prefácio que diz ser o gênio a pólvora da alma *"se bem que a maioria dos seres humanos ignorem o gênio, como os índios a pólvora"*. Na noite seguinte, mais ou menos à mesma hora, eu passava por esse caminho no meio do campo quando, ouvindo gemer baixinho no local, aproximei-me no escuro e descobri o único sobrevivente da família que conheço, o herdeiro tanto de suas virtudes como de seus vícios, o único ser afetado pelo incêndio, deitado sobre o ventre e olhando do muro do porão as cinzas ainda ardentes lá embaixo, enquanto balbuciava sozinho, como era seu costume. Ele trabalhara o dia inteiro lá longe nos prados ribeirinhos, e aproveitara os primeiros instantes disponíveis para revisitar o lar de seus pais e de sua juventude. Sempre prostrado sobre o porão, revistou-o mais de uma vez de todos os lados e ângulos, como se se lembrasse da existência de algum tesouro escondido entre as pedras, onde não havia agora absolutamente nada a não ser um monte de tijolos e cinzas. Desaparecida a casa, contemplava suas ruínas. Consolou-se com a solidariedade que minha simples presença irradiava, e mostrou-me, na medida em que a escuridão permitia, onde ficava a cisterna coberta que, graças a Deus, nunca pegaria fogo; e durante muito tempo procurou às apalpadelas na parede até achar a roldana que seu pai talhara e montara, tateando atrás do gancho de ferro ou grampo em cuja extremidade um peso estivera engastado — a única coisa a que se podia agarrar agora — para me convencer de que não se tratava de algo comum. Toquei-o, e até hoje o observo em meus passeios quase diários, pois dele pende a história de uma família.

E ainda, do lado esquerdo, onde se vêem a cisterna e os arbustos de lilás junto à parede, agora em campo aberto, moraram Nutting e Le Grosse. Mas retomemos o rumo de Lincoln.

Mais dentro dos bosques que qualquer um desses, onde a estrada mais se aproxima do lago, instalou-se o oleiro Wyman, que abastecia a vizinhança com cerâmicas e deixou descendentes que o sucederam no ofício. Nenhum deles era rico de bens materiais, e enquanto viveram conservaram a terra por condescendência dos donos; ali o xerife muitas vezes vinha em vão cobrar os impostos e *"apreendia uma apara de madeira"* por formalidade, conforme li em seus assentamentos, pois não havia nada mais em que pudesse botar as mãos. Um dia em pleno verão estava eu a capinar quando um sujeito, que carregava um lote de cerâmicas para o mercado, apeou do cavalo em meu campo e perguntou pelo Wyman mais moço. Por ter-lhe comprado tempos atrás um torno de oleiro, desejava saber o que fora feito dele. Eu havia lido sobre argilas e tornos de oleiros nas Sagradas Escrituras, mas nunca me passara pela cabeça que os vasilhames que usamos não fossem os dos tempos bíblicos que chegavam intatos até nós, ou os nascidos nas árvores em algum lugar remoto, feito as cabaças, e deleitei-me em saber que uma arte tão plástica havia sido sempre praticada na minha vizinhança.

O último habitante destes bosques antes que eu aí chegasse, foi um irlandês. Hugh Quoil (se é que grafei seu nome com o adequado enrolo)[15], que ocupou o terreno de Wyman — Coronel Quoil, como era chamado, pois corria o boato de que havia sido soldado em Waterloo. Se ainda vivesse, eu teria feito com que lutasse em suas batalhas de novo. Seu ofício aqui era o de abrir fossos. Napoleão partiu para Santa Helena; Quoil veio para os bosques de Walden. Tudo que sei dele é trágico. Era um homem de boas maneiras, com o traquejo de quem vira muitas coisas, e excedia a expectativa pela capacidade de discursar em público. Sofrendo de *delirium*

[15] (if I have spelt his name with coil enough) — O autor faz um jogo de palavras com o sobrenome Quoil e a homófona coil, que significa rolo, mola espiral. (N. T.)

tremens, usava um vasto casaco em pleno verão e tinha o rosto avermelhado. Morreu na estrada, ao pé da colina de Brister, logo depois que vim para os bosques, e assim não me lembro dele como vizinho. Visitei sua casa antes que fosse arrasada e quando seus companheiros evitavam-na como *"um castelo assombrado".* Lá estavam suas velhas roupas amarrotadas pelo uso, como se fossem o próprio Quoil deitado em sua cama de madeira entalhada. Seu cachimbo jazia quebrado em cima da lareira, em vez do jarro partido junto à fonte. Este último não podia simbolizar sua morte, pois um dia me confessou que embora tivesse ouvido falar da fonte de Brister, nunca a tinha visto; cartas sujas, reis de ouro, espada e copa espalhavam-se pelo chão. Uma galinha preta que o administrador não conseguira prender, tão negra e silenciosa como a noite, pois nem sequer resmungava, esperava a raposa e quieta ia empoleirar-se no cômodo vizinho. Nos fundos havia o esboço de uma horta que fora plantada, mas nem sequer recebera os primeiros cuidados devido aos terríveis acessos de tremedeira de Quoil, e que mal se distinguia embora fosse tempo de colheita. Fora invadida pelas losnas amargas e pelos carrapichos, que se grudavam às minhas roupas e eram os únicos frutos. A pele de uma marmota havia sido recentemente esticada na parte posterior da casa, um troféu de seu Waterloo final; só que ele não mais precisaria de um gorro para o frio ou de luvas especiais.

Agora simples mossa no chão assinala o local de todas essas moradias, com porões de pedras enterrados, morangos, várias espécies de framboesas, arbustos de avelã e sumagres crescendo ali na relva ensolarada; algum pinheiro resinoso ou carvalho retorcido ocupa o recanto que foi da chaminé, e a negra bétula de doce fragrância talvez se balance onde ficava o portal de pedra. Às vezes é visível a mossa do poço, onde certo dia uma fonte jorrou e agora só se vê erva seca e esturricada; ou senão, ao partir o derradeiro morador, ele foi muito bem tampado com uma pedra lisa escondida pela terra, para não ser descoberto até um dia muito remoto. Como não deve ser pungente a cerimônia de cobrir esses mananciais de água! Coincide com a abertura de mananciais de lágrimas. As reentrâncias dos porões, velhos buracos a lembrarem tocas abandonadas de raposa, são tudo o que resta de onde um dia fluiu o rebuliço e azáfama da vida humana, e onde em conversas e linguagens variadas coisas como *"destino, livre-arbítrio e preciência absoluta"* eram alternadamente discutidos. Mas tudo que aprendi com tais discussões resume-se apenas nisto *"Catão e Brister tiravam lã";* o que é quase tão edificante quanto a história das mais célebres escolas de filosofia.

Uma geração depois que porta, portal e soleira se foram, crescem ainda vividos lilases desabrochando a cada primavera suas flores de perfume suave, para serem arrancadas pelo contemplativo transeunte; derradeira de uma estirpe, única sobrevivente de uma família, plantada e cultivada outrora por mãos de criança em canteiros de jardim, medra agora encostada a muros de pastagens retiradas, cedendo espaço a novos matos. Aquelas crianças escuras jamais haveriam de imaginar que a pequenina muda de apenas dois brotos que enterraram no chão à sombra da casa, regando todos os dias, se enraizaria assim a ponto de sobreviver-lhes, e se instalaria nos fundos da casa que a ensombrava expandindo-se pelo jardim e pomar dos adultos, e deste modo palidamente narraria ao solitário errante a história delas, meio século depois de terem crescido e morrido — florescendo tão belas e cheirando tão suaves como naquela primeira primavera. Não posso deixar de registrar suas cores lilases delicadas, alegres e ainda frescas.

Mas por que terá sucumbido este pequeno povoado, germe de algo maior, enquanto Concord se conserva? Por acaso não havia ali natureza propícia e o privilégio de água farta? Ah, o profundo lago Walden e a fria fonte de Brister! O privilégio de neles beber longos e saudáveis goles, inaproveitado por homens que tinham a água só como diluidor de suas bebidas, todos eles uma raça geralmente sedenta. Não poderia ter florescido aqui a arte da cestaria, o artesanato das vassouras e esteiras, a culinária do milho, a tecelagem e a cerâmica, fazendo com que o ermo florescesse feito uma rosa, e numerosa posteridade herdasse a terra de seus pais? O solo estéril teria sido pelo menos um obstáculo à degeneração das terras baixas. Ai! como a memória desses habitantes humanos pouco realçou a beleza da paisagem! Quem sabe a natureza não irá experimentar mais uma vez, tendo-me como o primeiro colono e fazendo com que minha casa, erguida na última primavera, venha a ser a mais antiga da aldeia?

Não sei se alguém já terá construído no local que ora ocupo. Deus me livre de uma cidade construída no espaço de outra mais antiga, cujos materiais disponíveis são ruínas, e os jardins, cemitérios. Aí o solo é escaldado e amaldiçoado, e antes que isso se torne necessário o próprio mundo será destruído. Com tais reminiscências repovoei os bosques e acalentei meu sono.

No inverno raramente recebia visitas. Se a neve ficava mais alta por uma ou duas semanas nenhum andarilho se aventurava nas proximidades da minha casa, mas nela eu vivia tão a gosto como um rato silvestre, o gado e certas aves que, segundo se diz, mesmo sem alimento sobrevivem por longas temporadas soterrados em avalanches de neve; ou como aquela família de um pioneiro da cidade de Sutton, neste Estado, que ao se ausentar teve seu chalé completamente coberto pela grande nevada de 1717 e um índio o localizou graças ao orifício que a fumaça da chaminé fazia no monte de neve, salvando então a família. Mas nenhum índio amável preocupou-se comigo, nem seria necessário, já que o dono da casa estava lá dentro. A Grande Nevada! Como é bom ouvir falar dela! Quando os lavradores não podiam chegar aos bosques e pântanos com suas parelhas e eram obrigados a derrubar as árvores copadas defronte de suas casas, e, ao ficar mais sólida a crosta de gelo, cortavam as do pântano a três metros do solo, como se notou ao chegar a primavera.

Durante as nevadas mais violentas, a trilha que ia da estrada principal à minha casa, com uns oitocentos metros de comprimento, poderia ser representada por sinuosa linha pontilhada, com largos intervalos entre os pontos. Numa semana de tempo firme dei exatamente o mesmo número de passos, do mesmo tamanho, indo e vindo a pisar deliberadamente e com a precisão de um compasso no vão de minhas próprias pegadas — a tal rotina nos reduz o inverno — e muitas vezes elas se enchiam do próprio azul do céu. Mas tempo nenhum interferia de modo fatal em meus passeios, ou antes, nas minhas saídas de casa, pois eu amiúde caminhava de doze a dezesseis quilômetros em meio à neve mais funda para encontrar um pé de faia ou de uma bétula amarela, ou ainda de um pinheiro velho conhecido meu; quando o gelo e a neve, ao vergarem os galhos dos pinheiros e aguçar-lhes os topos, transformavam-nos em pés de abeto, eu vadeava em direção aos cumes das colinas mais altas onde a neve se erguia do solo quase meio metro, provocando a cada passo uma outra tempestade sobre minha cabeça; ou algumas vezes me arrastava e chapinhava de gatas, quando os caçadores já se haviam recolhido em seus alojamentos de inverno. Uma tarde me diverti a olhar de uns cinco metros de distância uma coruja de listras *(strix nebulosa)* pousada numa das ramas secas mais baixas de um pinheirinho branco, próxima do tronco, em plena luz do dia. Ela podia ouvir quando eu me movimentava e a neve rangia triturada sob meus pés, mas não podia me ver com clareza. Se eu fazia mais ruído, esticava o pescoço com as penas arrepiadas e arregalava os olhos; mas suas pálpebras logo se abaixavam outra vez e ela voltava a cochilar. Depois de fitá-la meia hora eu sentia também sua contagiosa sonolência, enquanto ela permanecia de olhos semi-abertos que nem um gato, a irmã alada que é do gato. Havia apenas uma estreita fenda entre suas pálpebras, com a qual ela mantinha uma relação peninsular comigo; assim, com os olhos semifechados, olhava-me do país dos sonhos, esforçando-se por me perceber, a mim, vago objeto ou cisco a interceptar suas visões. Finalmente, a algum ruído mais alto ou à minha aproximação para mais perto, começou a demonstrar desconforto e a espreguiçar-se no seu poleiro, como se impaciente por ter sido perturbada em seus sonhos; e quando se lançou no ar e adejou entre os pinheiros, estendendo as asas de surpreendente largura, não me foi possível ouvir o menor barulho do seu vôo. Portanto, guiada entre as ramas dos pinheiros mais por sutil intuição da redondeza do que pela visão, percebendo seu penumbroso caminho pelo tato das asas, descobriu um novo poleiro onde podia aguardar em paz o raiar de seu dia.

Enquanto caminhava sobre o longo caminho elevado aberto com a estrada de ferro através da campina, deparava-me com muitos ventos roncando e crestando de frio, pois em nenhum outro lugar gozam de mais liberdade; e quando a geada me esbofeteava numa face, apesar de não ser cristão, voltava-lhe a outra. A situação não era melhor na estrada para carros que partiam da colina, de Brister. Pois, feito um índio bem disposto, eu me dirigia à cidade quando toda a neve dos vastos campos abertos se acumulara de um lado e outro nos taludes da estrada de Walden, e bastava meia hora para apagar a trilha do último caminhante. Ao regressar, novas camadas se haviam formado, através das quais eu barafustava aos tropeções lá onde o diligente vento noroeste estivera depositando os flocos de neve em torno de um ângulo agudo da estrada, e onde não se podia ver a trilha do coelho, nem sequer aquela menor e mais delicada do rato silvestre. Apesar

de tudo, poucas vezes deixei de achar, mesmo no auge do inverno, algum charco morno e primaveril onde a erva e a planta arácea não irrompessem com seu perene verdor e alguma ave mais resistente não aguardasse a volta da primavera.

Certas vezes, não obstante a neve, ao regressar de meu passeio aí pelo anoitecer, defrontava-me com as fundas pegadas de um lenhador vindo da minha porta e encontrava também sua pilha de lascas em cima da lareira e minha casa inundada do cheiro de seu cachimbo. Ou num domingo à tarde, se acontecia de não sair, ouvia o range-range da neve sob a pisada de um lavrador sagaz, que vinha de longe através dos bosques à procura da minha casa, para bater um *"papo";* esse era um dos poucos com vocação para *"homem do campo",* vestindo blusão de trabalho em vez de toga de professor, e tão pronto a extrair a moral dos fatos da Igreja e do Estado como a arrastar do seu estábulo uma carga de estéreo. Falávamos então dos tempos rudes e simples quando os homens sentavam-se de cabeça fria em torno de generosos fogos, nas temporadas de frio estimulante; e quando escasseavam outras sobremesas experimentávamos os dentes nas nozes que esquilos sabidos haviam abandonado há muito tempo, pois aquelas de cascas mais grossas costumam estar ocas.

Quem veio de mais longe para visitar-me em meu alojamento, enfrentando as piores nevadas e as tempestades mais horríveis, foi um poeta. O lavrador, o caçador, o soldado, o jornalista e até o filósofo podem ficar desencorajados; mas nada detém um poeta, pois ele é movido por puro amor. Quem há de predizer suas idas e vindas? Seus afazeres chamam-no a qualquer hora, mesmo naquelas em que os médicos dormem. Os dois fazíamos com que a pequena casa vibrasse de esfusiante alegria e ressoasse com o murmúrio de muitas conversas sérias, compensando nessas ocasiões o vale do Walden por seus longos silêncios. Até a Broadway era, em comparação, calma e deserta. A intervalos convenientes davam-se regulares explosões de riso, que podiam se referir indiferentemente ao que acabávamos de dizer ou à piada que íamos contar. Sobre um pratinho de mingau elaboramos muitas teorias existenciais *"recém-moídas",* combinando as vantagens do convívio com a lucidez que a filosofia requer.

Não devo esquecer que no último inverno que passei em Walden, recebi outro visitante muito bem-vindo, que de uma feita atravessou o povoado, enfrentando a neve, a chuva e a escuridão, até vislumbrar por entre as árvores a luz da minha casa, e partilhou comigo algumas longas noites de inverno. Trata-se de um dos últimos filósofos — Connecticut deu-o ao mundo — que de início saiu pelas ruas mascateando mercadorias, e depois, conforme declara, os próprios pensamentos. Estes ele continua a vender, advertindo sobre a existência de Deus e rebaixando o homem, apresentando como fruto apenas o cérebro, tal e qual a noz com a sua amêndoa. Acho que deve ser o homem de maior fé de quantos vivem. Suas palavras e atitudes pressupõem sempre um estado de coisas melhor que aquele ao qual estão acostumados os outros homens, e ele há de ser o último ser vivo a se decepcionar com a evolução dos tempos. Não possui nenhum empreendimento no presente, e ainda que de certo modo desprezado agora, quando chegar a sua vez, leis insuspeitadas da maioria entrarão em vigor, e chefes de família e governantes hão de ir a seu encontro em busca de conselho.

"Quão cego é quem não pode ver a serenidade!"

Um verdadeiro amigo do ser humano; quase que o único amigo do progresso da humanidade. Um Velho Mortal, ou antes um Imortal, de infatigáveis paciência e fé no esclarecer a imagem gravada nos corpos dos homens, a do Deus de quem são efígies desfiguradas e mesquinhas. Com sua mente acolhedora abarca mendigos, crianças, loucos e eruditos, e entretém o pensamento de todos acrescentando-lhe amplitude e elegância. Acho que deveria manter um caravançará na estrada real do mundo, que reunisse filósofos de todas as nações, e cujo lema a ser impresso seria: *"Hospedagem para homem, mas não para sua besta. Entrai vós que dispondes de lazer e mente tranqüila, vós que procurais com seriedade o caminho do bem. "* Talvez ele seja o homem mais equilibrado e o de menos manias que me foi dado conhecer. O mesmo ontem e amanhã. Outrora perambulamos e conversamos, pondo efetivamente o mundo atrás de nós, porque ele não estava

comprometido com nenhuma instituição, nascera livre, *ingenuus*. Onde quer que fôssemos parar em nossas voltas, parecia que céus e terra se fundiam, de tal modo que ele realçava a beleza da paisagem. Um homem vestido de azul, para quem o teto mais adequado é a abóbada celeste a refletir sua serenidade. Não entendo como possa morrer um dia, mas a natureza não pode poupá-lo.

Dispondo de algumas ripas de pensamento bem enxutas, pusemo-nos a lascá-las fininho, provando nossas facas e admirando o matiz amarelo claro daquele tipo de pinheiro. Vadeávamos com tanta delicadeza e reverência as águas, revolvendo-as de modo tão suave que os peixes do pensamento não se assustavam escapulindo à corrente, nem temiam os pescadores na barranca, mas iam e vinham majestosamente, como as nuvens que flutuam pelos céus do poente e os rebanhos de madrepérolas que ali se aglomeram e se dissolvem. Ali trabalhávamos, revendo a mitologia, contornando de vez em quando uma lenda, construindo castelos no ar para os quais não havia alicerces terrestres viáveis. Grande Observador! Grande Esperançoso! com quem conversar tornava-se uma Diversão na Noite da Nova Inglaterra; ah! a conversa que mantivemos os três — o filósofo ermitão, o velho colono de que já falei, e eu — ela se expandiu e tomou conta da casinha; não ousaria calcular quantos quilos pesava cada polegada de pressão atmosférica; as juntas se abriam de tal maneira que precisavam depois ser calafetadas para evitar o conseqüente vazamento; — mas para isso eu já dispunha de suficiente estopa.

Havia outra pessoa com a qual eu entretinha *"densas sessões"* a serem lembradas por muito tempo, e embora ela também viesse vez por outra me ver, as reuniões costumavam se dar na sua casa no povoado; era a companhia que eu tinha por lá.

Lá também, como em toda parte, esperei muitas vezes a Visita que nunca vem. O Vishnu Purana diz: *"O dono da casa deve ao entardecer ficar em seu pátio à espera da vinda de um hóspede, o tempo que se gastaria para mungir uma vaca, ou mais se quiser. "* Cumpri este dever de hospitalidade com freqüência e esperei o suficiente para mungir um rebanho inteiro de vacas, mas não vi o homem chegando da cidade.

ANIMAIS DE INVERNO

Quando os lagos estavam completamente congelados, não ***só*** proporcionavam caminhos novos e mais curtos para muitos pontos, como permitiam, ao olharmos de certos locais em sua superfície, novas perspectivas da paisagem familiar em torno. Embora várias vezes antes houvesse remado e patinado no lago de Flint, ao atravessá-lo depois que se havia coberto de neve, achei-o tão surpreendentemente largo e tão estranho que não pude deixar de pensar na baía de Baffin. As colinas de Lincoln se erguiam em volta de mim na extremidade de uma planície nevada, na qual eu não me lembrava de ter estado antes; e os pescadores, movendo-se vagarosos sobre o gelo com seus cães-lobo a incalculável distância, passavam por caçadores de focas e esquimós, ou em meio à névoa pareciam criaturas fabulosas, que eu não sabia se eram gigantes ou pigmeus. Tomava esse caminho quando ao anoitecer ia conferenciar em Lincoln, e por ali, da minha cabana até o salão de palestra, não havia estrada nem casa. No lago Goose, que ficava a caminho, uma colônia de ratos almiscareiros construía seus alojamentos em cima do gelo, mas não era possível ver nenhum deles do lado de fora.

O Walden, estando geralmente sem neve como os demais, era meu pátio e aí andava à vontade, quando a neve alcançava quase meio metro de altura em outros lugares e os habitantes do povoado se viam confinados às ruas. Ali, longe das ruas e do tilintar das campainhas dos trenós, que só tocavam a longos intervalos, eu escorregava e patinava, como num vasto e bem pisoteado curral de alces, debaixo dos bosques de carvalho e de solenes pinheiros curvados sob o peso da neve e ouriçados de pingentes de gelo.

Quanto a sons, nas noites e muitas vezes nos dias de inverno, costumava ouvir a voz desolada mas melodiosa de um mocho infinitamente distante; um som tal como o que emitiria o mundo congelado se fosse sacudido

por um plectro conveniente, a própria língua vernácula dos bosques de Walden, e que com o tempo se me tornou bastante familiar, apesar de nunca ter visto o pássaro no instante em que se punha a cantar. Ao anoitecer no inverno era raro abrir a porta sem logo ouvi-lo; *rru rru rru, rrurar rru* ressoava sonoramente, e as três primeiras sílabas modulavam uma espécie de saudação, embora outras vezes ela se limitasse a monótono *rru rru.* Certa noite no começo do inverno, antes que o lago congelasse todo, aí pelas nove horas, estremeci com o estridente grasnido de um ganso bravo, e avançando para a porta, ouvi como uma tempestade nos bosques o bater de muitas asas ao passarem em vôo rasante sobre meu telhado. Sobrevoavam o lago rumo a Fair Haven, aparentemente impedidos de pousarem por causa da luz da minha casa, o comandante do bando grasnando o tempo todo a intervalos regulares. De repente, bem pertinho de mim, uma inconfundível coruja, com a voz mais terrível e cruel de quantas já ouvi no bosque, pôs-se a responder-lhe a intervalos certos, disposta a desafiar e desbancar esse intrujão da baía de Hudson, ao exibir seu nativo *bu rru* num volume de voz mais poderoso e de maior alcance, escorraçando-o dos horizontes de Concord. O que é que você pretende vindo alarmar a cidadela a esta hora da noite consagrada a mim? Acaso pensa que a esta hora estou sempre dormindo e que não tenho pulmões e garganta tal e qual você? *Bu rru, bu rru, bu rru!* Foi uma das desavenças mais emocionantes que já testemunhei. E contudo, para quem tivesse ouvido sensível, havia nela elementos de harmonia como estas paragens jamais ouviram.

Eu também ouvia o gelo gemendo no lago, meu companheirão de quarto naquela parte de Concord, como se inquieto no leito se revolvesse perturbado por gases e pesadelos; ou eu despertava com o rachar do solo sob a geada, como se alguém tivesse empurrado uma junta de bois contra minha porta, e de manhã encontrava no chão uma fenda de quatrocentos metros de comprimento por menos de um centímetro de largura.

Certas ocasiões, em noites de luar, ouvia as raposas vagarem sobre a crosta de neve, em busca de perdizes ou de outras presas, com uivos furiosos e demoníacos de cães do mato, como se se debatessem nas garras de alguma angústia, ou quisessem se expressar, lutando por claridade ou por serem de uma vez cachorros e correrem livremente pelas ruas; pois se levarmos em consideração as eras passadas, não é viável a existência de uma civilização processando-se entre os animais da mesma maneira que entre os homens? Para mim assemelham-se a homens rudimentares, escondidos em tocas e ainda na defensiva, à espera da transformação. Vez por outra, achegava-se uma raposa atraída pela luz da minha janela, vociferava a vulpina maldição e ia-se embora.

O esquilo ruivo *(sciurus hudsonius)* costumava me acordar de madrugada, correndo sobre o telhado, subindo e descendo pelas paredes, como se houvesse saído do mato com esse objetivo. No decorrer do inverno joguei fora, na neve em frente à porta, meio alqueire de espigas de milho verde que não haviam chegado a amadurecer, e me divertia olhando a movimentação dos vários animais que eram atraídos por elas. Ao pôr-do-sol e à noite os coelhos vinham com regularidade e comiam a fartar-se. Durante o dia inteiro esquilos ruivos iam e vinham entretendo-me com suas manobras. Um se aproximava, a princípio todo cauteloso por entre os arbustos de carvalho, correndo e parando sobre a neve qual folha seca soprada pelo vento, ora uns poucos passos nesta direção, com maravilhosa rapidez e desgaste de energia, usando de inconcebível pressa com as patinhas, como se se tratasse de aposta, ora uma porção de passos naquela outra direção, mas nunca indo além de três metros de cada vez; e então, parando de súbito com expressão cômica e uma gratuita cambalhota, como se todos os olhos do universo estivessem fixos nele, — porque os meneios de um esquilo, mesmo no recesso mais solitário da floresta, angariam tantos espectadores quanto os de uma dançarina — gastando mais tempo em pausas e circunspecção do que precisaria para caminhar todo o percurso (diga-se de passagem que nunca vi nenhum deles caminhar), e então num átimo, enquanto o diabo esfrega o olho, ele já está no topo de um pinheirinho resinoso, dando corda em seu relógio e ralhando com os espectadores imaginários, monologando e falando simultaneamente ao universo inteiro — por razões que nunca me foi dado descobrir, e creio que nem a ele. Por fim alcançava o milho e, depois de escolher a espiga que mais lhe convinha, disparava por todos os lados no mesmo jeito incerto e trigonométrico para chegar ao graveto mais alto do meu monte de lenha em frente à janela, de onde me encarava, encarapitado durante horas, de tempos em tempos abastecendo-se com nova espiga, mordiscando a princípio vorazmente e atirando em torno os

sabugos semi-roídos, até que com a continuação tornava-se ainda mais exigente e entretinha-se com a comida, provando apenas o núcleo dos grãos enquanto a espiga, que se mantinha equilibrada sobre o graveto segura por uma patinha, escorregava da negligente garra e caía no chão, momento em que ele a inspecionava com um burlesco ar de incerteza, como a suspeitar que a espiga tivesse vida, sem se decidir a apanhá-la de novo, pegar outra, ou dar o fora; e assim ficava ora atento ao milho, ora procurando escutar o vento. Com isso o descarado companheirinho estragava uma porção de espigas numa tarde; mas por fim, apoderando-se de uma mais longa e roliça, consideravelmente maior que ele próprio, e equilibrando-a com o maior cuidado, partia com ela de regresso ao bosque, como um tigre carregando um búfalo, sempre correndo em zigue-zague e dando paradinhas, arranhando o caminho com a espiga, como se esta fosse pesada demais para ele, caindo de vez em quando e fazendo com a queda uma diagonal entre uma perpendicular e uma horizontal, determinado a avançar a todo custo; — um cara singularmente frívolo e caprichoso — assim lá se mandava ele para onde vivia, talvez carregando a espiga para o cocoruto de um pinheiro a mais de duzentos metros de distância, e eu iria depois dar com os sabugos espalhados pelo bosque em várias direções.

Por fim chegam os gaios, cujos discordantes gritos já eram ouvidos muito antes, quando eles se aproximavam prudentemente a uns duzentos metros, e esvoaçam de uma árvore a outra de modo furtivo e sinuoso, avançando cada vez mais, para apanhar os grãos desprezados pelos esquilos. Então, pousando no galho de um pinheiro, tentam engolir com afobação um caroço que, grande demais para suas goelas, engasga-os e só depois de muito esforço conseguem expeli-lo, e passam uma hora na tentativa de parti-lo, bicando-o repetidas vezes. Eram declaradamente ladrões, e eu não tinha muito respeito por eles; já os esquilos, embora tímidos a princípio, procediam como se estivessem tomando o que lhes era devido.

Nesse meio tempo vieram também os bandos de chapins, que apanhando as migalhas tombadas dos esquilos, voaram até o galhinho mais perto, e aí, depositando-as sob as garras, martelaram-nas com os biquinhos como se se tratasse de inseto na casca da árvore, até ficarem suficientemente reduzidas para suas estreitas goelas. Todos os dias um pequeno bando desses pássaros comparecia para filar o jantar na minha pilha de lenha ou nas migalhas à minha porta, com seus cantos tênues, esvoaçantes, ceceantes como o tilintar de pingentes de gelo na grama, ou ainda com um brincalhão *dei, dei, dei,* ou mais raramente, em dias primaveris, com um metálico e sumário *fi-bi,* vindo do lado dos bosques. Eram tão familiares que por fim um deles pousou numa braçada de lenha que eu estava carregando, e sem temor bicava os gravetos. Um papagaio também pousou certa vez em meu ombro, um segundo enquanto eu estava capinando num jardim do povoado, e com isso me senti mais importante do que se aí usasse uma dragona. Com o correr do tempo também os esquilos se fizeram íntimos e eventualmente pulavam em meu sapato quando lhe estavam por perto.

Quando o solo ainda não estava todo coberto, bem como ao aproximar-se o fim do inverno, a neve já tendo derretido na vertente sul e em torno a minha pilha de lenha, as perdizes saíam dos bosques de manhã e ao anoitecer para comerem ali. Por onde quer que se passeie nos bosques a perdiz passa impetuosa ruflando asas, sacudindo, das folhas ressequidas e dos raminhos do alto, a neve que tomba peneirando nos raios de sol como dourada poeira, pois este pássaro audaz não se apavora com o inverno. É amiúde coberto pelas avalanches, e consta que "ás *vezes mergulha direto na neve macia, onde se esconde por um dia ou dois".* Costumava espantá-las também em campo aberto, pois ao pôr-do-sol saíam dos bosques para *"brotar"* nas macieiras silvestres. A noitinha acorrem regularmente a determinadas árvores, onde os caçadores espertos ficam de tocaia à espera delas, e assim os pomares distantes que confinam com os bosques sofrem muito. Alegra-me que a perdiz se alimente a qualquer preço. É um pássaro da própria natureza a se nutrir de brotos e água.

Nas escuras manhãs ou nas tardes curtas de inverno, ouvia às vezes uma matilha de cães de caça incapazes de conter o instinto, avançando pelos bosques com ganidos e gritos prementes, acompanhados pelas notas do berrante, mostrando a intervalos que o homem vinha à retaguarda. Os bosques ressoam novamente e, contudo, nenhuma raposa irrompe no campo aberto do lago, nem a matilha que segue em perseguição de seu Actaeon. Talvez ao cair da noite eu veja os caçadores de volta à estalagem arrastando do trenó, à guisa de

troféu, uma única cauda peluda. Dizem-me que se a raposa tivesse permanecido no seio gelado da terra estaria salva, ou, por outro lado, se tivesse corrido em linha reta, nenhum cão poderia tê-la apanhado; mas deixando seus perseguidores bem atrás, ela pára a fim de descansar e escutar até que reapareçam, e ao voltar a correr circula ao redor de seu antigo covil, onde os caçadores estão à sua espera. Há ocasiões, entretanto, em que correrá sobre um muro dezenas de metros para então saltar ao longe na extremidade, e parece saber que a água não lhe reterá o cheiro. Contou-me um caçador que, de certa feita, viu uma raposa, acossada por cães, irromper no lago Walden quando o gelo estava coberto de poças rasas, atravessá-lo até certo ponto, e logo regressar à praia do mesmo lado. Pouco depois chegaram os cães, mas já não havia o que farejar. Em outras ocasiões, certa matilha caçando por conta própria passaria por minha porta rodeando a casa a ganir e acuar sem ligar para mim, como se possuída de uma espécie de loucura, de modo que nada a afastaria da perseguição. Assim é que os cães circulam até dar com a trilha recente de uma raposa, pois um cão de caça que se preza abandonará qualquer outra coisa por isso. Um dia chegou à minha cabana um homem de Levington procurando por seu cão extraviado, que caçava sozinho há uma semana. Mas receio não lhe ter adiantado grande coisa, pois de todas as vezes que tentei lhe responder às perguntas, interrompia-me perguntando: "O *que é que você faz por aqui?"* Tinha perdido um cachorro, mas achara um homem.

Um caçador velho e caladão, que costumava se banhar no Walden uma vez por ano quando a água estava menos fria, e nessas ocasiões me visitar, contou-me que uma tarde, muitos anos atrás apanhara a espingarda e partira em excursão pelos bosques de Walden; andava pela estrada de Wayland quando ouviu o grito de cães de caça se aproximando, e não demorou muito para que uma raposa pulasse do paredão para a estrada e, rápida como um raio, saltasse novamente o paredão oposto, sumindo da estrada, de modo que sua pronta descarga não chegou a alcançá-la. Um pouco atrás vinha uma velha cadela com três filhotes em plena perseguição, caçando por conta própria, e logo desapareceram mato adentro. Já à tardinha, quando ele estava descansando nos copados bosques ao sul do Walden, ainda ouviu o latido dos cães em perseguição da raposa bem longe no rumo de Fair Haven; e para cá avançaram, o acuante grito que fazia os bosques vibrarem soando cada vez mais perto, ora a partir de Well-Meadow, ora de Baker Farm. Durante muito tempo ele ficou quieto, ouvindo aquela música tão doce ao ouvido de um caçador, quando de súbito a raposa apareceu, atravessando as solenes aléias num moderado passo de corrida, cujo ruído era abafado pelo solidário farfalhar das folhas, veloz e serena, segura de si, deixando para trás seus perseguidores; e saltando sobre uma rocha em meio à vegetação, acomodou-se ereta e atenta aos ruídos, de costas para o caçador. Por um instante a compaixão conteve o braço deste, mas foi coisa de poucos segundos, e rápido como um pensamento atrás do outro, levantou a espingarda e *bangue!* — a raposa, rolando de uma rocha, caiu morta no chão. O caçador ainda ficou por ali e ouviu os cães, que foram avançando e logo todas as aléias dos bosques próximos ressoaram com seu demoníaco ganir. Por fim apareceu a velha cadela com o focinho no chão, e, farejando o ar fula de raiva, correu diretamente para a rocha; mas ao avistar a raposa morta, de repente cessou de acuar, como que muda de espanto, e deu voltas e mais voltas rodeando-a em silêncio; um a um, os filhotes chegaram e, feito a mãe deles, caíram em silêncio diante do mistério. Foi quando o caçador apresentou-se ficando no meio deles e se esclareceu o enigma. Aguardaram em silêncio enquanto ele tirava o couro da raposa, observaram por um instante a cauda, e em seguida penetraram de novo na floresta. Aquela mesma noite um cidadão de Weston veio ao chalé do caçador em Concord para saber de seus cães, que uma semana atrás haviam deixado os bosques de Weston caçando por conta própria. O caçador de Concord contou-lhe o que sucedera e ofereceu-lhe a pele do animal, porém o outro não quis aceitá-la e partiu. Aquela noite não chegou a encontrar seus cães, mas no dia seguinte soube que haviam atravessado o rio e pernoitado numa casa de fazenda, de onde, já bem alimentados, tomaram rumo de manhã cedinho.

O caçador que me contou isso, lembrava-se de um tal de Sam Nutting que costumava caçar ursos em Fair Haven Ledges (Sacadas do Belo Abrigo), para trocar suas peles por rum no povoado de Concord, e que lhe disse ter visto por lá um alce. Nutting possuía um cão, famoso caçador de raposas, cujo nome Burgoyne ele

pronunciava Bugine, que meu informante costumava tomar emprestado. No livro de escrituração de um antigo comerciante desta cidade, que era ao mesmo tempo capitão, funcionário e deputado, acho o seguinte lançamento: "18 *de janeiro de 1742-3, John Melven, crédito por uma raposa cinzenta: 0-2-3";* não mais se encontram delas aqui; e no livro razão: "7 *de fevereiro de 1743, Hezekiah Stratton, crédito por uma pele de gato de tamanho médio: 0-1-4 1/2";* é claro que se tratava de gato montês, pois Stratton fora sargento na velha guerra anglo-francesa e não teria obtido crédito por caça menos nobre. Dava-se crédito também por peles de veado, vendidas diariamente. Um sujeito ainda conserva os chifres do último veado que mataram nas redondezas, e outro contou-me particularidades da caçada em que seu tio tomou parte. Em tempos idos os caçadores constituíam por aqui um grupo alegre e numeroso. Lembro-me bem de um magricela Nimrod, que pegava uma folha à beira da estrada e tocava nela uma ária; se não me falha a memória, era mais agreste e melodiosa que a de um berrante de caça.

À meia-noite, quando havia lua, encontrei algumas vezes em meu caminho, rondando os bosques cães de caça que, temerosos, se desviavam de mim e permaneciam em silêncio entre o arvoredo até que eu passasse.

Esquilos e ratos selvagens disputavam minha provisão de nozes. Havia em torno de minha casa dezenas de pinheiros resinosos cujo diâmetro variava de uma a quatro polegadas, todos eles roídos pelos ratos no inverno anterior, — para eles um inverno como o da Noruega, pois, tendo a neve permanecido muito tempo bastante espessa, viram-se obrigados a alternar sua dieta com grande porção de casca de pinho. Essas árvores estavam vivinhas e aparentemente floresciam em pleno verão, sendo que muitas delas, apesar de violentadas em volta do tronco, tinham crescido uns trinta centímetros, porém no inverno seguinte todas, sem exceção, estavam mortas. É extraordinário que um único rato possa dispor de um pinheiro desses todinho para seu jantar, roendo-o sempre em volta, e não para cima e para baixo; mas isso talvez seja necessário a fim de espaçar um pouco essas árvores, tendentes a se aglomerarem demais.

As lebres *(lepus americanus)* eram-me bastante familiares, desde que abriguei uma delas debaixo da minha casa o inverno inteiro, ficando a separar-nos apenas o soalho. Todas as manhãs ela me assustava ao sair às pressas quando eu começava a me mexer — *tac, tac, tac,* batia ela com a cabeça contra as tábuas do soalho, afobada. As lebres costumavam achegar-se à minha porta ao escurecer para mordiscarem as cascas de batata que eu havia jogado fora, e sua cor era tão parecida com a do chão que, mal se podia distingui-las quando estavam imóveis. Às vezes ao crepúsculo eu, alternadamente, via e perdia de vista uma que ficava agachadinha e quieta debaixo da minha janela. Ao anoitecer, quando abria a porta, iam-se todas embora com um salto e um grunhido. Tão perto de mim e só me causavam pena. Certa noite uma sentou-se junto à porta a dois passos de mim, de início tremendo de medo, sem, contudo, se mexer para ir embora — e era uma pobre coisinha, magricela e ossuda, de orelhas imperfeitas e nariz afilado, rabo curto e patas delgadas! Era como se a natureza, achando-se esgotada, não dispusesse mais do sangue de raça nobre. Os olhos enormes das lebres pareciam bisonhos e doentios, quase hidrópicos. Eu dava um passo e zás, num salto elástico ela voava sobre a neve, retesando a extensão do corpo e dos membros graciosamente, e logo punha a floresta entre nós dois — o bicho livre e selvagem manifestando seu vigor e a dignidade da natureza. Não era sem razão a esbeltez desse animal. Assim era a sua natureza. *(Lepus, levipes,* pés leves: pensam alguns).

O que seria de uma terra sem coelhos e perdizes? Figuram entre os mais simples e nativos produtos animais; antigas e veneráveis famílias, conhecidas desde a antigüidade até os tempos atuais; da mesma tonalidade e substância que a natureza, os mais próximos aliados das folhas e do solo — e uns dos outros, tanto faz terem asas como terem pés. Dificilmente se diria tratar-se de uma criatura selvagem quando um coelho ou uma perdiz passa com ímpeto, mas apenas de um ser natural tão surpreendente quanto o sussurro das folhas. A perdiz e o coelho por certo hão de prosperar na condição de verdadeiros rebentos do solo, aconteça o que acontecer. Se a floresta for derrubada, os grelos e arbustos que despontarem lhes fornecerão lugar onde ocultar-se e eles se tornarão mais numerosos do que nunca. Na verdade, pobre da terra que não dá conta de sustentar uma lebre. Nossos bosques abundam com a presença de ambos, e em torno de todos os pântanos

podem ser vistos a passar perdizes e coelhos, encurralados por cercas de galhos e armadilhas de crina feitas por vaqueiros.

O LAGO NO INVERNO

Após uma tranqüila noite de inverno acordei com a impressão de ter ouvido uma pergunta que havia tentado em vão responder durante o sono, algo assim: Como? Quando? Onde? Mas eis que a natureza, na qual vivem todas as criaturas, alvorecia entrando por minhas largas janelas de face serena e satisfeita e sem nenhuma pergunta em *seus lábios.* Acordei para uma pergunta já respondida, para a natureza e a luz do dia. A neve, pontilhada de pinheirinhos, estendia-se espessa e a própria vertente da colina em que se localizava a minha casa, parecia dizer: para a frente! A natureza não coloca nenhuma questão, nem sequer responde o que nós mortais perguntamos. Faz muito tempo que tomou sua decisão. "Ó *Príncipe; nossos olhos contemplam com admiração e transmitem à alma o maravilhoso e variado espetáculo do universo. A noite, sem dúvida, esconde uma parte desta criação gloriosa; mas raia o dia para nos revelar esta grande obra, que se estende da terra até longe pelas planícies do espaço celeste.* "

Vamos ao trabalho matinal. Em primeiro lugar pego um machado e um balde e parto em busca de água, se ela não é mais do que um sonho. Depois de uma noite fria e de neve, para encontrá-la precisava de uma varinha de condão.

A cada inverno a superfície líquida e trêmula do lago, tão sensível a qualquer aragem e pronta a refletir qualquer luz e sombra, solidifica trinta a quarenta centímetros em profundidade, de modo que poderá suportar as mais pesadas parelhas, e é possível que a neve cubra-a com outra camada de igual espessura, não se distinguindo assim a superfície do nível do campo em redor. Da mesma maneira que as marmotas das colinas circunvizinhas, o lago cerra as pálpebras e adormece por três meses ou mais. Em plena planície coberta de neve, tal e qual numa pastagem entre as colinas, desbravo meu caminho, primeiro através da espessura da neve e em seguida na camada de gelo, abrindo uma janelinha sob os pés, e ali, ajoelhando-me para beber, devasso lá embaixo o quieto salão dos peixes invadido por uma luz suave, como que filtrada por uma janela de cristal, e seu polido soalho de areia igualzinho ao que se vê no verão; lá dentro reina a perene serenidade da ausência de ondas, como no céu crepuscular cor de âmbar, tudo em harmonia com o temperamento frio e equilibrado dos habitantes. O céu se estende debaixo de nossos pés, tão bem quanto por cima de nossas cabeças.

De manhã cedinho, enquanto todas as coisas estão crespas de geada, homens com varas de pescar e merendas magras, vêm e deitam suas finas linhas através do campo de neve para apanhar lúcios e percas; homens rústicos que instintivamente seguem outras modas e confiam em outras autoridades que não a de seus concidadãos, e com suas idas e vindas ligam cidades em locais que de outro modo permaneceriam isolados. Envolvidos em fortes e grossos panos de lã, sentam-se e comem o lanche na praia, por sobre as folhas secas de carvalho, tão sábios em conhecimentos naturais quanto o cidadão urbano nos sofisticados. Jamais consultaram livros, e sabem e contam muito menos do que já realizaram. Dizem que ainda não sabem as coisas que praticam. Aqui está um pescando lúcio, servindo-se de perca adulta como isca. A gente dá uma olhada em seu balde e se espanta à vista de um tanque no verão, como se ele mantivesse o verão encarcerado em sua casa, ou soubesse onde se refugia. Como, digam-me, conseguiu todos esses peixes em pleno inverno? Ora, desde que o solo se cobriu de gelo ele se pôs a retirar larvas dos troncos podres, e com elas apanha os peixes. Sua própria vida penetra mais fundo na natureza do que os estudos do naturalista, para quem ele mesmo constituiria um assunto. O naturalista, com o canivete, levanta delicadamente o musgo e a casca das árvores em busca de insetos; o outro, com o machado, racha os troncos até o âmago, e musgo e casca voam longe em tudo quanto é direção. Ganha a vida descascando árvores. Um homem desses tem direito a pescar, e

gosto de ver a natureza confirmada nele. A perca engole a larva dos insetos, o lúcio engole a perca, e os pescadores engolem o lúcio; e assim são preenchidas todas as fendas na escala dos seres.

Quando eu passeava ao redor do lago em tempo enevoado, divertia-me às vezes com as soluções primitivas adotadas por algum pescador mais rude. Ele tinha colocado galhos de amieiro sobre estreitos orifícios no gelo, a cerca de vinte ou vinte e cinco metros um do outro e a igual distância da praia, e depois de haver amarrado a ponta da linha a um pau para evitar que ela escorregasse, tinha enganchado frouxamente numa forquilha de amieiro a uns trinta centímetros ou mais acima do gelo, e amarrado nela uma folha seca: de carvalho, de modo que ao ser puxada lá em baixo logo denunciaria a mordida na isca. Tais amieiros apareciam em meio à neblina a intervalos regulares à medida que se caminhava uma boa distância em volta do lago.

Ah, os lúcios do Walden! Quando os vejo estendidos sobre o gelo ou no poço que o pescador nele faz, recortando pequeno buraco para ter acesso à água, surpreendo-me sempre com a sua rara beleza, como se fossem peixes fabulosos, tão exóticos em nossas ruas e em nossos bosques como é exótica a Arábia para nossa vida em Concord. Possuem uma beleza tão deslumbrante e transcendente que de longe os distingue dos cadavéricos bacalhau e hadoque, cuja fama é trombeteada em nossas ruas. Não são verdes como os pinheiros, nem cinzentos como as pedras, nem tampouco azuis como o céu; mas a meu ver têm, se isto é possível, cores ainda mais raras, feito as das flores e pedras preciosas, como se eles fossem as pérolas, os *núcleos* animalizados ou cristais das águas do Walden. Eles, naturalmente, são Walden até fora d'água; são eles próprios pequenos Waldens do reino animal, os waldenses. É surpreendente que eles sejam pescados aqui; que nesta fonte profunda e espaçosa esse grande peixe ouro e esmeralda nade debaixo do ranger das juntas e carruagens e dos tilintantes trenós que viajam pela rota do Walden. Nunca me ocorreu ver nenhum de sua espécie no mercado; seria alvo da admiração de todos. Docilmente, com poucas convulsões, entregam seus líquidos espíritos, feito um mortal transferido antes da hora para a atmosfera rarefeita do céu.

Como andasse desejoso de recuperar o fundo do lago Walden, perdido há tanto tempo, no começo de 1846, antes que o gelo rompesse, medi-o cuidadosamente com bússola, corrente e fio de prumo. Sobre o fundo, ou melhor, a falta de fundo deste lago, conta-se uma porção de histórias que certamente por sua vez não têm fundamento. É de se perguntar até quando os homens ficarão na crença da insondabilidade de um lago sem se darem ao trabalho de sondá-lo. Já visitei dois desses lagos sem fundo num passeio pelas vizinhanças. Muitos são os que acreditaram que as águas do Walden alcançavam o lado oposto do globo. Alguns que se deitaram por muito tempo debruçados sobre o gelo, olhando de cima através deste meio enganador, com certeza de olhos empanados de água durante a operação e levados a conclusões apressadas por conta do medo de apanharem gripe com seqüelas pulmonares, talvez tenham visto imensos buracos *"por onde poderia passar uma carroça de feno",* caso houvesse alguém para conduzi-la, e a indubitável fonte Estígia, entrada para as Regiões do Inferno. Outros desceram do povoado com um peso de vinte e cinco quilos e uma carreta cheia de corda de uma polegada de grossura, mas mesmo assim não conseguiram achar fundo algum; porque enquanto o peso permanecia imóvel no caminho, eles iam baixando a corda na vã tentativa de calcular sua verdadeiramente incomensurável capacidade de assombro. Mas posso garantir a meus leitores que o Walden dispõe de um leito razoavelmente firme, a uma profundidade que, embora não seja comum, é também razoável. Mesmo sem maiores problemas com uma linha de pesca e uma pedra que pesava menos de um quilo, e podia dizer com precisão quando a pedra deixava de tocar o fundo, pois me via forçado a puxar com força maior do que quando havia água embaixo a me ajudar. A maior profundidade foi exatamente de trinta e quatro metros, aos quais podem ser acrescentados mais uns dois por conta da enchente, totalizando assim trinta e seis metros. Trata-se de notável profundidade para área tão pequena; entretanto nenhuma polegadinha pode ser dispensada pela imaginação. O que aconteceria se todos os lagos fossem rasos? Isso não afetaria a mentalidade das pessoas? Sou grato por este lago ser profundo e puro para servir de símbolo. Enquanto os homens acreditarem no infinito, alguns lagos serão tidos como insondáveis.

Partindo de seu conhecimento de represas, o dono de uma fábrica, ao saber a profundidade que eu encontrara, pensou que ela não podia ser verdadeira, pois a areia não se depositaria num ângulo assim tão íngreme. Porém os lagos mais profundos não são tão fundos em proporção às suas áreas, como muitos supõem, e se drenados não deixariam em seu lugar vales consideráveis. Não são como taças entre as colinas; pois este que é tão extraordinariamente fundo para sua área revela-se, num corte vertical através de seu centro, não ser mais fundo que um prato raso. Os lagos, em sua maioria, uma vez esvaziados deixariam prados não mais côncavos do que os que vemos com freqüência por aí. William Gilpin, tão admirável em tudo o que se relaciona com paisagens, e habitualmente tão honesto, encontrando-se na extremidade do Loch Fyne na Escócia, que ele descreve como *"uma baía de água salgada, com sessenta ou setenta braças de profundidade por seis quilômetros e meio de largura"* e cerca de oitenta de comprimento, rodeada de montanhas, observa a seguir: *"Se pudéssemos tê-la visto imediatamente após o desastre diluviano, ou qual seja a convulsão da natureza que a ocasionou, bem antes de as águas afluírem para aí, que terrível abismo não nos teria parecido".*

"Tão altas se alçavam as túmidas colinas
Quão baixo se afundava o côncavo álveo, vasto e fundo
Espaçoso leito das águas. "

Mas se, usando o menor diâmetro de Loch Fyne, aplicarmos essas proporções ao Walden, o qual, conforme vimos anteriormente, já se revela num corte vertical apenas como um prato raso, ele se revelará quatro vezes mais raso. O mesmo ocorre se esvaziarmos o Loch Fyne, que terá *aumentados* os horrores de seu abismo. Não resta dúvida que muitos vales prazenteiros com seus extensos milharais ocupam exatamente esse *"horrível abismo"* do qual as águas retrocederam, embora seja necessária a perspicácia do geólogo, que vê as coisas de perto e à distância, para convencer os inocentes habitantes da realidade deste fato. Muitas vezes o olhar curioso pode reconhecer ao pé das colinas do horizonte em curva, as praias de um primitivo lago, e nenhuma elevação subseqüente da planície tornou-se necessária para esconder a sua história. No entanto é bem mais fácil, como sabem os que trabalham em estradas, descobrir as cavidades pelas poças depois das chuvas. Em suma, a imaginação, uma vez que se lhe dê corda, mergulha mais fundo e se eleva mais alto do que a própria natureza. Assim, provavelmente a profundidade do oceano há de se revelar pouco considerável se comparada à sua extensão.

Como fazia sondagens através do gelo, pude determinar a forma do leito com maior exatidão do que é possível ao examinar portos que não se congelam, e me surpreendi com sua extrema regularidade. Na parte mais profunda há diversos trechos mais planos que a maioria dos campos expostos ao sol, ao vento e ao arado. Em certo caso, numa linha escolhida arbitrariamente, a profundidade não variou mais de trinta centímetros em cento e cinqüenta metros; e em geral, já próximo do centro, a cada trinta e cinco metros em qualquer direção eu podia calcular antecipadamente a variação em três ou quatro polegadas. Há quem costume falar de buracos profundos e perigosos mesmo em lagos mansos e com muita areia como este, mas o efeito da água em tais circunstâncias é nivelar todas as diferenças. A regularidade do fundo e sua conformidade às margens e à cadeia de colinas adjacentes eram tão perfeitas que um promontório distante se mostrava nas sondagens através do lago, e sua direção podia ser determinada observando-se a margem oposta. Cabo torna-se barra; planície, banco de areia; vale e despenhadeiro, água profunda e canal.

Quando mapeei o lago na escala de cinqüenta metros por polegada; e anotei as sondagens, ao todo mais de cem, observei uma notável coincidência. É que tendo notado que o número a indicar a maior profundidade estava aparentemente no centro do mapa, coloquei uma régua no sentido do comprimento e em seguida no da largura, e descobri, para minha surpresa, que a linha do maior comprimento cortava a linha da maior

largura exatamente no ponto de maior profundidade, não obstante o fato de que o centro seja quase plano, o contorno nada regular, e o comprimento e a largura máximos tivessem sido medidos a partir de enseadas; e disse a mim mesmo: Quem sabe se essa pista não nos levaria ao trecho mais fundo do oceano, assim como nos leva ao de um lago e de uma poça? Não se trata da mesma regra para a altura das montanhas, vistas como opostas aos vales? Sabemos muito bem que uma colina não é mais elevada em sua parte mais estreita.

De cinco enseadas, três, ou todas as que foram objeto de sondagens, apresentavam uma barra ao longo de suas entradas e nelas a água era mais profunda, de modo que a baía costumava ser uma expansão de água terra adentro, não só no sentido horizontal mas também no vertical, e formar uma bacia ou lago independente, a direção dos dois cabos mostrando o curso da barra. Todo porto no litoral marítimo também apresenta uma barra à entrada. Na proporção em que a entrada da enseada era mais larga que seu comprimento, a água sobre a barra era mais funda que a da bacia. Dados, portanto, o comprimento e a largura da enseada, bem como as características das margens adjacentes, há elementos bastantes para elaborar uma fórmula para todos os casos.

A fim de ver até que ponto eu podia, valendo-me dessa experiência, calcular o local mais profundo de um lago pela simples observação do desenho da superfície e do tipo das praias, fiz um traçado do lago White, que se estende por dezesseis hectares e meio e, como o Walden, não tem nenhuma ilha, nem sequer afluente ou sangradouro visível; e como as linhas de maior e de menor largura caíam muito perto uma da outra, onde dois cabos opostos se aproximam, e duas baías opostas recuavam, arrisquei a assinalar como o ponto mais fundo um a pequena distância da última linha, mas ainda na de maior comprimento. Descobriu-se que a parte mais funda se achava a uns trinta metros daí, ainda mais longe na direção que eu tinha apontado e era apenas trinta centímetros mais funda, chegando precisamente a vinte metros. É claro que, se houvesse no lago uma ilha ou uma corrente atravessando-o, o problema seria bem mais complicado.

Se conhecêssemos todas as leis da natureza, não precisaríamos mais que de um fato ou da descrição de um fenômeno real para deduzir daí todas as conseqüências particulares. Até agora conhecemos apenas umas poucas leis e o resultado que obtemos é invalidado, claro que não por qualquer desordem ou irregularidade da natureza, mas por nossa ignorância de elementos essenciais para o cálculo. Nossas noções de lei e harmonia costumam estar confinadas aos exemplos que percebemos; mas a harmonia que decorre de um número bem maior de leis, aparentemente conflitantes mas na realidade concorrentes, e que ainda não descobrimos, é ainda mais maravilhosa. As leis particulares são como nossos pontos de vista, como para um viajante o contorno de uma montanha, que varia a cada passo e apresenta um número infindo de perfis embora sua forma seja uma só. Mesmo que fendêssemos e perfurássemos a montanha não a abrangeríamos em sua totalidade.

O que me foi dado observar a propósito do lago aplica-se não com menos verdade à ética. Trata-se da lei do meio termo. A regra dos dois diâmetros não só nos guia em direção ao sol no seu sistema e ao coração no homem, como também traça linhas no sentido de comprimento e de largura no conjunto dos procedimentos particulares do dia-a-dia de um homem e das ondulações da vida em suas enseadas e afluentes, e ali, onde as linhas se cruzam, há de estar a altura ou profundidade de seu caráter. Talvez bastasse conhecer apenas a tendência de suas margens e campos adjacentes ou circunstâncias propriamente ditas para inferir sua profundidade e o leito oculto. Se ele se vê, como num litoral de Aquiles, cercado por circunstâncias montanhosas, cujos picos jogam sombras e reflexos em seu peito, supõe-se uma correspondente profundidade nele. Já uma costa baixa e suave denuncia-o, pelo contrário, como superficial. Em nossos corpos, testa ousada e proeminente indica proporcional profundidade de pensamento. Assim também existe uma barra à entrada de cada uma de nossas enseadas ou inclinações particulares; cada uma delas é nosso porto durante uma temporada, e aí nos detemos parcialmente abrigados. Tais inclinações de um modo geral não são caprichosas, mas sua forma, tamanho e sentido são determinados pelos promontórios do litoral, os

antigos eixos de elevação. Quando essa barra cresce paulatinamente devido a tempestades, marés ou correntes, ou quando há um declínio das águas, de modo que ela aflore, o que a princípio não passava de um declive na praia em que se podia abrigar um pensamento, logo se transforma num lago individual, desvinculado do oceano e onde o pensamento garante suas próprias condições e mudanças, e passa de salgado a doce, tornando-se mar salobro, mar morto ou pântano. À vinda de cada indivíduo a este mundo, não podemos supor que uma barra dessas aflorou em algum lugar? É bem verdade que somos navegadores tão precários que nossos pensamentos em geral bordejam à vista da terra num litoral sem ancoradouros, versados apenas nas curvas mais abertas dos versos, ou se dirigem aos portos de entrada franqueada ao público, ou às docas secas da ciência, onde tão somente se reciclam para este mundo, sem que correntes naturais contribuam para individualizá-los.

Quanto a afluente ou sangradouro do Walden, não descobri nada além de chuva, neve e evaporação, embora com um termômetro e linha de sonda talvez se possa encontrar esses pontos, pois onde a corrente entra no lago a água há de ser mais fria no verão e mais quente no inverno. Em 1846 ou 47, quando os geleiros estavam de serviço por estas bandas, certo dia os blocos de gelo remetidos ao litoral foram rejeitados por aqueles que os empilhavam, por não se acharem suficientemente espessos para permanecerem lado a lado com os restantes; os cortadores descobriram então que o gelo de um pequeno trecho era duas ou três polegadas mais delgado que o de outros lugares, o que os fez pensar que havia ali um afluente. Também me mostraram em outro ponto o que supunham ser um "*escapamento*" através do qual o lago escoava por baixo de uma colina invadindo um prado próximo, e me fizeram subir numa crosta de gelo para apreciar o vazamento. Tratava-se de pequena cavidade uns três metros debaixo d'água; contudo acho que posso garantir não haver necessidade de solda para o lago a não ser que me arranjem um vazamento pior que esse. Alguém sugeriu que, caso se descobrisse tal *"escapamento"*, a sua possível conexão com o prado podia ser testada mediante a colocação de pó ou poeira colorida na entrada do buraco e depois, sobre a nascente no prado, uma peneira que recolheria as partículas carregadas pela corrente.

Enquanto inspecionava, o gelo, que tinha espessura de dezesseis polegadas, ondulava que nem água sob a brisa suave. É fato consabido que não se pode usar um nível sobre o gelo. A uns cinco metros da praia, sua maior flutuação, quando observada por meio de um nível sobre o terreno assestado no rumo da mira graduada no gelo, chegava a quase uma polegada, embora o gelo parecesse firmemente preso à costa. A flutuação, com toda a probabilidade, era maior no centro. No entanto, se nossos instrumentos fossem bastante delicados, quem sabe não poderíamos detectar uma ondulação na crosta da terra? Quando parte do tripé do nível se achava sobre a praia e parte sobre o gelo, e a mira voltada para este último, uma elevação ou queda de gelo de proporções quase infinitesimais acarretava diferença de mais de metro numa árvore da margem oposta. Quando comecei a cortar buracos para fazer sondagens, havia três ou quatro polegadas de água entre a espessa camada de neve e o gelo que baixara de nível; mas a água começou logo em seguida a fluir dentro desses buracos, e durante dois dias continuou a correr em fundos caudais que acabaram com o gelo de ambos os lados e contribuíram essencialmente, se não acima de tudo, para secar a superfície do lago; isto porque, à medida que a água penetrava, erguia e fazia flutuar o gelo. Era como cortar um orifício no fundo de um navio para deixar a água sair. Ao se congelarem tais buracos, sobrevém a chuva e a seguir novo congelamento cobre-os com um gelo recente e liso, lindamente matizado na parte interna por formas escuras que lembram teias de aranha e podem ser chamadas de rosáceas de gelo, e são produzidas pelos sulcos d'água ao convergirem para aquele centro. Algumas vezes, também, quando o gelo estava coberto de poças rasas, via uma sombra dupla de mim mesmo, uma na frente da outra, a primeira sobre o gelo, a outra nas árvores ou na encosta.

Se ainda faz frio em janeiro, e a neve está espessa e o gelo sólido, o dono de casa previdente vem do povoado apanhar gelo para refrescar sua bebida no verão; de forma impressionante, até mesmo patética, tem a sabedoria de prever, já em janeiro, vestido de casacão de inverno e luvas, o calor e a sede de julho! Isto quando tantas outras coisas deixam de ser providenciadas. É possível que ele guarde neste mundo tesouros que não

irão refrescar suas bebidas de verão no outro mundo. Favorecido pelo ar frio do inverno, ele corta e serra o lago sólido, destelha a casa dos peixes e arranca-lhes o próprio elemento ou atmosfera, que amarrado em correntes e estacas feito feixe de lenha, vai para os úmidos porões onde passa o verão. Ao ser arrastado pelas ruas, parece, à distância, um fragmento solidificado do céu. Os cortadores de gelo são uma raça, brincalhona de caçoadores e folgazões; e assim quando eu estava no meio deles, costumavam me convidar para ajudá-los a usar a serra vertical, eu ficando por baixo.

Gerta manhã no inverno de 1846/47, uma centena de nórdicos invadiu nosso lago com muitas carroças repletas de instrumentos agrícolas de aspecto desajeitado, trenós, arados, semeadoras, facas para turfa, pás, serrotes, ancinhos, cada um deles armado de alabarda de ponta dupla, de tipo não descrito nem no *"New-England Farmer"* nem no *"Cultivator".* Não sabia se eles tinham vindo semear centeio no inverno, ou outro gênero de grão recém-importado da Islândia. Não tendo visto nenhum adubo, julguei que pretendiam tão só roçar o terreno, como eu havia feito, por pensar que o solo era profundo e havia repousado bastante. Disseram-me que um fazendeiro distinto estava por trás de todo aquele movimento, querendo duplicar seu dinheiro, que, segundo entendi, já montava a meio milhão; mas no objetivo de cobrir cada um de seus dólares com outro, no meio do inverno mais duro, tirou o único casaco, isto mesmo, a própria pele do lago Walden. Logo se puseram a trabalhar, arando, gradando, revolvendo, cavando sulcos, tudo em admirável ordem, como se estivessem propensos a criar ali uma fazenda modelo; mas quando eu quis examinar para ver que tipo de semente eles lançavam nos sulcos, uma turma de camaradas a meu lado começou a apanhar a própria terra virgem, com um gesto peculiar, despejando-a na areia, ou melhor na água — pois se tratava de um solo regado por nascentes, como aliás é toda a terra firme — para carregá-la em seguida nos trenós, e então calculei que deviam estar cortando turfa. Assim, com o guincho característico da locomotiva, eles chegavam e se mandavam a cada dia, vindo ou indo em demanda de algum ponto da região polar, tal e qual um bando de aves árticas. Às vezes, porém, a índia Walden tirava sua desforra, e um dos trabalhadores, caminhando a reboque da turma, escorregava por uma das fendas do chão rumo ao Tártaro, e aquele que antes era tão audaz se via de uma hora para outra reduzido a um tico de gente enregelado de frio e, satisfeito por se refugiar na minha casa, reconhecia as virtudes de um fogão; de outra feita era o solo congelado que arrancava uma peça de aço de um arado, ou era este mesmo que encalhava num sulco e tinha que ser removido.

Para ser exato, uma centena de irlandeses chefiados por capatazes ianques vinha de Cambridge todos os dias para apanhar gelo. Eles, por métodos bastante conhecidos para serem descritos, dividiam-no em barras que eram levadas de trenó até a praia onde, rapidamente içadas para uma plataforma por meio de ganchos de ferro e de talhas puxadas a cavalo, eram empilhadas como se faz com uma porção de barris de farinha, uma ao lado da outra, fileira sobre fileira, formando a sólida base de um obelisco destinado a furar as nuvens. Disseram-me que num dia rendoso podiam retirar de menos da metade de um hectare até mil toneladas. Como se o gelo fosse *terra firme,* sulcos fundos e *"escavações de lavra"* eram deixados pela passagem dos trenós sobre a mesma pista, e os cavalos comiam sempre suas rações de aveia em buracos no gelo que funcionavam como baldes. Os trabalhadores empilhavam os blocos de gelo ao ar livre num monte de mais de dez metros de altura e que ocupava o espaço de mais de trinta metros quadrados, colocando feno nas camadas externas para protegê-los do ar; porque o vento, nem sempre tão frio, ao encontrar uma passagem através deles, faz enormes cavidades, deixando apenas aqui e ali finos suportes ou barrotes, até que por fim o monte se desmorona. No começo ele dava a impressão de uma vasta fortaleza azul ou Valhalla; mas à medida que os trabalhadores começaram a enfiar o grosseiro feno do prado nas frinchas do gelo, e ele ficou coberto de geada e pingentes, mais parecia uma venerável e encanecida ruína coberta de musgo e construída em mármore azul celeste, a própria morada do Inverno, o velhinho que vemos nos almanaques — seu barraco ali, como se planejasse passar o verão conosco. Pelos cálculos nem vinte e cinco por cento do gelo chegariam ao destino, sendo que dois ou três por cento se perderiam nos carros de transporte. Entretanto, uma parte ainda bem maior desse montão de gelo tinha um fim diverso do que se pretendia e nunca chegava ao mercado, ou

porque o gelo não se mantinha o tempo previsto, ou por conter mais ar que habitualmente, ou por outra razão qualquer. Este gelo, amontoado no inverno de 1846/47 e estimado em dez mil toneladas, foi por fim recoberto de feno e tábuas, e embora descoberto em julho, uma parte dele sendo levada e o restante permanecendo exposta ao sol, atravessou o verão e o inverno seguinte e só derreteu completamente em setembro de 1848. Assim o lago acabou por recuperar a maior parte.

Como a água, o gelo do Walden, se visto de pertinho, é de um tom esverdeado, mas à distância é maravilhosamente azul e distingue-se com toda facilidade do gelo branco do rio ou daqueles um tanto acinzentados de alguns lagos a quatrocentos metros adiante. Às vezes uma dessas grandes placas de gelo escorrega do trenó do geleiro no meio da rua e ali fica por uma semana feito uma imensa esmeralda a atrair a atenção dos transeuntes. Observei que uma porção da água esverdeada do Walden, muitas vezes, ao congelar-se, parecerá azul se vista do mesmo ângulo. Assim, durante o inverno, as cavidades na superfície do lago enchem-se às vezes de água esverdeada mais ou menos da sua cor característica, mas no dia seguinte, ao se congelar, ela se torna azul. Talvez o azul da água e do gelo deva-se à luz e ao ar que contêm, e quanto mais transparente mais azul. O gelo é um interessante objeto de contemplação. Contaram-me que havia nos depósitos de gelo de Fresh Pond (Lago Fresco) algumas barras com cinco anos ainda perfeitas. Por que será que a água de um balde logo se torna pútrida e a congelada se conserva sempre fresca e pura? Diz-se comumente que aí reside a diferença entre as afeições e a inteligência.

Assim foi que, durante dezesseis dias vi da minha janela uma centena de homens a trabalharem como diligentes lavradores, munidos de juntas e cavalos e aparentemente de todos os implementos agrícolas, tal como se vê nas figuras da primeira página do almanaque; e de todas as vezes que eu os olhava vinha-me à lembrança a fábula da cotovia e dos segadores, ou a parábola do semeador e outras semelhantes; agora todos se foram, e daqui a um mês, provavelmente, quando desta mesma janela eu der com o puro verde-mar das águas do Walden a refletir nuvens e árvores e a emanar seus vapores em solidão, não restará traço algum de que homens um dia ali estiveram. Talvez eu venha a ouvir um mergulhão solitário a gargalhar enquanto mergulha e alisa as penas, ou venha a ver um pescador sozinho em seu barco como uma folha flutuante, divisando sua figura refletida nas ondas, onde não faz muito tempo trabalhava em segurança uma centena de homens.

Assim parece que bebem do meu poço os encalorados e suarentos habitantes de Charleston e Nova Orleans, de Madras, Bombaim e Calcutá. Pela manhã banho meu intelecto na estupenda e cosmogônica filosofia do Bhagvad-Gîtâ, cuja composição data de muitos anos divinos e que em comparação com a qual nosso mundo moderno e sua literatura parecem insignificantes e triviais; e pergunto se aquela filosofia não se refere a um estado de existência anterior, tão remota sua sublimidade é de nossas concepções. Deixo de lado o livro e me dirijo ao poço para beber água, e eis que deparo com o servo de Bramim, sacerdote de Brahma, Vishnu e Indra, que se senta quietinho em seu templo junto ao Ganges a ler os Vedas, ou mora junto às raízes de uma árvore com sua côdea e seu jarro d'água. Encontro o servo que vem buscar água para seu senhor e nossos baldes como que se chocam no mesmo poço. As puras águas do Walden misturam-se com as sagradas do Ganges. Com o favor dos ventos são impelidas para além do local das fabulosas ilhas da Atlântida e das Hespérides, fazem o périplo de Hanno, e flutuando por Ternate e Tidro na entrada do Golfo Pérsico, dissolvem-se nas moções tropicais dos mares da índia e chegam a portos dos quais Alexandre mal ouviu os nomes.

PRIMAVERA

Abertura de largas extensões pelos cortadores de gelo leva, comumente, o lago a romper-se antes da hora, pois a água agitada pelo vento, mesmo no tempo frio, desgasta o gelo circundante. Entretanto não foi isso o

que aconteceu naquele ano com o Walden, que logo tratou de arranjar um espesso manto para substituir o velho. Este lago não se rompe tão cedo como os demais da vizinhança, seja por conta de sua maior profundidade, seja pela ausência de corrente que o atravesse fundindo e corroendo o gelo. Nunca soube que ele rachasse durante o inverno, mesmo no de 1852/53, que representou uma provação para os lagos. Seu degelo costuma iniciar-se por volta de 1º de abril, uma semana ou dez dias depois do lago de Flint e Fair-Haven, começando a se fundir ao norte e nas partes mais rasas, as primeiras a se congelarem. Por ser menos afetado pelas variações transitórias de temperatura, o lago indica em termos absolutos o progresso da estação melhor que qualquer água das redondezas. Uma onda de frio de poucos dias em março pode retardar muito o degelo dos outros lagos, enquanto que a temperatura do Walden aumenta quase que ininterruptamente. Um termômetro colocado no centro do Walden a 6 de março de 1847, marcou 32° Fahrenheit, isto é, o ponto de congelamento; próximo à margem, 33°; no centro do de Flint, no mesmo dia, 32 1/2°; a uns sessenta metros da praia, na água rasa, sob gelo de uns trinta centímetros, 36°. Essa diferença de três graus e meio entre a temperatura da água funda e a da rasa no de Flint, e o fato de que grande parte dele é em comparação rasa, mostra porque ele se rompe bem antes do Walden. A essa altura o gelo na parte mais rasa era várias polegadas mais delgado que no centro. No auge do inverno dá-se o contrário, o centro fica mais morno e o gelo aí mais delgado. Assim também, qualquer pessoa que tenha andado pelas praias de um lago no verão deve ter percebido que a água mais próxima das margens, com a fundura de somente três ou quatro polegadas, ou mais adiante, junto à tona de onde não dá pé, é bem mais quente que a do fundo. Na primavera, o sol exerce influência não apenas por meio do aumento da temperatura do ar e da terra, mas também porque o seu calor atravessa o gelo com espessura de trinta ou mais centímetros, e se reflete a partir do fundo na água rasa, de maneira que aquece a água e derrete o gelo por baixo, ao mesmo tempo em que o está derretendo mais diretamente por cima, tornando-o desigual e fazendo com que as bolhas d'água que ele contém se dilatem para cima e para baixo, esculpindo-o como um favo de mel, até que, por fim, desaparece de repente com uma única chuva de primavera. O gelo, tal e qual a madeira, tem seus veios, e quando um bloco começa a se estragar ou se esburacar, tomando a aparência de um favo de mel, em qualquer posição que se encontre, os alvéolos de ar estão sempre em ângulo reto com a superfície da água. E onde há pedras ou pedaços de madeira emergindo próximos à superfície, o gelo que os recobre é bem mais fino e amiúde se funde completamente devido ao calor que aí se reflete; contaram-me que em Cambridge num experimento para congelar água num tanque raso de madeira, embora o ar frio circulasse por baixo, atingindo-a portanto de ambos os lados, o reflexo do sol a partir do fundo contrabalançava de longe essa vantagem. Quando no meio do inverno uma chuva tépida dissolve a neve congelada no Walden e deixa-lhe no centro uma rija camada de gelo, escura ou transparente, nota-se em torno das margens, criada pelo calor refletido, uma faixa de gelo branco, deteriorado embora mais grosso, e com cinco ou mais metros de largura. Aqui também, como já mencionei anteriormente, as próprias bolhas dentro do gelo operam como espelhos ustórios derretendo o gelo que lhes fica por baixo.

A cada dia o fenômeno da passagem do ano ocorre em pequena escala num lago. De um modo geral, a cada manhã a água rasa se aquece mais rapidamente que a funda, embora com o tempo não possa mais se aquecer, e a cada tarde se esfria mais depressa até a manhã seguinte. O dia é um resumo do ano. A noite é o inverno, a manhã e a tarde são a primavera e o outono, e o meio-dia é o verão. O estalo e o reboar do gelo indicam uma mudança de temperatura. Em uma agradável manhã após uma noite fria, a 24 de fevereiro de 1850, tendo ido passar o dia junto ao lago de Flint, observei surpreso que aos golpes do meu machado o gelo ressoava feito um gongo por dezenas de metros ao redor, ou como se eu tivesse batido no couro firme de um tambor. O lago começava a crepitar mais ou menos uma hora depois do nascer do sol, quando recebia o influxo dos raios caindo oblíquos sobre ele do alto das montanhas; ele se espreguiçava e bocejava como um homem que desperta, num tumulto que ia aumentando gradualmente e se mantinha por três ou quatro horas. Ao meio-dia tirava uma pequena sesta, e ressoava mais uma vez lá pela noite, já sem a influência do sol. Quando o tempo evoluciona dentro do previsto, um lago explode seus tiros vespertinos com muita regularidade. Mas no meio do dia, já repleto de fendas, e o ar estando também menos elástico, perdia por completo sua ressonância e provavelmente não podia mais atordoar com um estouro os peixes e ratos almiscareiros. Dizem os pescadores que o "trovejar do lago" assusta os peixes impedindo-os de morderem o anzol. O lago porém não troveja todo entardecer, nem posso afirmar com segurança quando costuma trovejar; mas embora eu não possa

perceber nenhuma diferença no tempo, o lago pode. Quem diria que uma coisa tão larga e fria, e de pele tão grossa, fosse tão sensível? Contudo ele tem sua lei, e em obediência a ela troveja quando deve, infalível que nem o desabrochar dos botões na primavera. O mundo inteiro está vivo e coberto de papilas. O maior dos lagos é tão sensível às mudanças atmosféricas quanto glóbulos de mercúrio num barômetro.

Ao ir morar nos bosques, um dos atrativos era que assim teria o vagar e a oportunidade para assistir à chegada da primavera. No lago, finalmente, o gelo começa a se encher de cavidades e posso enfiar nele o calcanhar à medida que caminho. Névoas, chuvas e sóis mais quentes vão pouco a pouco derretendo a neve; os dias já se tornam sensivelmente mais compridos e vejo que atravessarei o inverno sem precisar acrescentar lenha à minha pilha, pois não é mais necessário muito fogo. Fico à espreita dos primeiros sinais da primavera, a ouvir o canto fortuito de algum pássaro que chega, ou o pio do esquilo listrado, cujas provisões devem estar quase esgotadas, ou a ver a marmota aventurar-se fora de seu alojamento de inverno. A 13 de março, depois de já ter ouvido o azulão, o pardal e o tordo, o gelo tinha ainda quase trinta centímetros de espessura. O tempo se tornando mais quente, ele não se desgastou muito com a água, nem se quebrou e flutuou nos rios, e embora já completamente derretido na largura de mais de dois metros em volta das margens, o centro estava apenas esburacado e saturado de água, de modo que se podia pisar nele quando tinha a grossura de seis polegadas; mas ao entardecer do dia seguinte, após uma chuva morna seguida de cerração, teria desaparecido por completo, todo carregado pela bruma; sumido. Um ano atravessei o centro do lago apenas cinco dias antes que ele desaparecesse totalmente. Em 1845 o Walden se desembaraçou por completo do gelo a 1º de abril; no ano seguinte a 25 de março; em 1847, a 8 de abril; em 1851, a 28 de março; em 1852, a 18 de abril; em 1853, a 23 de março; em 1854, lá pelo dia 7 de abril.

Qualquer incidente relacionado com o degelo dos rios e lagos e a estabilização do tempo tem especial interesse para nós que vivemos num clima de tão grandes extremos. Quando chegam os dias mais quentes, aqueles que moram nas proximidades do rio ouvem o gelo quebrar-se à noite com um barulho assustador, tão alto como se fosse de artilharia, dando a impressão de que cadeias de gelo se romperam de ponta a ponta, e dentro de poucos dias vêem-no ir-se embora rapidamente. Assim sai o jacaré da lama fazendo estremecer a terra. Um velho, de longa data atento observador da natureza e aparentemente profundo entendido em tudo que lhe diz respeito, como se ela fosse um navio que ele quando rapazinho viu no estaleiro e ajudou a colocar-lhe a quilha, e que tendo atingido a plenitude, mal pode adquirir mais conhecimentos sobre ela, mesmo que venha a viver tanto quanto Matusalém, contou-me, — enquanto eu me surpreendia ao ouvi-lo expressar encantamento por qualquer fato da natureza, pois imaginava que não havia mais segredo entre os dois — que certo dia de primavera apanhou sua arma e seu barco com o intento de se divertir caçando patos. Ainda havia gelo nos prados, mas não mais no rio, de modo que viajou correnteza abaixo sem maiores problemas, indo de Sudbury, onde morava, ao lago de Fair Haven, que encontrou inesperadamente coberto em sua maior parte por uma firme camada de gelo. Fazia calor e ele se surpreendeu ao deparar-se com tamanha quantidade de gelo. Não vendo logo os patos, escondeu o barco ao norte, atrás de uma ilha no lago, e ocultou-se no arvoredo do lado sul para aguardá-los. O gelo derretera e a uns quinze ou vinte metros da praia havia um lençol d'água tranqüilo e morno com lodo dentro, no fundo, como os patos gostam, e ele pensou que com toda a probabilidade não tardariam a aparecer alguns. Depois de permanecer ali quieto mais ou menos uma hora, ouviu um som abafado e, ao que parecia, muito remoto, mas estranhamente forte e impressionante, diferente de tudo que já ouvira, expandindo-se e aumentando pouco a pouco, como se fosse ter um fim universal e memorável, uma soturna torrente e um berro ensurdecedor, que lhe pareceu de súbito o som de uma vasta revoada de aves vindo pousar ali, e, tomando a arma, alvoroçou-se apressado e com excitação; mas descobriu, para seu espanto, que toda a massa de gelo tinha se soltado e deslizava raspando as margens — de começo suavemente mordiscadas e esboroadas, mas por fim o gelo ia levantando e espalhando seus destroços pela ilha a uma altura considerável antes de serenar.

Por fim os raios do sol caem perpendiculares; os ventos cálidos fustigam chuvas e neblinas e fundem as camadas de neve; e o sol, dispersando as névoas, sorri a uma paisagem variegada de castanho avermelhado e

do branco enfumaçado de incenso, pela qual o viajante passa indo de uma ilhota a outra, animado pela música de milhares de murmurantes córregos e arroios, em cujas veias corre o sangue do inverno que eles vão carregando.

Poucas coisas me dão mais prazer que observar as formas que a areia e o barro assumem durante o degelo, ao escorrerem pelas encostas do talude da ferrovia, por onde passo a caminho do povoado, fenômeno não muito comum em grande escala, embora o número de novas barrancas desse tipo de material tenha se multiplicado muito depois da invenção da estrada de ferro. O material compõe-se de areia de tudo quanto é grau de finura e de cores de rico matiz, comumente misturada com um pouco de argila. Quando se dá o degelo na primavera, e até mesmo num dia de inverno em que ocorra descongelamento, a areia começa a escorrer pelas encostas como se fosse lava, por vezes aflorando em meio à neve e submergindo-a em pontos onde antes não se via areia alguma. Inúmeras e pequenas correntes se sobrepõem e se entrelaçam mostrando uma espécie de produto híbrido, que obedece parte à lei da correnteza, parte à da vegetação. A medida que flui vai tomando as formas de viçosas folhas ou vinhas, criando montes de polpudos ramículos com mais de um palmo de altura, e lembrando, se os olhamos de cima, os talos franjados, lobados e imbricados de alguns liquens; ou os associamos a corais, patas de leopardos, pés de pássaros, miolos, pulmões ou tripas, e excrementos de toda espécie. É de fato uma vegetação grotesca, cujas formas e cores vemos reproduzidas em bronze, um tipo de folhagem arquitetônica mais antiga e característica que as folhas de acanto, chicória, hera, vinha ou quaisquer outras; talvez destinada, em certas circunstâncias, a tornar-se um quebra-cabeça para os futuros geólogos. O talude inteiro me impressionava como se fosse uma caverna com seus estalactites expostos à luz do dia. Os vários tons de areia são excepcionalmente ricos e agradáveis, abarcando as diversas cores do ferro, marrom, cinzento, amarelo e avermelhado. Quando a massa a fluir alcança o bueiro ao pé do talude, derrama-se mais achatada em *praias,* as correntes isoladas perdem suas formas semicilíndricas e pouco a pouco se tornam mais chatas e largas, correndo juntas por estarem mais úmidas, até formarem uma *areia* quase plana e ainda assim modelada com lindos matizes, mas na qual se podem rastrear as formas originais de vegetação; até que por fim, já dentro d'água, elas se convertem em *bancos,* como os que se formam na foz dos rios, e as formas vegetais se perdem nas ondulações do leito.

O talude inteiro, que mede de seis a doze metros de altura, cobre-se às vezes, de um ou dos dois lados, numa extensão de quatrocentos metros, com a massa desse tipo de folhagem, ou esboroamento arenoso, resultante de um só dia de primavera. O que torna admirável essa folhagem de areia é o seu aparecimento súbito. Quando vejo um dos lados do talude sem vida — pois o sol age primeiro só de um lado — e do outro essa luxuriante folhagem, criação de uma hora, sinto-me tão comovido como se de certo modo me encontrasse no laboratório do Artista que fez o mundo e a mim, ali chegando quando ele estivesse ainda em atividade, divertindo-se nessa barranca e espalhando em torno, com excesso de energia, seus novos esboços. Sinto-me como se estivesse mais perto das partes vitais do globo, pois esse transbordamento arenoso é algo semelhante à massa foliácea das entranhas do corpo animal. Encontra-se deste modo nas próprias areias uma antecipação da folha vegetal. Não causa espanto que a terra se manifeste exteriormente por meio de folhas, tanto que as elabora por dentro. Os átomos já aprenderam essa lei, e estão prenhes dela. A folha, suspensa na árvore, tem aí o seu protótipo. *Internamente,* seja no globo terrestre ou no corpo animal, a folha é um lóbulo úmido e espesso, termo especialmente aplicável ao fígado, aos pulmões e aos folículos adiposos (Àeípco, *labor, lapsus,* fluir ou escorregar para baixo, um lapso; Ào(ʒaç, *globus,* lobo, globo; também *lap* e *flap,* e muitas outras palavras) *externamente* uma *folha* seca e fina, mesmo porque o *f* e o *v*[16] são um *b* espremido e ressecado. As consoantes de lóbulo são l*b,* a suave massa do *b* (unilobulado, ou B, bilobulado) com a líquida l atrás dela empurrando-a para a frente. Em globo, *glb,* a gutural *g* adiciona ao significado a capacidade da garganta. As penas e asas dos pássaros são folhas ainda mais secas e delgadas. Assim, também, passa-se da informe lagarta

[16] O autor refere-se ao vocábulo inglês leaf (folha) e seu plural leaves. Note-se ainda o significado de lap (aba) e flap (aba, fralda). (N. T.)

na terra à aérea e volátil borboleta. O próprio globo avança e se translada incessantemente, tornando-se alado em sua órbita. Até o gelo começa por delicadas folhas de cristal, como se acondicionado em moldes que as frondes das plantas aquáticas houvessem imprimido no espelho líquido. A árvore inteira não passa de uma folha, e os rios são folhas ainda mais vastas cuja polpa é a terra que se interpõe, e as cidades são ovas de inseto nas reentrâncias das hastes.

Quando o sol se põe a areia cessa de fluir, mas pela manhã os riachinhos recomeçarão a ramificar-se e ramificar-se novamente numa infinidade de outros. Por aí se pode ter uma idéia de como se formam os vasos sangüíneos.

Se a pessoa olhar de perto, notará que da massa que se derrete primeiro, uma corrente de suave areia vai avançando com a extremidade em forma de gota, como a ponta de um dedo buscando, devagar e às cegas, o caminho de descida, até que finalmente com mais calor e umidade, à medida que o sol se eleva, a porção mais fluida, no esforço de obedecer à lei que também rege o mais inerte, separa-se da corrente de areia e forma por si um canal sinuoso ou uma artéria dentro da outra, na qual se pode ver um riozinho prateado, cintilando como um relâmpago e descendo de um local de folhas e ramas polpudas para outro, e de vez em quando sendo engolido pela areia. É maravilhosa a rapidez e perfeição com que a areia se organiza ao fluir, usando os materiais mais adequados de que dispõe em sua massa para formar as beiras pontiagudas de seu canal. Assim são os mananciais dos rios. No material de sílica que a água deposita talvez esteja o sistema ósseo, e no solo ainda mais fino e na matéria orgânica, as fibras da carne ou o tecido celular. Que é o homem senão um aglomerado de barro a se derreter? A ponta de seu dedo não passa de uma gota congelada. Dedos e artelhos fluem para as extremidades a partir da massa do corpo em degelo. Quem sabe o que adviria do corpo humano ao se expandir e fluir sob céus mais propícios? Acaso não é a palma da mão uma palma ou folha de palmeira extendida, com seus lóbulos e veios? A orelha pode ser vista, imaginosamente, como um líquen, *umbilicária,* sobre o lado da cabeça, com seu lóbulo ou pingo. Os lábios — *labium,* de *labor(?)* — projetam-se ou caem das beiras da caverna da boca. O nariz é um óbvio pingente congelado ou estalactite. Já o queixo é uma gota bem maior, para onde convergiu todo o pingar do rosto. As faces são o plano inclinado que vai das sobrancelhas ao vale do rosto e se espalha alteado pelos zigomas. Cada lóbulo arredondado da folha vegetal é também um espesso e constante pingo remanchão, seja maior ou menor; os lóbulos são os dedos da folha; e quanto mais lóbulos apresente, em mais direções tende a fluir, e mais calor ou outras influências favoráveis teriam contribuído para expandi-la mais.

Parece, portanto, que essa única encosta ilustrava o princípio de todas as operações da natureza. O Criador desta terra patenteara apenas uma folha. Que Champollion decifrará para nós esse hieróglifo, de modo que possamos afinal virar mais uma folha? Esse fenômeno é para mim mais estimulante que a exuberância e fertilidade dos parreirais. É bem verdade que ele é algo excrementício em suas características, e não há limites para os montes de fígado, olhos e intestinos, como se o mundo fosse virado pelo avesso; mas isso sugere pelo menos que a natureza possui entranhas e nesse particular é mais uma vez a mãe da humanidade. Eis a geada se retirando do chão; eis a primavera. O fim da geada precede o verdor e a floração primaveris, da mesma forma que a mitologia precede regularmente a poesia. Não sei de nada mais laxativo para os gases e indigestões do inverno. Isso me convence de que a terra ainda está nos cueiros e estende por todos os lados seus dedinhos de bebê. Cachos novos brotam da fronte mais calva. Não há nada inorgânico. Esses montes foliáceos deitam-se ao longo do barranco como a escória de uma fundição, mostrando que a natureza trabalha lá dentro "a todo vapor". A terra não é um mero fragmento da história passada, estrato sobre estrato feito as folhas de um livro a ser estudado pelos geólogos, e principalmente pelos arqueólogos, mas poesia viva como as folhas das árvores que antecedem flores e frutos — não uma terra fóssil, e sim uma terra cheia de vida. Toda vida animal e vegetal é simplesmente parasitária se comparada com a grande vida interior da terra. Suas convulsões lançarão nossos restos mortais para fora dos túmulos. Podeis fundir vossos metais e lançá-los dentro dos mais belos moldes que arranjardes; nunca me tocariam como as formas que a terra em fusão apresenta. E não só ela, mas também suas instituições, maleáveis como barro nas mãos do oleiro.

Dentro em pouco, não apenas por estas ribanceiras, mas em todas as serras, planícies e vales, o gelo sairá do chão como um quadrúpede que até há pouco dormia em sua toca e agora procura o caminho do mar com música ou emigra em nuvens para outros climas. Thaw, o degelo, com sua meiga persuasão, é mais poderoso que Thor, com seu martelo. Um derrete, o outro quebra em pedaços.

Quando o solo estava em parte despido da neve e a superfície relativamente enxuta por conta de uns poucos dias cálidos, era um prazer comparar os primeiros tenros sinais do ano infante despontando junto com a solene beleza da vegetação ressequida que enfrentara o inverno — sempre-vivas, varas-de-ouro, heliântemos e graciosos capins-silvestres, em geral até mais visíveis e interessantes que no verão, como se a essa altura a beleza deles não houvesse ainda madurado; o mesmo se dá com o erióforo, os amentilhos, os verbascos, as ervas-de-são-joão, a flor-de-noiva e outras plantas de caule longo e resistente, todos inesgotável celeiro que hospeda os pássaros madruga-dores — ervas recatadas que vestem a natureza viúva. Sou particularmente atraído pela crista arqueada e em forma de feixe de certa gramínea; ela traz de volta o verão a nossas memórias no inverno, figura entre as formas que a arte gosta de imitar e, no reino vegetal, guarda, como na astronomia, relações arquetípicas com o ser humano. Trata-se de um antigo estilo, anterior ao grego ou egípcio. Muitos dos fenômenos do inverno sugerem inexprimível ternura e frágil delicadeza. Estamos acostumados a ouvir falar nesse rei como um tirano rude e tempestuoso; no entanto ele enfeita as madeixas do verão com a meiguice de um amante.

Com o aproximar-se da primavera os esquilos ruivos se enfiavam sob minha casa, dois de cada vez, bem debaixo dos meus pés quando me sentava a ler ou escrever, e entretinham os mais estranhos risinhos, pipilos, piruetas vocais e sons guturais que alguém já ouviu; e quando eu batia com o pé, eles apenas piavam mais alto, como se em suas loucas travessuras perdessem o medo e o temor, desafiando a humanidade que pretendia reprimi-los. Não se conseguia nada — *xicri, xicri.* Eram totalmente surdos a meus argumentos, ou não chegavam a perceber-lhes a força, e retomavam a toada agressiva que era insuportável.

O primeiro pardal da primavera! É o ano que se inaugura com uma esperança mais jovem que nunca! Sobre os campos úmidos e parcialmente despidos de neve, ouvem-se os lânguidos e argentinos gorgeios do azulão, do pardal cantor e do tordo menor, como se tilintassem ao cair os últimos flocos do inverno. Num momento desses o que representam histórias, cronologias, tradições e todas as revelações por escrito? Os arroios cantam madrigais e hinos de Natal à primavera. O gavião do charco, voando rasante sobre o prado, já está em busca da primeira vida que desperta no lodo. O som minguante da neve se derretendo invade todos os pequenos vales, e num átimo o gelo se dissolve nos lagos. O capim flamejando pelas encostas parece o fogo da primavera, — *"et primitus oritur herba imbribus primoribus evocata"*[17] — como se a terra irradiasse um calor interno para saudar o retorno do sol; não amarela, e sim verde, é a cor da sua chama; — é o símbolo da perpétua juventude, a folha da gramínea, que feito uma longa fita verde brota da terra para o verão, na verdade impedida pela geada, mas daí a pouco vai levantando a haste de feno do ano findo com o impulso da vida nova sob suas raízes. Cresce com a mesma constância com que o arroio flui do chão. E com ele se identifica a tal ponto que, nos adolescentes dias de junho, quando secam os arroios, as folhas das gramíneas os canalizam e por todo o ano os rebanhos bebem nesse perene rio verde, de onde o sega-dor retira a tempo o sustento deles no inverno. Do mesmo modo nossa vida humana não obstante feneça até suas raízes, ainda assim lança sua verde haste para a eternidade.

O Walden está se derretendo com rapidez. Há um canal com mais de dez metros de largura nas bordas norte e oeste, e ainda mais largo na extremidade leste. Imenso campo de gelo desprendeu-se do todo. Ouço um pardal cantor gorjeando nos arbustos da praia: *olit, olit, olit! — tchip, tchip, tchip, tchi, tcharl — tchi, uis, uis, uis!* Ele também está ajudando o gelo a se quebrar. Como são belas as curvas amplas e majestosas nas beiradas do

[17] "e começa a surgir a erva chamada pelas primeiras chuvas" (N. T.)

gelo, que embora mais regulares correspondem às da praia! O gelo excepcionalmente duro, devido ao frio passageiro mas recente e severo, está todo chamalotado ou ondulado como o soalho de um palácio. Mas o vento desliza em vão sobre sua opaca superfície e toma o rumo leste, até que alcança além a vivida tona. É glorioso vislumbrar essa faixa d'água centelhando ao sol, a face nua do lago cheia de júbilo e juventude, como a proclamar a alegria dos peixes em seu seio e a das areias na praia — um brilho prateado como o das escamas de um leucisco, como se o lago a descoberto fosse um só peixe a se mexer. Eis o contraste entre o inverno e a primavera. O Walden estava morto e renasceu. Mas este ano o degelo processou-se de forma mais constante.

A mudança do tempo de tempestuoso e hibernai para sereno e suave, das horas escuras e arrastadas para outras brilhantes e ágeis, faz-se através de inesquecível crise, presente em todas as coisas. Por fim parece até instantânea. De repente uma golfada de luz invadia minha casa, embora o anoitecer estivesse próximo, as nuvens de inverno ainda sobrepairassem e os beirais estivessem pingando chuva de granizo. Olhava pela janela, e oh! onde ontem era gelo cinzento e frio, lá estava, já calmo e cheio de esperança como num anoitecer de verão, o lago transparente a refletir no seio o céu onde nada se via, como se ele tivesse entendimento com algum horizonte remoto. Ouvi um pintarroxo à distância, pareceu-me o primeiro que me foi dado ouvir depois de muitos milhares de anos, e cuja melodia não hei de esquecer por muitos outros milhares de anos — a mesma doce e poderosa canção de antigamente. Oh! o pintarroxo ao anoitecer de um dia de verão na Nova Inglaterra! Quem me dera achar o galhinho em que ele pousa! Isso mesmo, *ele;* isso mesmo, o *galhinho!* Este ao menos não é o *turdus migratorius.* Os pinheiros de resina e os arbustos de carvalho em torno de minha casa, que definhavam há tanto tempo, de uma hora para outra recuperaram suas características e pareciam mais brilhantes, mais verdes, mais eretos e vivos, como se a chuva os tivesse efetivamente lavado e restaurado. Eu sabia que não choveria mais. Só de olhar qualquer galhinho no meio do mato ou no próprio monte de lenha, pode-se dizer se o inverno já acabou ou não. À medida que escurecia eu me sobressaltava com o grasnar dos gansos a sobrevoarem baixinho os bosques, viajantes fatigados que retornavam tarde dos lagos do sul e se entregavam finalmente a queixas desabridas e consolação mútua. De pé à porta pude ouvir o ruflar de suas asas quando, tomando o rumo da minha casa, viram a luz e com abafado clamor deram meia volta e foram pousar no lago. Então entrei, fechei a porta e passei a primeira noite de primavera nos bosques.

De manhã, vi da porta os gansos em meio à neblina a navegarem no centro do lago, a uns duzentos e cinqüenta metros além da margem, tão numerosos e turbulentos que o Walden parecia um lago artificial para o divertimento deles. Mas quando me dirigi à praia alçaram-se imediatamente com vigoroso bater de asas a um sinal do comandante e, enfileirando-se deram voltas sobre a minha cabeça, vinte e nove ao todo, e se mandaram na direção do Canadá, sempre com um grasnido do líder a intervalos regulares, contando quebrar o jejum em tanques mais lamacentos. Um bando de patos levantou-se ao mesmo tempo e tomou a rota norte, no rastro de seus primos mais bulhentos.

Durante uma semana ouvi o gemido de um ganso solitário, circulando às cegas por manhãs de bruma em busca do companheiro, e ainda povoando os bosques com o som de uma vida maior do que a que podiam comportar. Em abril os pombos eram novamente vistos a voar velozes em pequenos bandos, e no tempo devido ouvi as andorinhas pipilando sobre minha clareira, embora não me parecesse que o município dispusesse de tantas a ponto de me ceder alguma, e imaginei que pertenciam de modo peculiar a uma raça antiga que morava nos ocos das árvores antes que os homens brancos chegassem. Em quase todos os climas a tartaruga e a rã estão entre os precursores e arautos desta estação em que voam pássaros de fulgurantes plumagens a cantar, e brotam e florescem plantas, e sopram ventos para corrigir a ligeira oscilação dos pólos e preservar o equilíbrio da natureza.

Como toda estação nos parece por sua vez a melhor, assim a vinda da primavera é como a criação do Cosmo a partir do Caos e a concretização da Idade de Ouro.

"Eurus ad Auroram, Nabathaeaque regna recessit,
Persidaque, et radiis juga subdita matutinis. "

"O vento leste retirou-se para a aurora, o reino nabateu"
E o persa, e submeteu as cristas aos raios matutinos.

O homem nasceu. Não sei se o Artífice das coisas,
Origem de um mundo melhor, o fez da semente divina;
Ou se a recente terra por fim separada do espaço celeste
Guardou consigo sementes do consangüíneo céu."

Basta uma simples chuva suave para que a grama fique muitos tons mais verde. Assim se iluminam nossas perspectivas sob o influxo de pensamentos melhores. Seríamos abençoados se vivêssemos sempre no presente e lucrássemos com tudo que nos acontece, feito a relva que reconhece a influência do mais leve orvalho que a molha; se não gastássemos nosso tempo expiando pela perda de oportunidades passadas e que chamamos cumprir com nosso dever. Nós nos demoramos no inverno quando já é primavera. Numa agradável manhã de primavera todos os pecados dos homens são perdoados. Um dia desses é uma trégua ao vício. Enquanto continue a arder um sol como esse, o pecador mais vil pode voltar atrás. Por intermédio de nossa inocência reconquistada, discernimos a inocência alheia. Ontem, podeis ter conhecido vosso vizinho como um ladrão, um bêbado ou um libertino, e ter sentido por ele simplesmente pena ou desprezo, e ter desesperado do mundo; mas o sol brilha e aquece esta primeira manhã de primavera, recriando o mundo, e vós encontrais vosso vizinho às voltas com um trabalho sereno, e haveis de ver como suas veias exauridas pelo deboche se expandem de serena alegria, abençoam o novo dia e sentem a influência da primavera com a candidez da infância, e todas as suas faltas são esquecidas. Em torno dele há não só uma atmosfera de boa vontade, mas uma aura de santidade que busca às tontas expressar-se, talvez às cegas ou de modo ineficiente, como um instinto recém-nascido, e por uma curta hora a vertente sul não repercute nenhuma zombaria grosseira. Haveis de ver algum rebento belo e inocente tentando romper da casca nodosa em busca de mais um ano de vida, tenro e fresco como as plantas mais jovens. Até ele alcançou o júbilo do Senhor. Por que o carcereiro não deixa as portas da prisão abertas? Por que o juiz não abandona o caso a seu cargo e o pregador a sua congregação? É porque não obedecem à insinuação de Deus, nem aceitam o perdão que Ele oferece a todos de graça.

"A cada dia um retorno à bondade, no tranqüilo e benfazejo ar da manhã, faz com que, no que diz respeito ao amor da virtude e ao ódio do vício, a pessoa se aproxime um pouco da natureza primitiva do homem, como os brotos da floresta que foi derrubada. De modo semelhante, o mal que alguém faz no intervalo de um dia impede que os germes das virtudes, que começam a despontar, se desenvolvam, e termina por destruí-los.

Depois que os germes da virtude foram assim tantas vezes impedidos de se desenvolverem, o benfazejo hálito do entardecer não mais basta para preservá-los. Tão logo o hálito do entardecer não mais baste para preservá-los, a natureza do homem não difere muito daquela dos animais. As pessoas vendo a natureza do homem semelhante à do animal, julgam que o ser humano nunca possuiu a faculdade inata da razão. Acaso são esses os sentimentos verdadeiros e naturais do homem?"

"Criou-se primeiro a Idade de Ouro que, sem um vingador
E sem lei, amava espontaneamente a lealdade e a honradez.
Não havia castigo nem medo; nem palavras de ameaça

Gravadas no bronze suspenso; nem a súplice multidão temia
As sentenças de seu juiz; mas se sentia segura sem um
vingador.

O pinheiro derrubado nas montanhas ainda não descera
As líquidas ondas a fim de ver o mundo estrangeiro
E os mortais não conheciam praias que não fossem as suas.

A primavera era eterna, e os plácidos zéfiros com cálidos
Sopros acariciavam as flores nascidas de nenhuma semente. "

A 29 de abril, estava pescando na ribanceira do rio que passa perto da ponte de Nine-Acre Corner, em meio ao treme-treme e às raízes de chorões, onde os ratos almiscareiros se escondem, quando ouvi um som estranho e chocalhante que lembrava um pouco o de certo brinquedo feito de madeira, e olhando para cima dei com um gavião leve e gracioso como um noitibó, que alternadamente se elevava e baixava como uma onda de cinco a dez metros, mostrando a parte inferior de suas asas, que brilhava como uma faixa de cetim ao sol, ou como o interior nacarado de uma concha. Essa visão lembrou-me a falcoaria e o quanto de nobreza e poesia estão associados a esse esporte. Pareceu-me que podia se chamar de Merlin, mas não ligo para seu nome. Foi o vôo mais etéreo que já testemunhei. Não adejou simplesmente como uma borboleta, nem se elevou como os gaviões maiores, mas pôs-se a brincar com altaneira confiança nos campos do ar; subindo mais e mais com os estranhos sons que emitia, repetiu a queda livre e bela, dando voltas e mais voltas como um papagaio de papel, e logo se recuperando dessa cambalhota soberba, como se nunca tivesse posto o pé em terra firme. Pelo visto não tinha nenhum companheiro no universo — brincando ali sozinho — nem precisava de ter nada além da manhã e do céu límpido para brincar. O gavião não era solitário, mas fazia com que a terra toda em baixo ficasse solitária. Onde nos céus estavam a mãe que o chocara, o pai, os irmãos? Inquilino do ar, parecia ligado à terra apenas por um ovo chocado algum tempo na greta de um penhasco; ou seu ninho nativo fora feito na esquina de uma nuvem, tecido com aparas do arco-íris e o céu crepuscular, e revestido com um pouco da macia névoa do verão apanhada na terra? Sua morada agora, uma escarpada nuvem.

Além de tudo isso consegui encher uma rede esplêndida de peixes dourados, prateados e acobreados, que pareciam jóias. Ah! Embrenhei-me por esses prados nas manhãs de muitos primeiros dias de primavera, pulando de elevação em elevação, de uma raiz de salgueiro a outra, quando o agreste vale do rio e os bosques banhavam-se de luz tão pura e brilhante que despertaria os mortos, caso estivessem a cochilar em seus túmulos, como crêem alguns. Não é necessária prova de imortalidade mais convincente. Todas as coisas devem viver a essa luz. O Morte, onde está teu aguilhão? Ó Sepulcro, onde está então tua vitória?

A vida de nosso povoado estagnaria se não fossem as florestas inexploradas e as campinas que o circundam. Precisamos do tônico da natureza selvagem, de vadear uma vez ou outra nos pântanos onde se amoitam as galinholas reais e os frangos d'água, de ouvir o grito da narceja, de cheirar os carriços que sussurram onde só as aves mais ariscas e solitárias constroem seus ninhos e a marta se espoja com a barriga rente ao chão. Ao mesmo tempo em que buscamos com ardor explorar e aprender todas as coisas, exigimos que todas as coisas sejam misteriosas e inexploráveis, que a terra e o mar sejam infinitamente primitivos, refratários a nossos exames e sondagens porque insondáveis. Não podemos nunca nos fartar da natureza. Devemos ser reconfortados pela visão do inesgotável vigor, por seus traços vastos e imensos, o litoral com seus destroços, os ermos com suas árvores vivas e moribundas, as nuvens carregadas, e a chuva que dura três semanas e causa inundações. Precisamos testemunhar a transgressão de nossos próprios limites, de ver criaturas pastando em liberdade por onde nunca nos aventuramos. Ficamos animados ao ver o abutre repastando-se na carniça que

nos enoja e desalenta, e que para ele é fonte de saúde e vigor. Numa vala perto do caminho da minha casa, um cavalo morto às vezes me forçava a desviar, sobretudo à noite quando o ar estava pesado, mas a certeza que me dava do apetite enorme e da saúde inviolável da natureza, me compensava de tudo. Apraz-me que a natureza seja tão cheia de vida que produza miríades para serem sacrificadas e se exterminarem mutuamente; que organismos frágeis possam ser liquidados serenamente, reduzidos a pasta — girinos que as cegonhas engolem, tartarugas e sapos esmagados na estrada; e que às vezes tenha chovido carne e sangue! Não devemos nos importar com tantas probabilidades de acidente. Ao homem sábio, isso causa a impressão de inocência universal. Ao cabo de tudo o veneno não é venenoso, nem ferida alguma é fatal. A compaixão é uma base muito insustentável. Deve ser rápida. Suas súplicas não suportam ser estereotipadas.

No princípio de maio, os carvalhos, nogueiras, áceres e outras árvores, acabando de desabrochar em meio aos pinheirais ao redor do lago conferiam um brilho radioso à paisagem, sobretudo nos dias nublados, como se o sol procurasse varar o nevoeiro, brilhando esmaecidamente aqui e ali nas encostas. Lá pelo dia três ou quatro de maio vi um mergulhão no lago, e na primeira semana do mês, ouvi o noitibó, o sabiá castanho, o tordo, o papa-moscas, o *chewink*[18] e outros pássaros. Já tinha ouvido o tordo do bosque há bem mais tempo. A toutinegra já tinha vindo mais uma vez e espiado por minha porta e minha janela a fim de ver se a casa era bastante cavernosa para ela, de pés presos equilibrando-se nas asas a zumbir, como se o ar a sustentasse enquanto inspecionava os aposentos. O pólen cor de enxofre dos pinheiros de resina logo cobriu o lago, as pedras e a madeira apodrecida sobre a praia, e era tanto que com ele se poderia encher um barril. Eis as chamadas *"chuvas de enxofre"*, de que se ouve falar. Inclusive no drama *Sakuntala* de Calidas[19], lê-se: *"riachos tingidos de amarelo pela poeira dourada do lótus"*. E assim se desenrolavam as estações a caminho do verão, como alguém que passeasse entre ervas cada vez mais altas.

Dessa maneira completou-se meu primeiro ano de vida nos bosques; o segundo foi semelhante. Por fim deixei Walden, a 6 de setembro de 1847.

CONCLUSÃO

Os médicos, com sabedoria, recomendam aos enfermos mudança de clima e de ambiente. Dou graças a Deus por isto aqui não ser o mundo inteiro. O castanheiro buck-*eye* não cresce na Nova Inglaterra, onde é raro ouvir-se o tordo imitador. O ganso selvagem é mais cosmopolita que nós; faz a primeira refeição no Canadá, almoça no Ohio, e se enfeita para a noite num igarapé do sul. Até certo ponto, mesmo o bisão acompanha passo-a-passo as estações, ceifando as pastagens do Colorado até que desponte em Yellowstone capim mais verde e mais tenro. E contudo, pensamos que se demolimos cercas de madeira e construímos muros de alvenaria em nossas fazendas, a partir daí estabelecemos limites a nossas vidas e decidimos nosso destino. Se sois nomeado secretário da Câmara Municipal, é claro que não podereis veranear este ano na Terra do Fogo, embora, não obstante, possais ir para a terra do fogo infernal. O universo é mais vasto do que o imaginamos.

Contudo, deveríamos, com mais assiduidade, olhar bem além do corrimão do nosso navio, como passageiros curiosos, e não viajar como marujos tolos que picam estopa para calafate. O outro lado do globo não passa do lar do nosso antípoda. Nossa viagem é apenas um grande círculo de navegação, e os médicos só receitam para doenças de pele. Alguém vai caçar girafas na África do Sul. Mas sem dúvida essa não é bem a caça que pretenderia. Por quanto tempo, digam-me, um homem caçaria girafas se pudesse fazê-lo? Narcejas e galinholas também proporcionam excelente esporte; mas creio que seria uma caça mais nobre alvejar a si mesmo.

---

[18] Chewink — designação onomatopaica do towhee, pássaro norte-americano do gênero Pipilo ou Chlorure. (N. T.)
[19] Calidas — dramaturgo indiano do século VII a. C. (N. T.)

"Olhai bem a vossa mente, nela na certa
Encontrareis mil regiões não descobertas.
Percorrei-as, que assim sereis um dia
Conhecedor da própria cosmografia. "

O que a África, ou o Ocidente representam? No mapa não é branco o nosso próprio interior, embora, quando descoberto, possa se mostrar preto como o litoral? Será a nascente do Nilo, ou do Niger, ou do Mississipi, ou a Passagem Noroeste em volta deste continente, aquilo que gostaríamos de descobrir? Acaso serão esses os problemas que mais interessam à humanidade? Será Franklin o único homem perdido no mar, para que sua esposa esteja tão ansiosa por encontrá-lo? E saberá o senhor Grinell onde é que ele se encontra? Sede antes o Mungo Park, o Lewis, o Clark e o Frobisher de vossos próprios rios e oceanos; explorai as mais remotas de vossas próprias latitudes, e, se necessário, levai cargas de carnes em conserva para vos sustentar e empilhai as latas vazias à altura do céu como um sinal. Acaso as carnes em conserva foram inventadas apenas para conservar a carne? Não, sede um Colombo de todos os novos continentes e mundos que existem dentro de vós, abrindo novos canais, não de comércio, mas de pensamento. Todo homem é o senhor de um reino ao lado do qual o império terrestre do Czar é apenas um estado minúsculo, um montículo deixado pelo gelo. Mesmo assim alguns que não têm amor-próprio podem ser patriotas e sacrificar o mais importante ao que significa menos. Amam o solo que lhes fornece os túmulos, mas não sentem nenhuma simpatia pelo espírito que ainda lhes anima o barro. O patriotismo é uma larva em suas cabeças. Qual foi o significado daquela expedição que explorava os Mares do Sul, com todo o seu aparato e o que representou em despesa, senão o reconhecimento indireto do fato de que há continentes e mares no mundo moral ainda inexplorados pelo homem, que é dele um istmo ou um braço de mar? Senão a certeza de que é bem mais fácil navegar-se milhares de milhas enfrentando frio, tormentas e canibais, num navio do governo com quinhentos homens e rapazes a serviço de um só, do que explorar o mar íntimo, o oceano Atlântico e Pacífico de um único ser?

"Erret, et extremos alter scrutetur Iberos.
Plus habet hic vitae, plus habet ille viae. "

"Deixai-os errar e escrutinar os estranhos australianos.
Eu tenho mais de Deus, eles têm mais da estrada. "[20]

Não vale a pena dar a volta ao mundo para contar os gatos de Zanzibar. Contudo fazei isso até que possais fazer algo melhor, quem sabe podeis encontrar um *"buraco de Symmes"*[21] por onde finalmente atingir o interior. A Inglaterra e a França, a Espanha e Portugal, a Costa do Ouro e a Costa dos Escravos, dão para esse mar íntimo; mas nenhuma barca a partir dessas terras se aventurou mar adentro, embora tal seja sem dúvida o caminho direto para a Índia. Se alguém quisesse aprender a falar todas as línguas e familiarizar-se com os costumes de todas as nações, se quisesse viajar para mais longe que todos os viajantes, aclimatar-se a todos os lugares e fazer com que a Esfinge partisse a cabeça contra uma pedra, devia obedecer ao preceito de um antigo filósofo: "Conhece-te a ti mesmo". Para isso se necessita de visão e coragem. Somente os derrotados e os desertores vão para as guerras, covardes que fogem e se alistam. Começai a partir de agora por aquele distante caminho no Ocidente, que não se detém no Mississipi ou no Pacífico, nem leva em direção a uma

[20] A tradução dos termos latinos Iberos e vitae por australianos e Deus, respectivamente, prende-se à tradução inglesa apresentada por Thoreau no original. (N. T.)
[21] Segundo a teoria de J. Cleves Symmes, a terra era uma esfera oca aberta nos pólos. (N. T.)

China exaurida ou ao Japão, mas segue direto, tangente a esta esfera, verão e inverno, dia e noite, ocaso do sol, ocaso da lua, e por fim também ocaso da terra.

Diz-se que Mirabeau se tornou assaltante de estrada *"a fim de averiguar que grau de coragem era necessário a uma pessoa para se colocar em oposição formal às mais sagradas leis da sociedade. "* Afirmou que *"um soldado combatente nas fileiras precisa menos da metade da coragem de um bandoleiro", "que a honra e a religião nunca obstaram uma resolução firme e refletida. "* Isso era viril, de acordo com o mundo; e contudo era frívolo, se tão insensato. Um homem mais equilibrado ter-se-á visto muitas vezes em *"oposição formal"* ao que se considera *"as mais sagradas leis da sociedade",* através da obediência a leis ainda mais sagradas, testando desse modo sua coragem sem precisar sair do seu caminho. Não cabe ao homem colocar-se em oposição à sociedade, mas manter-se em atitude compatível com as leis de seu ser, que não estarão em oposição às leis governamentais, se ele tiver a sorte de se defrontar com um governo justo.

Deixei os bosques por uma razão tão boa quanto a que me levou para lá. Talvez por ter me parecido que eu tinha várias vidas para viver, e não podia desperdiçar mais tempo com aquela. É impressionante a facilidade com que insensivelmente caímos numa determinada rotina e fazemos para nós uma trilha batida. Ainda não tinha vivido ali uma semana e já meus pés marcavam o caminho da minha porta até a beira do lago; e embora já faça cinco ou seis anos que eu o pisei, continua nitidamente visível. Receio, é verdade, que outros tenham enveredado por ele, contribuindo assim para mantê-lo aberto. A superfície da terra é macia e sensível aos pés dos homens; o mesmo acontece com as veredas por onde a mente viaja. Quão gastas e poeirentas não devem ser portanto as estradas principais do mundo! Quão arraigados os hábitos da tradição e do conformismo! Não quis comprar uma passagem de cabine para poder viajar em frente ao mastro e no convés do mundo, porque de lá podia apreciar melhor o luar entre as montanhas. E não desejo baixar à cabine agora.

Com a minha experiência aprendi pelo menos isso: que se uma pessoa avançar confiantemente na direção de seus sonhos, e se esforçar por viver a vida que imaginou, há de se encontrar com um sucesso inesperado nas horas rotineiras. Há de deixar para trás uma porção de coisas e atravessar uma fronteira invisível; leis novas, universais e mais abertas começarão por se estabelecer ao redor e dentro dela; ou as leis velhas hão de ser expandidas e interpretadas a seu favor num sentido mais liberal, e ela há de viver com a aquiescência de uma ordem superior de seres. A medida que ela simplificar a sua vida, as leis do universo hão de lhe parecer menos complexas, e a solidão não será mais solidão, nem a pobreza será pobreza, nem a fraqueza, fraqueza. Se construístes castelos no ar, não terá sido em vão vosso trabalho; eles estão onde deviam estar. Agora colocai os alicerces por baixo.

É uma exigência ridícula que a Inglaterra e a América do Norte fazem no sentido de que faleis de maneira que vos possam compreender. Nem os homens nem os cogumelos se desenvolvem assim. Como se isso fosse coisa importante, e já não houvesse bastante gente para vos entender fora daqueles países. Como se não coubesse na natureza mais de uma ordem de entendimentos, e não houvesse espaço tanto para pássaros como para quadrúpedes, criaturas que voam e outras que se arrastam, e os sons *hush* e *who* que Bright pode entender, fosse o melhor inglês! Como se houvesse segurança apenas na estupidez. Temo sobretudo que a minha expressão não seja suficientemente *extravagante,* que não se aventure bastante além dos estreitos limites da minha experiência diária, de modo a adequar-se à verdade de que me convenci. *Extravagância!* ela depende do quanto estais encurralados. O búfalo nômade que procura novos pastos em outra latitude, não é extravagante como a vaca que na hora de ser mungida escoceia o balde, salta a cerca do curral e corre atrás do bezerro. Desejo falar sem papas na língua em qualquer lugar; como um homem em estado de alerta a outros homens em estado de alerta; pois estou convicto de que não posso exagerar tanto a ponto de lançar as fundações de uma expressão verdadeira. Quem já tendo ouvido uma composição musical recearia depois disso falar extravagantemente? Em face do futuro e do possível, deveríamos viver inteiramente relaxados e indecisos na vanguarda, com planos vagos e nebulosos desse lado; como nossas sombras ao sol revelam uma

imperceptível transpiração. A verdade volátil de nossas palavras deveria denunciar incessantemente a impropriedade de nossa expressão residual. A verdade que elas contêm é *traduzida* no mesmo instante; só permanece seu monumento textual. Os vocábulos que exprimem nossa fé e piedade não são definidos; não obstante, para as naturezas superiores são significativos e fragrantes como o incenso.

Por que descer sempre ao nível de nossas percepções mais estúpidas e louvá-las como senso comum? O senso mais comum é o dos homens adormecidos, que o expressam roncando. Muitas vezes somos levados a classificar as pessoas superdotadas com as retardadas, porque apreciamos apenas um terço da inteligência delas. Alguns, se se levantassem bastante cedo algum dia, criticariam até o vermelho da aurora. *"Pretendem",* conforme ouço dizer, *"que os versos de Kabir tenham quatro sentidos diferentes: ilusão, espírito, intelecto e a doutrina exotérica dos vedas";* mas nesta parte do mundo critica-se os escritos de um homem que admitem mais de uma interpretação. Enquanto a Inglaterra se empenha em sanar o apodrecimento das batatas, não haverá ninguém empenhado em sanar o apodrecimento do cérebro, que se alastra de modo mais amplo e fatal?

Não creio ter chegado à obscuridade, mas me orgulharia se nesse ponto nenhuma falta mais grave fosse encontrada em minhas páginas além da encontrada no gelo do Walden. Fregueses sulistas fizeram objeções à sua cor azul, evidência de sua pureza, como se ela fosse turva, e preferiram o gelo de Cambridge, que é branco, mas tem gosto de ervas. A pureza de que os homens gostam é como os nevoeiros que envolvem a terra, e não como o longínqüo azul do espaço celeste.

Repisam em nossos ouvidos que nós, os americanos e os homens modernos em geral, somos anões intelectuais se comparados com os antigos, ou mesmo os homens da era elisabetana. Mas a propósito de quê se diz isso? Mais vale um cão vivo que um leão morto. Deve um homem enforcar-se porque pertence à raça dos pigmeus, em vez de ser o maior pigmeu que puder? Que cada um se ocupe de seus próprios afazeres e se esforce por ser como foi feito.

Por que devíamos correr desesperadamente atrás do sucesso, em empreendimentos desesperados? Se um homem não acerta o passo com seus companheiros é porque talvez ouça um tambor diferente. Deixai-o marchar conforme a música que ouve, ainda que lenta e distante. Não importa que ele atinja a maturidade tão cedo quanto uma macieira ou um carvalho. Deve ele transformar sua primavera em verão? Se ainda não chegou a hora para o que fomos criados, que realidade pode substituí-la? Não naufragaremos numa realidade vazia. Devemos erguer com esforço um céu de vidro azul sobre nós, se ao concluí-lo temos a certeza de ir contemplar ainda o verdadeiro céu mais acima, como se o outro nem existisse?

Na cidade de Kouroo havia um artista disposto a buscar a perfeição. Certo dia ocorreu-lhe fazer um bastão. Tendo considerado que o tempo é um ingrediente na obra imperfeita e que na perfeita não entra, disse a si mesmo: o bastão será perfeito em todos os aspectos, mesmo que eu não faça outra coisa em toda a minha vida. Imediatamente dirigiu-se à floresta atrás de madeira, por ter decidido que o bastão não seria feito de material inadequado; e à medida que o procurava, rejeitando vara após vara, seus amigos pouco a pouco se afastavam dele, porque envelheciam em seus trabalhos e morriam enquanto ele permanecia inalterável. A singularidade de seu propósito e determinação, bem como sua grande piedade, dotaram-no, sem que ele soubesse, de perene juventude. Como não se comprometera com o Tempo, o Tempo ficou à margem de seu caminho, e apenas suspirava à distância por não poder subjugá-lo. Antes que tivesse achado um lenho sob todos os aspectos adequado, a cidade de Kouroo já era uma venerável ruína, e ele se sentou em um monte de escombros para descascar a vara. Antes que tivesse talhado a forma apropriada, a dinastia dos Candahars entrou em decadência, e com a ponta da vara ele escreveu na areia o nome do derradeiro indivíduo daquela estirpe, continuando seu trabalho. Quando já tinha lixado e polido o bastão, Kalpa não era mais a Estrela Polar; e antes que tivesse colocado a ponteira de ferro e o cabo adornado de pedras preciosas, Brahma havia acordado e dormido muitas vezes. Mas por que menciono eu todos esses pormenores? Quando ele deu o

retoque final em sua obra, subitamente ela se expandiu ante os olhos do artista atônito na mais maravilhosa de todas as criações de Brahma. Ao fazer um bastão, ele havia feito um novo sistema, um mundo de proporções belas e plenas, no qual, embora as antigas cidades e dinastias houvessem se extinguido, outras mais belas e mais gloriosas haviam ocupado seu lugar. E então ele viu, pelo monte de aparas ainda frescas a seus pés, que o lapso de tempo anterior tinha sido uma ilusão, e que não havia decorrido mais tempo do que o necessário para uma cintilação do cérebro de Brahma cair e tocar fogo no graveto do cérebro mortal. A matéria-prima era pura, sua arte era pura; como podia deixar de ser maravilhoso o resultado?

Nenhum aspecto que possamos dar a um assunto nos trará por fim tanto proveito quanto a verdade. Só ela assenta bem. Porque na maioria dos casos não estamos onde estamos, mas numa posição falsa. Devido a um desvio de nossa natureza, imaginamos uma situação e colocamo-nos dentro dela, e logo estamos em duas situações ao mesmo tempo, tornando-se duplamente difícil sair delas. Em momentos de lucidez encaramos apenas os fatos, a situação que de fato existe. Dizei o que tendes a dizer, e não o que deveis dizer. Qualquer verdade é melhor que o fingimento. Perguntaram a Tom Hyde, um latoeiro que se achava no patíbulo, se tinha algo a comunicar, e ele respondeu: *"Digam aos alfaiates que não se esqueçam do nó na linha antes de dar o primeiro ponto. "* A súplica está esquecida pelos companheiros.

Por mais medíocre que seja a vossa vida, enfrentai-a e vivei-a; não a eviteis nem a xingueis. Não é tão aborrecida como vós sois. Quanto mais ricos sois, mais pobre ela parece. Quem busca defeitos em tudo encontrará defeitos até no paraíso. Amai vossa vida, por pobre que seja. Quem sabe podeis usufruir horas agradáveis, emocionantes e gloriosas, mesmo num asilo de indigentes. O pôr-do-sol se espelha nas janelas dos asilos tão radioso como nas da mansão do ricaço, e a neve se derrete à porta de ambos no começo da primavera. A meu ver, com paz de espírito pode-se lá viver com tanta satisfação e ter pensamentos tão estimulantes como num palácio. Os pobres da cidade parecem-me com freqüência levar vidas mais independentes que quaisquer outros. Talvez pelo simples motivo de serem bastante nobres para receber sem desconfiança. Muitos se julgam livres de ser sustentados pela cidade, mas o que sucede com maior freqüência é que não estão livres de se sustentar por meios desonestos, o que é bem mais indecoroso. Cultivai a pobreza como um jardim de ervas, de salva. Não vos deis ao trabalho de conseguir coisas novas, sejam roupas ou amigos. Reformai as roupas usadas, retornai aos velhos amigos. As coisas não mudam, nós é que mudamos. Vendei vossas roupas e conservai vossos pensamentos. Deus proverá para que não vos falte companhia. Se feito uma aranha eu fosse confinado a um canto do sótão o resto dos meus dias, o mundo para mim seria imenso desde que estivessem comigo meus pensamentos. Já dizia o filósofo: *"De um exército com três divisões pode-se retirar seu general e causar-lhe desordem; de um homem, por mais abjeto e vulgar que seja, não se pode retirar-lhe o pensamento. "* Não procureis tão ansiosamente desenvolver-vos, nem sujeitar-vos ao jogo de muitas influências; isso é pura dissipação. A humildade, como a obscuridade, revela as luzes celestiais. As sombras de pobreza e mediocridade reúnem-se em volta de nós, *"e, vejam! como a criação se alarga aos nossos olhos".* Somos constantemente lembrados de que se nos fosse dada a riqueza de Creso, nossos objetivos e meios seriam essencialmente os mesmos. Além disso, se na vossa condição estais restringidos pela pobreza, se, por exemplo, não podeis adquirir livros e jornais, estais confinados às experiências mais significativas e vitais; estais forçados a lidar com o material que produz mais açúcar e mais amido. A vida é mais deliciosa no que é mais íntima. Estais a salvo de vos tornar pessoas frívolas. O homem jamais perde num nível inferior por magnanimidade num superior. Riqueza supérflua pode comprar apenas supérfluos. Não é preciso dinheiro para se comprar o indispensável à alma.

Moro no ângulo de uma parede de chumbo, em cuja composição derramou-se um pouco do bronze dos sinos. Amiudadas vezes, durante a sesta, chega-me aos ouvidos vago *tintinnabulum* lá de fora. É a algazarra dos meus contemporâneos. Os vizinhos confidenciam-me suas aventuras com damas e cavalheiros famosos, falam-me das notabilidades que encontraram à mesa de um jantar; mas tais coisas não me interessam mais do que o que se lê no *Daily Times.* O interesse e a conversa giram sobretudo em torno de roupas e boas maneiras;

mas um ganso é sempre um ganso, por mais que o enfeitem. Falam-me da Califórnia e do Texas, da Inglaterra e das Índias, do Ilustríssimo Senhor... da Georgia ou de Massachusetts, todos fenômenos transitórios e fugazes, até que me disponho a pular fora do pátio deles como o bei dos mamelucos. Apraz-me seguir minhas inclinações — não caminhar em procissões com pompa e ostentação, num lugar em evidência, mas, se possível, caminhar passo a passo com o Construtor do universo — não viver neste Século Dezenove, desassossegado, nervoso, dinâmico e vulgar, mas ficar de pé ou sentado pensativo enquanto ele vai passando. O que estão celebrando os homens? Estão todos às voltas com um comitê de preparativos, e a cada hora esperam o discurso de alguém. Deus é apenas o presidente do dia, e Webster, o seu orador. Gosto de ponderar, decidir e gravitar em torno daquilo que mais forte e legitimamente me atrai — não de me pendurar perto do travessão da balança procurando pesar menos — não de idealizar uma situação, mas de aceitá-la como é; de viajar pelo único caminho que possuo, aquele em que nenhuma força pode me deter. Não me dá a menor satisfação começar a retesar um arco antes de ter arranjado uma base sólida. Não brinquemos de correr sobre o gelo delgado. Há um fundo sólido por toda a parte. Lemos que o viajante perguntou ao garoto se o pântano diante dele tinha um fundo firme. O garoto respondeu que sim. Mas logo depois o cavalo do viajante atolou-se até a cilha e ele comentou com o garoto: *"Pensei que você tivesse dito que este charco tinha um fundo firme. "* "E *tem",* retrucou, "só *que o senhor ainda não andou metade do caminho para chegar a ele."* O mesmo se dá com os brejos e as areias movediças da sociedade; mas só um garoto crescidinho sabe disso. Somente por rara coincidência o que se pensa, se diz ou se faz é bom. Não sou desses que iriam tolamente bater um prego no sarrafo puro e no estuque. Isso me tiraria o sono por noites. Dai-me um martelo e deixai que eu tateie a ranhura. Não convém contar com a massa de vidraceiro, e sim bater um prego a fundo e fixá-lo tão conscienciosamente que podereis acordar de noite e pensar em vosso trabalho com satisfação — um trabalho pelo qual não vos envergonharíeis de evocar a Musa. Assim Deus vos ajudará, e só assim. Cada prego enfincado deveria ser como mais um rebite na máquina do universo, vós dando continuidade ao trabalho.

Mais que amor, dinheiro e fama, dai-me a verdade. Sentei-me a certa mesa onde a comida era fina, os vinhos abundantes e o serviço impecável, mas faltavam sinceridade e verdade, e fui-me embora do recinto inóspito sentindo fome. A hospitalidade era fria como os sorvetes. Pensei que nem havia necessidade de gelo para conservá-los. Gabaram-me a idade do vinho e a fama da safra, mas eu pensava num vinho bem mais velho, mais novo e mais puro, de uma safra mais gloriosa, que eles não tinham e nem sequer podiam comprar. O estilo, a casa com o terreno em volta e o "entretenimento" não representam nada para mim. Visitei o rei, mas ele me deixou esperando no vestíbulo, e se comportou como um homem incapaz de hospitalidade. Na minha vizinhança havia um homem que morava no oco de uma árvore e cujas maneiras eram régias. Teria feito melhor negócio visitando-o.

Até quando nos sentaremos em nossos alpendres praticando virtudes ociosas e bolorentas, que qualquer trabalho tornaria descabidas? É como se alguém começasse o dia com paciência, contratasse um sujeito para capinar suas batatas, e de tarde saísse a fim de praticar a mansidão e a caridade cristãs com bondade premeditada! Considerai o orgulho da China e a estagnante autocomplacência da humanidade. Esta geração tende um pouco a congratular-se consigo mesma por ser a última de ilustre linhagem; e em Boston, Londres, Paris e Roma, pensando em sua antiga origem, fala com satisfação de seu progresso na arte, na ciência e na literatura. Existem os Registros das Sociedades Filosóficas e os Elogios públicos dos *Grandes Homens!* É o Adão bonzinho contemplando a própria virtude. *"Sim, temos feito grandes façanhas e cantado canções divinas que nunca hão de morrer"* — isto é, enquanto *nós* pudermos lembrá-las. As sociedades eruditas e os grandes homens da Assíria, onde estão agora? Que filósofos e experimentalistas mais juvenis não somos! Não há um só de meus leitores que já tenha vivido uma vida humana integral. Esses podem ser apenas meses de primavera na vida da raça. Estamos familiarizados apenas com a película do globo em que vivemos. Muitos nunca escavaram dois metros abaixo da superfície, nem pularam outro tanto acima dela. Não sabemos onde estamos. E além do mais, ficamos profundamente adormecidos quase a metade de nosso tempo. Contudo nos consideramos sábios e contamos com uma ordem estabelecida na superfície. Na verdade, somos pensadores profundos e espíritos ambiciosos! Ao mesmo tempo em que examino o inseto arrastando-se entre as agulhas

das folhas de pinheiro do soalho da floresta, tentando se esconder do meu olhar, indago-me por que há de abrigar tais pensamentos humildes e ocultar de mim a cabecinha, já que eu poderia, quem sabe, ser o benfeitor dele, e conferir à sua raça alguma informação consoladora, e lembro-me do Grande Benfeitor e da Suma Inteligência que me examina, a mim inseto humano.

Há um fluxo incessante de novidades no mundo, e ainda assim admitimos incrível apatia. Basta lembrar o tipo de sermões que ainda se escuta nos países mais adiantados. Há palavras tais como alegria e dor, mas não passam do refrão de um salmo, cantado com voz fanhosa, enquanto acreditamos no vulgar e no mesquinho. Pensamos que só podemos trocar de roupa. Diz-se que o Império Britânico é imenso e respeitável, e que os Estados Unidos são uma potência de primeira ordem. Não acreditamos que atrás de cada homem haja uma maré que se alteia e se abaixa, e pode arrastar o Império Britânico como um pedacinho de madeira, se por acaso o mesmo homem vier a abrigar a maré em sua mente. Quem sabe que praga de gafanhotos daqui a dezessete anos há de surgir da terra? O governo do mundo em que vivo não foi, como o britânico, forjado em conversações regadas a vinho após o jantar.

A vida em nós é como a água no rio. Pode subir este ano mais alta como ninguém nunca viu antes, e inundar os terrenos crestados no alto das montanhas; este mesmo pode ser o ano memorável, que afogará todos os ratos almiscareiros. A terra onde habitamos nem sempre foi seca. Vislumbro longe, terra adentro, os barrancos que a corrente outrora banhava, antes que a ciência começasse a registrar-lhe as cheias. Todo mundo conhece a história, que deu a volta na Nova Inglaterra, de um robusto e belo percevejo que saiu do lenho seco de uma velha mesa de macieira, — a qual durante sessenta anos tinha permanecido na cozinha de um lavrador, primeiro em Connecticut, depois em Massachusetts, — oriundo de um ovo depositado no tronco da árvore ainda viva outros tantos anos antes, como transparecia na contagem dos anéis de seu lenho que marcavam o tempo; pois bem, esse percevejo, chocado talvez pelo calor de uma urna, foi ouvido roendo até eclodir durante várias semanas. Quem ao ouvir isso não sente fortalecer sua fé na ressurreição e na imortalidade? Quem sabe que vida bela e alada, cujo germe permaneceu sepultado anos e anos sob múltiplas camadas concêntricas de madeira na vida seca e morta da sociedade, depositado a princípio no alburno da árvore verdejante e prenhe de vida e que paulatinamente foi se convertendo na aparência de seu túmulo bem ressecado, vai talvez se fazer ouvir agora durante anos roendo até eclodir diante da estarrecida família do homem, enquanto todos se sentam ao redor de uma mesa festiva, podendo surgir em meio à mobília mais trivial e passada de mão em mão da sociedade, para afinal gozar o perfeito verão da vida!

Não digo que fulano ou sicrano se darão conta disso; mas tal é o caráter desse amanhã que o simples lapso de tempo não pode nunca fazer raiar. A luz que ofusca nossos olhos é escuridão para nós. Só amanhece o dia para o qual estamos acordados. Mais dia está por raiar. O sol não passa de uma estrela matutina.